Cabeça de Negro

um romance
de Paulo Francis



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



PAULO FRANCIS

1930
1997

Cabeça de negro

1979

© Paulo Francis, 1979

Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP 22.461 — Tel.: 266-7474
Endereço Telegráfico NEOFRONT — Rio de Janeiro, RJ

Lay out da capa:
IVAN FERNANDES

Foto da capa:
MILTON MONTENEGRO

Foto da quarta capa:
SONIA NOLASCO-FERREIRA

Diagramação:
GUSTAVO MEYER

Revisão:
NILDON FERREIRA

FICHA CATALOGRÁFICA
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Francis, Paulo.
F892c Cabeça de negro / Paulo Francis. — Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1979

1. Romance brasileiro I. Título

CDD — 869.93
79-0385 CDU — 869.0 (81) - 31

Orelhas

Paulo Francis (seu verdadeiro nome é Franz Paul Heilborn) tem a rapidez de uma metralhadora e a eficácia de um laser. Tem excelente memória; inventou e introduziu, no monótono jornalismo brasileiro, expressões que horrorizam os acadêmicos. É provavelmente, hoje, um dos três ou quatro maiores jornalistas mais lidos deste país, escrevendo de um sítio privilegiado, Nova York. Vive entre angústias existenciais insuportáveis e a inabalável certeza nas suas verdades. Escreve como quem se dirige a colegiais, do seu Olimpo particular. Quando sai à janela, olha o topo do edifício da ONU. Trata Carter como um débil mental e os contínuos do jornal como criaturas um pouco acima do nível do irracional.

Conheço-o há uns 20 anos. Foi antes do golpe de março de 64, quando ele escrevia uma coluna solitariamente virulenta contra a classe dominante, que espargia de vitupérios, entrelinhando-os com advertências soturnas dirigidas ao autonomismo irresponsável dos caciques de João Goulart, um presidente que poderia dizer, com Rimbaud, que por delicadeza perdeu seu lugar.

Sempre quisemos trabalhar juntos, o que não foi possível senão muitos anos depois, quando o levei para a Folha.

Quando ele publicou Cabeça de Papel não me surpreendi com a extrema e aguda qualidade do livro, de imagens precisas, descrições fulminantes e eficazes, a formação rápida mas cuidadosa dos personagens, até chegar ao dramático e frenético final, revelador de toda a trama de que somos, todos, países colonizados, vítimas irrecorríveis, embora quase nunca inocentes.

Paulo Francis sempre viveu bem, ressalvado o período imediatamente pós-64, no qual todos sofremos. Leu muito e sabe

bastante. Não é mais um brasileiro; sentiu, na juventude, uma irresistível atração por Leon Trotski, que abandonaria, junto com Karl Marx, ao aproximar-se a idade madura, por desfastio e perplexidade. Hoje ele prefere classificar-se entre os céticos, embora se veja obrigado, por vezes, a pagar o tributo aos princípios da solidariedade humana e da compreensão do outro, dois sentimentos que provavelmente se tornam, nele, cada vez mais penosos.

Tem aquela qualidade rara do jornalista profissional experiente que se distancia do objeto lido. Que isso lhe serviu como treino para escrever seus romances, do qual este é o segundo, é visível. Quase todos os seus personagens, com a exceção das mulheres e dos homossexuais, são, em menor ou maior medida, autobiográficos, embora disfarçadamente, e apesar da construção minuciosa de dois donos ou diretores de jornal que correspondem a inúmeras e convergentes descrições factuais. Paulo Francis quase sempre fala de si próprio, acompanhando-se na trajetória da vida com receosa curiosidade. Para ele, a medida da verdade é ele próprio. E assim deve ser tomado.

Num ensaio escrito em 1898, Leon Tolstoi (um escritor caro a Francis) dizia que a qualidade da obra de arte, aceita pelos críticos bem-pensantes como imutável, era um flagelo. A frase serve para Paulo Francis. Os críticos, no geral, ainda não se habituaram a ele. Como as máscaras africanas na década de 20, ele ainda não foi absorvido pela crítica estabelecida. Que terá contudo de aceitá-lo.

Cláudio Abramo

Para Sonia

Our dried voices, when
We whisper together
Are quiet and meaningless
As wind in dry grass
Or rats' feet over broken glass
In our dry cellar

T.S. Eliot

I

Maria ronca baixinho. Passo o dedo de leve no pescoço dela. Frutas e legumes frescos. Deve ser. A maioria de nós termina menu de avião, congelado, requentado, congelado, passamos de mão em mão, as mais sujas são as nossas, e mostramos. Maria, não. É igual a gente e não parece, o que é, o que é...

Tem menos de 60 e mais de 50 anos, o que fez nunca esteve no Gibi, o que sei que fez, aprendo e apreendo novidades, hoje é dia de aula, mas Maria sobreviveu limpa na aparência, digo, decai em suave resistência teatral, “fade out” em português corrente. O corpo engrossa, ela tenta escapar, costureiros ajudam, fixando distância imponderável entre “essência” e “existência”. E Maria cria a arte no imponderável. É morena sem mulatice, de que há demais, goebbelizadas, morena de espanha, ou árabe, racha devidamente delineada no nariz, chequei. E permanece ereção garantida, a quem pode. Tanto poder me perturba. Testa o meu. Negociamos uma relação de patota. Mais seguro para mim. Maria se habituou porque pensa que me manipula do mesmo jeito que os outros. Talvez manipule.

A falha são as mãos, gordas e longas, tamanho e peso desproporcionais ao resto. Gosto não me lembro por que.

Somos vizinhos num dois por andar. O meu é na minha conta. O de Manoel, marido de Maria, é modéstia. Ele poderia ter cobertura, casa, palácio, tenda das mil e uma noites. Foi ministro de três ditaduras e continua disposto a servir à coisa pública. Diz, na intimidade, abominar certos métodos de tanger o rebanho, e, na intimidade, diz protestar em Brasília. Manoel, Maneco, “Maneco até pros boys do escritório”, é dono de “n” empresas, acionista grande ou pequeno dessa ou daquela, versátil nas aplicações de dinheiro e,

claro, “multinacional”. Explica a parcimônia domiciliar pelo hábito, “ponto”; o trecho da rua, em tráfego, é uma bomba de Hiroshima comparado à bomba H que é a maioria de Ipanema; e a chatice que é o ato de mudar. Um ex-companheiro da minha vida política, Alberto, hoje no Banco Central, duvida. O prédio, prontíssimo da silva, foi vendido em um terço (o que me inclui), se tanto. Alberto acha que Maneco é dono de tudo, fora os apartamentos próprios, e que contabiliza “criadoramente” despesas de manutenção no imposto de renda, enquanto o imóvel se valoriza. É possível. Nunca perguntei. Maria não explica. Maneco e ela fizeram algum tratado secreto e Maria não acredita em *press releases*. Parece satisfeita. Ou não reclama.

Maneco agora está em Dallas, transando, e há um filho adolescente, Pedrinho, em Búzios, segundo a mãe, que sei eu. Na ausência dos homens da casa, assumi, convocado, preferido ao nosso comum amigo, Juca, Dr. Joseph Hansen, psicanalista e psiquiatra, a escolha lógica, em princípio, porque “in love”,Juca e Maria, que sei eu.

Maria me chamou às 9.30 da noite. Um negrão entrara pela porta dos fundos, que uma das empregadas, Marlene, “estouvada”, deixa invariavelmente aberta, quando desce e é bimbada pelo meganha que guarda o prédio com eficiência típica nacional. Eu ia ler o último sermão jansenista de Graham Greene, The Human Factor, e me vi em pleno O Dia. O visitante avançara sobre Maria, exigindo dinheiro e pudendas, ou vice-versa, não me lembro a ordem dos fatores. Ela achou que não sairia viva. Tirou um Smith & Wesson 38, cano médio, de Maneco, de uma escrivaninha Luiz XV, abrindo fogo três vezes. O crioulo derrubara um sofá Sérgio-não-sei-de-quantas, estava lá, tombado contra um janelão, o ar condicionado a toda. A princípio sugeria uma dessas estátuas de “escravo núbio”, porque o gosto em decoração do dono da casa, que Maneco imagina individualíssimo, é de leiloeiro de falido. Negrão parrudo e feio. O pescoço bambo. Ajeitei. Caiu de novo. Passei cuidadosamente a mão pelo cangote do bicho, sem mais condições de reclamar do proverbial bafo. Desci aos rins. Um mole como mingau. Me meti, quase sempre “regra três”, em brigas, na juventude, sob o comando de Victor, um amigo morto. Ouvi aulas

rudimentares de anatomia, em prontos-socorros, que guardei com memória de lambe-lambe. Olho a entrada das balas. Forma um triângulo exato perto do coração. Sangue mínimo. Uma bala, daquele calibre e naquela distância, bastaria. Três é uma demasia que rima, apenas, com histeria.

Me servi de um uísque, ritual indispensável ao bloqueio da efusão pura do raciocínio. Tomei uma talagada neat do Chivas, escondido entre outros de carregação; os muito ricos são muito 10 econômicos; leva tempo, o uísque a seco; e encarei Maria, que exibia o alumbramento habitual. Não posso dizer sequer que me deu mais atenção que de costume. Parece sempre dar a qualquer um toda a atenção que existe no mundo.

— Que que você quer que eu faça?

— Meu benzinho, estou a fim de raspar parede a gilete, sentiu? Me dá um também, tá, mas nas pedras, você me tira dessa com teus amigos na imprensa, né, não quero virar personagem… aquelas ilustrações horríveis, aquele homem que baba na gravata… Você é que sabe. E chama o Cruz, o Cruz, não acha? Ele faz o tal troço que a polícia exige… o Cruz, falamos às 6, hoje, me convidou pra jantar, desconversei porque o flló anda curto na mamãe aqui. Se eu soubesse…

— Por que não chamar o Juca? Afinal. Ah, olha, Maria, psiquiatra é médico também, manjou, se forma em medicina antes de cozinhar as cabeças de toucinho. O Cruz é cheio de nove horas.

— Não — quase berrou, um tremor em Noa-Noa, na medida da negativa. As águas logo voltam à mansidão, à clareza. É possível boiar. Dá pé.

— Não, o Juca, não. E está na rua… em algum hospital. Liguei. E ficaria meio torto. Não é nada disso, seu debochado, é que os milicos acham que psiquiatra quer destruir a família brasileira e pode ser que a polícia tenha emprenhado pelo ouvido. Amor, não quero mais complicações, basta isso aí, né, essa puta dessa Marlene; nesta casa falta um pelourinho… Não é por mim só... O Pedrinho vai endoidar de qualquer jeito… quanto menos pesada for a barra… e há a carreira do Maneco, pensa no prato que esse negócio seria pros inimigos dele, você sabe que sou leal a minha maneira. Quanto é que se dá a um delegado de polícia?

— Pergunta ao Eduardo, à Gorda, a verdadeira taxa de inflação que arrisco um palpite.

— Eu sabia que não ia dar certo, minha voz, puta merda, até o farmacêutico reconhece pelo telefone. Amor, esquece a graça, tá? Já fiz pipi nas calças, me põe outro, menos gelo, mas não neat, que não aguento… atropelamento de pobre parece que sai por 20 milhas, se lembra da Maria Estella, coitada, quando acertou aquela menina, pobrezinha, na Baixada? Custou 20 milhas: Esse… senhor…aí... deve ser mais barato. É da pesada escarrado… uma ficha do tamanho do catálogo telefônico, aposto… legítima, defesa legítima… se quisesse me comer só, não sei, dada a insistência… a cara e os modos eram de outros babados… o Maneco guarda esse revólver, dizendo que nunca se sabe. Eu gozava o cagaço dele: Agora me salvou a vida… minha vida, Hugo, é justo? Não tive culpa de nada…

As marcas da mão do visitante se cromatizavam em azul-marinho e arroxeado no braço nu de Maria.

— O Pedrinho está em Búzios mesmo?

Maria reforçou o uísque.

— Quando ele voltar da casa do Baby arranjo uma lista de hóspedes e você checa um a um, tá?

— Não seja idiota. Há outros problemas, digo os conhecidos, minha nega, de que é bom você tomar conhecimento.

— Quais?

— O que?

— Problemas.

— Não posso sacar pros meus ex-colegas de imprensa que o crioulo apareceu na tua sala baleado assim, geração espontânea, como Jesus Cristo naquele filme mudo, lembra, que pipocava na mangedoura cheio de proteínas, auréola e tudo.

— Sem essa, amor, nessa mutreta de vocês jornalistas tudo se arruma e não vem me dizer que não, que sei de mil e uma histórias.

— Deixa por minha conta.

— Que que você vai inventar?

— O que você contou, literalmente.

— Nem pensar, amor, e as interpretações, que eu quis comer o negro, afobei e bangue-bangue, mesmo sem isso é primeira página

todo dia, a “pobre senhora defendeu sua honra”, os pasquins me chamando de “divina ensandecida”, é fofoca prum mês dessa canalha. Me ajuda só a carregar o cara que a gente joga fora lá no Vidigal.

—- E a perícia, em um mês, tocaria a campainha aqui. Você não entendeu.

— Me explica, então, amor. Não sou tão burra assim.

— Vou falar com editores-chefes e proprietários de jornais, melhor proprietários, porque alguns editores são do Partidão e gostariam de tronchar politicamente o Maneco. Se desato uma cascata que encontraram o negrão no nosso corredor, vão pensar tudo de que você tem medo e pior. Se confesso a tua história que é, afinal, plausível e possível, é mais fácil convencê-los a adulterá-la, tornando inócuo o teu papel. O Maneco está muito ministeriável no governo do novo Incitatus, ou até se a oligarquia civil reassumir o passivo da falência, o que chamam de abertura, e ninguém quer arriscar comissões por um crioulo, a menos que fosse craque de futebol. Mas, atenção, meus ex-colegas considerariam uma “séria quebra de ética 11 profissional” promover o sumiço total de D. Maria da “cena do crime”. Jornalistas precisam de um mínimo de realidade na ficção que produzem. É o único jeito de manterem uma reserva de amor próprio e até de sanidade.

— Fiquei na mesma.

— Tenho quase certeza de que resolvo. E não vem ao caso. Me dá o telefone do Maneco em Dallas, se eu falhar, ele liga de lá, me confirmando ou reiniciando “por conta própria” a ofensiva. Não vai ser necessário, confie em mim. Já deixei você na mão?

— Não, amor. O número tá ali no caderninho. Me dá outro, duplo…

— Um problema menor, mas muito chato, carrapatoso mesmo, é o Cruz.

— Amor, você endoidou? O Cruz faz qualquer negócio por mim ou fazia, até às 6 da tarde, quando babou paixão aos berros no telefone, com latidos de cachorro ao fundo.

— Cachorro, não. O CACHORRO. Depois do dono, é a pessoa mais importante da família. Quando falta água, tem prioridade no

banho sobre a mulher e os cinco filhos. Uma filha dele, a Zelina, ora, uma jovem que você conhece e ajuda, me jurou.

— Hugo, daqui a um mês você me conta essa história que prometo morrer de rir, tá? Ponha-se no meu lugar, um minuto, se for possível, não deve ser, nossas preocupações são triviais; imagine só, esta mulher, eu, atormentada porque matou um cabra, na era de Hitler e Stálin, que Hugo Mann dissecou em ensaios cheios de tensão, ironia, sagacidade, independência de raciocínio, mas meu benzinho, desce do Olimpo, ou já que você é boche, do Valhalla, e ajuda tua irmã, não acho a menor graça em ter abotoado esse moço, mesmo sabendo que ele me faria picadinho e depois comemorava em samba pras negras dele no morro… a simples ideia de virar besteirinha da crônica policial me dá vontade de baixar o PINEL. É o que você quer? É o que mereço?

— Se todos recebêssemos o que merecemos, quem escaparia do chicote? OK, a sério: o Cruz é católico, apostólico, romano, como se dizia antigamente. Vai à missa todos os dias e comunga. Se não fosse Maria Bonita, nenhuma intenção de trocadilho, a essas alturas teria virado oblato, o que você, conhecendo a mulher dele, veria que não é propriamente uma privação sexual.

— Pois é, é casado, tem cinco filhos, é carola, proíbe biquíni às filhas, mataria a que vestisse tanga, mas continua apaixonado por mim. Nos intervalos, antes e depois da missa, jura, cuspindo, suando cachoeiras, que largaria tudo se eu assobiasse, o que é um pecado mortal, e um único pecado mortal, a menos que as coisas tenham bagunçado muito desde que deixei o Sacré de Jesus, basta para condenar ao inferno. Dois não fazem diferença.

— Desejo não consumado, sei não. Com cuspe e jeito se arruma purgatório…

— Hugo, puta que o pariu, vamos entrar numa discussão teológica, é, é? Você vai ou não me assumir?

— Take it easy, Lina, ou, se você prefere Humberto Teixeira, age cannot wither…

— Cala a boca, idiota, Hugo, amor, tou no maior pilequinho…

— Você enxugou metade desse litro. Desculpe. Quis apenas mostrar que o caso é um pouco mais difícil do que fugir dos três chatos principais do Antonio's. OK, dou uma malhada no Cruz para

ver se ele assina em cruz o laudo médico, e nossa imprensa sabe que o Maneco é uma das reservas financeiras da nação; agora, mantém essa pose de dignidade ultrajada, mas risca esse olhar brechtiano na frente dos outros. Não que o Cruz note. Ele te olha como a um altar… só que a estátua da Virgem deve ter sofrido um semi-strip, ficando de calcinhas pretas e ligas vermelhas. Achi, cobra d'água.

— Palhaço.

Maria baixou os olhos sobre o uísque e me dei conta, um coice metafórico, mas sentido, no estômago, e o sangue me subindo à cabeça, da barreira que erigi a uma pressão definitivamente hipnótica. Ela, de olhos fechados, Brecht deveria continuar em cena, beijou-me levemente a boca: — Vou dormir na tua cama. É chato ficar aqui, de amostra. Graças a Deus meu menininho está em Búzios, comendo as menininhas dele, cafungando de leve, em santa inocência. Tem um ciúme doentio de quem chega perto de mim, até de você, a quem res-pei-ta… não sabe da minha vida… odeia o pai, tive de confessar que Maneco e eu não trepamos há 10 anos, se não… caindo pelas tabelas, meu benzinho, é pilequinho e nervoso, pode me sacudir no fim da fita…

Não entendi várias nuances dessa conversa, principalmente "eu sabia que não ia dar certo, minha voz, puta merda, até o farmacêutico reconhece pelo telefone". Não quero entender. Não quero saber nem o que já sei. Me recuso à vida "MDB" que me resta neste país.

Na sala, ficamos o negrão e eu e o ar condicionado, o único objeto vivo. Na Igreja Batista da nossa ma a congregação cantava: "Com Cristo no barco tudo vai muito bem, vai muito bem, e passa o temporal." Adolf Hitler disse-o melhor: "Navegar é preciso, viver não é preciso".

II

O Cruz chegou suando, antes da polícia; no mínimo garoa, mesmo sem “crise”, e daí vai ao vendaval. Expliquei a versão de Maria, com vontade de traulitá-lo a cada expressão carpideira de solidariedade, ânsia de vê-la, de consolá-la, de segurar-lhe as mãos…

Aquelas mãos?

O Cruz é catedrático. “Todo mundo” é cliente, abaixo da cintura, a preços extorsivos, do que se redime trabalhando de graça, toda manhã, na Santa Casa, depois da missa. É membro de mil academias. Serviu na UNESCO e World Health Organization. Podre de respeitável. Falei da necessidade de um atestado de óbito, confirmando que o negrão morrera do revólver que “o prudente Manoel deixara para proteção de Maria nesta cidade hoje convertida numa das mecas do crime”. Não é à toa que fui jornalista 25 anos.

O Cruz assentiu enfático, mas é médico afinal, e examinou o corpo. Duvido que manje a mecânica. O resto está na cara.

— Não há quase sangue…

É foda pro Palestra.

Voltou a mim desconjuntado, culpa do alfaiate caro e narcisista, que corta admiravelmente, realçando em vez de disfarçar as cadeiras mais largas que os ombros encolhidos, as pernas nanicas à beira do “Toulouse, Toulouse”. Chove forte. O branco do olho virou vela de barco. Abri meu guarda-chuva ou tentei segurar o leme?

— Você quer Maria diariamente nas manchetes dos jornais, exposta à inveja, à chacota da ralé? Se não controlarmos a situação, é o que acontecerá. E, lembre-se, a imprensa terminaria invadindo a intimidade da roda de Maria, o que nos inclui.

Bate-me a luz da moça da Columbia Pictures, que meu amigo Mário Faustino disse descobrir logo nos que sabiam escrever; morto Mário também, aquele cadáver que você plantou ano passado no jardim já começou a brotar?

— Pense na carreira de Maneco, no que significa na vida de Maria, e pense particularmente no menino, no Pedrinho, no único filho que Deus concedeu a Maria, pense nos sentimentos dele ao ver a mãe ameaçada, e no coração desta mãe, que tudo, tudo mesmo, faria e fará para salvá-lo da vergonha pública. Se não basta, pense no sofrimento constante, indelével, da mulher que você diz amar.

O Cruz entendeu, adora novelas de televisão, mas está racinianamente entre l'honneur e l'amour, é o que deduzo, porque uma plateia de teatro veria apenas a crueldade da natureza, uma bicanca incapaz de transcender sua feiura, não importa que sentimentos delicados e contraditórios abrigue. Ajo rápido e sirvo-lhe uma dose cavalar de J & B que sobe fulminante, restrições morais são mais afogáveis do que mágoas e pregos. Ainda assim, não sei, e medito se devo passar de Cyrano suburbano a Fleury nacional.

A chegada do delegado, Dr. Agamenon (esquidô), me livrou de uma decisão drástica, o representante da lei e da ordem identificando logo o morto, sugestivamente, nas circunstâncias, conhecido como Cabeça de Negro.

Cabeça de Negro. Criou-nos o deus do humor.

— ... tal a periculosidade do elemento, Dr., o povo, na sua maneira simples, sabe dar o nome aos bois, às feras, no caso, Dr. Hugo.

O Dr. Agamenon colocou o ato de D. Maria entre os mais altos troféus da luta revolucionária pela preservação da família brasileira, desbundou-se num conhecimento enciclopédico da carreira do “Dr. Manoel”, identificou-me no que deixei de ser, “quem não leu o Sr., Dr.”?, posso pensar em 99,99% dos brasileiros, ou mais, e mostrou-se completamente persuadido pelo laudo irrealizado, não esboçado ou discutido sequer, do “insigne catedrático, Dr. Cruz”, dispensando o patologista da polícia, que tinha cara de ladrão, acne e fungava.

Medi o Dr. Agamenon. Terno escuro listrado, sob medida, de alfaiate que acredita num certo “lustro” e linhas “aerodinâmicas” no usuário, camisa e gravata de seda, ton sur ton, uma colher de chá na “liberdade” dos bigodes e comprimento dos cabelos à contracultura, morta como o Cabeça de Negro, e as tradicionais unhas impecavelmente manicuradas, inclusive a longa, do mindim, a da meleca; uma figura “sincrética”, o Dr. Agamenon, que regia a cena com a indústria mais produtiva de Niterói, o anel de doutor. Calculei que Maneco teria de subornar menos que a Maria Estella, se me pedir conselho, não pedirá, os muito ricos sofrem do pudor insuperável de 16 discutir dinheiro, exceto para negá-lo, ou tomá-lo. O Dr. Agamenon trouxe o Cruz do chuveiro americano ao europeu, da ducha à merdinha d’água, esclarecendo, no seu linguajar, que o prontuário do Cabeça estava mais próximo ao catálogo telefônico de Manhattan que do Rio, CETEL incluída. O Cruz estudou sob jesuítas, antes que o Santo Inácio virasse frege. Eu também. Sei a decoração de interiores que fará na cabeça. Ele não. Arruma no instinto. Foi melhor aluno do que eu.

Expliquei delicadamente ao Dr. Agamenon a necessidade delicada de encontrar o morto “alhures” e, pela primeira vez, me olhou com cara de dinheiro. “E a imprensa?,” quis saber, ao que despachei um olhar de intelectuais que prescindem do óbvio, se corrigiu rápido, dando uma espantosa palmada na bunda, cujo abalo sísmico fez balançar o gelo no copo do Cruz, mas não o bastante para trazê-lo de volta à terra, de sua reverie martiriológica. Antecipei garantias de que a integridade, prontidão e eficiência do delegado zeloso seriam destacadas pelos meus colegas, produzindo no Dr. Agamenon, “ar compenetrado”, a homenagem típica do boçal a qualquer manifestação de poder acima do seu. “Bem, se o Sr. garante…” Não garanto lhufas, agora se blefa um parceiro de cada vez, pela ordem. O Cruz encheu o copo de novo. Se eu não o contiver, vomitará os tapetes caros de Maneco, provocando maior estrago que o Cabeça, que afinal só deslocara temporariamente um sofá.

Quando a polícia saiu, levando o falecido, e o Dr. Agamenon um sumário do que (espero) vai sair na imprensa, comecei a telefonar aos jornais, não permitindo sequer ao Cruz que “tomasse o

pulso” de Maria — punheta honesta se toca sozinho —, afirmando que ela estava em “estado de choque”, precisando de “repouso absoluto”, o que ele, médico medalhão, engoliu submisso, porque “aqui” é assim: Otoridade é o que conta, e não expertise. A cobrança é chata. Terei de levá-lo a almoçar amanhã, purgando-lhe os resíduos de culpa, uma lavagem moral.

Os donos e chefes da imprensa me receberam com aquele ôôô brasileiro que parece vir do fundo da alma — há possibilidade de outra procedência —, nenhum deixando de registrara falta que faço, inclusive os que me negaram emprego quando o exército se dava ao trabalho de me impedir de ganhar a vida. A identificação possível entre nós é que de marginal passei a “mais favorecido”; não sabem como. Entrei na sesmaria, compro terras que mantenho intocadas até que rendam na revenda mil por cento, mamo nas mamatas parasitárias do “open” e outras do modelo concentrador de riquezas do sistema, sou diretor a jeton e mordomias de empresas, forrei um pé-de-meia em portfolios estrangeiros; capitalizei o direito ao lazer, e meus ex-colegas ignoram de quem bati a carteira, enquanto eu sei de quem batem. Logo, me respeitam. Pior, não mudei politicamente por escrito. De lua em lua publico ensaio histórico em revistas de sacanagem em São Paulo, desses proventos exclusivamente pagando imposto de renda, no mês de praxe. Digo o de sempre. Tornei-me, portanto, invejável. No momento, “reviso” a Revolução Soviética. Estaquei na personalidade de Felix Dzerzhinsky, enroladíssima. Fosse eu o editor, poria Felix, meu texto, a cabeça, sobre a bunda de Sônia Braga. Ganharíamos um prêmio qualquer, ou, ao menos, Bufluel nos passaria um telegrama de felicitações.

Maria e Maneco ajudam, naturalmente. Maneco, $$$. Os líderes de comunicações são todos machos e amam Maria, um dos ombros mais chorados e babados da praça, que acolhe democraticamente os lítero-boêmios, tudo compreende e tudo perdoa; e o todo é suscetível de osmoses seletivas; quase todos achamos que nosso dia chegará. Meus ouvintes me embrulham minutos discutindo as mudanças possíveis no estábulo político por vir; a tarimba profissional obriga, enquanto subalternos checam a ficha do Cabeça. O relatório do Dr. Agamenon confere em gênero, número e grau. Inicio o solo na tecla do “não preciso dizer a você,

meu caro…". Preciso, claro, e repito ipsis literis a versão de Maria antes de discutirmos como adulterá-la. Não se esconde o contexto lógico de uma situação a jornalistas experimentados. Vai contra o próprio ato de escrever, que é de arrumar coerentemente as coisas. Gente "fora do ramo" parece impermeável aos atrativos dessa pérola, baratinha, de sabedoria. Se Nixon confessasse Watergate no dia, pedisse desculpa, punisse os culpados e prometesse não repetir, não teria caído em "Watergate", algo muito mais sério que Watergate. Negou, fudeu-se.

Se confiamos a verdade, ou variantes plausíveis ao jornalista craque, isso lhe anestesia o cinismo. Nenhum jornalista sério acredita em nada. Agora, humano, se ameniza na lisonja das confidências, dos segredos a que tem acesso. A vaidade satisfeita lhe libera as rédeas da imaginação. Sabe que o grande jornal é o que não se escreve; o que lhe resta de produtivo é controlar e manipular o que omite. Partilha o preconceito de elite, da qual é carona ou membro titular, preconceito que a Igreja Católica é a única instituição do Establishment a confessar, descaradamente, que o povo merece informação no seu nível na escala social, do térreo ao porão.

Minha coerência garante que os editores arquivem o que pensaram e Maria pensou que pensariam. Pois se Maria fez fora do pinico, por que haveria eu de confessar-lhe a culpa? A versão "completa" correrá os círculos que contam, naturalmente, a minoria generosa lamentando o "azar" de Maria, a maior parte achando que os dois mereciam morrer; certas mulheres se excitarão imaginando Cabeças mais domesticáveis metendo-se onde preferem, certos homens invejarão o desperdício do tête-à-tête ("e o Maneco nos Esteites, putz, que chance"), consolando-se que dispõem de estratégia mais sutil, a ser implementada no momento e local oportunos. A malícia predominará, na mococa, mas a malícia é uma constante na vida de Maria, que tira de letra, desde que a bola não caia sob controle da rude massa. Missão cumprida.

Me servi de duas talagadas de Jack Daniel's e gelo. Bourbon é Paulo Hesse, meu amigo assassinado em companhia de Victor num carro que explodiu no Vidigal, anos atrás, não despertando também a curiosidade do Agamenon da época ou dos "Woodwards e

Bernsteins” caboclos. Olho meu ensaio, parado no patrono de Hesse: “Dzerzhinsky, revolucionário de origem nobre, discípulo de Rosa Luxemburg, foi chamado por Lênin que lhe perguntou que cargo queria ocupar no primeiro governo soviético, Dzerzhinsky respondeu que um dos espetáculos que o converteram ao marxismo foi o destino das crianças proletárias e camponesas, desproteinizadas, definhando em morte lenta e cruel, e que gostaria de ser comissário do bem-estar da criança. Lênin nomeou-o chefe da famosa Cheka.

Quero cortar “famosa”, mas xeca e xexeca em Minas Gerais é xota, e o artigo, saindo nas cercanias da bunda de Sônia Braga ou similar, provocará confusão de sentimentos nos leitores a quem o décor tonteia. Deixo a “famosa” porque não é possível que os mineiros imaginem famosas todas as xotas do Estado.

“Dzerzhinsky protestou veementemente. A simples vista de um policial lhe causava náuseas, porque passara boa pane da vida na cadeia, sob torturas. Os velhos bolcheviques, porém, foram os últimos filhos inocentes do iluminismo, do racionalismo. Marx morreu antes que Freud se descobrisse e descobrisse a nós todos. Os velhos bolcheviques não recusavam qualquer sacrifício pela causa, se persuadidos de sua necessidade histórica.j Numa noite, conta Victor Serge, Felix Dzerzhinsky ordenou a morte de 150 mil pessoas, em Petrogrado. A falta de uma “infraestrutura”, que os nazistas desenvolveriam, tornou impossível esconder o massacre, e o sangue jorrava nas ruas aos bueiros”.

“No fim da vida, em 1926, Dzerzhinsky, horrorizado pelo horror que despertava nos colegas, não excluindo Stálin, fazia esforços patéticos para recapturar-lhes a camaradagem natural dos oprimidos. A propósito de nada lembrava-lhes os tempos em que eles todos eram perseguidos pelos leviatãs tzarista e kaiserista. É uma profissão de santos ou canalhas, disse, ingenuamente, sem perceber que a síntese institucional e psicológica do terror destruíra a relevância da alternativa”. _

Melhor jogar no lixo. Quem se interessa por esse tipo de leitura, entre meus amigos? Juca, talvez, se as minhas narinas me enganam, porque cheiro nele, aparências em contrário, conciliatório e compreensivo, um fanático; Maria lê, entende, engana de burra

porque inteligência não é sexy, mas não comenta o que se passa fora de sua teia de aranha. Marília, menininha que “carreguei no colo”, que é isso, tem 26 anos, namorei a irmã dela muitos anos atrás, não gostava de mim e eu terminava, “coroa” de 27 anos, arrastando Marília, 12 anos, à ópera no Municipal. Me amou, me comoveu, me divertiu. Até hoje me olha carinhosa e agradecida. Desbundamo-nos quando vimos Callas, desconhecida, na Tosca, aqui, a caminho de Nova York, Marília em lágrimas me cobriu de beijos, como se eu fosse o empresário responsável. Hoje, é economista, casada com economista, daqueles, “parâmetros”, “abordagem” etc.

Ninguém conhece meu motivo. Não concebo Hesse, produto consciente da síntese ignorada por Dzerzhinsky, pensando em aplicar seus talentos e energias no bem-estar dos milhões de infantes subnutridos e estupidificados que morrem na idolatrada, salve, salve, infanticídio de que somos, no mínimo, se não fazemos nada, coniventes] Vi-o, relanceei-o, na nossa última conversa, KGB puro e simples, aristocrata como Felix, mas reduzindo o humanismo violado de Felix a uma equação abstrata, inumana, quase metafísica. O preço foi alto, *Naturam expellas furca*, *tamen usque recurret*, pareço o marido de Marília, Mário, fica mais engraçadinho se o vulgo precisa de dicionário; “se. você expulsa a natureza na marra, ela encontra meio de voltar”; a ruína pessoal de Hesse, no banho-maria do álcool, drogas, sadismo, tentando não desmoronar de vez, “temperando”. Inexiste deus mais exigente que a paixão moral. Fico chocado ao lembrar o lirismo de revista de moças que Shaw descobriu no tema. “A mão de Deus está sobre mim”, diz a jovem de Androcles e o Leão. Isso é conversa de diletante. Hesse suicidou-se moralmente muito antes que o assassinassem, pagando o contrato faustiano que assinara, em que não há Margaridas choráveis de remorsos ou Mefistófeles em quem descarregar a culpa. O contrato é assinado a sós, é cumprido em silêncio e solidão, engolido e ruminado até que corroa uma a uma as entranhas do signatário. Hesse deve ter abençoado seus assassinos pela cortesia de o incinerarem, poupando-o da farsa, que não poderia sequer ironizar, da morte lenta, 17 “entes queridos”

chorando o bagaço do que jamais perceberam fruto maduro e venenoso.

— Hugo, meu benzinho — Maria acorda e me acolhe com os lábios e olhos molhados, não, não são lágrimas, é irrigação natural. Levo um cálice de absinto e tiro um pouco de pó de uma caixinha, metade ela cheira, metade esfrega nas gengivas, lavando no absinto. Trinca os dentes e passa a língua nos lábios anestesiados.

— Tudo bem?

O hino nacional, o verdadeiro e sucinto virundu. Relato: falei com Maneco ao telefone, já tinha recebido três chamadas de donos de jornais, “hipotecando solidariedade” e prometendo barra limpa. Queriam saber do meu papel, se represento a família. Maneco me descreveu ‘ ‘velho e leal amigo”, sacou que aprovara a priori tudo que propus. E deu sugestões aos solidários que comprassem blue chips na Bolsa de Nova York, o Standard and Poor e o Dow estão ridiculamente baixos, o Dow menos de 700. — Falando nisso, comprou 25 mil dólares para você de IBM, AT & T e glamours. Pedi que me comprasse umas milhas, concordo, acho que em três ou quatro meses a gente ganha mole uns 40%. Ah, insistiu em pagar o enterro do Cabeça de Negro.

— Quem?

— Le visiteur du soir.

— ... me dá mais uma cafungadinha, dá?

— Não, você precisa descansar. Termina o absinto.

— Acho Arletty uma bosta. Você acredita naquela história que reengrenou a mão na guerra tendo um caso com um oficial nazista o que comoveu tanto a França que não raparam o coco dela?

— Os franceses adoraram tanto os nazistas que não me surpreenderia que Cocteau, a mando da SS, se tornasse o amante de Lady Chatterley.

Maria ri forte e aí cobre o rosto até o nariz com o lençol, me pergunto se está nua por baixo, cerra os olhos.

— Ele não era político, era? Era, o Cabeça?

— Não que se saiba. Um dinâmico homem da iniciativa privada, segundo o delegado, Dr. Agamenon, nome que é bom você escrever e decorar, se não chama o animal de Adamastor ou Zeferino, quando vier receber a gorjeta do Maneco.

— Somos maravilhosos para nomes, Hugo. Você é uma anomalia, porque é boche. Cabeça de Negro, Agamenon, Cruz, é uma tertúlia onomatopaica.

— Há o nosso comum amigo, Dr. Joseph Hansen.

— Pois é, mas é gringo duplo, sem convicção, virou Juca. Ele está fora, Hugo, juro, senão eu livraria você dessa aporrinhação toda.

Falei com o Juca ao telefone. Ele está muito “dentro”, em casa, lendo Charles Rycroft. Ouvi Andreia, mulher dele, chamando-o quando liguei: “É aquele comunista cocainômano amante daquela vagabunda da Maria”. Um pequeno equívoco, já que o “amante daquela vagabunda da Maria” é o marido dela. Contei a peça e critiquei-a. O Juca me disse não saber de nada e perguntou se podia ajudar, solícito, afabilíssimo. É sempre assim, judeu alemão, tem o carinho opressivo de mãe judia, que é gostoso se você se sente muito fudido, o melhor psicanalista do Brasil, mas suspeito que o “ boche ”, na palavra de Maria, atua nos bastidores, não conseguiria provar, tentei, a cabeça do Juca é ágil e sutil. Admiro tecnicamente a maneira como tortura a mulher, Andreia, a quem nós, “companheiros” trotskistas, apelidamos de Recivel, a Mulher Inesquebeca, uma senhora megera, rica, bonita, grã-fina, desdenhosa de ter casado abaixo de seu status, “judeuzinho” é a palavra mais amável que tem para o marido. Ele faz todas as vontades de Andreia, de imediato, exceto o que ela quer, que o Juca a espinafre, reclame, que sofra, em suma. Andreia padece, o Juca floresce, não admite que falem mal dela e trata-a angelicamente. Essa o CODI desconhece. Comigo, ele se permite “folgas”. A familiaridade política gera rudeza que seria intolerável em relações meramente pessoais. Perguntou pela minha cabeça. Mandei-o entubar uma brachola nas breubas. O Juca acha que vou “quebrar”, porque reprimo “meus verdadeiros sentimentos”, revolucionários, de crítica dinâmica do sistema. Quebrar o quê? Meus cacos?

— Não estou reclamando, minha nega. E não fique inteligente demais, cai mal no círculo de teus admiradores masculinos, e já que o negócio é nomes, você esqueceu Maria, nossa mãe no Céu que deveria nos guardar de todo o mal e continua na Terra nos fazendo

cair em tentação. Nunca te disseram que tuas mãos fortes e gordotas são divinas?

— São horrendas e você sempre fala disso, que lembram as da "senhora sua mãe", quando está de pileque, e depois esquece. Fetichismo incestuoso. Era novidade para mim.

— Ih, consta de todos os livros-textos, pergunta ao Juca. Alguns fregueses preferem pés. E você é toda nova para mim, se renova todo dia, ou é cada noite?

— Você é um amor, eu enlouqueceria se não fôssemos amigos. O Maneco não telefonou para mim, aposto, nem quis falar comigo quando você ligou, aposto.

— Ele disse…

— Que estou em boas mãos, as tuas, que preferia não se emocionar e me emocionar demais. Quando chegar amanhã, vai organizar uma *open house*, "enfrentando todo mundo de uma vez", e, depois, uma viagem "aonde eu quiser…"

Nossas mulheres nos conhecem. Bidu. Mas é surreal o literalismo da reprodução das palavras de Maneco. Não conheço Maria. Não deveria ser surpresa.

— Hoje, pegou uma puta de 100 dólares, ouviu adulação interminável num jantar de 100 dólares, deu uma de galo e pôs a moça fora do quarto como um general romano que dispõe de uma bárbara. Aqui, chora nos meus braços e, pior, acredita no próprio tatibitati. O Maneco não sabe ligar afetividade a sexo, é uma coisa ou outra, não é só ele, é quase todo homem do nosso grupo, da nossa classe… o Juca é diferente… e nós mulheres aprendemos com vocês. Dói muito no início. Não tínhamos enxoval pra mamãe ou puta. E o homem brasileiro é tão infantil em tudo, Hugo. Conto os adultos parciais nos dedos, você, meu benzinho, o Juca, o Hesse, o Hesse… olha, conto nos meus dedos de lavadeira…

— Está na hora de fazer nunu. Quer um mandrix?

Ela já dormia o sono dos justos.

III

No Aviz, o Cruz pediu um peixe grelhado, o que seria OK se não fossem os motivos, a hipocondria que o faz fugir de gorduras, álcool, exceção feita a “dilemas morais”, nicotina, etc., o que não lhe abate o suor, a cara permanente de ressaca, o jeito de que acabou de sair de uma máquina de lavar roupa. O Cruz é Exército do Pará. Galgou o marechalato médico à custa de uma certa competência, calculo, pois se mutilasse e matasse mais que a média dos colegas, terminaria dando na vista, mas principalmente graças ao talento “oftalmológico” de discernir entre o poder permanente e o transitório, ordenhando infatigavelmente o primeiro e dando apenas atenção, na medida, ao segundo. Foi médico do nosso último presidente, watchmacall it, Jango, e de vários aspirantes a ditadores. Cobrou os olhos da cara do Jango e tratou os pretorianos de graça.

Depois de pedir uns camarões ao vinagrete, procuro um vinho espanhol ou português bouvable, vinho francês aqui tem gosto do que suponho seja de mijo de gato; quem sabe é; há uns chilenos garantidos, mas não vou ajudar diretamente à balança comercial do Chile, mesmo que eu financie modestamente IBM, EXXON e outras profiteuses, agora, ah, do meu portfolio não consta ITT. Peço uma olhada nuns camarões à paulista, antes do holocausto. O Cruz come pão e manteiga vorazmente, com a rapidez de galinha, irritado consigo próprio, o colesterol, sabe como é que é, e se queixa plangente de minhas “insinuações” de que estaria apaixonado por Maria. Escreve bateladas de cartas a ela, li algumas, estilo e sentimentos que fazem meu pé no saco de laranja lima parecer Beckett, e que bandeira, putz, os criminosos querem de verdade ser sempre apanhados?... a poesia da personalidade de Maria o consola da esqualidez da vida… respeita a integridade da família,

célula mater da sociedade (tu e Stálin, bicho)... compreendeu meu cavalheirismo em proteger o Pedrinho que foi em defesa da mãe contra o Cabeça de Negro, a abnegação de Maria, assumindo a responsabilidade pelo filho… o que só lhe aumenta a poesia…

Desisto do vinho e peço um Cutty Sark duplo nas pedras. Hesse tinha razão. Nosso circo a seco é um pesadelo de Bergman.

Dois "falidos" notórios, ou, devo dizer, notáveis nos cumprimentam de mesa próxima, detendo-se um pouco à cata de reações "subjacentes" nos nossos olhos, se houve, não emergiram, porque voltaram a mergulhar, como tubarões, nos seus mariscos e outras criaturinhas do mar.

Cláudio é pai de Marília, minha Tosquinha, se dão mal, filha e pai, e ele e mulher, Heloísa, Helô, são meus contemporâneos. Acho impossível desgostar de quem conheci a vida inteira e nunca me fez, que eu saiba, pessoalmente mal. Matta, seu companheiro de mesa, é paulista e financiador da OBAN. A Revolução reverteu o Brasil aos EUA, na década de 1920, cobrando "proteção" de seus protegidos, à la Al Capone. Valeu a pena, em geral. Matta e Cláudio são emblemáticos da vida financeira revolucionária.

"Faliram" apenas, nunca deixaram de ser milionários. Não puderam, ou não quiseram, cobrir todo o dinheiro que retiraram do Banco do Brasil e outras fontes de financiamento oficial. Desviaram a maior parte à sesmaria, ao eurodólar, à agiotagem, a imóveis, à especulação cambial. Pertencem aos 2% de proprietários de 50% do chamado território nacional. Não tocam na terra, não a cultivam, ou a exploraram predatoriamente enquanto havia mercado no exterior para algum temporário "milagre" exportador, recebendo subsídios integrais do BB, a perder de vista, a maior parte do qual embolsaram. A gleba é essencialmente o trampolim do salto e assalto.

Marília, hoje, eu saindo do que Lutero denominava eufemisticamente de "movimentos intestinais", me perguntou ao telefone, a voz sempre uma rajada fresca de queda d'água, se lera um ensaio dela na Folha de São Paulo, demonstrando que o Banco do Brasil investe 18 bilhões de dólares em café, cacau e soja, entregando o dinheiro não contabilizado a grupos privilegiados, inexistindo provas de que apliquem todos esses subsídios nessas

colheitas produtoras de divisas; e que o BB nega empréstimos mínimos aos pequenos agricultores; e daí a destruição acelerada da nossa agricultura de subsistência; “Estamos importando até cebola, Hugo, e o feijão sumiu da praça…” Não li, e adorei, “adorei”, digo, ela ri feliz e grata, me pergunta se o artigo está legível ou se caiu no economês que detesto. Prometo análise em pessoa, nos veremos na open de Maria, e olho os bolsos de Cláudio, no restaurante, quem sabe contêm grãos de feijão ou uma cebola crua, meu caro Watson.

Encontraria, talvez, o número da conta numerada na Suíça, os próprios francos, recibos do eurodólar, notarização de empresas-fantasmas, *etc.* Cláudio é melhor ser humano que Matta. Quando Marília “caiu”, nada sério, panfletagem do movimento estudantil, ele compareceu compungido ao quartel, “tomou as dores”. A filha de Matta, chegada a uma metralhadora, sofreu o auto da fé no DOI-CODI, desapoiada. O pai a desconheceu. Matta disse ao torturador-chefe da menina que “fizesse justiça”. O torturador, corre o boato não confirmado, engasgou em face de tamanho puritanismo revolucionário, e foi de leve, limitando-se, ele e companheiros, a estuprá-la e a rasparem-lhe o coco. A moça foi trocada por embaixador sequestrado e mora em Paris. Maria descobriu-a lá, ouviu horrorizada a história, deu-lhe mil dólares, e o próprio Maneco acusou Matta de “excesso de coerência”. E Brasil sendo Brasil, Maneco mexeu pauzinhos arranjando para a moça um emprego free lance de tradutora na embaixada da tortura, onde não se pede referência, e a quase Ifigênia sobrevive.

Cláudio e Matta decuplicaram na mais conservadora estimativa o dinheiro que os revolucionários roubaram do povo e lhes entregaram. Faliram sem aspas porque tinham de aplicar parte do saque. Afinal, precisavam de um pretexto produtivo para abocanhá-lo. E já que a escravatura, por definição, impede o desenvolvimento de um mercado interno de consumo, exceto o mais primário e especializado (subsistência dos miseráveis ou o caro mínimo requerido pela ínfima elite), na prestação de contas estavam lisos, lesos e loucos. E, loucos, durante algum tempo, sem tocar no capital desviado, imitaram em microcosmo o modelo macro, endividaram-se progressivamente, a fim de manter as aparências. A situação-

contexto é, porém, intrinsecamente traiçoeira. Primeiro, mudam os tecnocratas encarregados da distribuição gratuita do sangue popular. Aparecem novos candidatos à boca-rica, protestando contra o favoritismo a Cláudio e Matta, o que lhes corta, ou diminui, a disponibilidade de participação no vampirismo. E o modelo macro, à parte radicalmente concentrar e não difundir riquezas, sofre suas próprias hemorragias, traduzidas em inflação, juros altos, correção monetária, sintomas da instabilidade e degradação crônicas da economia. A pressão combinada desses fatores terminou vedando o acesso de Claudio e Matta à sangria. “Escândalo.” As autoridades foram obrigadas a cobrar deles. Não pagaram. “Faliram.”

É argumentável que se não fossem quem são, devolveriam o que 18 amealharam em segredo e benefício exclusivamente pessoal. Dá e sobra. Taparia o buraco. Mas são quem são. Indignados, jogam a culpa em “forças ocultas”, que nomeiam à mais leve sugestão. Seguram-se nos tecnocratas que subornaram, em “prestação de serviços”. E aguardam novos capatazes da casa grande, substituídos de 4, e, agora, de 6 em 6 anos, que lhes reconheçam os direitos às acomodações de primeira de que “arrivistas” os despejaram.

largaram os prejuízos nos quépis dos capitães-do-mato que regem a senzala. Criaram um “problema social”. Empregavam muitos braços. Não é permissível deixá-los desocupados. Gerariam anarquia e subversão. E a falência não ajudaria a imagem do Brasil no exterior, acrescentam os capitães-do-mato, patriotas entusiastas. A pressuposição é de que os círculos financeiros internacionais desconhecem a mecânica do sistema, cujo vaivém, em última análise, manipulam. A imprensa avaliza o nonsense. É conivente, cúmplice e planta raízes: ao criticar Y ou Z, “sugestiona” o alfabeto ainda oculto que anuncie prosperidade.

% O Banco Central “intervém”. É a “KGB” do sistema. Às vezes, é tão “rigoroso” que expropria os bens visíveis dos delinquentes, o que é o caso de Cláudio e Matta. É apenas o glacê do bolo, ou, mais a propósito, “joia de vitrine”. O tesouro continua oculto, a salvo. Não importa aos donatários do sistema. Oferecem à opinião pública prova factual de moralidade. A imprensa retransmite o sermão. Castiga os empresários irresponsáveis, aberrações, que tentaram

violar a harmonia e progresso do modelo, intocável, resistente, inexpugnável. Os Cláudios e Mattas sentem-se humilhados e ofendidos.

O Brasil é um palco não iluminado. A plateia ouve berros desconexos. Imagina que a briga é para valer. É uma comédia e tem um epílogo, que é o início de uma farsa. O Banco Central sai em campo à procura de um grupo “sólido” que resolva o “problema social”. Sempre encontra. Oferece, claro, novos créditos a perder de vista, arrancando o que resta de sangue da senzala, porque se não os vampiros substitutos preferem ficar quietos na cova. A estaca no coração só dói quando riem.

É esse sacrifício humano que mantém a fachada da casa grande na nossa Cartago revolucionária.

jCartago revolucionária. Terminei aderindo à palavra Revolução, abandonando o tradicional “golpe” preferido pela esquerda, porque é uma revolução sui generis que um país restaure a escravidão de 90% de um povo, depois de havê-la abolido para os ancestrais do Cabeça de Negro no Século XIX.

Nossos falidos veem as coisas diferentemente. São melhores que o Cruz, cego, que invade minha consciência, lamentando que o Cabeça de Negro não tenha tido tempo de reconciliar-se com Deus. Meu segundo duplo já surtiu efeito e atravesso descarado esse Rubicon de pipi. Asseguro ao Cruz que Maria ouviu do negrão moribundo “que Deus Nosso Senhor me perdoe o mal que eu quis fazer à senhora”, absurdo que me envergonharia perto de qualquer delinquente sério, pois o esmagamento do rim do Cabeça, a primeira, evidente, porrada, corta, quando não mata logo, qualquer papo, e a segunda quebrou-lhe o pescoço, mas o Cruz, doutor em medicina, “canta na chuva”: “Isso pesa, um apelo in extremis à misericórdia divina, que é infinita.” Inunda o badejo. Chove tanto que o bichinho, se não fosse o grelho, era capaz de ressuscitar nesse minidilúvio, batismo batista baboso.

Os “falidos” chamaram o garçom, “sem solução de continuidade”. Traçando um quindim, levantaram a voz contra as companhias estatais, essas privilegiadas, e emocionados ponderam alto o perigo da “estatização progressiva da economia”. Inexiste. Há um tripé, multinacionais estrangeiras, grandes grupos privados

brasileiros e companhias do Estado. Todas são estatais em capital, o dinheiro do povo, e "socializaram" os lucros em causa própria^ Disputam quotas da pilhagem barulhentamente. É outra farsa.] Reforçam-se mutuamente nos respectivos oligopólios. O melhor exemplo é que a Petrobras enriquece na taxa que cobra sobre o óleo consumido no país, beneficiando-se de cada aumento que OPEP & multinacionais impõem. O povo, em suma, somente o povo, empobrece.] Às fantasias direitistas de Cláudio e Matta são o reverso da figa "esquerdista" em que Marília, Mário, a maioria dos meus amigos fez fé: o pseudonacionalismo das estatais. Desisti de discutir o assunto. O tédio do debate político brasileiro é infinito. Cláudio e Matta vão pagar a nota a dinheiro. Devem ter preservado apenas os cartões de crédito internacionais para uso in loco, frequente. Aqui, "perderam o crédito".

Capto ainda um protesto contra a "imprensa personalista" que os converteu em bodes expiatórios da débâcle. A "personalista" portou-se muito bem no episódio do Cabeça. Li que D. Maria viu o meliante rondando o prédio, suspeitou (aqui del-rey) e recorreu à polícia. "Acorrendo prontamente ao local", o zeloso Dr. Agamenon, que dá plantão até aos domingos, exemplo infelizmente pouco seguido pela maioria de seus colegas, combateu o Cabeça, matando-o. Recusei persuasivamente a alternativa "que morreu tentando a fuga", porque esta é a versão militar da morte dos torturados e ninguém acreditaria. Meus ex-colegas sabiamente concordaram, inclusive os divulgadores inveterados da versão militar. É a abertura que se aproxima… Anexa a impressiva ficha do falecido: 6 homicídios, implicado em mais 17, proxeneta (30 lotações, nas folhas populares; mulheres, tive de traduzir ao Cruz, que achou a palavra grosseira), traficante de drogas, ladrão, estuprador, *etc.* Maria ao fundo, chocada e "cívica". O Cruz e eu não aparecemos.

Cláudio me fala na saída: — Você viu a Maria? Minha mulher passou a manhã ligando pra ela, neca, e a secretária disse que Maneco, de Dallas, convidou pruma open amanhã. E o Maneco em vias de ser ministro…

Ele sorri, sonhador, um gatuno diante de uma janela que inesperadamente se abre. Maneco e Cláudio são unha e carne.

Ambos prefeririam ser “unha” apenas. Aceitaram coexistir, cada qual cedendo um pouco de carne. Há histórias sobre Maneco e Helô, uma das belezas dos fifties. Nada de adultério romântico. Nosso Cláudio é um impecável chofer de lotação. E Maneco é ecumênico: empregou a filha e genro do amigo. Mário e Marília, entre uma exegese marxista e outra, “racionalizaram” a holding de Maneco, aplicando os métodos tecnocráticos de eficiência suposta que deploram quando impostos ao país. O céu brasileiro é azul só no firmamento. Essa classe de gente vive num cinzento londrino. Eu também, tentando enfiar uma carapuça de astronauta, meramente observando.

— Podia ter sido chato… — Cláudio se exalta: — E o Rio está insuportável mesmo. Não se pode mais andar a pé de noite na Prudente de Moraes sem ser assaltado por pivetes. Pior que Nova York…

Imagino, no quarto duplo, que se abrissem uma linha de crédito “mete a mão” no Banco do Brasil a transeuntes antissociais os mansos conquistariam a Prudente de Moraes. Limito-me a dizer que Maria “ficou tão nervosa, o Maneco nos States, Pedrinho em Búzios, que preferiu passar o dia com amigas”. Todos apoiam. Deixei Maria roncando na minha cama às 11 da matina, o chofer me apanhou e fui ao banco remeter alguns milhares de dólares à conta de Maneco, em Nassau; meu banqueiro “dá um jeito”; fiz um balanço dos saldos disponíveis, pretendo passar umas semanas em Londres, em retiro cultural e gastronômico, e preciso tirar a isenção de “viagem a negócios”, que me permite comprar US$ 1000 no câmbio oficial. O Cruz abre um sorriso de Gato de Cheshire, namorando a imagem de Maria longe do meu quarto. Os “falidos” saem de cena, deixando Cr$ 100 na mão do maître. Soltavam mais, quando “eram ricos”.

Estarei representando tanto quanto Hesse? Continuo me medindo por ele, mas Hesse se ancorava num objetivo transcendental, não importa que duvidoso, e eu fiquei no oceano da vida, qual embarcação perdida. Me sirvo, ou, melhor, me servem outro Cutty Sark. “Sobrevivo” assim.

— Você tem visto a D. Sílvia Maria Hesse?

A intromissão telepática do Cruz me cai no estômago como uísque nacional.

— Não.

Precisamente há dois anos e seis meses, dia do enterro.

— Ah, não?

Silêncio. Detesto e rejeito o hábito nacional de repetir respostas. “Fulano está?” “Não.” “Ah, não está, não?” Crio hiatos embaraçosos ao telefone e conversas. É um desgaste de energia. Ninguém aprende.

O Cruz se recupera rápido: — Ela é minha cliente, sabia?

Não, nem me surpreendo.

— Não é nada demais, o que, para nós, médicos, é o pior que pode haver. Preferimos doenças sérias, desde que definidas, porque ao menos sabemos o que combater. D. Sílvia Maria não consegue comer quase nada. Olha, Hugo, desculpe-me omitir detalhes, seria quebra de ética profissional. Lembrei-me dela porque você mencionou àquele escroque a fortaleza da nossa querida Maria na adversidade. Numa hora dessas, a gente procura o aconchego dos amigos. Existe, infelizmente, gente orgulhosa que não reconhece o quanto necessitamos uns dos outros; que a humanidade é, ou deveria ser, uma grande e harmoniosa família. D. Sílvia Maria vende saúde. Fiz todos os testes, duas vezes, me gabo do meu zelo, sem falsa modéstia. Por que não come? Anorexia nervosa. Uma mulher de 39 anos, normal, religiosa, mãe exemplar de três filhos, senhora de moral e costumes que a maioria de nossas conhecidas deveria imitar, não citarei nomes, a caridade é uma das minhas poucas virtudes… pele e osso, Hugo. Receitei vitaminas,exercícios, etc. Paliativos. Não é claro o motivo? O marido morre tragicamente, um sujeito meio arrogante, não? Me apresentaram umas cinco vezes, e não me reconheceu nenhuma. Só não dei um esbregue porque me tratava afavelmente. Vocês intelectuais são todos avoados, he, he… depois, D. Sílvia Maria perde o pai, reserva moral da nação. A irmã caçulinha, Maria Amélia, vítima de más companhias, de sanatório em sanatório, o irmão reside em Paris, a irmã mais velha, D. Maria Tereza, muito bonita e alinhada, em rodas boêmias, as duas passam meses sem se visitarem. Por falar nisso, Maria e D. Maria Tereza não se conhecem? Nunca as vi juntas em lugar algum…

Também não vemos Fernanda Montenegro e Marília Pera na mesma peça. Adiantaria explicar ao Cruz, que considera a

humanidade uma grande e harmoniosa família?

— ... pensei que você, tão solidário dos que furam essa muralha de indiferença e cinismo que exibe ao mundo, gostasse de procurá-la, já que era o melhor amigo do Hesse, a própria D. Sílvia Maria é quem o diz. Desculpe, nenhuma intenção de ser enxerido. É apenas a sugestão de um velho esculápio, que não acredita nessas bobagens de psicanálise, terapia de grupo, que degeneram em orgias, sim, sim, sei de vários casos… por favor, não se ofenda. Longe de mim a pretensão, eu, um médico de província, he, he, de entender um intelecto cosmopolita como o seu. Expresso sentimentos, impressões. É possível que me engane. Não creio.

O médico de província omitiu que fez residência e especialização em Londres, trazendo uma arca de vovó em títulos; me pergunto se esse tartufo resolveu fazer o papel absurdo de casamenteiro entre mim e Sílvia Maria. O Cruz vai aprender o que acontece quando brincam “com meu” brinco. Engulo o resto do duplo, que arranha gostoso cá embaixo.

— A Sílvia Maria tem pesadelos horríveis, que voltam continuamente. E isso, não?

O Cruz baixou um toró sobre a carcaça do badejo.

— Sílvia Maria sonha que Hesse faz horrores com ela, os filhos, e o pai dela, o sogro de Hesse. E há outra personagem no sonho, num outro capítulo, agindo mais monstruosamente, que ela não consegue identificar. É fácil: é o pai da própria, agora, não diga à moça, porque a pobrezinha fecha pra balanço.

Foi um tiro não tanto no escuro. Acertou o alvo em cheio. O Cruz despedaçara dois figos que o garçom trouxe, substituindo-os pelo peixe inundado. Soca surdamente os figos, e pedaços lhe sobem pelo tropical, miniaturas de entranhas.

— Eu não ADMITO, ouviu, seu, NÃO ADMITO que manguem de mim. D. Sílvia Maria me jurou que não contara a ninguém esse sonho, nem ao padre confessor, o que é correto, pois não é pecado sequer em pensamento. Por que se abriu contigo, um devasso, ateu? Por que Maria foi para a sua casa, sua cama, ontem à noite? Por que me tratam como a um leproso, um vira-lata a quem se joga um osso de vez em quando? Você não é nenhum apoio. Envelhece também, está aí de pança de velha prenha, ficando careca. Dinheiro

e posição eu tenho mais. Dedico minha vida ao bem público. Você, antes que desistisse, o único ato decente que cometeu na vida, destilava a peçonha vermelha. Proibi minha primogênita, a Zelina, a inocente idealista que cai nas malhas da gente do teu tipo, de provar essa peçonha a bofete, sabe? A bofete! Não pense que não percebo sua ironia distante e superior. É por que sou do Norte? Com muita honra, vagabundo. Maria, Maneco, esse embusteiro Hansen, que rei é esse que vocês têm na barriga? Rio, Rio, a capital é Brasília, seu, isto aqui é um balneário de quinta categoria, e as fezes não saem todas pelo emissário. Sobra muito fedendo em casa de família…

— Cruz, você não vai puxar a peixeira, vai?

— Não, ilustríssimo Sr. Dr. Hugo Mann, doutor em anedota, avisarei à Sílvia Maria que vá importunar a avozinha torta dela que meu tempo é precioso demais para aturar menopausa de grã-fina desocupada.

— Cruz, eu não estava mangando de você, bichinho. Adivinhei um sonho, e daí? Não vejo Sílvia Maria, ou falo, há dois anos e seis meses. Se duvida, pergunte a ela na próxima consulta. Se me desmentir, expulse-a de espada flamejante, recusando as 2.000 pratas, é o teu preço unitário pelo exercício do bem público, certo? Sílvia Maria jogou a vida no pai e Hesse, porque a protegiam do mundo, traduziam o real em benefício da “minha filhinha” e “minha mulherzinha” com a mesma fidelidade ao original que as legendas dos filmes estrangeiros que a censura nos concede, em que “foda-se“ vira “que maçada”. Eles eram a baleia e ela, Jonas; espaçoso e confortável, uma cobertura fantástica. Sílvia Maria não notava sequer a complexidade da relação entre eles, Ahab e a baleia branca, epa, esse restaurante totalitarizou minhas metáforas, esquece, o importante é que Sílvia Maria foi projetada no mar, sozinha, e, sozinha, não sabe nadar até à terra, afoga.

— Não sou idiota, Hugo. Eu já havia percebido que uma jovem senhora que perde os esteios únicos, marido e pai, em sucessão, fica perdida, e não sendo drogada, allumeuse de botequim, ou terrorista, sofre um abalo nervoso. E ela, naturalmente, não me achou digno de ouvir sobre a relação que você descreveu, em detalhes. Ficou em generalidades… rei na barriga…

Me chateio um pouco, não pelo masoquismo social do Cruz, é pela minha própria impostura. Não fui cartomante inteiramente honesta. A última vez que falamos, Maria Tereza e eu, ela me disse que “Sílvia Maria sonha com Hesse e o Velho toda noite, e cai mal, meu benzinho”. O resto não é quiromancia. É quase cassete de filme.

32!

— Cruz, faço caricaturas nas paredes das cavernas, que me j – guardam a sanidade, me distraem da escuridão, dos monstros, do terror supremo, o conhecido, lá fora. Sou ondas-curtas FM, Cruz, mordomia que “meu intelecto cosmopolita” me concede. Sílvia Maria é ondas-médias AM. Não transmitiu a você a mensagem certa porque não sabe como; não é esnobada, acredite. Olhe, é simples.

Ela tem um ressentimento profundo do pai e Hesse porque a abandonaram. Não pode admitir isso para si própria. Adorava os dois e, afinal, eles não se suicidaram. Uma confusão de sentimentos que a pobrezinha não consegue destrinchar. Não é fácil mesmo pra quem sabe das coisas… e ressentimento, Cruz, é irmão gêmeo, xifópago, de culpa. A cabeça da gente nos sacaneia mais que a de qualquer inimigo… Na faixa de recepção de Sílvia Maria, a coexistência de culpa e ressentimento dá estática. Se lhe explicassem, não entenderia. Sonha. Deduzi que encontra Hesse monstruoso nos sonhos. Por quê? Aviltando o marido, se alivia do ressentimento. Sofrendo sob Hesse, paga a culpa que ignora. Não discerne o pai entre os torturadores. Por quê? Seria um golpe atávico violento demais, não resistiria. Você desconhece o background de lealdade da família, que conheço tão bem quanto um de seus ex-pacientes, o Dr. João Goulart, aos bois, que escolhia no olhômetro, me contaram, e a expertise lhe subiu tanto à cabeça que em 1964 nos confundiu com gado e nos entregou ao matadouro… O caso de Sílvia Maria talvez seja menos grave do que parece, velho. Sugira um homem, casamento, casamento, não sexo permissivo, pois nossa amiga teria um chilique. E enquanto seu lobo não vem, Cruz, vai de padre, tranquilizantes, obra de caridade e, principalmente, “ampliar” o círculo de relações. Sílvia Maria é puro retrô. Não sai de casa sozinha. Considera “baixo”. Espera que os homens, do nível dela, a convidem. Até estes, que em números

tocariam aquele concerto de piano de Ravel, temem a majestade da moça. É timidez versus timidez.

Você precisa passar de médico a diplomata, de protocolo. Sílvia Maria entra aonde quiser. Ainda há casas, num círculo social que ela tolera, não habitadas somente por drogados, allumeuses de botequim e terroristas, eu diria que tantas casas quantas sobram em Copacabana e Ipanema…

O Cruz solta uma risada moleque, gaiata, inteiramente fleuve no contexto dele, um retorno de segundos ao menino de beira de rio tocando fogo no rabo de um gato.

— Hugo, você é um sacana. Não conheço D. Sílvia Maria, digo, socialmente, e seria esperar demais que ela se abrisse com um estranho. Todos nós temos as nossas reticências… desculpe se perdi a compostura. Não é por causa de D. Sílvia Maria… ha, ha, confiar num velho amigo da família e ignorar o médico, a pessoa que pode ajudá-la, nada mais comum. Não sou alienista, detesto a raça, mas sei que meus clientes me escondem muitas coisas. É um medo irracional, porque se querem cura precisam entregar-se ao médico. E você, cavalheirescamente, inventou uma saída erudita sobre “culpas” e “ressentimentos”, protegendo a inconfidência de D. Sílvia Maria, da mesma forma que protegeu Maria ontem… é isso, Hugo, aquele negócio do negro, que me atormenta. Não me deixou dormir. Não se preocupe. Eu nunca faria mal à Maria. Agora, não estou habituado e assinar post-mortems falsificados. O juramento hipocrático é para mim um segundo Novo Testamento, secular, naturalmente. Enfim, a causa é justa, e obrigado pela ausência do meu nome dos jornais…

Peço um novo uísque.

...D. Sílvia Maria confirma. Foi felicíssima no casamento, menos, he, he, quando o Hesse e você militavam no comunismo. Tentei dourar a pílula, não faltando com a verdade, que não é do meu estilo. Discorri sobre a generosidade anárquica e generosa da juventude. Eu próprio, no curso superior, peguei um restinho da oratória do Dr. Plínio Salgado, dos estudos antológicos do Dr. Gustavo Barroso, da eloquência do San Thiago, este, hem, as pessoas mudam, hem, seu Hugo? O Dr. Plínio nunca perdeu a coerência; e que exaltação, que exultação provocava na gente,

pregando um mundo livre de judeus corrompendo os costumes e sugando o sangue dos pobres; que visão bela e fecunda, apesar dos esforços da corja vermelha em distorcê-la.' Negro no meu tempo de menino, Hugo, descia a calçada ao passarmos, batendo no chapéu. É, usava chapéu, nos poupando à vista a carapinha… hoje ataca nossas mulheres e filhas… o mal da juventude é querer tudo, ao mesmo tempo. E o jovem se vê diante de tantos caminhos superficialmente atraentes, a maioria levando a becos sem saída. O importante, ressaltei a D. Sílvia Maria, é o arrependimento que a maturidade trouxe ao Hesse e a você. Lemos juntos, no consultório, a parábola do Filho Pródigo. Eu, francamente, cá entre nós, que ninguém nos ouça, nem posso pretender que amadureci tanto assim. Confio em Deus que um dia o Dr. Plínio será proclamado o precursor patriótico da Revolução.

— Nada mais merecido.

— Deus, Pátria e Família, ah, seu Hugo…

(Anauê)

— ...não nasci nesse mundo cosmopolita que para D. Sílvia Maria, Maneco, Maria, você e quase todos meus clientes é corriqueiro.

Deus não me privou da capacidade de autocrítica… pisei no asfalto a primeira vez aos nove anos de idade, Hugo. Antes, era aquela gleba pobre e árida, que matou meu pai aos 35 anos, de reumatismo, hérnias, "complicações generalizadas". O pobre homem quebrava as costas de sol a sol, até que, "milagre", vendeu a uma companhia de mineração americana, centenas de contos. Hugo, minha mãe quase sofreu um enfarte… o dinheiro pagou minha educação… a terra tinha manganês. Imagine só, fui olhar no dicionário o significado do vocábulo e continuei sem entender nada. Lesaram meu pai, mas morreu satisfeito, o que considero mercê divina. Minha santa mãe levou ao túmulo a crença no "milagre"... acho que nunca deixei de ser aquele menino, Hugo… No meu doutorado, na Grã-Bretanha, à noite, na bólding róus, eu tocava violão baixinho cantarolando o que os caboclos cantavam pras nossas cabeças de boi, tão magras e subnutridas quanto eles. E chorava em silêncio, porque se não a lenladí batia a vassoura no teto. Anos lá, nenhum colega inglês me convidou uma vez sequer a

jantar na casa dele… Naquele frio, procurando os c do gás, me sentia um animal numa selva escura, um desses bichinhos do Valtdisni, as feras me olhando em torno. Até hoje, quando vou a um congresso médico em Ouston ou Noviiorque, minha vontade é me trancar no quarto do hotel e pedir uma carne seca desfiada na abóbora, nem sabem o que é, e pegar meu violão, que não tenho mais e desaprendi a dedilhar. Que tal o modelo numa de suas caricaturas?

Estou mareado. Me digo tolamente que bebi demais. O restaurante esvaziou. O maître espera a uma respeitável, mas prenhe distância. Passo-lhe um cartão de crédito. O Cruz nunca se coça.

— Vou indicar um neurologista a D. Sílvia Maria. Se fosse minha especialização, eu daria um jeito, não tiro o chapéu para ninguém. Mas insisto em que você deveria procurá-la. Ela preza muito sua amizade.

E lá se vai ele, aquecendo-se no sol de que tanto sentiu falta na “Grã-Bretanha”. Ofereci-lhe uma carona, que recusou, “faz bem à saúde andar um pouco depois de cada refeição”. Mercê divina.

IV

Atravesso o Stromboli permanente do asfalto a meu carro e chofer, e me enfio lascivamente no assento de trás; o ar condicionado oxigênio de civilização. Mando tocar para casa, que pretendo liberar de Maria, antegozo horas de solidão absoluta, expulsarei a empregada e comerei, bem mais tarde, algumas preciosidades que me restam da Fortnum and Mason, já que vou me reabastecer breve em Londres; telefone fora do gancho, lerei dois thrillers que me chegaram da Blackwells pelo bendito correio, Graham Greene, depois da "pauta de notícias" das últimas 24 horas, é "excesso de coerência". Tudo que for humano me será estranho o resto do dia, em monástico sibaritismo.

O apartamento está fresquíssimo e silencioso. Tiro os sapatos na entrada. O negócio é chinelos, consonância de cabeça e corpo. Passo pelo escritório. A empregada emitiu nota. Foi ao dentista e "às compras". "D. Zelina" telefonou perguntando se irei à "D. Elza" hoje à noite. Zelina provou mais que minha peçonha vermelha, o que Cruz chamaria de "corrupção de menores", ou de tudo que não a verdade, que sua "primogênita" é uma ninfo. Tanto me cercou que a depositei na casa da Elza, velha amiga de infância, que preside ajuntamentos non-stop de pansexualismo em mansão da Niemeyer, frequentados pela nossa melhor sociedade, não há móvel ou utensílio no lugar não presenteado por amante da proprietária, o sexo do doador é irrelevante; e Maria ajuda Zelina a despistar o Cruz em horários e ausências, "ele sofreria tanto, coitadinho, se soubesse". E Maria mexeu nos meus garranchos sobre Dzerjinsky. Não nega que viola correspondência do próximo, que não resiste a gaveta aberta; escreveu a batom no papel "quem não pode, prega", o "p" de "pode" em forma de "f", desdobrado num risco de cima a

baixo da folha que borrou. Espero que a empregada tenha mudado lençóis, *etc.* Vou ao quarto checar e em busca dos meus chinelos.

A porta está entreaberta, um baixo da minha crioula automática, porque é lá que gosto do máximo de refrigeração concentrada. Na cama, Maria, nua, e Pedrinho, nu. Ele voltou ao útero materno, ou perto, e martela e gane como um cachorrinho. Muito queimados, se fundem bem, menos, do meu ângulo de visão, a bunda do rapaz, bonita, branca, musculosa, sem ser vulgar. A cena teria um certo mistério, muda, mas Maria engrossa os ruídos do Pedrinho, geme e urra, “baby, babysinho, eu te como todo”, mais que “força de expressão”, pois morde o ombro do filho e lhe lacera as costas, arrancando sangue e afluentes a unha.

Recuo e as meias sobre o tapete garantem o silêncio. Calço os sapatos na entrada do apartamento, de pé, o que detesto, e me imagino explicando ao Cruz a que extremos de afetividade pode chegar um filho que teve a mãe quase assassinada, nesta época de decadência de costumes em que os negros não mais nos abrem alas nas calçadas.

Resolvo ir à casa do Álvaro, um velho amigo recém-chegado do exílio, mesma idade, cujo apartamento fica a 1 km do meu. Álvaro é um ladies' man, me diz, me dizem e dizem que, retornado, não sai de cima de legiões de aspirantes à esquerda, desejosas, talvez, de uma transmissão direta, contracultural, do marxismo, e penso se não vou cometer nova indiscrição, visitando-o sem aviso prévio, o que odeio façam comigo.

Álvaro foi um dos luminares do ISEB, é poeta, poetastro do realismo socialista, juvenilia sempre em moda nesta aldeia, isto nas horas vagas, felizmente, para a literatura. A meu gosto, entre os exilados, oferece a curiosidade que viveu 13 anos na URSS, em vez de deitar besteira oral e fumar maconha no La Coupole, em Paris, até que a saudade o matou, morena, e ele se valeu da reentrée controlada que a atual ditadura permite a foguetes que esgotaram o combustível pós-64.

Quando consigo separá-lo da “bagagem”, o que não é fácil, Álvaro é um papo expansivo, variado, e raríssimo em membros do Partidão, tolerante. Aceita urbanamente meus desaforos, os quais definiu “tua única forma de comunicação, é que os outros não notam

porque tu és charmoso, boneca", análise não de todo desprezível, me parece, mas sou suspeito.

Adquiriu um considerável verniz de civilização, que destoa comicamente de seus modos matutos e dogmatismo stalinista.

Levei-o a comer num restaurante português, deu uma aula de culinária a maître e chef, com resultados extraordinários, que nem o hábito irritante de chamar os garçons de "companheiros" me estragou o paladar.

Até na "zona proibida", às vezes se solta. Ouvi deliciado histórias do mixê à la soviética, nunca referido pelo nome, mantendo a diretriz stalinista que o real é mero pretexto para o eufemismo, as moças preferindo presente a dinheiro, o fetiche dos bens de consumo renascendo sob os que juraram destruí-lo, as duas últimas conclusões sendo minhas, naturalmente.

Me regalou com a visita que fez ao Museu Trotsky, existe, intacto, em Odessa, exigindo, a visita, permissão especial do Comitê Central; idem a leitura do "agente da CIA", Herbert Marcuse, o pesquisador, nas duas oportunidades, sofrendo revista na entrada e saída, proibido de tomar notas. A *pièce de résistance* é a circulação de um samizdat de arte abstrata, a cores luxuosas, da coleção particular do chefe da KGB, Yuri Andropov, cujo emprego inclui proibir a existência do modernismo no país, suspeitam-no o autor da obra, porque é liberal, no contexto, no contexto.', Não resisto ao encanto anedótico de Álvaro. Me lembra jantares *off the record* em Washington, onde servi meus últimos dois anos de jornalismo, em que políticos e jornalistas célebres falam contra aquilo que favoreceram durante o dia, na hora do expediente, a política externa de Israel, por exemplo. O elitismo e o exclusivismo implícito são universais como a morte.

O diabo é conter Álvaro nos limites do anedótico. Recuperou rápido o vício da "realidade brasileira", assim que reaclimatado. E o diabo também é que dispensei o chofer e tenho de guiar, o que abomino, ou ver povo, cuja passividade barulhenta me irrita de maneira que não quero analisar, o que me aumenta a irritação. Escolho o mal menor e engreno o Alfa, volante duro de caminhão, sem ultrapassar 40 entre os lunáticos em disputa pelo lebensraum.

O prédio é piroca de cachorro, mas um apartamento, estúdio, por andar. Subo ao oitavo. A porta está entreaberta. Acredito que raio caia exatamente no mesmo lugar, duas, três, mil vezes. Meu impulso é descer a 100. Uso lógica, sempre um risco neste país, e contra-argumento que Álvaro é cientista "louco", "distraído". Hesito. O meio termo é bater de leve na porta. O som desaparece sob a voz alto-falante de Álvaro: — Diz que eu sou um filho da puta, uma puta, uma puta escrota, uma merda, escumalha da terra.

Outra voz, menos educada, repete, relutante, sem convicção: — O Sr. é um filho da puta, Seu Dagoberto, uma puta, uma puta escrota, uma merda, um… um o que, Seu Dagoberto?

— Escumalha da terra e corta essa de seu, seu. Mete mais forte aqui, aperta aqui, não, aqui, aí, aí, AI, AI, me chama de puta, puta, puta, puta…

Humano, olho. "Seu Dagoberto", nu, soluça passionalmente, de bruços numa chaise, e um marinheiro sem camisa, profissão reconhecível pelas calças que manteve, sodomiza o Álvaro com ritmo bastante superior ao do Pedrinho.

— O Sr. é uma puta, Seu Dagoberto, um… um escrobunda.

Estou na praia. Não se vê mais direito, o vermelhão-chumbo desaparecendo no fundo. Há uma brisa e os solitários da areia, alguns de cachorro, não conheço ou quem os conheça, personagens acaboclados do poeta? "Sou um velho num mês úmido?" Procuro as palmeiras de Ipanema. Me pergunto se a merda circunvizinha, crescente, diluviana, ainda as fertiliza ou encharca, afogando-as, palmeiras em que trinta ou mais anos atrás, quando a praia era um abençoado deserto, eu me imaginava Jon Hall de mãos dadas com Jean Simmqns, fugindo dos crocodilos, a ordem dos filmes não altera a fantasia. É cedo demais para as prostitutas. Minha solidão é quase completa. Um grupo de domésticas repete aos gritinhos o ritual pré-histórico da caça da fêmea pelo macho, enquanto "fogem" de paus de arara de alguma obra vizinha. Meu observatório no banco de praia é precário. Ninguém "de família" os frequenta, a essa hora. Dentro de anos, ao desaparecerem, colecionadores os disputarão a peso de ouro, o que aconteceu aos de botequim, às mesas que molhávamos, rabiscávamos e

machucávamos, na infância, indiferentes ao capital disponível. O capitalismo é necrófilo.

Se demoro, um carro de polícia estacionará, os ocupantes de início respeitosos em face do Alfa, indagando do “Doutor”, enquanto procuram nele uma chance de chantagem, se se sente mal, se precisa de alguma coisa. Me sinto malíssimo e não preciso de nada. Não há nada. Acho que nunca houve nada. Pensávamos que havia.

Os bares de chope do outro lado se galvanizam às manifestações de cordialidade exagerada dos primeiros habitués, espouca o “essa é do caralho” à primeira piada de mofo comparável ao do pão de fôrma e presunto servidos. Que tal sentar-me entre eles? Não seria refrescante? Flaubert disse que era, no fim da vida, de boca, depois de massacrá-los por escrito. Lemos e não ouvimos. Não, roupas, beca total e gravata, idade, “jeito”, nada igual & legal, me tipificariam corpo estranho. Homossexual, bicha velha, ou drogado? Os notáveis do bar confabulariam cabalisticamente sobre os tontons metálicos das mesas, planejando uma estratégia contra a invasão que lhes perturba a similaridade ruidosamente assumida e defendida. O máximo a que eu poderia aspirar é à condição de paulista desinformado, ou louco. Se me dirigissem a palavra viria revestida de uma cortesia excessiva mascarando o ressentimento. Até se eu falasse do Flamengo, ou ícone igualmente democrático, a resposta seria antecipada de silêncio analítico, vazia de coloquialismos e espontaneidade. Confundiriam minha sem-gracice com uma proposta de superioridade. A fantasia que eu e meus pares construímos em torno dessa gente, o “povo”, é tão irreal quanto a que o sistema nos enclausurou, ou nos enclausuramos a nós mesmos? Não busco resposta, porque alucino. Circunavego as sereias. Maneco, me parece, não teria problemas em estabelecer uma ponte. É patrão convicto. O senhor feudal e servos se entendem. Eu, que partilho modestamente os privilégios de Maneco, e proponho, ou propus, subvertê-los, sou incompreensível e insuportável.

Resta a procissão de carros, o exibicionismo dos adoradores do círculo vicioso, expondo a riqueza do tributo em gasolina e da tecnologia inflacionada, de segunda mão, aos pedestres. Os fariseus precisam dos publicanos. Sem eles, entrariam mar adentro,

afogando o senso de identidade perdida. A procissão é incessante. É com essa que eu vou. Não tenho aonde ir.

Alguém me acena da outra calçada, ou não enxergo direito? Não, é o Seu Dagoberto Escrobunda, palavra esta e a sequência de dois charmes discretos da burguesia que não agradariam nossos "resenhadores" literários, amantes sinceros e devotados da linearidade "bem bolada", ou tão infantilmente revoltados contra "estórias" que só aceitam cobrir a calvície intelectual com a última peruca obscurantista de Paris, dos antolhos à cegueira, o caminho mais curto entre os dois polos irremovíveis de subdesenvolvimento. Consolo-me que Valéry e Pound amariam "escrobunda" e me habituei à culpa de que contribuo, sendo quem sou, à força do ataque de Bernard Berenson a Kafka: "A luz da razão já queima tão baixo no mundo. Mr. Kafka quer apagá-la."

Álvaro atravessa sorridente a avenida, impermeável a buzinas e palavrões, um dos braços embandeirado e tremulante, como se fosse náufrago numa jangada e eu o piloto de um avião, alto e indiferente. Trocou as peles da Sibéria, quem sabe cozidas por Solzhenitsyn no gulag, pelo uniforme local, jeans, mocassins sem meias, a camisa de gravata aberta ao peito, dobrada três vezes nas mangas. Tem um quê de pelo de arame, os olhos saltam, tudo salta, energético e exigente de atenção, os óculos de plástico ordinário e o bigode "mexicano" crescido no desleixo e desordem, mistura eras e modas, o que o próprio Lênin reconheceria autenticamente acidental. Tomou banho. Todos tomamos banho neste país, o que invalida a orgulhosa negativa tradicional quando nos propõem algo escuso: "Porque tomo banho todo dia." Everybody does it, na frase imortal de Nixon sobre "Watergate". Abraçamo-nos e eu explico minha presença em local tão desusado. Enchi o tanque na bomba da esquina e decidi olhar a praia, a que nunca vou. Recuso a oferta de um chopinho. Álvaro escreveu um poema que começa: "Chopinho na mão/ O povo abre caminho/ À Revolução."

Verso livre.

— E o sinesíforo? Libertou afinal o sinesíforo?

— Às vezes gosto de guiar sozinho.

É um desperdício, direta ou indireta. "... é um alienado. Esta cidade é a praia. Você não imagina que cocô é a Crimeia." Conheço

as duas e não acho a metáfora bem escolhida em contraponto favorável a Ipanema. “Considero Dubrovnik rabiai.”

— Claro, revisionista, titoísta. — Não preciso convidá-lo a entrar. Sentou-se ao meu lado. — É uma beleza este JK. Acho que o Caio Prado exagerou no cacete à indústria automobilística. — Ligo o ar condicionado. Ele não gosta. Peru de fora não se manifesta. Rodamos ao Leblon e de volta, de volta e de volta… adoremus…

— Você está sem programa hoje à noite? Vou jantar com uma candidata a mestrado na USP, Denise, é uma gracinha e politizadíssima, mas arrastou a irmã, Renata, que também não seria de se jogar no rio da Guarda, se pegasse uma praia. Meu dinheiro mal dá pra mim e Denise; faríamos dois (asais e poderíamos ir a um desses lugares caros, não preciso dizer quem pagando, burguês progressista tem mil e uma utilidades.

— Te dou uma lista de restaurantes e você manda pôr na minha conta. Álvaro, mudando de assunto, nunca te passa pela cabeça viver normalmente?

— Se eu souber que é normalidade, sou capaz de aderir. Manda brasa.

— Álvaro, o nome deste carro é Alfa Romeu, ninguém se lembra do rio da Guarda e não se diz mais manda brasa. Estamos em 1978, e não em 1964.

— Perdão por ter nascido.

— É uma palmatória prévia pros clichês que você acumulou na ponta da língua. Você sabe o que é normalidade. E se vier de operário que acorda às quatro da matina chegando ao batente às oito, sem direito a normalidade, puxo esta merda a 150, abro a porta e entrego o compêndio marxista ao asfalto. Em caso de sobrevivência informo que, aqui, os outros carros “nos veem” logo e não perdoam, não é aquela roça de Moscou. Se não quiser responder, é um direito seu, falamos de outra coisa. Não aguento é a impostura. Concedo todos os direitos a meus amigos, menos o da impostura.

— Você levou algum choque sério, hoje?

— Psicanálise não é teu forte. Melhor continuar nas brincadeiras de Pavlov e nos sanatórios da KGB.

— Que qué isso, meu camaradinha? E Lacan? Althusser deu o nihil obstat a Lacan e, com isso, reabilitou Freud. Alguns companheiros menos informados…

— Hum, eu gostaria de ver alguém reabilitar esse stalinista de gabinete. Althusser. Bem, não quero papo intelectual. E é chapa, agora. Nessa batida, daqui a pouco você diz que fiquei biruta. Fiz uma pergunta simples.

— A maioria das pessoas do nosso tipo esquece esses sonhos na adolescência, se durarem tanto.

— Ah, enfim uma palavra sensata. Do nosso tipo, concordo, da nossa classe, não. Álvaro, todas as sociedades que saíram da idiotia rural funcionam o quanto nossa classe funciona. Certo, não é sensacional, as meninas não nos abrem a braguilha em êxtase ideológico. Falo de profissionais honestos. Prestam serviços indispensáveis, que damos de barato, até que você um dia desembarca em Burundi, onde não existem. Eles promovem eficiência, inovam e eliminam o atraso em nome e prática da racionalização humanitária. Se o povo é o sal da terra, esses profissionais garantem o tempero que torna a vida palatável. Não me refiro a tecnocratas, que são ideológicos cuja ideologia é fingir-se de não-ideológicos, garantindo o privilégio e injustiça. Álvaro, o médico que me curou a tuberculose era, politicamente, o meu oposto. Me cobrou apenas uma consulta, de várias. Trabalhava de graça no Serviço Nacional de Tuberculose, ensinando a colegas incompetentes a dosagem correta das drogas “maravilha” que contiveram a doença. Quis biografá-lo jornalisticamente. Pediu, pelo amor de Deus, que não. A imprensa politizaria o SNI, manjou, Álvaro? Direita e Esquerda disputariam os nacos de glória do que fazia em silêncio, destruiriam o bem público em politicagem…

— Pera aí, meu camarada… digo chapa, deixa eu me situar. Isso é James Burnham da Revolução dos Gerentes, Galbraith num intervalo de esqui em Gstaad ou Solzhenitsyn de 1914?

— Não, Álvaro, sou eu, sem pretensão de originalidade. Eu chegando aos 50 anos e cansado da impostura suprema dos intelectuais de esquerda, de que a maioria das pessoas é capaz de pensar como nós, o que não é o elogio do intelectual, fique bem claro, é uma definição operacional. Intelectuais analisam a

experiência e extraem modelos-sínteses. Os outros, meu velho, apenas reagem pessoalmente à experiência, e, hoje, em terror e confusão. Terror e confusão que transcendem classes. Vivemos sob um monstrengo tecnológico e cultural que fragmenta e embola a realidade. É totalitarismo, não importa o sistema vigente. Propaganda de consumo capitalista, ou de subserviência ao Estado. Perdemos o senso de identidade. As massas se "seguram" em esportes, "tropicalismo", cultos, Exu e o cacete. A classe dirigente se messaliniza…

— Bem, fui ameaçado que tu não querias papo intelectual, senão me jogarias fora do JK, perdão, do Alfa Romeu, a 150 a hora…

— Boa, considero-me gozado. Minha proposta inicial parece a você o auge da caretice pequeno-burguesa, hem, meu tropeiro gaúcho? Se voltaste ao "tu" é porque estás puto dentro da roupa. Cuidar da nossa vida e, já que não somos burros e insensíveis, civilizar as feras, na medida de nossas possibilidades individuais, como meu médico, abrindo brechas ao populacho preso no circo tecnocrático. Não, preferimos encher a cabeça de ingênuos vaidosos e generosos com ideias acima da compreensão deles. Nós levamos os meninos ao terrorismo…

— Na parte que me toca, Hugo, no cu, tá? Vocês trotskistas…

— Pode baixar o sinal de tráfego, seu guarda. É, os trotskistas pregavam a revolução permanente. Não veio, ou não veio de acordo com o manual. Talvez nunca venha. E sei muito bem que nem os teus mentores, ou nenhum esquerdista responsável "incitaram" ninguém ao terrorismo. Mas pregamos todos fajutice pior: uma revolução nacional. A garotada acreditou em nós. Éramos tão "científicos". Revolução nacional, Álvaro? Existe nação? Está tudo multinacionalizado sob polos imperiais; o monstrengo de comunicações que nos roubou a identidade é o atestado cultural disso. Comunistas e trotskistas sabiam, sem se telefonarem, que depois do arreglo Kruschev-Kennedy em Cuba, 1962, a URSS, o polo imperial da esquerda, não se meteria mais no quintal dos EUA na América Latina. !Ò pobre Allende tentou do jeito dele, voto e educação, quebrar a banca… estava nas cartas o fim do moço. Cantei a bola na posse… Avisamos ao jardim da infância? Digo, em

1962? Em 1973, havia a desculpa maravilhosa da censura. Não, em 1964, os milicos nos calaram e nos fecharam as vias populistas de acesso ao poder, à porta dos fundos do poder, detalhe que delicadamente omitimos do currículo infantil, para não achincalhá-lo. Os meninos converteram a “lógica” do nosso raciocínio em prática. Imaginaram que bois, se lhes dessem o exemplo, se converteriam em touros, nossos bois, Álvaro, que mal se aguentam em pé, de subnutrição. Acabaram todos no matadouro, pastores e rebanho. E somos coartífices dessa carnificina…

— Você morreu um pouco, bastante, com o Hesse, não foi? Não se ofenda.

— Duvido que você tenha a capacidade de me ofender.

— Puta que o pariu. Devia ser assim que o Trotsky falava no Comitê Central, rapaz, e só Lênin tinha confiança suficiente em si próprio para aturar sem vontade de estrangulá-lo.

— Você subiu muito na vida.

— Não, eu não sou um Lênin , mas te quero bem, tu sabes, e não nasci ontem. Acho que entre ti e o Hesse havia uma relação homossexual, calma, não me manda essa mão de açougueiro em cima, homossexual platônica, nada de cheiro de corpo, mau hálito, ou a humilhação da vaselina. Nele, enfim, encontraste uma alma irmã, o que não é mole, com a tua empáfia. E o falecido, então, nem se fala. Dois moços de berço, profundamente religiosos, que transferiram a vocação messiânica ao marxismo. Depois, ele reverteu às origens de classe e traiu. Até aí, tudo bem. A traição reabasteceu teu radicalismo, feito amante corneado que sai comendo todo mundo pra provar que não é brocha. O Hesse morto, reverteste ao subjetivismo de menino de coro, que descobre chocado que não aterrissou em cegonha, que nasceu em meio a fezes e urina de papai e mamãe, que rolaram do pedestal pilhados em pecado tão imenso e imundo. Tá rindo de que, seu sacana? Eu disse alguma besteira?

— Álvaro, só em latim, quosque tandem abutere… não, desculpe; apenas, por favor, não se meta no que você desconhece. Preste bem atenção: em 1964, ensarilhei meu florete. Hesse continuou espadachim profissional. Sinto falta dele, mas, como disse o outro, é meramente pessoal. Não é político. Me recolhi à

minha insignificância de moto próprio. A bundinha aqui em cima ditou, sozinha. Reconheci meu caboclismo. Quero sombra e água fresca. Pertenço a uma faixa econômica alta, um acidente, um dia te conto. Agora, duro, sobrevivendo na base do papagaio de banqueiros amigos, já tinha batido mesa nesse eterno jogo de "burro" que é a política neste país. O dinheiro permite que me abstenha de enfiar as mãos na merda, claro. Enfiaria, com ou sem dinheiro, acredite, se achasse que merda gera outra coisa que não merda. Essa é a autobiografia do belo tipo faceiro que o Sr. tem a seu lado… é melhor mudar de assunto, Álvaro. Isso é conversa típica de intelectual brasileiro, cada um monologando alto e surdo.

— Tu queres soterrar a exaustão nervosa numa torre de marfim, o luxo do isolamento, do silêncio, amigos à la carte. É gostoso, imagino, me falta numerário, e concordo, és uma fossa mata-pau- lista, uma fortaleza de arame farpado, uma puta catedral, só que, no altar, se pensas que te autocelebras, estás mentindo para ti próprio. Essa é a tua impostura. O mistério continua o do pão e do vinho, e o padre não pode dispensar os ingredientes, o defroqué mantém todos os poderes, certo, batatolina? Tua mulherzinha normal te mataria de tédio, teus filhos te transformariam numa Medeia masculina, e, ah, a profissão útil, por que não medicina? Em três meses de prática num ambulatório gratuito no Caju, o Dr. Hugo Mann organizaria uma célula comunista, porque descobriria que 90% das doenças são produto da miséria ambiente e que esta é que precisa de cura radical. E teus pacientes te denunciariam à polícia, como subversivo, ha, ha. É, a exaustão nervosa é fogo na roupa. Partilho a tua sensação de impotência nesse estábulo em que os cavalos nos montam. Eu descarrego na cama. Faço sexo todo dia. Traço o que passar pela frente. É Marx, ou genitália. Se parar um dos dois, acabo.

— Álvaro, você insiste em se iludir sobre a natureza da tempestade que vem por aí. E vem. E é de merda. Os polos de imperialismo criaram no meio um abismo, em que habitam hordas primitivas, bestializadas pela fome, cuja única arma é parir novos miseráveis, animais. Os americanos sentiram as feras no Vietnã e se encolheram. A tua impostura e da esquerda é continuar fingindo que essa gente do Camboja, desculpe, Kampuchea, Zimbabwe, etc.

é marxista, ou, no mínimo, que significa uma força “objetivamente progressista”, se vai contra um dos imperialismos. É contra todo mundo, em primeiro lugar. O negrão que tentou matar Maria ontem se chamava Cabeça de Negro. É o homem do futuro, reproduzindo-se aos milhões. A mão de obra supérflua gerando mão de obra supérflua. Não representa nada, exceto a própria fúria, que justificada ou não, quando possuir bilhões de portadores, promoverá o fim da civilização que conhecemos e uma nova idade das trevas. É uma fúria cujo único precedente histórico é Ghengis Khan, que, ao menos, justiça seja feita, não mistificava ideologicamente. Essas hordas, se não “contidas” nuclearmente, farão de nós o que os bárbaros fizeram de Roma. Se aplicarem um critério de reciprocidade bíblica, o papel de francos, lombardos e visigodos terá de ser reescrito, reduzido ao nível de “guerra austro-prussiana”. Não pense que distinguirão entre exploradores ostensivos e marxistas privilegiados. A nós, se tanto, visando a edificar suas tropas sobre docilidade dos brancos, permitirão que carreguemos as liteiras dos Amins e Bocassas de “esquerda”, antes de nos caparem.

— Que história é essa de privilegiados, porra? Eu não vivo de renda e não trabalhei pros pasquins reacionários de Herr Hesse. Aguentei 13 anos de exílio, não fiquei bundeando nos bares de Ipanema. Sou gaúcho e vergonha na cara na minha terra vem com o leite materno.

— Você poderá gritar, na hora H, “mete, que é cu de gaúcho”. Não, você ficou bundeando na URSS, o país que assassinou mais comunistas que toda a reação, Hitler inclusive, enquanto os comunistas aqui, os não-célebres, foram imolados. Enquanto você na Crimeia sonhava em reverter à “princesinha do mar”, aquele teu discípulo bem-amado, Zezinho Colares, lembra, líder operário que se autoeducou, maravilha curativa prevista por Marx e Wells, teve o rabo serrado, fizeram-lhe um túnel do Pasmado no DOI-CODI, porque não tinha aonde correr.

Estupidez minha. Álvaro começa a chorar. Entendo de repente o significado exato de “discípulo bem-amado”. Eram inseparáveis. Álvaro o exibia como os playboys as boas do brejo.

— Eu sei, eu sei. Sou um canalha. Mandava metade do meu dinheiro em Moscou e toda minha aposentadoria aqui à mãe do

Zezinho. A cada remessa pior me sentia. Foi covardia, Hugo, covardia como nem tu no teu desdém imaginas. Fiz nas calças num IPM, em 1964. Veja só, naquele tempo nos tratavam tão respeitosamente. Estou confessando a primeira vez. O coronel me prometeu sigilo absoluto…

Todo mundo e seu pai, Esquerda e Direita, soube. Hesse disse: "O Álvaro finalmente encontrou sua verdadeira linguagem poética."

— ... um cara decente, o coronel. Os outros oficiais, mais jovens, rolavam de rir, apertavam o nariz, perguntaram se meu cocô era vermelho, se saía foice e martelo, até que o coronel deu um basta. Dois sargentos me levaram ao banheiro de oficiais, tentando me consolar daquela maneira marota brasileira, que é divertida, quando não é conosco. Falavam: "O Sr. tá ruim, hem, Doutor, não se avexe, Doutor, a gente também se aperta; em dia de parada o pessoal se enche de tranca cu, tudo bem, Doutor, se os cavalo têm direito por que o Sr. Doutor num pode se aliviar"? Eu suava frio, ouvindo as risadas dos oficiais na sala, e, na casinha, procurei uma, gilete pra cortar os pulsos. E não é que tinha, seu, dessas enferrujadas, que matam ou adiam um pouco, dando tétano? Cadê a coragem? Sou um pusilânime, um pulha, mereço que me escarrem de cima a baixo. O Zezinho, minha mãe, o Zezinho… lemos juntos A Ideologia Alemã, eu explicando frase a frase, entendia tudo e pedia mais, mais. Não mereço viver. Enlouqueceria numa cela, Hugo. Meus nervos não resistiriam. No IPM, um mero bate-papo, me degradei desse jeito, de pavor. Desci ao esgoto, virei a merda que escorria de mim. Entreguei todo o pessoal do ISEB, jurei que nunca fui membro do Partido, que estudava marxismo por pesquisa acadêmica, e disse, disse, Hugo, que até admirava a Revolução na luta contra os corruptos. É possível, tanta sordidez? Os oficiais continuaram às gargalhadas e aí o coronel aderiu ao desprezo, não os conteve… deixa eu saltar aqui, por favor…

— Sê besta, Álvaro, você não entregou ninguém. O ISEB era uma instituição pública e, em 1? de abril, eles apanharam todos os documentos e nomes, o meu inclusive, que só botei os pés lá uma vez e quase morri de tédio. E fez muito bem em negar que era do "clube". Não se facilita o trabalho da repressão. E apanhariam o Colares, você aqui ou na URSS, valente ou medroso. Porque levam

os Zezinhos a sério? As reivindicações dos Zezinhos são reais, e não as abstrações que parimos. Os Zezinhos morrem em qualquer regime, que sabemos nós do destino dos Zezinhos nos tempos “livres” do Juscelino e Jango, quando ficavam indóceis?

Álvaro passou ao soluço. A cena me incomoda. É esteticamente repulsiva, tanto que não me permite simpatizar nem a distância com o que seja honesto no sentimento do meu velho amigo. Há gente que se cobriria de ridículo crucificada.

— Álvaro, chega, tá? Olha, volta mesmo ao Brasil. Aqui a situação é sempre desesperada, mas nunca é séria. É o que dá morar tanto tempo num país de verdade, tipo URSS. Quer ir ao Joá, à floresta da Tijuca? Lá é fresco e não há gente, um paraíso ainda não invadido pelos empreiteiros.

— DEIXA EU SALTAR, POR FAVOR...

— Daqui a pouco você faz feito o Solzhenitsyn e os “velhos crentes” e bate a cabeça no chão do carro em penitência. Acorda, Álvaro, amanhã todos os torturadores estarão pregando a abertura, se elegerão a cargos públicos. A História aqui não se repete em farsa, porque é sempre uma farsa.

Álvaro está cuspindo e molhando todo o couro do meu carro. Baixo abruptamente a cortina e me arrependo imediatamente:

— OK, vou ao jantar, mas antes preciso de um banho e remover essa beca funerária.

— Não quero impor a ninguém o nojo da minha presença.

— Eu me reservo o direito de decidir quais as minhas companhias que são nojentas. Pense na noite de prazer à frente, pense na Renina e na Danila…

Álvaro se permite um sorriso entre lágrimas. É puro Rádio Nacional: — Denise e Renata…

— Perfeito. Denise e Renata, “legal”, “curti”, “tu é gente”. Vai ser um descanso depois desse nosso entrevero.

— Elas são moças finas e pra frente, Hugo, deixa de ser reacionário.

— OK, deixo. Combinado?

— Vamos a teu apartamento?

— Não, mais fácil ir a um hotel ali em frente. Carrego sempre um necessaire de cana, camisa, meias, cuecas, escova de dentes,

*etc.*Peguei uma incomunicável. Lavava camisa, meia e cueca toda noite e dormia nu. Nunca mais.

— Vais alugar um quarto de hotel só pra isso? A classe dirigente tá mesmo com tudo e tá prosa.

— Nossa classe, da qual você faz parte como entretenimento, renegado de gabinete. E não é quarto. É suíte. E não vou alugar. É cativa. Não custa nada a mim. É de uma empresa a que dou o nome como diretor. Serve de descarga de impostos, de garçonnière, etc., melhor do que fornecer capital de giro às multinacionais. Vocês, marxistas, nunca entenderam de dinheiro, a começar por Marx, que vivia cafetinizando Engels e pondo no prego o dote da mulher.

— Hugo… que tal… que tal a cana?

— Pra gente do nosso tipo, trivial e chata. Alguns insultos, nada que se compare ao que ouvíamos de velhotas udenistas pré-1964. Não valho, não valemos a diária de um torturador. Nos tornamos em pouco tempo o centro das atenções dos oficiais, que não têm o que fazer no quartel. Batem ponto no vácuo, o que é a História do Brasil, numa frase. Nos pedem conselhos sobre tudo. Você se daria bem. Adoram preleções. São infantis. Crianças perversas, mas teleguiadas por forças que nem sequer entendem. De identidade neste país a maioria das pessoas só pode declarar a carteira.

Pego a chave da portaria, e Álvaro me segue, vidrado no décor lustroso, *pompier*, do típico hotel de luxo da praça. Mal chegamos à suíte e um garçom nos alcança de uísque e acessórios, conferindo-nos doutorados. Dou-lhe 50 pratas. É minha única despesa pessoal da noite. Até a gorjeta do jantar entra no cartão de crédito da empresa, o que explico ao Álvaro, já ressarcido da irressarcível dor que foi o assassinato do Zezinho. Somos assim, não somos?

— Fantástico, o capitalismo é anárquico, mas não é caótico.

Bebemos um pouco, olhando o mar e as ilhas próximas. Hesse e eu discutimos uma vez se Deus era primitivo ou acadêmico. Álvaro acha que “isso”, a paisagem, “não conseguiram tirar de nós”.

Banhado e vestido na conta, fico sabendo que apanharemos Denise e Renata no Flamengo, e que Renata quase “fundiu” ao ser comunicada minha inclusão no “programa”, porque leitora assídua e saudosa. O faniquito dela não se compara ao que me assume, incipiente, pela aventura de guiar “além túnel”, terreno que

desconheço, exceto de vista e de passagem. Moito. Sei que é perigoso sentir. Duas vezes, hoje, vis-à-vis o Cruz e o Álvaro, “dei vaza”. Prefiro a comédia Maria & Cabeça de Negro & Agamenon, que não me toca. É, o inferno são os outros, boas cercas fazem bons vizinhos. Se me solto… agora, no carro, estou em quarta, mental, porque é difícil até meter uma terceira nesse tráfego. Confirmo a Álvaro a “veracidade” da história de Maria. Maria detesta Álvaro. Maneco, misteriosamente, não. Álvaro gosta de Maria e detesta Maneco.

Álvaro irá à *open* e já voltou ao natural.

— O negócio é politizarmos os Cabeças de Negro deste mundo, que desperdiçam energias revolucionárias em voluntarismo pequeno-burguês.

Levo sustos absurdos de que ônibus na contramão venham em cima de mim, não tenho golpe de vista, penso que cara enfiar para as moças, e, indagação constante, a origem do rancor homicida que reprimo quando me exalto, trocando-o pelo sarcasmo que fere o Cruz ou o Álvaro, sem que imaginem do que escaparam, muito, muito pior. De que não escapo. Vejo humilhações e horrores dentro de mim que descubro, espantado, ao acordar da alucinação, ninguém percebeu ou partilhou. Embarco nisso nos momentos de abertura emocional, raríssimos e ferreamente indesejados. Considero minha vida ativa encerrada. Aspiro ao oblívio em conforto, ao primeiro círculo do inferno, à irresponsabilidade voulu e inviolável.

V

Elas capricharam e se arrumaram, um *pour le mérite* que ninguém pode dar de barato nesses dias de desleixo fedebundo petulante, em que a maioria das jovens sugere uma caricatura de bicha do cais do porto. Observo Renata e Denise, fora do carro, e mesmo na iluminação pré-Edison da cidade, é possível deduzir que não cheiram mal e os modos sugerem condições de intercâmbio civilizado. Álvaro despeja beijos, afagos, cuspe, grunhidos de satisfação, repetindo ritualmente o “tudo bem”. Renata me declara “muito prazer”, Denise idem, levo 10 segundos de reentrada na biosfera e saco um “como vai”. Recuso a ideia cafajeste de Álvaro de pôr as mulheres atrás, “maior conforto”, sento Renata a meu lado, arranco e forço uma carranca Patton C. Scott. O Alfa rugindo que nem o gaúcho do versinho, para nada.

Renata tem um sorriso lua minguante. Até as orelhas. Já me habituei. Mas me lembro do tempo que as moças de família riam a meia-boca, e Morineau, a quem devo a imagem, me contou que no Conservatoire as meninas das províncias levavam e aceitavam controle, se é que pretendiam aparecer na Comédie. Sou um velho. Garoto, não se dizia chato em casa de família, não que faltasse chato, a começar pelo meu pai, full fathom five thy father lies, o pobre diabo. Cuidado, divago. As pessoas gostam de falar de si próprias. Pergunto depressa o que Renata estuda na USP, me desviando discretamente de um Corcel buzinante, pilotado por cangaceira da contracultura, que deixa claro na passagem acreditar que meu membro não é capaz sequer de uma meia bomba e que minha mãe ganhava a vida vendendo o corpo. Renata jorra, discretamente, é, é possível, sim, e foi educada. Aquele mínimo de pintura deu mão de obra, diferente do estilo Mara Rúbia da Nova

Classe ascendente, ou da negação das feministas, que ignoram obedecer à Bíblia, que chama de puta mulher pintada. As roupas não são furrecas, e a combinação simples, preto quase transparente sobre pele branquíssima quase transparente, funciona, como certos clichês usados no contexto certo. Renata não domina o corpo todo, há mínimos arranques e desequilíbrios na postura, que traem o fanho na orquestração. Eu gostaria de ouvir a voz de Denise, mas Álvaro ainda não largou o gatilho, numa barragem das "últimas" e "futuras". A voz de Renata é mezzo, flui sem paralelepípedos pseudoeruditos, ou "legaldegênioumespanto". Ela tem corpo, quer dizer, seios, bunda, cadeiras, etc., precisamente delineados, sem a proposta de pandeiros e atabaques, não os achatou ou manipula, parecendo aceitá-los com naturalidade. O rosto não vi bem porque não ouso tirar o olho da frente, temendo algum vietcong motorizado. Notei uma testa alta e olhos bastante separados um do outro. Denise "curtiu" qualquer troço atrás, uma espoleta que irrompeu, enquanto Álvaro recarregava as baterias.

— Quero me especializar em endocrinologia nos Estados Unidos e acho que vou conseguir, fiz um estágio em Barretos, o instituto de quimioterapia lá é joia, uma experiência 100 por cento. Não tratam bem estudante e mulher então, mas isso a gente espera…

Denise descreve a Álvaro o último confronto da estudantada e soldadesca em São Paulo, silenciando meu amigo, ansioso por qualquer indício de inquietação das massas. Renata ri alto, não demais.

— Havia mais polícia que povo, juro, Álvaro, e tão encouraçada que a gente ria, um show de science-fiction do Fantástico.

Denise acha que a única figura legal no país é D. Paulo Evaristo Arns. Álvaro fala da necessidade de manter uma frente legal de luta, sem as conotações na moda da palavra; "que o próprio Lênin, nas discussões sobre se os bolcheviques deveriam aderir à DUMA..."

— Aquele cara do Conde de Monte Cristo, Alvarozinho? Ele quis entrar pro Partido?

— A DUMA era uma pseudoassembleia que o tzar concedeu, como nosso congresso, meu benzinho… Hugo, foi naquela época

que o Lunacharsky enlouqueceu…

Digo a Renata que se precisar dos meus préstimos no Departamento de Estado, visto, etc., tenho amigos em Washington que me quebram galhos, inclusive ajudando a arranjar bolsas.

Silêncio na viatura.

Álvaro é o primeiro a estourá-lo.

— Aproveita, minha nega, o Hugo, o nosso Hugo, é um cidadão do mundo, ha, ha, ha.

Sinto o bafo de hostilidade de Denise no cangote. Começo a me divertir.

— Não, obrigada, acho que a Fundação Ford resolve. Eles foram gentis, e preto no branco. E o problema não é bem esse. Meu pai paga com prazer só pra eu sair daqui uns anos. O duro é conseguir o hospital certo e fazer residência. Meu sonho é o Sloan-Kettering de Nova York. É o melhor. O consulado me dá visto. Me dá até preferência, me disse um primeiro-secretário, uma gracinha, a cara do Nick Noite, Nisoca.

Álvaro se sacode compulsivo, metendo a cabeça entre mim e Renata.

— É a nova tática do imperialismo, Hugo. Você sabe que recebi propostas para palestras na Columbia e State College de Nova York, mas, nesse ponto, sou tão irredutível quanto o Florestam Não me passo a ilustrar essa canalha liberal, que fez a Doutrina Truman, que é a origem do golpe de 1964. Dão preferência a Renata, ha, nessa mistificação nova de direitos humanos. Isso é porque ela pegou capuz, nudez, pau de arara, e o resto do repertório da OBAN. O Departamento de Estado tenta dissociar-se dos pupilos aqui da repressão, na onda de Jesus Cristo Redentor do tal de Carter, e agora quer comprar — no bom sentido da palavra, Renata, não pense em absoluto…

Dou uma esguelhada nela. Não vejo a criatura nos autos da fé do nosso brioso exército, cujos exorcismos são predominantemente sexuais. A cuspideira de Álvaro não lhe moveu um músculo. Nenhum comentário, nem me encara. Jogo o jogo.

— Por que montam um instituto de quimioterapia em Barretos, que, desculpe, sei vagamente onde fica, e não há no Rio e São Paulo? Temos apenas dois picaretas, um em cada cidade, que

cobram as calças do paciente, vendem remédios no dólar de câmbio negro, remédios que não existem nas farmácias. Um velho amigo meu teve a morte apressada precisamente assim. Se operou no Memorial, no Sloan-Kettering, tentei mantê-lo lá, conheço gente do hospital, mas família, *etc.* obrigaram que ele voltasse para cá. Nunca soube desse instituto. Os picaretas extraíram-lhe uma nota, torturaram e mataram. Medicina legal clandestina, essa é realmente nova.

Álvaro não desiste:

— Deve ser algum golpe da indústria farmacêutica norte-americana para superfaturar pesquisa no estrangeiro. Você sabe, as multinacionais deduzem o custo das pesquisas no imposto de renda nos Esteites, apesar de venderem os produtos pesquisados também lá, e nos cobram o preço integral da pesquisa aqui, o que torna os remédios no Rio mais caros que em Nova York.

— Álvaro, na Vieira Souto pensei em te comprar uma maçã. Não vendem. Em Botafogo talvez tenha fruteiro aberto a essa hora. Na minha infância havia.

Renata ri, me olha. Denise quer saber se fui "muito amigo" do Paulo Hesse. Não decidiu se me chama de senhor ou você. Fica aquele buraco prenominal nas frases. Preciso pintar os cabelos e pedir uma recauchutagem ao Ivo viu a uva. Minha bunda tem um bocado de carne sobrando, inútil.

— Éramos íntimos.

— Pois é, o Alvarozinho me disse, não leva a mal, mas uns caras legais quando eu estava no primeiro ano da faculdade dançaram por causa dele e até hoje os velhos dos caras não descobriram nem a poeira dos caras.

— Denise, um momento. O Hesse entregou os companheiros?

— Alvarozinho, benzinho, sei lá, pô. Os caras iam justiçar o Hesse que ia a um sarro na Federação das Indústrias. ALGUÉM ENTREGOU. A OBAN recolheu todo mundo em casa, e aqui foi encerrada nossa reportagem. Eu era estagiária no Estadão, queria ver o que é jornalismo. Vi. Nem a prisão saiu nos jornais.

Renata me encara, com uma concentração de bacteriologista em face de uma nova espécie. Duvido que eu transmita qualquer sinal genético, me alivio, isto sim, à presença do meu garagista na

calçada do prédio, de mãos no bolso e assobiando; estacionará o carro, que largo no meio da rua. Me tenta de novo a ideia de deixá-los jantar sozinhos. E se eu pretextasse uma enxaqueca? A vida no Século XIX, nos romances, era bem mais fácil. Espero que Maria já tenha devorado o Pedrinho e esteja jiboiando chez elle.

— Você conhece mesmo gente do Sloan-Kettering?

— Médicos brasileiros que fizeram residência e alguns americanos. Me operei lá. Um tumor benigno. Os médicos devem ser bons. Encontraram um troço benigno no meu organismo.

— Denise, vamos por partes. Se entendi direito o que você disse, os companheiros iam liquidar o Hesse. A repressão descobriu e assassinou os companheiros. É terrível, claro, mas não vejo em que o Hesse possa ser responsabilizado, exceto filosoficamente, porque era promotor do sistema, parte da engrenagem. Você dispõe de provas do envolvimento dele? Mexericos, ou pior, confissões, são um princípio medieval de jurisprudência, que recuso in limine. E com todo o devido respeito pelos companheiros tombados, sou e sempre fui contra o terrorismo. Não é arma eficaz, a menos que braço auxiliar numa guerra civil. O Vietcong é um bom exemplo. Plekhanov, na polêmica em que arrasou os social-revolucionários…

— Ah, Alvarozinho, tu é Partidão. O teu negócio é pro ano 3000. Me interessa a opinião do Hugo Mann. A Natinha diz que ele tem sempre uma opinião sobre tudo.

— Acho perfeitamente coerente que a esquerda brasileira quisesse assassinar o Hesse.

— Ah, tu é gente. Tá ouvindo, Alvarozinho?

— Grato pelo “tu” e ainda mais grato pela presteza do garagista, abandono o carro a três metros da calçada, o garagista dominando-o fácil e maciamente. Não o invejo. Admiro. E a familiaridade nem sempre gera o desprezo. Às vezes, é muito confortável.

Sento as visitas na sala de visita e vou a meu quarto, entre restos da preleção de Álvaro, exata e tediosa, sobre minha modesta pinacoteca, da qual um Blake suado na Sotheby é o único item valioso. Minha empregada distribui drinques e canapês, estes, Maria me contou, compra assessorada por Zelina, sem que as duas me digam nada.

A colcha está impecavelmente esticada na minha cama, uma flor vermelha no travesseiro sobre um bilhete. Maria escreveu “thanks for the memory” e sublinhou “and the lack of it”, amanhã open às 9, chegue na hora para conversarmos antes da horda”. Quero ficar ali de cuecas, sob uma luz de prancheta, lendo thriller idiota, longe do assanhamento em graus variáveis, anexo, mas acredito em pagar dívidas, sou um marciano neste país, Álvaro é que se impôs a mim na praia, logo, logo, logo nada, eu o humilhei e me sinto devedor.

Ponho baixinho uma fita dos Grateful Dead e volto. Os foras de Denise não desencorajaram Álvaro. Recebe patadas com a serenidade de um cão, e não larga o osso. Denise deverá terminar a _noite como se costuma terminar a noite neste reduto da cidade. Não duvido que Álvaro lhe escreva as teses de sociologia; ele sabe tudo o que já saiu em livro; escreverá ininteligivelmente, claro, o que dará orgasmos aos contorcionistas verbais da academia, garantindo diploma à moça. Educação superior moderna é isso. Álvaro bebe um uísque refresco, 1 dedo de álcool e 4/5 de água, infelizmente não estoco cerveja, presumo que Denise esteja de vodca, e Renata um líquido que não identifico. Me sirvo generosamente de bourbon. “Dissolvendo” a pílula.

O telefone toca, não aqui, não há, mas ouço. A empregada entra de bilhete na mão: “D. Sílvia Maria És.” “Um minuto só”, e sigo a arauta, mentalmente confinando a pobre mãe nortista do Cruz num conventilho, porque não é possível a coincidência, uma mulher que não sintoniza comigo, que não vejo há dois anos, me telefonar “assim”, depois daquela conversa no almoço.

— Hugo? Sílvia Maria. Como vai? Você abandonou a família inteira? Falei com Maria Tereza há... ontem à noite, ela me disse que não te vê faz um tempão. Vocês eram tão amigos, não? Saíam quase toda noite juntos… bem, nós não esquecemos você. O CHICO perguntou num, numa carta, parece que o coitadinho assinou todos os jornais e revistas do Brasil, está muito bem casado, naturalmente, mas acha a nobreza francesa uma palavra que não consta do meu vocabulário, e a mulher dele, uma gracinha, você esteve no casamento, não? Geneviève, minha cunhada, é como eu, como nós, não gosta de praia, o pobrezinho não consegue

nem pretexto turístico para uma visita demorada, enfronhado no export-import, vive me convidando… ficou amicíssimo do Delfim e do Guerreiro, também quem não gosta de meu irmãozinho, ou você me considera muito parcial? Os meninos estão ótimos, o Paulinho, com 14 anos, é o retrato do Paulo… você não vai rir de mim? Jura? Meus sogros me visitam toda semana. São simpáticos… quando a gente os conhece melhor… não falam muito. Adoram os netos. Viviam às turras, o Paulo me disse, ora, não preciso contar a quem foi o amigo de infância dele, agora, não sei, tenho a impressão que as vicissitudes aproximaram os velhos… o engraçado é que olhando o Paulinho e o avô, não vá rir de mim, hem? Me lembro não só do Paulo, me lembro de você também, não vá rir de mim, hem? Deve ser a solidez, aquela certeza teutônica, não? Ou é bobagem? Maria Tereza me anima a mudar, diz que a casa é grande demais, eu sozinha e as crianças.U me pergunto… detesto apartamento. Nasci nesta casa e quando for a hora de prestar contas a Deus, quero sair deste mundo seguindo os passos de meus pais, na casa que é o centro da nossa vida, da nossa família. A Maria Amélia melhorou tanto, Hugo, pena que não possa receber visitas, fora da família, o Dr. Kinsolving pediu um tempinho mais. Os amigos dela não eram todos cavalheiros. Nunca esqueci a gentileza do Victor, levando-a em casa, na… noite no Mario, nós todos juntos, Paulo, você, Victor, Jack, Maria Tereza, eu… depois o Paulo, o Victor, o Jack… tinham tanto a dar… Me consolo que não fomos os únicos a perdê-los de maneira tão trágica. O Brasil inteiro perdeu… ouvi seu nome, hoje duas vezes, muito bem recomendado, e me deu vontade de saber notícias. O Dr. Cruz me disse que vocês almoçaram juntos na cidade e agradeço suas palavras generosas a meu respeito. Ando meio sem apetite… não é nada demais… liguei à Maria me solidarizando. Paulo e eu jantamos na casa deles, Maria e Maneco, umas três vezes. Nessas horas é minha opinião que as famílias precisam se unir contra a violência e depravação que andam soltas neste país. Meu pai me dizia que nos tempos antigos o Rio tinha sido uma das cidades mais agradáveis de se viver. Pensei que fosse saudosismo, até que vi na televisão um filme bobo de Ingrid Bergman e Cary Grant, em que o fundo é o Rio. Tão ridículo, Hugo, eles se encontravam em segredo na Cinelândia. Lá vou eu de novo,

ensinando o Padre Nosso ao vigário, o Paulo me contou que nenhum crítico de cinema chegava a seus pés. Hugo, o que me espantou no filme são as cenas de fundo, superpostas, o trânsito, a tranquilidade na praia de Botafogo. Parecia outro planeta. E minha mãe lembrava o tempo em que as senhoras tomavam chá no Copacabana Palace, imagine só, e a classe média passeava as crianças no Lido, no Lido, Hugo, e tomava chá e refrescos naquele inferninho da esquina, OK, se chama, não é? É possível? Hoje é um paraíso de delinquentes. O CHICO não encontra o seu nome nos jornais e perguntou a razão. Expliquei, você é um businessman respeitável e não se passa mais a bobagem. O CHICO é um amor. Vai receber a Maria Amélia o tempo que ela quiser… ele amadureceu, Hugo, é um homem feito. Nunca duvidei… pena que meu pai não esteja aqui e não veja a transformação, implicava tanto… meu pai encontrou um filho adotivo no Paulo… ai… falo pelos cotovelos, Hugo, desculpe, eu… às vezes me entusiasmo de ir a Paris, a Lourdes, não adianta, continuo a mãe da eterna vigilância e viajar em companhia de crianças… Maria, Maria me convidou a uma reunião selecionada, amanhã à noite. É uma tentação, porque não saio quase… você não vai rir de mim? Palavra? É que eu ficaria sem graça chegando sozinha. É um preconceito da era da minha avó, bobagem, Maria Tereza não cansa de repetir e ri de mim, a danadinha…

— Sílvia Maria, se você aceitar, eu, vamos juntos.

— Não, Hugo, muito obrigada. Não quero incomodar você. Nem pense nisso. Não imagine que minha intenção…

— Não imagino nada e nem pense nisso você. É um prazer. E, na minha nova respeitabilidade, tenho carro com chofer. Diga a hora e estaremos aí, e quando quiser ir embora também.

— Eu vou atrapalhar sua vida, Hugo.

— Em absoluto. É dessas reuniões de enfrentar todo mundo de uma vez só. Metade da gente convidada você conhece, a outra metade não precisa conhecer.

— Maria me disse que você foi perfeito tratando com essa gente baixa, polícia e imprensa. O que não me surpreende. O Paulo sempre disse “o Hugo é o único que não me traiu. O Hugo preferiria trair a si próprio que a um amigo”.

(O filho da puta me gozava pela frente e pelas costas, o que não soa bem.) — 8,30 é uma boa hora?

Me livro assim do tête-à-tête com a nossa Jocasta, trago chaperone.

— Não, acho que não. Olha, você mora no apartamento em frente, não é? Eu vou aí às 8,30, tomamos um drinque, fraquinho o meu, hem, você me mostra sua casa, que Maria Tereza me disse é uma graça, matamos as saudades e entramos juntos. Assim a gente tem a liberdade de ficar ou sair quando quiser, sem prender o outro. Combinado?

— Se você prefere, perfeito. Repito que não é problema a outra forma, eu te apanhar no Cosme Velho. Te espero às 8,30. Se preferir que eu vá aí, telefone.

— Ótimo, merci e bye.

— Bye.

Minha mão está suada ao telefone. Xingo o Cruz, Sílvia Maria e ainda mais minha covardia em não devolver a ela os foras que me dava quando supunha ridiculamente que eu, que não sou de nada, influenciaria o Hesse de volta ao comunismo, de que ele nunca saiu (não descobri a patente dele na KGB, major, antes de viver em Washington). E que tal confrontar Sílvia Maria com a verdade? A ideia me dá prazer pornográfico. É irrealizável, como quase toda pornografia. O mesmo resíduo “humanista” que fez notar na voz dela o desespero de uma solidão de que nem sequer tem consciência me inibiria. E se não inibisse, Sílvia Maria não aceitaria a verdade, me achando louco ou difamador.

— Aquele livro ali, me disseram, prova que o Fanon era agente da CIA. Presta?

Essa pivete, Renata, entrou no meu estúdio, não sei há quanto tempo, me encarando. Por que não me deixam em paz, Cacilda?

— Livro que fala mal dos outros tem sempre algum mérito. Que que há? Falta alguma coisa? Álvaro e Denise te enxotaram?

— Desculpe estar invadindo seus domínios. É que teu ap é muito bonito, mas estranhei a falta de livros na sala. Aqui é que você se fecha dos outros?

— Há mais dois quartos que são pretextos para estantes. É só você dobrar as duas primeiras portas à esquerda, naquele corredor.

Bon voyage. Estimo que se divirta bastante.

— Estou vendo um papel na máquina de escrever. Você escreve ali?

— Raramente. Cada vez menos.

— Por que, posso saber?

— Quem não escreve por dinheiro é estúpido. Escrever neste país não dá o suficiente para pagar o uísque do Álvaro, que ele afogou nessa repulsiva Lindoia. Uísque se bebe com água, ou puro. Fiquei menos estúpido, na velhice. Na tua idade, escrever era um desafio. Na minha, como diz o poeta, quando aprendemos a usar as palavras notamos que não nos servem mais.

— É bonito isso. Quem é o poeta?

— Eu escrevia tentando responder perguntas. Respostas levam a novas perguntas. Os matemáticos sempre souberam que esse processo não tem fim. Fui péssimo aluno de matemática, mas aprendi, afinal. Gertrude Stein acertou em cheio pra Alice B. Tochus, “ao pé do leito derradeiro”: “Qual é a pergunta”?

— Não é Toklas o nome da mulher?

— Que mulher?

— Perdi alguma, acho que várias piadas nesse papo, mas não faz mal. Eu sou uma das tuas macacas de auditório. Você não sente falta do aplauso, da lisonja, do puxa-saquismo?

— Claro. Elogio nunca é demais. Talvez seja o cantárides inesgotável. Mas estou velho e brocha demais pra me segurar em afrodisíacos.

— Quando nos conhecermos melhor, você me explica o que é cantárides. Essa… senhora… que estava abrindo a alma ao telefone não deve ter sido informada da tua brochura. Você cedeu com muita classe, não sei o que, parecendo que fazia um favor. Você deve tirar as calcinhas das moças dando a impressão que foi forçado a isso, contra a vontade.

— Pensei que teu negócio era endocrinologia, e não psicanálise.

— Gosto de conhecer as pessoas com quem sento à mesa para comer. Sou italiana, lembre-se. A refeição é um ritual na nossa raça, que não se pratica entre desconhecidos.

— Pois é, mas somos “desconhecidos” e esta conversa está íntima demais para quem foi apresentado há uma hora. E esse teu olhar de bacteriologista em cima de mim pode te infeccionar. Não estamos num laboratório e o micróbio aqui é infeccioso.

— Você fala como escreve.

— Supimpa, legal. Não sei se babo de prazer ou te dou umas palmadas. Onde estão o Álvaro e a Denise?

— Onde estavam. O Álvaro cantando Denise, dialeticamente. Denise não presta a menor atenção e, se prestasse, não entendia. A propósito, esse teu jeito grosseiro não me magoa. Sou veterana… “humilhada e ofendida”. Denise, não. Fomos meninas de colégio de freiras, rodadíssimas em feminilidade vulnerável e sensível, que nos garantiriam príncipes encantados, a quem nos submeteríamos, esposas e mães devotadas dos filhos da “feliz união”, conformadas e contentes no nosso lugar. No DOI me reeducaram diferente… cinco anos atrás, eu choraria a teu primeiro sarcasmo. Hoje, é refresco depois da pimenta que aguentei. Mas a Denise nunca experimentou nada, exceto conversa fiada. E é virgem. Juro. Devo se roer de ansiedade pela nossa ausência, como você com a minha presença. Só que te encho, e ela se assusta. Seja bonzinho, vá. Tenho certeza que te transborda nos levar a lugares que teus amigos frequentam, que atrapalhamos o clima, incomodamos a patota. Agora, se você pode carregar o Álvaro uma noite inteira porque sente pena dele, dê também uma colher de chá à Denise. Ela é tão frágil e insegura, tadinha. Comigo, não. Ninguém me fere mais.

—- Sabe de um troço, minha nega? Acabei de falar com uma chamada grande dama da “nossa melhor sociedade” e agora ouvi uma estudante de medicina politizada. Ela é mais humilde. O negócio é você tirar as calcinhas, ou rezar três Ave Marias de contrição.

— Quer que eu tire?

Renata levantou a saia à altura do estômago, exibindo pernas de uma brancura transparente, mas lisas e sólidas, de quem fez esporte na conta, sem os calombos das que exageraram, ou os azuis e roxos que maculam compleições raras. Os pentelhos estão nítidos sob a calcinha see-through.

— Você não imagina a curiosidade que sinto por gente da tua geração e experiência, depois na minha cana. Não os papagaios, tipo Álvaro, mas os capazes, como vossa senhoria, de um solo. Não é curiosidade física; o físico, francamente, é flácido, gasto; é fome de informações, de esclarecimento, de partilhar a memória de uma coisa que não conheci. Nossos companheiros terminaram no matadouro, se encolheram, ou estão no estrangeiro, e lá fora repetem as bravatas, não aprenderam nada, ou se desbundaram em fumo, essas fugas. Cansei. E os meninos "normais", os bonitos inclusive, e tive casos com uns que eram uns espantos, são tão bobos, fora da cama. Meu último namorado ia de futebol, o São Paulo, a automóvel, Fórmula-1. Nossas famílias pertencem à pré-história. Meu pai é um doce de coco, mas toda noite lê a página editorial do Estadão e se prostra diante de tanta sabedoria. Nós desprezamos a geração de vocês, as matracas da desconversa, da conciliação. Tua geração é mesmo uma merda. Entregou tudo aos gorilas e fica se lamentando que macaqueiem a vida do povo. Vocês ganharam acesso e seguraram as chaves da casa um tempo. Aí foram despejados sem dar um pio, e agora imploram um lugar de volta, nem que no quintal. E como ficaram liberais de repente, "cruzes!!!" Anistia, eleições diretas, liberdade de expressão, direitos humanos, eu, hem? Isso é conversa de revolucionário ou suplicante? Q-U-E M-E-D-OOO. Não é "humilde" da minha parte chamar os bois pelo nome, né? Calma, majestade. Admito que você sabe o que não sei. Talvez não valha a pena saber, provavelmente não vale. O problema é que o resto é tão chato que me disponho a me matricular, se me deixarem. As meninas do meu tempo, companheiras, viram lésbicas, feministas, putinhas, se cricrizam, ou fumam, cheiram, só criancices. Não a Natinha aqui. Neca de estupor ou fogaréu de artifício. É um limbo. Fiquei grandinha demais pra limbo. Fui batizada em fogo de verdade.

— No meu tempo de garoto, as mães chamavam de exibidas as meninas que mostravam as calcinhas.

¦'A- — Ainda chamam. Alguma objeção? Se posso tirar alguma coisa útil de você, por que não? Me usaram e abusaram sexualmente no DOI, fizeram até uma "missa negra" no meu corpo no Morumbi, plateia da "nossa melhor sociedade", plateia

participante; me raparam o coco, apanhei de chicote, me penduraram no pau de arara, me urinaram e… número 2 em cima, me deram choque elétrico em todos os “orifícios”, você conhece o repertório deles, né? Aprendi tudo que um homem é capaz contra uma mulher, menos me matarem, mas também nesse caso eu não aproveitaria a lição de moral e cívica, né? Se usar meu corpo voluntariamente, que é uma beleza, não é autoelogio, repito o pessoal do DOI, não há melhor júri de concurso de “miss” no Brasil, provou um exército de candidatas, isso é desfrute, como diz minha santa mãe? E não era esse o esquema “civilizado” desse nosso jantar? Você e o Álvaro não me iam dividir e a Denise, depois de nos cevarem?

— Senta aí, baixa a cortina e me corta dessa divisão de espólios. Já que estamos abrindo o jogo, ou… pondo as cartas na mesa, a verdade é que eu preferiria ficar em casa sozinho, financiando o jantar de vocês. O dinheiro do Álvaro dá para um snack de botequim, e olhe lá. Entrei no “programa” porque engrossei com ele, o que me faz mal. Não sei consolar ninguém. Abro a carteira. Que negócio horrível é esse que você enfiou no copo?

— Vermouth Cassis. Não sabia que Denise e eu estávamos entregues à caridade pública. Não se abale dos seus confortos. Tenho dinheiro e pago o jantar. Tchau.

— Bobagem. É isso que se bebe em São Paulo? Risca esse olhar altivo de mulher ofendida. Não há nada mais ridículo do que olhar altivo de mulher ofendida. As bichas fazem isso melhor que vocês, com muito mais humor. O prazer e a festa são meus, OK? Toma um uísque.

— Não bebo, essa é a fuga dos coroas da tua geração. Agora, a gente tem sempre de segurar um copo hoje em dia, né? Meu pai me deu uma viagem à Europa preu me recuperar do “trauma”, de que ele, tadinho do carcamano, não conhece a liça metade. Mulher é um sexo ridículo, majestade, todas nós sabemos disso, mesmo as que negam e resistem; eu, entre elas, quis provar que sou capaz de competir com qualquer homem, em qualquer coisa. E sou. Te quebro em dois, agora, se quiser, bato em você e no Álvaro juntos, no caratê e… e vou ser a melhor endocrinologista do Brasil.

— Você gostou da Europa?

— Amei, depois da “preliminar”. Antes de Paris, que é a glória, pintei na Suíça, num sanatório, insistência do papai. Um moço jungiano tentou me integrar no senso oceânico da existência. Em duas semanas, eu dormia firme no sofá dele e aprendi esqui, legalérrimo, sem coragem de perguntar ao psiquiatra se ele manteria o senso oceânico levando uma tocha acesa no rabo. Foi assim que mataram meu namorado…

— Desculpe se não fiz no carro as perguntas de praxe quando o Álvaro anunciou de megafone tua tortura. É chato ignorarem a bandeira da gente em ocasiões tão solenes, mas é que guio muito mal e morria de medo de entrar num poste. Sorry, sou todo ouvidos.

— Mas você desfralda uma bandeira multicolorida, ofuscante. Já disse que sou sua macaca de auditório. Me lembro de todos os seus piches nas revistas de bunda de São Paulo, colunas de jornal de Washington, *etc.* A revolução soviética estiolou. A chinesa nunca foi. A americana é impossível. A nossa teria de ficar dependente de um imperialismo e outro. Deve ser ótimo viver assim. Só quem presta é você. Eu ficava deslumbrada, porque você nos despreza tanto que até, depois de nos chamar de “geração AI-5”, geração AE, né? “Alunos excepcionais”, sugeriu uma saída contra gente do teu tipo. Ou esqueceu? Num artigo sobre Bob Dylan, a quem amo, explicou que o moço cantava fanho de propósito, em protesto contra a harmonia complexa e sem vida do sistema, não era isso?

— Essa história da Denise sobre o Hesse, o que que é?

— Pelo tom, você não acredita, ou, como de costume, nós, personagens de Hugo Mann, íamos cometer alguma estupidez, outra, além de nos deixarmos prender. Bem, faz tanto tempo, ele morreu de morte morrida, acho que não faz mal contar. E o DOI sempre prefere carne fresca, ou, não, desculpe, essas coisas não acontecem mais, estamos na era da abertura, do arrombamento democrático, e a imprensa livre nos protege, né? Me encanaram pelo namorado, envolvido na conspiração, padeci de amor, não é bacaninha?

— Essas confusões aconteceram com mil pessoas.

— Você não entendeu. O erro foi deles. Eu ia apertar o gatilho, fuzilar teu chapinha. Nem os companheiros, meu menino inclusive, sabiam disso. Nosso chefe, anônimo, bolou todo o esquema. Recebi

instruções em código, telefone interurbano, voz de mulher, bonita, vocabulário arcaico, lembro as palavras, “nada de confidências amorosas”, você imagina a Denise dando o recado, né? A ideia é que devíamos justiçar pessoas importantes do sistema, começando por um jornalista famoso, o que nos garantiria o máximo de divulgação, porque vocês da imprensa são unidos como a máfia, brigam intramuros, se unem contra o resto, né? Me torturaram ao máximo, não me mataram, absoluta falta de provas, e os companheiros que dedaram tudo, sob pau, me excluíram porque desconheciam meu papel. Eram inocentes perto de mim…

— Você sabe atirar?

— Sou craque. Papai me ensinou a atirar na fazenda, mas eu, e não só eu, treinei no Líbano e na Líbia, caratê, de pistola a metralhadora, a disparar em movimento. Meus instrutores líbios me achavam tão boa quanto a Frederike Krappe, sabe quem é? Claro que sabe, escreveu um artigo desmontando a Baader-Meinhof e a Alemanha Ocidental, ao mesmo tempo. Você é um deus. Devo me ajoelhar?

— É uma posição que tem seu momento e suas utilidades, mas prefiro tomar outro uísque, estou ficando com fome e acho uma grossura deixar o Álvaro e a Denise sozinhos, sou um anfitrião levantino. Foi muito agradável nosso papo. A inocência ainda me diverte, esteticamente, agora é muito perigosa, menina, cuidado, muito cuidado.

Ela esquentou de cara e esfriou de voz: — Obrigada pelo conselho, mas sei cuidar da minha vida e dispenso o paternalismo. E não sabia que, para você, sou palhaça de circo. Não que me surpreenda. Você trata todo mundo assim, né?

— Vê se para de dizer “né” o tempo todo, OK?

— S-I-M, S-E-N-H-O-R. Agora me explica o deboche na tua cara.

— É minha cara habitual.

— O terrorismo fortalece a repressão, é isso? E você o que faz contra o sistema?

— Nada.

— Quer dizer que tua vida não tem sentido político.

— Minha vida não tem sentido nenhum.

— Mas eu te divirto, não vá negar. E fico aqui um mês.

— É a melhor época do ano, julho. As crianças menores se mandam, o calor às vezes diminui.

— As crianças menores, só? Olha, meu chapa, você não se suicidou, afinal, a bundinha aí em cima não parou de funcionar, este apartamento não é de monge…

— Você não se sente culpada por estar viva, quando os outros morreram pelo teu ato falhado? O moço jungiano não puxou esse assunto?

Ela desaba.

— Você joga sujo, Hugo, mas não faz mal. É, me sinto culpada, sim, e não tenho motivo. Me escalaram para correr o maior risco e do jeito que tudo acabou na guerrilha, se não caíssemos antes, cairíamos depois; preferia o esquema original, arrastando teu amiguinho. Morreríamos os dois, eu satisfeita por ter ao menos livrado o mundo daquele verme. Que você queria que eu fizesse? Que me apresentasse ao DOI, dizendo: “Olha, era eu que ia atirar no cara e não os companheiros”? Matariam os companheiros do mesmo jeito. Reserva tua malícia pro nosso chefe misterioso e a moça de recados dele, tá? Devem pertencer ao teu Olimpo de sofisticados, os teóricos da revolução. Fui usada, com muita honra, me deixei usar, conscientemente. Escapei, azar, sorte, escolha. Me depredaram, Hugo, e sobrevivi sem dedar nada, ninguém. Se abrisse a boca, desse uma dica das ordens, talvez me poupassem um pouco. Não, cumpri minha parte, em silêncio, “nada de confidencias amorosas”, ou outras. Não vou servir de graça de bucha pra canhão. E não me entrego ouviu, moço, ao desespero de uma culpa que sei que é irracional.-Saí da arena. Não estou “pronta pra outra”. Não me arrependo de nada. Eles ganharam, agora não pense que me presto a suplicar anistia, liberdades burguesas, essa merdalha que a tua geração substituiu pelo radicalismo. Prefiro curtir, sem aspas, a derrota trabalhando num ambulatório. Não concedo nada, exceto o meu cansaço, que não aguento brigar mais de foice. Pode rir à vontade.

— Renata, não pedi que você me contasse sua vida. Perguntei sobre o Hesse, citado no carro, sem menção do teu nome. Veio essa história toda aqui, não foi iniciativa minha. Fiz um comentário

útil e amigo, que te ofendeu, a inocência de quem conta um horror desses, neste país, a quem não conhece. Se for, ou não, saque, é inocência. De uma maneira ou de outra, eu calaria a boca, no teu lugar. Acredito numa coisa na vida: em consequências. Sem julgamento moral de qualquer espécie. Você saiu da guerrilha, certo? Quer fazer medicina a sério, fora do nosso chiqueiro político? Ok, e eles? Os torturadores, os participantes da "missa negra" no Morumbi, grã-finos, influentes, com reputações no fogo, agora que a imprensa parou de fingir que o DOI-CODI era ficção das oposições? Ao saberem que Renata continua viva e capaz de apontá-los, vão às TVs e jornais se penitenciarem? Vão aguentar quietos? Tortura, hoje, vende. Imprensa é um negócio antes de tudo. Uma mulher atraente seviciada sexualmente pelo Dr. Fulano de Tal no Morumbi é notícia de primeira página no mais reacionário pasquim. Eles vão, menina, é silenciar a acusadora, cortar o teu dedo, custe o que custar. Têm mil recursos que você desconhece, e nenhum escrúpulo em acionar os cachorros…

— Putz, você está preocupado comigo, que legal. Valho um meio expediente na tua vida? Ouço e obedeço, mestre. Ou preciso me ajoelhar?

Álvaro, xifópago de Denise, explode na entrada: — Poxa, que história de ajoelhar é essa? Missa negra? Ou é o rito de formação de uma célula revolucionária? O Iskra abriu com três redatores. Essa tua casa é um palácio, Hugo, rodamos aí, é quarto atrás de quarto, a cozinha é maior que o meu apartamento, a tua fâmula, quando entramos na copa, nos olhou como se estivéssemos de sapatos trocados, é uma lumpen, por que você não põe aquele retrato maravilhoso do… epa, Freud na Standard Edition, ali? Sempre quis ler depois que Lacan, eta, ferro, perdão por ter nascido. A Denise sentiu vontade de roubar um cinzeiro…

— AALvarÔÔ. A tua casa é joia, Hugo, amei.

— Aqui, meninas, o silo dos mísseis, a máquina de escrever que ajudou a lançar uma geração em busca da realidade brasileira. E é elétrica, pô. Não te dá curto-circuito nos dedos?

VI

Ganhei dinheiro sem querer, digo, queria, semiconscientemente, só não imaginava que estivesse à mão.

Um desses homens de negócios, exportador de café, que os donos dos jornais nos pedem que ajudemos quando põem o pé fora da taba, em Washington. Monoglota, patroa jacaré, poluiria ainda mais o Potomac, se afogada. Levei-os ao Sans Souci. Não entenderam nada. Adoraram a arquitetura do Kennedy Center e de Watergate. Conformei-me. Butuca fechada, exceto nas traduções e leva-e-traz.

O Brucutu esse lutava contra um voto iminente no Senado americano, protecionista, que, afirmativo, diminuiria consideravelmente as compras de Madame Brucutu nas boutiques de Georgetown (preços extorsivos, marcas famosas, a alegria do novo-rico), por falta de numerário. Noblesse oblige, levei-o ao Tesouro, Departamento de Estado e Comércio. Inútil explicar a quem vem de ditaduras que o Congresso, e não o Executivo, domina a bolsa dos EUA. Provamos chá e simpatia, eu entediado, ele, animadíssimo. Não expliquei o funcionamento da cidade.

Sou uma personagem de Pinter. Termino fazendo obsessivamente aquilo em que não acredito. Fui, sozinho, ao que chamarei *faute de mieux*, o "guarda-casacos" do Senado, onde o papo é sério e caro. Chamemos de Philip um senador amigo "deste correspondente". Morreu. Câncer no estômago. Está enterrado em Arlington. É herói da Segunda Guerra, que lhe destruiu parcialmente um braço e lhe capengou um pouco uma perna. Gostava de mim, presumo, porque li atentamente um estudo que preparou da estrutura oligopolística da economia dos EUA, comentando até no

meu jornal. Ninguém leu, ou tomou conhecimento. Remeteu cópia aos 99 colegas do Senado e aos 435 da Câmara. "*No comment*."

Conclusões de Philip: a estrutura oligopolística é intocável pelo processo democrático. É inexpugnável do estrangeiro, exceto em caso de guerra, que os oligopólios obrigariam a ser nuclear. Não entregam a rapadura. Não valeria a pena, Philip me disse uma vez, no décimo uísque.

— Você gosta de Camus?

— Não.

— Mas o Mito de Sísifo é nossa condição.

— Uma revolução permanente socialista que começasse ou se ancorasse, para variar, numa nação industrializada quebraria essa engenhoca de controle que você analisou.

— Me mostre uma revolução, a partir da nossa, que não tenha gerado um hipernacionalismo, e conversamos. Qual é? A soviética, a francesa, antes? Stálin. Napoleão? Mao Tsé-tung? Você está de porre, ou me gozando. Sísifo, *old man*, se possível com muito gelo e um *splash* de água…

— Acontece, old man, que essa concentração de riqueza nas mãos de uma minoria de países deixa mais de 2/3 da humanidade em nível de selvageria, parindo novos selvagens, num volume que as mulheres deste império, apesar de comerem 70 quilos de carne ao ano, não conseguem ou não querem acompanhar, porque não é chique. E selvagens viram hordas. E hordas…

— Comem o que lhes passar pela frente. Certo, old man, agora aqueles dinossauros ali (apontou para o Pentágono) constroem três armas nucleares ao dia. Não é contra os russos. É esperando as hordas. E os dinossauros russos ajudariam. Têm tanto a perder quanto nós. Minha esperança é não estar vivo quando chegar o dia.

Não está vivo. Todo ano, no aniversário de morte de Philip, telefono a um florista em Washington, de quem fui freguês e faço colocar flores no túmulo dele. O florista é simpático e, em geral, quando telefono, já se antecipou, mandando armar as flores nas primeiras horas da manhã em Arlington, em que a paz e a beleza parecem companheiras inseparáveis da morte. É ilusão.

Encontrei Philip no lugar (*cloakroom*), mamado, e quem não no Senado dos EUA?, lúcido (sempre); só uma vez, que me lembre,

caiu, bêbado, no pessoal: — *Old man*, há três pessoas aqui que não levam dinheiro: Kennedy, McGovern e eu. Kennedy é rico. Sou casado com mulher rica, herdeira de petróleo, e esquerdista como você, sem o vudu ideológico; vive me pressionando para partir o cartel das "irmãs" no campo da energia, óleo, gás natural, carvão, nuclear, *etc.* É inútil, respondo, o projeto não passaria nem pelas comissões e se embebedássemos os presidentes das comissões, precisaríamos de galões e galões de uísque, o plenário mataria. Minha mulher me acha corrompido. Bobby Kennedy, um dia, chamou McGovern de a única pessoa decente no Senado. Note que excluiu a si próprio, era o senador de Nova York, na época, e o irmão, Ted, porque ricos os dois, e eu, rico também, McGovern é de classe média. Meus filhos, em Harvard, acham que fui um babaca porque deixei que me estropiassem perna e braço em Okinava, pensando que lutava pela liberdade… Eu lutava, aparentemente, garantindo a expansão dos interesses das grandes corporações na Ásia… Hugo, bebe comigo, você precisa ler Camus. *A Queda* é meu livro de cabeceira…

Expliquei a Philip o problema do Brucutu.

— Você está pessoalmente interessado?

— Não, de jeito nenhum. O dono do jornal me pediu que desse um apoio ao cara.

— Bem, já que você está pessoalmente interessado, fique sabendo… Arranjo o encontro. Mas não vá dizer a ninguém que dei o mapa da mina. Na hora de ir à Suíça me avise que te acompanho, preciso de umas férias da minha família, e forneço as meninas, as meninas, sem percentagem, sem percentagem…

Mandei-o aonde costumamos mandar nossos melhores amigos e maiores inimigos e, dia seguinte, avisado pela secretária de Philip, arrastei o Brucutu, no fim da tarde, ao presidente de uma comissão, conhecido de "Hi, Hugo", "Hi, Senator", depois da enésima tournée de Madame Brucutu pelas boutiques de Georgetown, onde ela comprou modelos adequados a Brooke Shields que seriam expandidos sob medida às opulências da compradora, surrealizados, em suma, ao nível de espelho deformante de mafuá. O Brucutu, sorridente e paciente, enchia *travelers checks* às *vendeuses*, cuja ironia era quase imperceptível.

O casal, e o Brucutu em particular, não me entediava, me deprimia apenas. Há capitalistas no Brasil? Falam de dinheiro o tempo todo, não pensam, talvez, noutra coisa. Comi um almoço na casa de um Rockefeller, carona de amigo de uma das filhas do dono. Um bocado de gente do Establishment. Pratos: cachorro quente e hambúrguer, salada, que cada um misturava, vinho californiano, entre esplendores de arte que envergonhariam o Museu de Arte Moderna de Nova York. No Rio e São Paulo, impossível essa informalidade, que incluía mijar em banheiro sob um discreto Degas.

No Rio e São Paulo a arte nos seria esfregada na cara. Traria o cheiro e aparência do avaliador, nos sufocaria pelo excesso; minha cadeira de jardim nos Rockefeller era de liquidação e imperfeita, próxima a um Henry Moore que nunca vi sequer em catálogo. A arte do nosso milionário tem o rótulo de investimento, é luxo *sur* luxo, nada conteria de imprevisível, não "colunável". As casas de meus amigos na faixa dos bi lembram leilão de antiquário, à la Maneco, ou science-fiction, *close encounters of the repulsive kind*. Servem apenas cozinha pseudointernacional, ou o "sancionado" nacional, vatapá, picadinho, feijoada, e champagne francesa, scotch, *etc.*

Estacionaram no dinheiro. Não é novo-riquismo apenas. É mentalidade de assaltante de estrada. Não entendem e muito menos partilham a imaginação revolucionária do capitalismo. Aprendem e praticam somente a sua crueldade, não a criatividade que produziu quase todos os benefícios materiais que o homem experimentou nos dois últimos séculos, o que Marx ilumina, de mau humor, no segundo volume de O Capital, pouco lido e menos comentado ainda pelos comunistas oficiais. Houve tempo em que os construtores do império americano, ou inglês, acreditavam na própria propaganda, de que refaziam o mundo, não se limitando a explorá-lo. Se seus métodos eram brutais (e são), a munificência dos resultados constituía uma antítese considerável. Os milhões escravizados na Revolução Industrial forneceram a número maior, pela primeira vez na História, os confortos rudimentares da civilização, antes privilégio dos beneficiários aristocratas do artesanato. Seriam inconcebíveis no meu Brucutu, nos "falidos" do Aviz, em Maneco e roda, a paixão (aliada à cobiça, naturalmente),

os riscos e ambições de um Henry Ford ao criar o Modelo T. Que produto brasileiro leva o nome do produtor, à parte negócios de família, artesanais, titiquinhas tropicalistas, ou mera escroquerie, “felipetas” e “simonetas”?

Fomos ao gabinete do Gentleman (senador) de… ele me recebeu como recente amigo de infância: “Hi, Hugo, *long time no see, I thought you had gone back to Buenos Aires, or something*”, não traduzi, o Brucutu sem entender nada, tímido e deferente, me lançando olhares de admiração pela entrada lorde nos corredores do poder. Eu o ensaiara a despejar os perigos de uma revolução comunista no campo brasileiro, caso o boicote ao nosso café, cujos preços escalaram o Itatiaia, prevalecesse; os riscos de uma quartelada de extrema direita nacionalista, que caparia as multinacionais, a xorumela habitual. Meu pupilo repetiu, balbuciante, traduzi e editei. O Senador ouviu de olhos fechados, balançando de leve a cabeça. Entrou moça bonitinha, de lábios secos, recém-lavados e enxugados. Entregou uma nota ao usuário dos lábios, que a despachou em silêncio, de volta ao harém burocrático.

No fim da arenga bilíngue, o Senador saiu da cadeira e foi à janela. Silêncio. Uns 45 segundos, expandidos a 45 horas na ansiedade do Brucutu, que se sacudiu. Freei-o de mão. O Senador rodou os pés e caiu de olhar de dardo e voz de tambor ao visitante. Imprecou meia hora contra cartéis, a OPEP recebendo o destaque de praxe, congratulou as donas de casa americanas que davam preferência ao chá, acusou o café de levar a enfarte e “perigos neurológicos”. De dedo na casimira inglesa do Brucutu, repreendeu os “dagos” palavra que resolvi não traduzir, por copiarem os “árabes” da OPEP, se metendo a besta de chantagearem o povo dos EUA. O Senador, nesta luta, cerrava fileira irrestritamente com o consumidor e na medida modesta dos seus poderes tudo faria para defendê-lo dos sanguessugas estrangeiros. O Brucutu suava como o Cruz. Acendi um cigarro. Detesto esperar.

De repente, o Senador pausou, rosto grave e triste. Lágrimas ligeiras lhe vieram aos olhos. Abriu um sorriso doce, cana-de-açúcar. Pôs a mão delicadamente no ombro do Brucutu. Pediu-lhe desculpas pela explosão, o que não significava, deixou claro, que retirasse uma palavra sequer. E passou a “retirá-las”. Resumo: a

História dos EUA é de abnegação e sacrifício, de fraternidade, pelo bem mundial. “Nossos rapazes deram a vida em duas guerras por esses europeus ingratos e decadentes. Perdoamos a Alemanha e o Japão e, hoje, querem roubar o pão suado do nosso trabalhador”. Até o “desastre” no Vietnã, “erramos também, somos humanos”, fora precedido das melhores intenções. Garantiu que o povo americano, amante do café brasileiro e admirador do milagre econômico no nosso país, sofreria outra vez, “resmungando um pouco, o que é natural”, para preservar a vitalidade do “supremo aliado dos EUA ao sul da fronteira” e “Nixon, God forbid”, disse “aonde o Brasil for, a América Latina seguirá”. Não seria ele que imporia um voto que promovesse o bolchevismo em São Paulo, “imagine se os russos instalam bases em Buenos Aires”; desde que, “e tome nota das minhas palavras”, cessada a “calamidade climatérica”, os brasileiros voltassem a jogar limpo no mercado livre, e já que o dear old Hugo dava fé na honestidade dos cafeicultores, que o Brucutu voltasse aos “pampas” assegurado de que o Congresso compreendia e perdoava esta infração. Despediu-se de nós, presenteando o Brucutu com um retrato dele autografado, eu soletrando letra a letra o nome do pecador salvo na undécima hora.

Nos corredores, entre exclamações de “nunca esquecerei”, o Brucutu me beijou suarento, me deu socos de carinho, afagos, me encabulando perante os impassíveis e atentos guardas do Senado, que nos imaginavam duas bichas da Gay Lib reivindicando o que as bichas da Gay Lib reivindicam. “Nessa idade, ainda não perderam o fogo no rabo”, comentou o guarda mais jovem. O mais velho permaneceu mudo. Já viu de tudo.

O torpor do enfado, vaidade, ou falha de caráter me fizeram sonegar ao Brucutu o que Philip me explicara sobre o generoso Senador.

— É tirar doce de uma criança, Hugo, devagar, criança endiabrada. Não se impressione com o histrionismo. O motherfucker (o verdadeiro correspondente do nosso “filho da puta” dito à vera) é sócio majoritário de uma das maiores exportadoras e importadoras de café, de uma rede de distribuição e de supermercados. Ele e parceiros mamam 90 por cento dos lucros do comércio de café que a tua Banana Republic e outras produzem, e do resto da tropicália.

Fica rugindo em TV e jornal porque o público está furioso pagando os preços altos e não acredita nessa geada que vocês inventaram para nos arrancar alguns dólares que nos devolvem cobrindo os juros — extorsivos — do que nos devem. O "mother" é candidato à reeleição em novembro e precisa falar grosso, enquanto procura uma saída. Não quer outra coisa que saquear o consumidor, ou quem seja. Agora, você não sabe disso, OK? Leva teu amigo lá, choraminga os perigos da infiltração comunista no campo, se os trabalhadores perderem os empregos. O motherfucker não dá importância aos desempregados, "é tudo negro", mas ouvindo a palavra comunismo entra em transe, ideologicamente está à direita de Adolph Hitler. O voto dele na comissão é um comando. E, no recesso, Suíça, *old man*, o país é chato, os bancos não têm iguais. Você merece. Já que não arranja mulher rica e é decente, cobra caro teus serviços. Não é bater a carteira de ninguém, afinal. Ajuda teu país, e o dinheiro termina no nosso bolso de qualquer maneira…

Dois dias depois, na minha toca em Georgetown, liguei a TV para uma novela da BBC, quando um mensageiro apareceu na porta de envelope. Dentro, um cheque nominal, em dólares, de seis algarismos. Virei personagem de Frank Capra. Ensaiei chamar de volta o mensageiro, protestar engano. E meu nome no cheque? Suei frio e quente, o estômago subiu e desceu. Examinei inúmeras vezes a assinatura desenhada do Brucutu no cheque e o nome do beneficiário. Na tela, lordes ingleses viviam como lordes ingleses, sem falar de dinheiro. Neles é natural.

O telefone tocou. Peguei correndo para agradecer e devolver ao Brucutu que história é essa, ninguém me compra. Hesitei, o telefone na mão, Philip me dizendo "advogados fazem isso aqui a peso de ouro, é absolutamente legal". Era Maria, já irritada com o silêncio. Ela e Maneco estavam no Regency em Nova York, chegados da Europa, e não arredariam pé antes que eu aparecesse, não dariam as caras em Washington porque parece Belo Horizonte, dórica. Gritei que estaria em Nova York, em hora e meia. Maria ficou séria. "Hugo, amor, tá doente? É brincadeira, vou já aí, é brincadeira esse negócio de Washington, Maneco precisa transar…" "Cala a boca, tudinha do papai, aguenta as pontas que depois eu conto". Maria desligou às gargalhadas.

Arrumando a valise, telefonei ao hotel do Brucutu. Embarcara. Nenhum recado.

— Está frio aí em cima? — Renata me olha com um sorriso equino, fecho-lhe delicadamente a boca, na medida Moriseau, ela não entende e tenta manter, incerta, o sorriso. Próximo, Álvaro descreve a influência de Breughel, de quem tenho uma lito, no teatro de Brecht, peguei trechos da explicação de que "sou vivo" em ler Freud "no inglês", porque a tradução de Strachey corrigiu imprecisões no original, Stark Young (presente) introduziu Chekov no Ocidente, desmistificando a alma russa, inexistente, minha edição de Othello da Folio, "Shakespeare na maturidade técnica de carpintaria, gênio por acaso, queria ser sonetista da corte, achava teatro um cocô, até que descobriu o poder que soltara no mundo em *Romeu e Julieta*; emprestava dinheiro a juros…" Andamos o apartamento inteiro, pelo visto, nada demais, um dos investimentos dos seis algarismos do Brucutu. Denise examina um ídolo fálico mirim, que eu trouxe da índia, o dedo próximo, mas hesitante, perto do peru do bicho.

— Vamos comer, minha gente?

Pergunto a Denise se quer levar o ídolo, ela tira a mão assustada, em risinhos. O futuro de Álvaro esta noite, se é o futuro que ele quer mesmo, parece trabalhoso, se Renata não escondeu o leite sobre a irmã. De qualquer maneira, "Seu Dagoberto" está excitadíssimo, uma barca da Cantareira movida a poder nuclear.

— Ih, tá cheíssimo, Alvarozinho, olha essa fila, e eu varada de fome.

O maître vem pressuroso, nos encaminha à mesa. Nos EUA, eu sentia falta da falta de status, aqui permaneço pajé de segunda classe, ao menos.

— Vocês aí seguem o moço e vão pedindo, que preciso fazer umas visitas protocolares.

A casa está florida, artificialmente. Sou abraçado por dois jornalistas famosos e respectivas e temporárias vivandeiras. Um industrial balança-mas-não-cai, cai, Alberto do Banco Central lhe dá seis meses, se segura efusivo em mim, presumindo solidez ou impedindo metaforicamente desabamento.

Dançando de roda, os jornalistas, ele e eu. Os jornalistas olham-no se perguntando se seus jornais decidirão noticiar a falência sob vara, ou “objetivamente”. Partilho, reflexo condicionado, essa perspectiva de abutre. A carcaça não nota, ou faz que não. Conversamos sobre as últimas. Não é necessário responder, tudo é retórico, vivemos todos sob o mesmo anjo exterminador, em stasis, o. máximo permitido é valsar sem sair do lugar. Enquanto os três discutem prós e contras do novo ministério, que é o ministério de sempre, de posições alternadas, vozes femininas da mesa do industrial nos convidam a engrossá-la.

É uma imensa corte, cheia de bebidas que per capita a garrafa custam alguns salários mínimos, outro desesperado “aviso à praça” de prosperidade. Identifico apenas um ex-colega de colégio, leva-e-traz do Ministro da Fazenda, trocamos um olhar brechtiano de segundos, sem Breughel, ele levou mais que trouxe, há três anos não trabalha, informação é poder. As mulheres não vieram da Vieira Souto ou do Barman, é o máximo que arrisco, porque a oferta sexual supera de tal forma a procura que as moças entraram em liquidação, sugerem, na hipótese menos incaridosa, vedetes antigas de revista, sem a vantagem da distância entre proscênio e público.

Vou a Marília e Mário. Beijos molhados de Marília, sempre de saia e blusa simples, jamais predizíveis, harmônicas, nenhuma pintura, os cabelos curtos de pajem, viva, viva, um antídoto à depressão nos olhos que recebem e esperam confiantes. Mário é fofinho, lisinho, tem pele diáfana, parece de manteiga. Sorri, distante, condescendente, *au dessus de la melée*. Não é gordo, mas duvido que tenha um músculo no corpo. Me chama de niilista e diz que nunca li a bobagem de Simone de Beauvoir sobre “quem não distingue entre esquerda e direita certamente não é de esquerda”. Me apresentam a dois professores universitários americanos, Yale e Columbia, brazilianistas. Conheço-os e me conhecem. Me detestam porque nos EUA nunca tomei conhecimento das fantasias confusionistas que escrevem dessa joça aqui. Damos uma de cordiais e civilizados. Me arranco certo de que Mário me chamará de “perdido”, “superficial”, Marília me defenderá, os americanos aceitarão a análise de Mário e perdoarão e admirarão a lealdade de Marília aos amigos.

Pouso ao lado de Maria Tereza, depois de vários oferecimentos amáveis e recusas idem, que, se submetidas a uma avaliação psicológica do som, a quem não fale a língua, pareceriam discussões fortes, pela agressividade da oferta e da rejeição, “no afeto que se encerra”.

Maria Tereza está com um mancebo deslumbrante, cabelos louros encaracolados, olhos azuis, bronze estanho, l,90m e lá vai fumaça, magro, musculoso e “solto”, sorriso de anjo de Rafael. Cristo nunca riu, minha primeira desconfiança dele. Os artistas desforraram nos coadjuvantes. O rapaz me cumprimenta amabilíssimo, rapidamente volta a si próprio, a gozar sem devolver a atenção que desperta nos diversos sexos da sala, olhando fixo um ponto inexistente no espaço, o espelho de Narciso, versão médium *cool*.

Maria Tereza me beija levemente os lábios, me acomoda, e meu pescoço “queima” de várias direções, o foco maior vindo de Álvaro, Renata e Denise, presumo.

— Meu amor, há quanto tempo! Você é uma gracinha. Sílvia Maria me disse que você telefonou a ela, convidando para sair, mille grazzie, faz um ano tentando tirar minha irmãzinha daquele mausoléu, mas cuidado com a louça, é Sèvres, quando quebra, corta fundo. Eu não sabia, falando nisso, que você voltou a conhecer pessoas.

— Você está muito bem.

— Merci. Sua amiguinha tem uma pele parecida com a minha. Não sei se acho isso delicado da tua parte.

— Desde ontem à noite, não faço nada que eu queira, o que acho extremamente indelicado da parte dos outros. E minha “amiguinha” não entende nada de luz de restaurante.

— Ela não precisa, naquela idade.

— Por que não nos vemos mais? Liguei duas vezes. Conheço tuas empregadas e dispenso papo de que não deram o recado. Não pode ser só aí o *le blé en herbe*, ou é Kowalki renascentista?

— Ha, ha, nenhum dos dois. Você lembra do Bill Califórnia?

— Muito prazer, Grindélia de Oliveira Júnior?

— Exato. É da “família”, filho, ou neto. Que digo eu, Deus me perdoe o mau pensamento, o neto seria um bebê de colo, corta

esse olhar debochado, nunca neguei meus 43 anos. Ele é bonito. Gosto de objetos bonitos por perto, desde que diferentes de mim.

— Antes de entrarmos nesse desvio estético, eu fiz uma pergunta.

— O "Grindélia" aí c um descanso de anos de você, do meu choradíssimo cunhado, de Jack Ainsworth… sonho com aquela noite até hoje, Hugo, e não é musical da Metro, em technicolor. O menino é um marron glacé. Vocês me deixaram outro gosto na boca. Espero uma explicação. Sua. Não peço porque não é de bom tom.

— O que você quer saber?

— Pessoas da minha intimidade, cada uma poderosa à sua maneira, menos aquele pobre inocente do Victor, que vocês envolveram não sei de que jeito, gente assim não morre em acidentes quase que simultâneos. Não sou Sílvia Maria, que atribui à vontade de Deus tudo que acontece. Não se preocupe, amanhã, ela não tem a menor suspeita.

— Mulheres sempre me preocupam. Tenho medo delas.

— Menos de Maria, a mãe de "todas as Rússias", eu te amo mais e mais desinteressadamente. Maria já era assim no colégio. Uma jiboia. Se… se aproveitava de nós, as menores, as bem menores, no meu caso. Minha mãe proibiu, achando que era má companhia. Chorei uma noite inteira. Minha mãe estava certa.

— Sempre certa, pelo que me dizem.

— Cachorro. No meu sonho daquela noite tudo é verdade. Só não sei que verdade. Senti que você, o Hesse, o Jack, "não estavam lá". O Victor é que confunde tudo; me lembro dele rapazote, quebrando boites e corações, e, de repente, aparece de teu amigo e do meu cunhado, intelectuais superiores, como é que pode?

— Victor trabalhava para o Hesse na Europa e fui amigo do Victor na adolescência, quando Hesse estava estudando nos States. Não sabíamos que nos conhecíamos. Uma coincidência.

— Pfui. Imagine, durante um tempo achei que eu tinha bebido demais e fantasiava, eu, que manero um uisquinho a noite inteira, "posando para a posteridade", pra jacarezada, aí, eu, de pile que. Fico besta com a minha humildade, menosprezando minha intuição

certa, pedindo desculpas à raça superior porque, no faro, peguei a pólvora no ar…

A cara dela ficaria feia, não os traços, nenhum perfeito, o conjunto é que produz o acabamento racé que nem os 47 anos começaram a corroer. É a cara feia de quem perdeu feio.

— ... Você e o Hesse sempre foram falsos conosco, as mulheres que amávamos vocês. A gente espera o farol, meu Deus, minha linguagem parece a de vovó; espera a machice, faz parte do folclore e reassegura os bebês, que se sentem homenzinhos dominantes, na sela. Aceitamos até o freio nos dentes, nos dentes, quem controla a corrida somos nós. Meu pai e minha mãe tiveram um casamento maravilhoso nessa base. Você e o Hesse, não. Nos meteram as esporas a sério. Sílvia Maria está mal, Hugo, porque não entendeu nada… Eu procuro entender. E você é o pior, meu amor. Sobreviveu. Não dá nada. O Hesse eu vi vulnerável, uma vez, de joelhos diante de mim… não me olha, please… Não diga que não sabe, te contava tudo, me disse… e aquele litro de uísque por dia era um ato de contrição.

— Ou de alcoolismo.

— Nós estávamos lá de ombro sempre alerta para uma boa chorada. Não é esse o appeal da avó eterna, da tua Maria?

— Se você não quer que eu leve Sílvia Maria à Maria, não levo. Digo que estou com enxaqueca. Sempre quis ter uma enxaqueca.

— Aquele menino, o Victor…

— Ele era da minha idade, Maria Tereza.

— ... que que o Hesse fez com ele? Uma perversidade, estava tão contente de voltar ao Brasil, 20 anos no estrangeiro. Encontrou logo a impiedade de Hugo Mann, Paulo Hesse e Jack Ainsworth. Não adianta negar, não sou burra, meu amor. Hugo, fica aqui, larga aquela gente esquisita. Perdoo tudo, depois que eu souber. Tenho meus princípios.

— Ô Maria Tereza, vamos pro Regine, esse negócio aqui tá devagar, quase parando. — O deus louro se cansara dos fiéis locais. Requer carne fresca.

— Julinho, meu anjo, deixa ver, 13 palavras seguidas, é um recorde. Daqui a pouquinho faço todas as tuas vontades. Ainda não

jantei. Agora, dá um pulinho no banheiro, uma cafungada, e te acalma. Fica bonitinho que você ganha apito.

— Como é que é, ganha apito? Legal. Essa vai pegar. É uma cabeça essa moça aí, seu Hugo. — E se mandou de leve e imponente.

— Hugo, você acha que estou virando Blanche Du Bois? O Julinho é o fim da linha do bonde, né?

— Só senti saudades dos bondes depois que desapareceram… se te diverte, why not? Você sempre teve os pés na terra. É o melhor lugar de se ter os pés. É meio monótono, mas a gente não se quebra. Hesse, Jack e Victor eram chegados ao salto livre, de paraquedas, ao delírio… vi melhor quando os paraquedas não abriram. E a única diferença entre mim e você. Não participei e não escondo nada, nada que impedisse os três de se arrebentarem. Se te faz mal me ver, se te grila, filando uma palavra do teu galgo, é porque te lembro o susto das alturas, do tombo. Também tenho medo das alturas, pra seu governo. Sou covarde também.

— Meu amor, estou sola, perduta, abbandonata.

Beijo-a na boca, bastante, ignorando a plateia.

— É a doença terminal da nossa geração, minha querida. Agora, como diria sua mãe, sempre certa, preciso cuidar dos meus convidados. *Kiss, kiss*.

Puta que o pariu. Adiantaria eu escrever que Jack, ou os superiores dele, mandaram matar Hesse, Victor o inocente perigoso de sempre levando as sobras? E que os “amigos” de Hesse vingaram, matando Jack? Quem acreditaria? Quem me publicaria? A quem aproveitaria, cui bono? Não dizer nada é a atitude menos ofensiva de que somos capazes em quase tudo de sério na vida. Maria é perfeita nisso, na omissão à point. Maria Tereza costumava ser. Renata certamente não é, e preciso me cuidar. Não que eu seja perfeito…

Álvaro dissertava brilhantemente sobre a origem da má qualidade dos hors d’oeuvres dos restaurantes brasileiros, quando me sentei ao lado de Renata, que mantinha o microscópio em cima de mim.

— Vocês já escolheram?

É um jantar isso aqui, não? Chamo o maître, peço e deixo a Álvaro o resto. Não quero que me imponham intimidades…

Minha “luta moral” na ponte aérea para Nova York abriu com as autoacusações predizíveis. Subornado. Enfim reduzido à minha verdadeira dimensão, o clichê de que todo jornalista leva dinheiro, confirmado. Da animação à depressão já no táxi que me depositou no National Airport. O medo irracional que na revista dos passageiros descobrissem o cheque, fosse exibido aos presentes, que, em indignação moral, amaldiçoando os cafeicultores brasileiros, me jogassem na cara café fervendo, eu Gloria Grahame, eles Lee Marvin.

A razão reemergiu a bordo, talvez porque no ar o raciocínio é a única defesa contra meu pavor de avião, 73 voos só naquele ano. Alguns dos meus melhores amigos se foram assim. Nunca pego sequer um c.n., o que, em vez de me encorajar me aumenta o pânico, pois pressinto que quando vier o dia será fadiga de metal, me esfacelarei rápido, mangalô três vezes.

Pedi, insinuei cobrança de serviços do Brucutu? Não. Escrevi, promovendo-o (o que seria inútil em Washington)? Não. Ajudei-o babacamente, nenhum pensamento ulterior. Mas por que não disse a ele que o Senador decisivo já estava, a priori, decidido? Esse o meu pecado, de omissão. Vou botar o cheque no correio no La Guardia, em Nova York. Suei pesado, tive uma cólica.

Bobagem. Philip tem um trato comigo. Tudo entre nós é confidencial, ele ou eu jamais quebraríamos o omertá das nossas relações. Devo-lhe boa parte da minha faminha e glorinha, um relatório reservado sobre o Brasil, o Brasil que não aparece nos jornais. Dispus de seis horas, xeroxe e despacho a meu jornal. Os cacos do estrago voam até hoje. O relatório fora tecnicamente roubado e reposto, só Philip e cúmplice, eu, sabemos.

Não flertei nem de olho com Madame Brucutu, não chamei de elegante o saco de batatas, ironia de resto inútil, porque incompreensível. O Brucutu fê-lo porque qui-lo. Estou esbodegado, física e espiritualmente.! Me prostro todo dia num telex batendo a cabeça contra fajutices permanentes e irremovíveis. O imperialismo, na sua elefantíase e insânia, que vi na documentação serenamente objetiva de Philip, faz o mais caricato editorial do Pravda parecer

uma fotografia realista. Amassará o mundo por gerações, quando eu já for extrato de poeira. Combatê-lo? Conhecê-lo já me reduziu a um senso de absoluta insignificância. E a alternativa, a que enxergo, me parece barbárie, fresca, vulcânica, sem sequer as distrações, os respiradouros que o status quo me oferece nos seus lapsos crescentes de gagaíce. Isso não é vida, no que me resta de vida. Sísifo é a mãe. Mamãe eu quero. Não. Paz, conforto, fuga, silêncio. Hesse me disse que se consolava sozinho no escritório em casa, bêbado, ouvindo Wagner. Wagner é alto demais para mim. "Desenvolve" demais, Debussy criticou. Debussy me basta. Se continuo nessa, meu fim breve será numa gaveta do São João Batista, igual àquela em que enfiaram Antônio Maria como lixo de repartição pública.

Aterrissei "conformado". O mais foi fácil, relativamente.

Apanhei Maria e Maneco no Regency, levei-os, ignorando as sugestões óbvias de Maneco, ao Patsy's, onde a comida é quente e a frescura é mínima. Em geral, não trato as pessoas assim. Espero apenas que façam a minha vontade depois de um razoável período de discussão. Maneco, "Aquiles diurno, Pactrolo noturno", não reagiu à grossura de ser arrastado sem explicações, Maria, sim, mas moitou, conhecendo bem este novilho senil aqui.

Papo de brasileiro. Todo mundo falando alto ao mesmo tempo, sem prestar atenção ao próximo. Maria, nos silêncios, indagava, em silêncio, eu, nos silêncios, resistia, futilmente, em silêncio. Recusei a ideia de esticar às bibocas da moda. Propus um drinque final na suíte deles, o "penúltimo". Lá ouvi-os, mudo, sobre quem come quem, quem não come quem, nuances "turfistas" sucessórias, falências, enriquecimentos, "loucuras" recentes de conhecidos, o de costume, eu atento somente aos seis algarismos, perto do meu coração. Pirolito que bate, bate, pirolito que já bateu…

Aos arrancos, anunciei a Maneco "meu algum", ganho na Bolsa, indicação de senadores amigos, aproveitando subidas e descidas típicas da troca de gerência dos EUA Inc., Jimmy Carter assumira o "poder" aquele ano; e queria aplicar no Brasil, onde lucros especulatórios chegam fácil aos mil por cento, em se conhecendo o mapa da mina, e Maneco é notável cartógrafo.

— Nenhum problema, meu querido, me passa aí tuas milhas, nem precisa, aliás; amanhã telefono ao escritório e mando ver o que há de melhor, você merece, pague quando puder, na minha conta em Nassau, naturalmente; te dou o número, não é preciso contrato, basta uma carta entre nós…

— “Hugo, amor, quanto é?” A voz de Maria foi um grito de “fogo” em teatro lotado, mas parecendo, exceto à crítica, parte do diálogo no palco.

— ... centenas de milhares de dólares… 600.

Três, quatro segundos de pausa. Nenhum movimento ou olhar prenhe. Continuou tudo natural.

Me cumprimentaram efusivamente. Maria insistiu em que eu não deixasse o jornalismo, “todo mundo lê”. Maneco me reforçou o copo, demais, ou estou ficando paranoide?

— Maria tem razão, Hugo. Até o presidente lê, me informaram no palácio, é a primeira coisa que lê, quando você escreve sobre os EUA.

Maria, me afagando, contou que o Pedrinho finalmente se formava em arquitetura e que não trabalharia sequer na empresa de construção do pai, preferindo tentar a vida independentemente, o que deixou Maneco piçudo…

— E esta filha, Hugo… filha de uma senhora tão distinta… — e cantou: “Família tão distinta assim nunca se viu, fode a mãe, fode o pai…”

— Maneco, proíbo você de cantar essa modinha obscena na minha presença; dou apoio ao Pedrinho, Hugo, amor, acho que o menino está no direito dele de não se submeter ao papel de paparicado na rede desse tubarão aí; você concorda comigo, amor?

— Claro que concorda, quando dás uma de allumeuse, minha nega, nem uma cabeça forte como a do Hugo aguenta. E essas zinhas ainda falam de libertação. É troço de bagulho ou sapatão, hem Hugo, velho de guerra? Nós conhecemos a força desses 7 centímetros de terra arável, arabilíssima, ha, ha…

— Cafajeste. Vem cá, Hugo, amor, você parece tão cansado, amor, encosta aqui a cabeça no meu ombro e não ouve esse pó de arroz. Nós somos Flamengo.

Minha glória não é lutar. Encostei a cabeça no ombro de Maria, mamando meu uísque.

— Pois é, tubarão: agora, quem é que vai montar o escritório do Pedrinho numa cobertura no Posto 6? E por que o menino terá logo um chorrilho de fregueses? Adivinha, Hugo, que você ganha uma azeitona. E quando esta nossa "Anita Garibaldi" cismou que os palestinos eram a solução contra o pobre do Médici, tadinho, passava o dia inteiro jogando biriba, quem pagou as passagens e hotéis de primeira classe pra essa guerrilheira de boutique bundear quase um ano no Oriente Médio? Responde, Hugo, outra az…

Maria jogou a bolsa no rosto de Maneco, ele riu, se desviando fácil.

— Afinal, a gente trabalha pela família, pelos filhos. Hugo, nunca liguei pra dinheiro. É um meio, não um fim. Minha vocação sempre foi o serviço público, onde creio poder contribuir…

— Tá, Barnabé, o Hugo dispensa tua biografia que já ouviu 100 vezes e eu 100 mil. Te esquece um minuto e vamos cuidar do problema dele, que é nosso melhor amigo, e, se investir mal o dinheiro, talvez não tenha outra chance. Por que você não faz alguma coisa de desinteressado e sem perder dinheiro? Tubarão, capãozinho da mamãe, vem cá, bolo fofo, sobra lugar no meu outro ombro. Kiss, kiss.

Eles se bicotaram e me livrei dos braços de jiboia de Maria e me servi sozinho de outra talagada.

— Maria está certa, Hugo. As tuas 600 Gs se desvalorizaram nesses minutos que conversamos. Olha, te ofereço um negócio. Não é "pai pra filho". É negócio. Me convém. Já explico os motivos. E te convém. É terra. No dia que perder o valor, o mundo acaba. Nós dois sobrevivemos. Pesados desse jeito, damos porradas nas velhotas na ma, lhes tomamos as bolsas e compramos comida. Tudo bem. Anos atrás, me apareceram umas terras em Niterói, a preço de banana, banana da época, ha, ha, e comprei. Esqueci. Juro. Aí surgiu a ideia da ponte Rio—Niterói. Palavra que não sabia, ao assinar a escritura. Comprei porque não deixo dinheiro parado e porque era barato. "Veja Niterói antes que acabe", você lembra, não? As terras se valorizaram zilhas por cento. O que fiz? Nada. Assumira o Ministério de Planejamento. Já pensou o que diriam de

mim, se começasse a urbanizar e lotear? Você conhece imprensa. Não adiantaria publicar, de matéria paga, a data das escrituras. Ficaria o estigma. Generais linha dura encarnariam em mim. E, hoje, continuo paralisado pelo mesmo motivo. Sou ministeriável de novo e, com perdão de madame, o meu negócio é serviço público. Amigos me ofereceram bilhões à vista. A tentação é grande. Os advogados discordam, esta gata me ameaça de divórcio. Os advogados propuseram o seguinte: montam uma empresa em que os sócios "brilham" e o papai aqui."reflete". Mantenho controle majoritário, naturalmente. As terras são minhas, a maior parte da grana também. Bem, não gosto de sócios. E se me aventurasse, enfeixando tudo nas mãos, meu tempo todo iria nisso, e madame mais uma vez me perdoe, prefiro governo. Agora, você entrando, a ideia de sócio muda de figura. É um prazer e não a chatice habitual. Que tal? Metade dos teus dólares, correção monetária automática, venda prévia no paralelo, e mil por cento de lucro em 3 anos, em imóveis ou erva viva, à escolha do freguês, e nenhum cent a mais em urbanização e loteamento. Não responde logo, consulta um advogado de confiança no Brasil, a quem mostro os papéis e o terreno a um telefonema teu, e te passo a planta do que te caberia no investimento inicial. Só te peço que não cite o meu nome, OK? Repito: é tudo legal. A discrição é o preço da paz.

— Maneco, amor, pera lá, tive outra ideia, o Hugo precisa de um pied-à-terre no Rio, no mínimo. E o melhor é comprar do melhor, em conta. Hugo, amor, te sobram 300 mil dólares. Com metade disso, à vista, você pode comprar o apartamento em frente ao nosso, mesmo tamanho e acabamento. Num financiamento te sairia 5 vezes mais caro. É de uma senhora suíça, viúva, quer voltar para o cantão dela. A divisão é mais aproveitada que a do nosso. Maneco discorda, porque ele escolheu a nossa divisão, mas o arquiteto Pedrinho concorda. A velha, aliás, só aceita proposta à vista, tem horror a se aporrinhar o resto da vida brigando com o Banco Central até receber os caraminguás dela. Se você topar, deixa comigo que resolvo. Que que você acha, Maneco, amor?

"Maneco, amor" concordou. Sobraram dólares que me permitiram satisfazer fantasias de novo-rico, vestir-me em Londres, comprar objets d'art e quinquilharias várias. Vivo dessa semente. Os

lucros vieram certos na hora certa e dissociei-me de Maneco, já tendo aprendido o plantio e porque ele me causa bastante repulsa. O pied-à-terre suposto é onde moro.

Um dia, Alberto, meu amigo do Banco Central, veio tomar um uísque. Não há segredos entre nós, a "única gente moral no mundo", como nos chamávamos, modestamente, os trotskistas. Ele riu "às bandeiras despregadas", quando lhe contei a história do meu debut capitalista especulatório.

— Hugo, você entende de Marx e de economia soviética e americana, mas de microeconomia brasileira, picas. A empresa do "doutor" Maneco, em suma, ele sozinho, comprou aquelas terras sabendo do projeto da Rio—Niterói, na baixa, no tempo de "Niterói, veja antes que acabe", como diz o próprio. Sentou em cima com medo do escândalo, porque ministro e informado que nós estávamos de olho nele. Outro motivo: a empresa de construção do moço concorreu à ponte e sifu, entre outras razões porque alguns milicos do BNDE, não subornáveis, descobriram o latifúndio do puto. Teu dinheiro foi usado na urbanização e loteamento. 300 mil dólares cash, que Maneco não dispunha. Vale muito mais que isso, claro, agora se meteu em tantas que naquela época não lhe sobrava o nariz em liquidez. A tua "erva semente" salvou-lhe o pescoço. Se fosse de mãos vazias aos banqueiros particulares, eles tomariam conta do projeto pelo expediente clássico: juros impossíveis de pagar. Maneco, dando uma demonstração de liquidez, te batendo a carteira, os banqueiros aceitaram financiar o resto cobrando juros razoáveis, pois o negócio é bom assim mesmo. E foi bom negócio para você também. A diferença é que Maneco se forrou "n" vezes mais, às tuas custas, não investindo um níquel dele. Idem, este prédio, este apartamento. Não duvido que existisse uma velha suíça. Aposto meu décimo terceiro e bonificações que a dita cuja era inquilina, ou testa de ferro. Novamente, não é que você tenha perdido dinheiro. O imóvel se valorizou em dois anos quase o que você deixou de ganhar se aplicasse os 150 mil no eurodólar, ou nas felipetas que nosso governo revolucionário permite e emite. Te enrabaram com vaselina. Não tira pedaço. O Dr. Maneco não faz graça pra ninguém. Não posso, oficialmente, te mostrar o prontuário

dele no banco, ou seja, mostro a hora que você quiser. Te consola. Gangster brasileiro enrolaria até o nosso Preobazhensky.

Tudo bem.

— Tudo bem na estratosfera, marte ser vermelho é indicação de tendência ideológica? — Renata me belisca de mão, pinicão, pinicão.

— Fui inconveniente?

— Não, e isso é que é o chato, deveria estar me namorando, como namorou aquela senhora lá, com o menino a tiracolo, e fica aí viajando, pode-se saber aonde?

— À terra do Brucutu. — Falando nisso, soube por Philip, na minha despedida de Washington, que o Senador de… tomara 1,5 milhão de dólares do meu pupilo, alegando, via intérprete, que o dinheiro era necessário para "dirimir dificuldades" com alguns colegas de comissão, menos sensíveis à importância estratégica do bom relacionamento Brasil-EUA. O dinheiro, segundo Philip, terminou inteiro na conta de quem o extorquiu, em Zurique ou Genebra. Minha mediocridade como profiteur me envergonha, e é um breque à minha vergonha. Não é uma vergonha fanática.

Ataco alvo resistente, um filé, enquanto Álvaro e as moças se servem de pratos elaborados, é certo que Álvaro ensinou o cozinheiro a cozinhar, como agora me ensinará a viver. Os fracos-abusados são impiedosos.

— Na tua divagação metafísica, expliquei às meninas o pedigree de D. Maria Tereza, secular, do tempo de D. João Charuto, e o grupo que vocês formavam, até em Moscou ouvi falar, e a tragédia que de repente desfez tudo, a morte explosiva, ha, ha, essa é boa, hem, morte explosiva, do Hesse e do tal de Victor, esse quem era, Hugo, da Quarta Internacional, tua gente? E, dias depois, um certo Jack Ainsworth, presidente de uma baita multinacional, morreu misteriosamente num mergulho de caça submarina. As meninas, politizadíssimas, acharam logo que era troço de luta armada. Ninguém antes dos 30 anos, na minha experiência, acredita em morte acidental, tudo precisa de motivação, batata, Hugo?

Minha mão esquerda se abre e fecha, em espasmos, imagino prazerosamente a transformação arquitetônica, demolição da cara de Álvaro. Renata pega a mão, abre-a e bota um alentado uísque.

— Aqui todo mundo se conhece, né? Parece a Lalai de Bauru.

— Sou mais a tal de Lalai, em comida, no escuro. Botequins deste tipo aqui me lembram Tortuga, sem Errol Flynn e Basil Rathbone para nos divertirem. Muitos esquartejariam o vizinho, se houvesse garantia de impunidade. Não há. Aí apelam à constante brasileira: o mau caráter, disfarçado em afetividade. — Mas assinei o armistício, ignoro Álvaro e chamo o maître. Quero vinho. Dá sono.

Álvaro não me ignora, e da Lalai extrapola Aristóteles quando predeterminou a população das cidades, os limites demográficos necessários a mantê-las comunitariamente humanas, que nossas megalópoles transbordaram não só porque o processo de concentração industrial ditou, há também o êxodo rural compulsório, forçado pelo latifúndio estéril, ou tecnocratizado, capital-intensive. Ninguém aguenta o gigantismo e fragmentação do senso comunitário e individual, a pressão que exercem sobre nós, em defesa nos engrupamos ferrenhamente, nisso o Rio é mais feliz do que São Paulo, pois a praia substituiu a retreta interiorana… escolho um Bordeaux barbitúrico.

Entrou Eduardo, “A Gorda”, o Ministro da Economia, seguido de uma coorte de assessores, reais e meros sicofantas, só homens, e diversas mesas são unidas com destreza pelos garçons, sob a batuta do maître, acomodando todos, alguns de paletó histrionicamente amarfanhado e gravatas fora do lugar, indicando que “vem do batente” pela idolatrada, salve, salve. Estão aos cochichos, que soam sensuais aos que gostariam de ouvi-los, quem sabe uma nova e rendosa instrução ou resolução é discutida?

Eduardo, silencioso, placidamente sorridente, é o centro inequívoco de atenções, saúda de mão à direita e à esquerda, sempre correspondido. A assessoria não tira o olho de cima do magneto. Mesmo a dois, reserva um “soslaio” vigilante, o maná não obedece a boletins meteorológicos, pode cair a qualquer instante e ninguém quer perdê-lo.

Poder é sexo. As mãos do ministro, passando manteiga num pãozinho, sugerem que acaricia pudendas (há dúvidas quanto ao sexo preferido; simples; os dois; paga caro às mulheres, desconheço a cotação dos mancebos que fazem nele o que faz nas mulheres); mãos que expressam a certeza de que a um “toc”

levariam a coorte a entrar de prontidão, atenta ao mais ínfimo comando.

O “quase-falido” foi ao beija-mão. Os jovens assessores, os que se dão ao trabalho, olham-no condescendentemente. Eduardo, não. Se levanta e abraça o “condenado”, que se sacode, ri alto e fala aos borbotões em face de tanta mercê, os dois obstruindo a passagem dos garçons distribuindo o serviço, que não protestam, circulam o obstáculo, rodopiam nos graus necessários, sem choques, dançarinos modernos irreconhecidos pela crítica. O ministro ouve, de olhos fechados, mantendo o sorriso de gozo inefável ao suplicante; às vezes, concorda de leve, de cabeça. Ambos competem em ênfase perceptível a todo o restaurante, como o casal numa pista que pratica “evoluções” reduzindo os demais à marginalidade, a “massa”.

— Terça-feira, às 4,30, então? — se despede, estrondoso, o escroque, certo de que assinalou ao resto o “acesso” de que ainda dispõe, credores ou olheiros de credores, sem falar dos jornalistas, rondam o pasto…

O ministro sorri aquiescente. Não disse uma palavra. Senta e abre, enfim, os olhos sobre um aipo que agarra e parte ruidosamente nos dentes. Depois de exibir a “face humana da Revolução”, sente fome.

Provei o Bordeaux, tentando calcular, sem sucesso, a densidade de água acrescida. Renata, que instintivamente sei’ bad news, não me abandona: — Você se readaptou ao convívio dessa gente depois de 1964, né? Não houve cobranças?

— Bem nascido é bem nascido, Renata. Os amigos de direita do Hugo consideravam ele um excêntrico, tipo alcoólatra, toxicômano, ou bicharoco. Ninguém perde status por causa disso. E, a bem da verdade, o Hugo não assustou os cavalos na rua.

— Álvaro, sou de classe média, como você. O único palpite certo seu é que não assustei os cavalos na rua.

Denise quer saber se no Rio a PE e PM são da cavalaria: — Em São Paulo correm atrás da gente de automóvel ou a pé.

— Denise, minha querida, uma das atrizes favoritas de Bernard Shaw, Mrs. Patrick Campbell…

Renata, que desde o apertão nas bochechas, sorri bandeira a meio-pau, me fala ao ouvido: — Esses caras aqui não te hostilizaram nem um pouco?

— Nunca escrevi nada que excitasse o que vocês chamam de povão. Atingia convertidos, ou gente de nível universitário, quase zero vírgula zero da população. A brincadeira de elite habitual.

— Bem, e os doutores em Direito aí em volta?

— Renata, me chamavam disso e daquilo pelas costas, provavelmente. Você estava de tranças, pulando amarelinha, em 1964. Pouca gente sabia que bicho dava até 3 de abril. Se imaginava que o Jango tinha militares, um “dispositivo”. Antes, nesses botequins, os mais atrevidos rugiam à minha entrada, era audível. A maioria, sem garantia de impunidade, me tratava “simpaticamente”, vendo em mim uma possível apólice de seguro contra o bolchevismo. Nossa derrota foi tão total, minha insignificância tão exposta, que não me deram mais bola. O Brizola, o Arraes, ou mesmo o Jango fortificado de alguns uísques, agitavam a ralé. Eu, não. 1964 apenas confirmou que vivo num beco sem saída. E resolvi procurar acomodações confortáveis.

Denise: — A saída é a luta armada.

Na entrada, Elza, sacerdotisa do pansexualismo, aparece, acompanhada de um cavalheiro que desconheço, mixê novo, presumo. Me saúda do jeito debochado de sempre, dois dedos da mão direita movidos rapidamente, o que é bye bye também. Mostro a língua e abano as orelhas.

Renata: — Acho que o Hugo desaprova nossa maneira de viver. Agora, nunca pensei que mostrasse a língua assim.

Denise: — Caguei.

Espero que não seja verdade.

— O Hugo, minhas queridas, se autocrítica e critica o elitismo da intelligentsia de esquerda do nosso tempo. Diagnóstico certo, cura errada. A intelligentsia é uma peça essencial de articulação no que necessitamos, hoje, de uma frente ampla da burguesia nacional, igreja progressista, classes trabalhadoras e classe média na carestia, todas as forças descontentes com o sistema.

É fácil compreender por que Hamlet mata Polonius.

Renata informa que cansou desse papo, que a “dela” é medicina social, de sacerdote, trabalhando nas “cidades livres, nas favelas, particularmente cuidando de crianças, cuja desproteinização hereditária fomenta deformidades endocrinológicas, quando não morrem de subnutrição, o que, pensando bem, em muitos casos dos males é o menor”.

Testo uma batata “prussiana”: — Denise, onde você quarou o último verão?

— Na Ilha Bela. Por quê?

— Garanto que há uns bons botequins de cachaça na Ilha Bela, se não o Jânio não passaria férias lá. É uma vergonha. Conheço os EUA melhor que o Brasil. Nunca fui ao Sul, além da cidade de São Paulo. Às vezes, dá vontade de me enfiar num carro e ver a roça toda.

— Não entendo a mudança brusca de assunto, Hugo. As meninas, ou eu, nós te ofendemos?

— Álvaro, te falei no carro sobre essa história de me ofenderem. Acho apenas que num jantar, numa noite desocupada, a conversa deve ser leviana e treda, faz bem à digestão, em vez de ouvirmos recitado o Tesouro da Juventude que você acumulou na cabeça. Os ingleses é que estão certos, consideram bad form, rata, papos “pseudo” nessas ocasiões.

— Desculpe, mas não vejo nada de pseudo em dedicar minha vida à medicina social num país onde ainda há epidemias de varíola, cólera, *etc.* Na Alemanha Ocidental, quando estive lá, apareceu um caso de varíola e virou manchete nacional, pela raridade.

O ministro me viu e fez que não. Conheço-o da casa de Maria, a quem, “consta”, anos atrás, pagou 10 mil cruzeiros, quando isso.

Puxo a bic de um garçom que quase cai, escrevo um telefone, entrego a Renata: era dinheiro, por uma noite. Eduardo espera sempre que tomem a iniciativa em cumprimentá-lo, obrigação que considera tão normal quanto o pagamento do imposto de renda — pelos assalariados, ou gente de renda indisfarçável. Maria Tereza come concentradamente. O Julinho se esfrega noutro “espanto” bronzeado, se passam a mão no cangote e trocam monossílabos. Elza vem à nossa mesa, dá um “oi” aos outros, sem encará-los.

— Mais tarde vão lá em casa o Elton John, Rod Stewart. Vê se aparece… e seus amigos, naturalmente…

Desvia à esquerda ao encontro de dois intelectuais lucrativamente aposentados na direção da TV Globo.

— Quem são Elton John e Rod Stewart? Ou é uma pessoa só?

As moças “morrem” de rir.

Fico feliz de divertir a juventude. É melhor que corrompê-la, socraticamente, como o Álvaro.

— Você me apresenta mesmo a teus amigos do Sloan-Kettering?

— Liga presse número, chama D. Alzira, minha secretária, diz que prometi duas cartas e tudo bem.

— Quem é essa loura deslumbrante?

— É mulata clara, “morena” aqui, e pinta os cabelos. É amiga de infância. Subverte a moral dos filhos e filhas da classe dirigente. É o que chamo ação política produtiva e realista. O Império Britânico acabou assim, as melhores cabeças da classe dominante entregaram-se ao hedonismo entre 1890 e 1910, a famosa pausa, inexplicada, no desenvolvimento inglês, enquanto Alemanha e EUA disparavam. O que restava de “gente boa” foi assassinada no Somme e Paschendale, na guerra de 1914. Já que somos a terra do amor e carinho, nenhuma chance de uma hecatombe igual, profilática. Resta-nos Elza, tua loura deslumbrante. É altamente subversiva, Álvaro, merece todo nosso apoio. Vinde a mim as criancinhas é o moto dela, a serviço da desagregação da família brasileira.

— Hugo, meu querido, não acredito que a inação política tenha virado tua filosofia de vida.

— Inação? O preço desse jantar, uns 4 salários mínimos, ajudará a capitalização do dono do restaurante, que reinvestirá, abrindo outros. E desconto tudo no imposto de renda, que não pago, aliás, sonegando o dinheiro à camorra. Você ensina na Faculdade Cândido Mendes, que mama verbas do sistema e de fundações americanas, “comes no banquete do imperialismo e da ditadura”. E ensina filosofia idealista, se não perderia o emprego. Mantém a cabeça da moçada nas nuvens, “alienada”, e pagas imposto de renda na fonte, meu garboso gaúcho, és peça subserviente da

engrenagem, menos de boca. O sonho de guerrilha de Denise, assaltos a bancos, *etc.* fornece uma esmola, dispensável, à economia soviética, importando rifles AK-47. Os bancos estão no seguro, o Instituto de Resseguros ressarce as seguradoras, usando o dinheiro que o ministro ali cobra do Álvaro e outros assalariados, o tiro é uma pulga num elefante, sem mencionar o fato de que guerrilha na América Latina é tão autônoma quanto destino de calvinista.

— E eu, onde fico?

— Pessoalmente, minha bênção. Politicamente, na perspectiva do Álvaro, você é a pior. É o Brasil Grande. Vi de perto, em Washington, na medida do possível, como funciona o governo imperial. É a mesma incompetência, obesidade e esculhambação que o nosso, tamanho família. Sobrevive na base das "Renatas", burocratas dedicados de carreira, *entrepreneurs* criadores, profissionais capazes, gente em geral séria e decente, que não partilha diretamente o poder. Não há governo que escape dessa definição. A j suposta eficiência nazista é o maior mito. Hitler manteve-se contra a corrupção, estupidez e falência moral dos seus companheiros. Valeu-se do serviço público de Bismarck, o melhor do mundo, dos generais prussianos, idem, da mão de obra mais qualificada que já existiu. Se não fosse o antissemitismo seguraria Einstein e Fermi, vulgo a bomba atômica. Sifu porque menosprezou a intelectualidade, em boa parte judaica. Renata, você fará medicina gratuita, né? Vai viver de quê? Mesada do papai. Papai é industrial, né? Então, é industrial do Banco do Brasil, que "concentra" o dinheiro do povo nos gigantes, levando o povo à miséria e às doenças que Renata tentará curar. É hilariante, desculpe.

— Bem, nem todos nós podemos nos dar ao luxo de viver de rendas, lesando o fisco e não subsidiando multinacionais.

— Álvaro, azar; não, burrice. Adere ao sistema, boneca dos pampas. Com a tua capacidade de falar horas, sem que se entenda uma palavra, você acabaria pontificando na Escola Superior de Guerra. Vi uns documentos deles. O nível é "Chapeuzinho Vermelho", só que empolado. E o Golbery, perto de você, é Machado de Assis, em clareza. "Lululizando" os milicos, do jeito que você namora a Denise, eles baixariam as calças, que é onde lhes

fica o cérebro. E há benefícios adicionais. Não comeram nada igual à macarronada à la Álvaro. Experimentei a *cuisine* de vários quartéis. Ainda é à banha, velho. Você ganharia fácil a confiança deles. Te dariam informações sobre a mecânica do sistema. Próxima baldeação: embaixada soviética. Não há mais revoluções nacionais, crianças, aprendi isso do Hesse, já sabia, na carne, e negava na cabeça, ele me forçou a aceitar. Me recolhi à minha insignificância, assustado e ferido, lambendo feridas. O Hesse "escolheu a liberdade". Álvaro, tu tem a mãe do socialismo, a URSS, cujo regaço é tão amplo quanto prisão da Lubyanka, "ali, ó", na Praça Vermelha, sempre aberta, nunca fecha o expediente.

— Hugo, tá me gozando ou tá de porre?

— Álvaro, estou sóbrio como um Adventista do Sétimo Dia no Gulag. Não discuto nem me meto em política neste país…

Aí começou a loucura. Os assessores do ministro foram os primeiros a me atacar. Rasgaram minha camisa a trapos e me arriaram as calças. Eu, distraído, pusera uma cueca velha, de professor de geografia. Aplausos de todas as mesas, um batecum de clímax de sacrifício humano. Renata e Denise sorriam, arreganhadas, maliciosas. Álvaro esfregava as mãos, exaltado: — Paredão, paredão, justiça do povo. — Os jornalistas me atiravam garrafas de uísque e vodca, minha cabeça e o rosto viraram chaga, provei meu próprio sangue, fraco, frio e fudido. Todo mundo berrando de alegria. Não é possível. Ninguém me defenderá?

Olho o maître e garçons, súplice, afinal, encho-os de gorjetas. O maître conduzia o pessoal da cozinha. Os garçons me seguram e os outros derramam em cima de mim latas de lixo, engulo restos de strogonoff, picadinho, peixe, tudo um amarelo-podre, engasgo nervos e sebo de carnes várias, o fedor nauseante, o estômago me dando socos de vômito.

Maria Tereza, meu deus, de calcinhas, sem sutiã, gritava: "Confessa, você matou o Hesse, o Jack, o Victor." Coro geral: "Confessa, confessa!!!" O Julinho me exibe um membro gigante: "Apita aqui, velho brocha." Elza avança sobre Maria Tereza. Uma aliada? Não. Deita Maria Tereza na mesa, tirou-lhe as calcinhas, passando-lhe pó na xota e começa a lambê-lo. Sei que isso é

comum na casa dela, em meninas e meninos, agora em público não fica bem.

O ministro proclama do alto da mesa, onde adiposamente regia o espetáculo: “Chegou o CODI. Vamos cumprir a lei de segurança nacional, rapazes.”

Catarinas imensos me baixam o cassetete. Leio: “Made in U.S.A.” O coronel que habitualmente porta um jacaré mignon nos braços assiste à cena, lascivo, sem o bicho. Cuspindo os últimos dentes, pergunto pelo jacaré. “Já vem.” E veio. Cresceu o animal. É um jacaré pré-histórico, antediluviano. Chora perdidamente. O coronel arranca-me as cuecas, deixando-me nu em pelo, sem pedir licença, e seca-lhe as lágrimas. O Coronel ordena: “Começa por baixo, comendo aquela inutilidade pendurada! É a salsicha antes do churrasco.” O crocodilo abriu a bocarra. Cobre a visibilidade que me sobra. É a gorja…

VII

— Está melhor, ô cara?

Dou um salto, força de expressão, me mexo da cintura para cima, entorpecido, na minha cama, o ar condicionado funcionando, de pijamas, me toco, passo as mãos nos dentes e rosto, a ruína costumeira permanece inalterada.. O autor da pergunta é o Dr. Joseph Hansen, o Juca; me olha, divertindo-se a grande, de pé ao lado da cama.

— É extraordinário o nível de tensão em que você vive. Se me der permissão, noticio o acontecimento num jornal médico, anonimato garantido, naturalmente.

E me toma o pulso e enfia um termômetro no sovaco.

— Não se preocupe, é uma formalidade. Se ficar meio tonto é efeito do soporífero. Relax and enjoy it.

— Que merda é essa, porra? Que que você está fazendo aqui? Maria mora em frente.

— Quer uma recapitulação cronológica? Não é contra tuas teorias de ficção? Bom aquele último artigo: “Não é possível deixar de ser irônico e fragmentário descrevendo a sociedade atual, em que as personagens apenas repetem mecanicamente rituais que perderam toda a credibilidade. A mímica elaborada de desastres dos _ comediantes do cinema mudo, hoje, se tornou quase naturalismo…” Ou cito errado? Você telefonou horas atrás. Precisava urgentemente me ver. Deixei família e convidados, minha mulher resmungando o de costume. Você abriu a porta, amável, sentamos, me deu um uísque e, depois, pediu licença, que precisava dar uma vomitada, sic. Esperei perto de meia-hora. Fui ao banheiro. Você já tinha enchido, pelos meus cálculos, umas três latrinas…

— Espero que o vinho tenha saído com as carnes certas.

— ... segurando tua cabeça, injetei um antiespasmódico, o que, aos poucos, te conteve. Voltamos aqui. Aí ouvi uma história fantástica em que o nosso tzar da economia, o Eduardo, havia comandado o ataque de um restaurante inteiro contra você, que derramaram lixo na tua cabeça, que a Elza tinha mineteado pó na xota de Maria Tereza em público, jornalistas amigos seus de 20 anos atiravam garrafas no teu coco, um crocodilo pré-histórico te engoliu, antes um coronel limpando as lágrimas do bicho numa cueca de professor de geografia; o que é, falando nisso, cueca de professor de geografia? Me perdi, precisaria analisar o material. Esqueci de tomar notas porque essa história de Elza e Maria Tereza me deixou de pau duro. Você prometeu me levar à casa da Elza e não cumpriu… toca o telefone. Um tal de Álvaro perguntava pelo teu estado de saúde. É aquele stalinista falastrão que viveu na URSS? Bom, segundo esse Álvaro, ele, você e duas moças jantavam num restaurante e, de repente, você passou mal, pediu desculpas e foi embora, não se esquecendo de debitar a nota na tua conta, com a eficiência prussiana habitual. Garanti ao Álvaro, depois de me identificar médico, de ouvir perguntas, uma chuva de perguntas repeticiosas, que se tratava de “indisposição passageira”. Deve ser o stalinista, pois adorou o clichê, e, claro, “fez uma visita”. Resolvi checar. Desci à portaria. O garagista me contou que você entregara o carro normalmente, cumprimentando-o, sempre amável. O porteiro idem, acho que você é o morador favorito da criadagem. “Não é consciência, é culpa que faz o mundo girar”, diz o velho Singer… subi, te apliquei um soporífero de derrubar elefante, que te faria dormir tranquilamente umas oito horas, mínimo. Durou menos de uma hora no teu organismo. É extraordinário. Merece notícia médica.

— Bem, desculpe ter te tirado de casa pra nada. Quanto é que você está cobrando por visita a domicílio?

— Vai pra puta que te pariu, Hugo. Te manjo, cara, sou eu, lembra, Juca, lemos Marx e o Velho juntos, antes de você se enamorar do pseudo-stalinismo do Hesse.

— E já naqueles tempos notei que você tinha uma incompreensão imperfeita da dialética, uma tendência ao

escolasticismo no teu raciocínio.

— Bukharin é a vovozinha.

— Você tem certeza de que não é parente daquele Joe Hansen, o guarda-costas secretário do Trotsky, o que impediu os outros de atirarem no Mercader, com medo de acertarem no Velho ou deixando que o Mercader completasse o serviço? A Vanessa Redgrave acha que ele está implicado no assassinato. Ou, quem sabe, você é o próprio? Há outros cirurgiões plásticos, além do Dr. Pitanguy…

— É isso que te fez alucinar, hoje. Você não quer enfrentar a verdade e fica nessa pirotécnica intelectual que deixa os outros tontos. Comigo, não, violão.

— Juca, você sabe o que é a verdade. Essa nem Jesus Cristo arriscou resposta, ma tu sabe, né?

— Você sabe perfeitamente de que verdade eu falo. Qualquer coisa que acontece o teu cérebro estetiza, o intelecto bombardeia, brecando reações emocionais, soterradas lá embaixo. A vida é um teatro, e Hugo Mann, o crítico. Interessa a maneira, a forma, do fato, ou sensação. O conteúdo é bloqueado. É muito esperto, esperto, não é tão inteligente quanto você imagina. O brilhareco de tuas generalizações não quer dizer que sejam corretas. E você próprio se deslumbra tanto com essa técnica de ver que não enxerga metade do que está na cara.

— Dr. Hansen, o Sr. está se desbundando em complexidades, hoje. Toma outro uísque aí.

— Tomo. E você poderia me dar o nome do teu contrabandista. Este Black Label é do rabo.

— No caderninho ali. Ademir. Quem me dera eu me chamasse Ademir.

— Seria bem melhor. Estás todo rempli aí, minha flor, porque não deste a menor pala, o superego velho de guerra te salvou Não se iluda. Mil vezes preferível um vexame público; ao menos punha o bacalhau pra fora, te lavando a alma.

— Dr. Hansen, acho sua linguagem extremamente antiprofissional. É assim que o Sr. fala às senhoras neuróticas, teu gado, que sentem kleinianamente saudades da genitália de papai? “Madame, o que a senhora quer mesmo é a piroca do seu

‘progenitor’.” Deve ser muito divertido. Não é à toa que só se consegue consulta com seis meses de antecedência.

— Se eu usasse linguagem médica, você gozaria meu jargão. Hugo, reconheça que não vim aqui voluntariamente, apesar do prazer da companhia; que alguém me telefonou. Alguém que precisava de auxílio. Todos necessitamos uns dos outros, de alguma forma…

— Nenhum homem é uma ilha, Juca, Dr. Hansen? Antes sesse, antes sesse, não haveria guerras, que começaram quando Caim e Abel partilharam mãe e caverna. E se você me permite comentário psicanalítico um tanto sobre o coloquial, essa tua atitude de “mãe judia” me enche o saco. É repressão também, né? Me lembro do Juca, pré-1964, cujo sonho era ser “chefe de polícia um dia”. “24 horas me bastariam”, sic.

— Outra vez discutimos as minhas repressões. Fui psicanalisado seis anos e sei muito bem delas, *thank you*. Esse negócio teu pode e deve voltar… se é que é a primeira vez que aconteceu… em síntese, se você se abre, é possível, apenas possível, dar um jeito. Se se fecha, lacra, o resultado é a explosão final, seguida da catatonia. Um bilhete de ida, só.

— O Laing diz que é duca.

— Você quer que eu vá embora?

— Não, enxuga o Black Label. O que você sugere que eu faça?

— Sei lá, escreve um livro, planta uma árvore, faz um filho. Você não me leva a sério como analista.

— Levo, é o único. Apenas não levo análise a sério, eu e Freud. E te preferia pintor. Ainda tenho um desenho teu, lá no estúdio.

— Já vi, não gosto mais; vale uma boa grana, hoje.

— Juca, você nasceu de cu pra lua. Pintor de grande talento, Bienal e o escambal a quatro, agora é pago para presidir a vida de neuróticos e píssicos desocupados, a maioria precisando de uma ama-seca permanente que lhes assegure que estão vivos, o que é discutível, que estejam vivos, na minha opinião. Eu, como Porgy, I’ve got plenty of nothin’, picas, manjou, e disso não saio, ninguém me tira.

— Bem, se a alucinação recomeçou com acessos de modéstia, é melhor eu chamar o PINEL.

— Não, juro. Sou um radical conservador. Não consigo conciliar minha situação pessoal, que acho confortável e civilizada, no contexto, com o que aí está, que abomino, o que me leva a abominar minha situação pessoal, que não dispenso. Ao menos, de festivo ninguém pode me acusar.

— Todos nós vivemos divididos, Hugo. Você é o cara do galope. É bonito, mas, sabe, numa longa jornada o cavalo não aguenta, exige um trote, marcha, ou é o "calcanho". Você é um nocauteador. A maioria das lutas se vence ou se perde por pontos. Você acusa a vida de não oferecer soluções rápidas e radicais. A vida não é assim, meu chapa. Pense no pessoal, em cada um de nós. Não é sempre enrolado, ambíguo, ambivalente, inconcluso? Por que o político haveria de ser diferente? Política é a atividade mais humana que existe, e reflete as perplexidades e falibilidade do ser humano.

Se teu desenvolvimento emocional não fosse atrofiado, reprimido nesse superego gigante, você sairia desse cul-de-sac.

— Também conhecido como "cu de saco". Sei o que vejo. Te vejo de calças de veludo que custaram, estimativa conservadora, quatro milhas. A camisa é Jermyn Street… éramos cinco, não? Você, eu, o David, que agora é banqueiro do Eurodólar, emprestou 1 bilhão de dólares ao Governo Geisel e, nas horas vagas, comete ensaios sobre literatura latino-americana progressista no *Times Literary Supplement*. O Alberto, no Banco Central, ao menos não tenta esconder o jogo. Respeito o Alberto. E o Simão, que cria cachorros de raça em Petrópolis. No nosso último encontro, me confessou que fornece "algum" a Israel, do que se envergonha, naturalmente, pois sabe que Israel é um entreposto do imperialismo, mas, na menopausa, se sente emocionalmente obrigado a manter identidade judaica. Os stalinistas nos chamavam de ponta de lança do imperialismo. Deram-nos muito cartaz. Somos insignificantes demais.

— Típico. É você escrito, Hugo. Sabia que o Simão financiou, protegeu, pôs fora do país um bocado de meninos da guerrilha? Moitou contigo não por desconfiança, mas porque teme a navalha da tua língua. Preferiu humilhar-se numa bobagem dessas, que entendo muito bem e que gentio nenhum manja. E sou meio judeu, só. Você e o Hesse, que nunca foram antissemitas, não me

chamavam de Jacó, às vezes, no colégio? Não te passa pela cabeça que enriqueci, em parte ao menos, porque os "jacós" sempre ganham dinheiro? Claro, eu não daria um níquel a Israel, quero que Israel se foda, agora não quero que os judeus lá se fodam. Você aceitaria isso se lesse num romance de Proust: olhando em volta, gente de carne e osso, fica tão intolerante da natureza humana quanto um rabino ortodoxo em face dos goym. Você presume que o David seja apenas banqueiro e literato. Eu, analista de grã-finas e ex-pintor. Nos reduziu a uma dimensão derrotista. Nos vê no *teu* espelho. Num salão, nos ridicularizaria fazendo os outros rirem às lágrimas. É um talento, sem dúvida. É a verdade? Os fios, alguns fios desencontrados, são a meada?

— Vocês quatro me puseram no pelourinho quando me lancei no jornalismo político ao lado do Hesse, me despejaram toda a sagrada escritura do nosso marxismo impoluto, me chamaram de Malraux nietzschiano de Grajaú e troços no gênero; mas eu não tenho o direito de apontar a contradição entre o que vocês professam e o que. são, é isso, Dr. Hansen, a verdade?

Não estávamos certos? Quanto a você? Não mudei um tico, politicamente. O Hesse dispensa comentários. Você caiu numa choldra, pegou canas, não influiu nada no processo, e solto, bem de vida, brilhando nos salões, fechou-se num culturalismo subjetivo que nem mais tolera, terminando de bico fechado e sibarita. Todos nós contra o sistema vivemos esquizofrenicamente. Prefiro ser um analista competente do que perder tempo mistificando o público em "revoluções democráticas", prefiro o exílio interno, o silêncio, que não desperdiço. Não me julgue pelas aparências…

— Pensei que em análise as aparências, as mais banais, fossem o ponto de partida…

— Ponto de partida, ponto. Mas chega, e aqui fala o amigo e analista. Por que você não vive, simplesmente, em vez de ficar se autocomiserando no bar do Ritz, em Paris? Há quanto tempo você não tem uma mulher que não seja mixê, piranha, etc.? A Marília do Mário está doidinha pra dar pra você, seria um caso de amor, Hugo; falando nisso, todo mundo nota as intenções da moça, menos o marido e você. Marília é uma graça e oferece o dividendo adicional de que você chifraria o stalinista enrustido mais chato da paróquia…

ou, experimenta o homossexualismo. Resolveu o problema de dois banqueiros clientes meus.

— Você aderiu ao Rycroft?

— No caso, acho que tem toda a razão. Numa sociedade em ” que o egoísmo é a única ideologia, o narcisismo homossexual é uma forma neurótica de manter corpo e alma coesos.

— Isso é uma proposta? Você está uma gracinha, magrinho, aveludado, atleta de caratê, peito sem pelos…

— OK, então tenta carne fresca, feminina, classe média cricri. Ainda existe às pampas, fora do perímetro de restaurantes, bares e casas que você frequenta. Ou volta a trabalhar, Hugo. Escreve um grande livro sobre essa bosta. Não temos um único, exceto “modelos” marxistas de terceira mão, “marxismo de galinheiro”, como diz aquele moço, esquecido de que na cabeça dele só brota merda de galinha. Minha pintura estava ficando tão formalista e eu tão enfurnado nos problemas de organização que tive uma pane perto da qual a tua queda é descida de planador…

— Conheci uma moça, hoje, que me lembra você da escola de medicina, inocente, dedicado, sem um pingo de humor, a inocência, nela e você, o Juca daqueles tempos, é atraente. Uma gata paulista, Renata…

— Renata… é médica, digo, é italiana?

— Sei lá, não sei, é, é, descendente, parece, por que?

— Nada, o nome bateu um sininho, uma campainha, uma *bell*, para você, na minha cabeça. Não pode ser a mesma pessoa…

— Bem, Renata não é um nome tão invulgar como Joseph Hansen. E não adianta perguntar o nome da família. É raro quem tenha na nossa intimidade obsessiva. Você viu a Maria?

— Vi, está abaladíssima e dizendo bobagem, mas eu controlo…

— Abaladíssima…? Ah, você consolou nossa amiga, né?

— Bem, foi chato, não é, velho?

— É, principalmente pro crioulo, que morreu fiel à máxima de que o bom cabrito não berra. Isso é que é coerência.

— Um animal autodidata… posso tomar o penúltimo?... você continua acreditando que a função do terror é aterrorizar?

— É um leninismo que acho ter viajado bem esse meio século e lá vai fumaça, Dr. Hansen.

— Mas há uma guerra civil no mundo.

— Há, mas não é a nossa, Dr. Hansen. Os líderes são parentes do Cabeça de Negro e sofrem todos da doença infantil do nacionalismo, que, em última análise, é uma força reacionária.

— Em última análise… galope ou “pow, pow”, hem, Hugo? Putz, já é o cu da matina. Te vejo amanhã na Ângela 1?

— Não adianta perguntar se ela melhorou, adianta?

— Não, mas não desisto. Não meço a vida pau a pau com as minhas ansiedades, como você. Não é piche.

— E se eu tomar um uísque?

— Vai ser um capote, afinal o remédio continua no teu organismo, mas toma, não te dei barbitúrico.

— Oba, oba, obrigado, doutor. A boca do crocodilo era uma gorja… O Sr. já olhou uma gorja, Dr. Hansen?

— Piso macio e em terra firme, meu querido, e acredito que todas as feras são domáveis se tivermos paciência e lhes aprendermos a linguagem. Toma lá o “apagador”. Te vejo à noite na Maria, também?

— Precisamos conversar a sós sobre outros assuntos. Incesto, por exemplo. Um dia desses…

— Um dia desses… bye.

Esse cara é tão maluco quanto eu. Ou mais. A modéstia me impede…

VIII

Acordei às 11 da manhã, Juca não “repercutiu” e sempre me deixa a sensação peculiar a Hesse, que esconde mais que mostra; a diferença é que Hesse “galopava” também, enquanto Juca pratica o amor a brasileira. É cheio de dengo e baldas, a começar pelo apelido ridículo para alguém com um cérebro que corta como um chicote… leio as manchetes das folhas locais, identificando quem plantou o que, onde. Não há notícias. O que me interessar, uma raridade, descubro telefonando aos mencionados ou próximos. Me barbeio, banho, troco de pijamas, e, no terceiro cafezinho, volto à cama, de lençóis trocados, em que me esperam livros, publicações estrangeiras, belisco aqui e ali à procura do que reforce o que já penso das coisas. Não se lê mais depois de uma certa idade e experiência. A gente se lubrifica apenas.

— Dr. Hugo, tem uma moça aí querendo ver o senhor.

— Foi batizada?

— He, he. Como é que é, Dr. Hugo?

— O nome dela, Jesuína, o nome.

— Ah, he, he, D. Renata.

— Ai, meu… manda entrar. E traz mais café.

Renata resiste à manhã, ou talvez eu enxergue mal, igual, o dia inteiro. Ela parece, de manhã, o que parecia à noite. Está de vestido, o que merece registro em *nos jours*. Uma mulher de vestido dois dias seguidos.

— Desculpe se não me levanto e faço as honras. Ordens médicas.

— Nós estávamos tão chatos assim que você precisasse sair à francesa?

— Nunca vi francês algum sair à francesa. E a chatice não foi maior, ou menor, que eu esperava. Alucinei de repente. O restaurante todo me humilhava, me justiçava, no teu vocabulário, e dei as de vila de diogo. Chamei um analista amigo, gazeou e pôs esparadrapo no meu cérebro, me deixando pronto para outra.

— Muito engraçado.

— É a reação invariável quando digo a verdade.

— Posso sentar na sua cama?

— Aquela cadeira de palhinha é muito confortável.

— Você me leva à festa de hoje aí do lado?

— Festa? Ah, sim. Não. Tenho um compromisso.

— Ah, é a senhora aflita do telefone. É a viúva do Hesse, não?

— Pede ao Álvaro que ele te carrega.

— Ele vai de Denise. Sobrei.

— Bobagem. A anfitriã é tolerante e não notará se o Álvaro está com uma ou duas mulheres, aliás, não notará o Álvaro.

— Ela é tua íntima, né, desculpe. O Álvaro me contou a história do Cabeça de Negro, que acha um potencial revolucionário inconscientizado.

— Olha aí, Álvaro antes do meio-dia, dá urticária. O nosso Cabeça era um assassino, ladrão, cafifa e traficante de drogas. E é irrelevante que os Rockefellers façam mais mal ao mundo. Vocês comunistoides são tão sentimentais quanto a Igreja. A diferença é que a Igreja não se ilude sobre a natureza humana. Reserva a redenção ao além-túmulo, desde que o pecador se arrependa no fotochart. Isso é mais plausível do que acreditar que o Cabeça, se lesse Marx, lutaria pela revolução, ou mudaria de temperamento e comportamento em circunstâncias diferentes. A maioria dos miseráveis é de uma santa honestidade. Fica indignada à menor sugestão de que tenha o direito político de roubar e matar. O velho Toynbee achava que o comunismo era uma heresia cristã. Esqueceu o adjetivo: babaca.

— Adoro ouvir você falar.

— Prefiro ler.

— Você garante que a D. Maria não bronqueia se eu for de pacotinho do Álvaro?

— Eu diria que ela está tão apaixonada por si própria que não sente nada, pró ou contra, pelo próximo, com algumas exceções, nas horas vagas. Pode ir que é mole. E depois é “grande elenco”. Você passa despercebida. Se houver problema, intervenho, OK?

Ela faz muxoxo.

— Quer me explicar o que que há?

— Nada. Babaquice minha. Você quer que eu vá embora?

— Você quer ir embora?

— Não.

— Estou sendo usado por você, Renata, e, contra todo o meu raciocínio, me sinto te usando. É a especialidade suprema de vocês, mulheres, conosco, né? Das que ainda se interessam por nós, número que diminui, mas que, em retirada, como bons exércitos, luta melhor que nunca.

— Você é arrogante, estúpido, pedante. Trata todo mundo como tapete. E é uma merda física, ainda por cima.

— Falo como escrevo, segundo uma jovem que conheci recentemente, e não sei o que é Fórmula-1, não vou a futebol há mais de 20 anos…

— Você não entende que me sinto gaúche na sua presença, que não estou habituada a gente do teu tipo, que me dói esse arame farpado na tua língua…

— Você disse ontem que não se deixava mais ferir. Em geral, acredito na palavra dos outros, se não os conheço bem…

— É diferente, sua besta. Lá, na polícia, me mobilizei toda. Tinha o estímulo do ódio. Em você procurei uma… uma…

— Saída? Entrada? Relação? Eu sou igual à “D. Maria”, me ocupo todo, casa permanentemente esgotada.

— Obrigada pela franqueza. Tchau.

— Tchau.

— Posso deitar aí um pouco?

! O que se passou entre mim e Renata é particular. Não comento minha vida sexual, só a dos outros e muito recatadamente.

— Thanks.

— E agora você vai abrir a carteira e me dar uma nota de 100? — Ela ri toda e aí reduz rápido. Sorrio. É ternamente?

Levo-a ao Nino's, cônscio de uma maneira vaga da escolha errada, é que não me ocorre outra e estou sob lazeira mental. O restaurante, para os habitués, na hora do almoço, é um clube masculino, e os habitués me olham surpresos, retirando, respeitosos, a bola preta mental, depois de avaliarem o gado.

— Antes do teu, "ih, parece que bebe", como diz a Denise, eu me divertia muito, ontem, entre uma patada e outra. Ninguém nunca falou assim no nosso grupo, e o Álvaro, coitadinho, apoiadíssimo pela Denise, disse que você se destruiu emocionalmente depois da morte do Hesse, entrou numa depressão de que não saiu ainda, que, no fundo, permanecia o Hugo dos velhos tempos.

— É, né?

— Os homens se abrem comigo depois que dou pra eles. Libera vocês, se sentirem machos dominantes. Todo mundo se usa sexualmente à sua maneira…

— Acho que vou reconsiderar as 100 pratas.

— Deixa de ser bobo. Claro que havia a curiosidade, a atração pelo mito, se preferir, se te gratifica…

— Me "gratifica" se você não usar palavras como "gratifica" e "me mobilizei" na minha presença. A língua já é pobre, tua geração quer levada à falência. E não responda com "perdão por ter nascido".

— A grosseria em você é natural, ou, se adquirida, já não dá f para notar. O meu namoradinho, aquele que caiu na "missão Hesse", chorava se eu não tinha orgasmo. Me afligia tanto que assim que começávamos eu ficava feito cuíca gemendo. Você não se preocupa com essas coisas. Thanks, e olhe lá.

— Sexo se faz, quando se faz, a posição é ridícula, o prazer é transitório…

— Chega, não quero ouvir mais.

— Nem eu. Me conta de você.

j — Você vai morrer com a chatice. j — Vou morrer de qualquer maneira.

— É. Saí do colégio de freiras, Des Oiseaux, para a faculdade, neolatinas, esses troços enquanto a gente espera marido. Foi uma cacetada dé que ainda tenho recaídas, como quando quase chorei no teu quarto… me ridicularizaram, me passaram a mão, me

agarraram, me destruíram um a um os argumentos em favor da castidade, do papel da mulher, esposa, mãe… não, vou parar. Você vai rir de mim.

— Só se você charlar.

— Que qué isso?

— Você entendeu o sentido sem entender a palavra. Toca.

— Os professores nos marxizavam dia e noite, nos meses de estia no início do AI-5. Eu tinha 19 anos, engoli tudo e entreguei tudo, até meu cabacinho, a um de ciência política. O cara é uma paixão. É teu amigo, ou conhecido. S.e chama…

— Nada de nomes, if you please.

— OK, você é que sabe. Disse que te conhecia… Claro a cantada era “um gesto de revolta contra a hipocrisia burguesa”; não levou muito tempo e repetecos sem fim, na cama, preu perceber que o “gesto” é o equivalente do velho “quer ver minha coleção de borboletas?” Não faz mal. Gostei. Gostava dele, casado e com filhos, naturalmente…

E “explodi” politicamente. Formamos grupos de contestação, revoltados contra a geração de vocês, já te expliquei os motivos. Sou veterana de mil passeatas e cacetadas. Botei cabeça de negro no consulado americano, num 1? de abril, o prédio onde semana passada fui pedir e me deram visto.

¦ -f Nossos gurus, no mestrado ou doutorado, nos convenceram / que representávamos a vanguarda do Marcuse, que lemos todos, é duro, cada paralelepípedo. Não entendi, francamente. Me parecia que ele escreveu que revolução numa sociedade tecnologicamente adiantada é impossível. São Paulo, no Brasil, é o máximo em progresso. Sugeri numa reunião que deveríamos procurar a gente do campo, das favelas, bestializada na miséria. Me baixaram uma senhora esculhambação, ouvi preleções sobre “idiotia rural”...

— Você entendeu Marcuse perfeitamente.

— Jura? Putz, não está me gozando?

— Em absoluto.

— Boa, Renata, mas sabe como é que é, aos 19 ou 20 anos, com toda a liberação que os rapazes nos presenteavam de boca, voltávamos pro borralho à primeira dúvida sobre uma palavra de ordem.

O negócio começou a me cansar. Não a ideia de a gente resistir de todas as maneiras à ditadura. Continuei crente e disposta a tudo. Nem reclamava que os homens nos destacassem, a nós, mulheres, para as contestações mais frontais ao regime, aos professores reaças, ou às tropas que volta e meia invadiam a universidade. Nossos líderes ficavam no bem bom, pontificando, enquanto nos arriavam o cacete, a repressão, digo. Os líderes nos explicaram que sendo do "sexo frágil" estaríamos sujeitas a menores represálias, porque a gorilada, burguesa, é, por definição, hipócrita. E sem a liderança a salvo, nós, as bases, não saberíamos o que fazer. Bem…

Agora, a universidade virava aos poucos um deserto. Os professores legais foram postos na ma. Eu, que trocara neolatinas pela economia e sociologia, o "paixão" aquele me aconselhara, saí correndo da primeira aula de moral e cívica. Me convocaram à reitoria. Fiz um olhar de Denise e contei que o negócio tinha sido um piriri irresistível. Colou. Me mandei. Aí apareceu medicina. Gostei de primeira. Aliás, nunca perdi a fome de estudar, nem quando me dava vontade de sair pela rua esfaqueando o primeiro tipo fardado, ainda que fosse guarda de trânsito.

O que me fundiu de verdade foi que aquele barulho todo não levava a nada. Nem o povão nos prestigiava. Já havia "mil" cisões, vários colegas estavam na guerrilha urbana, foquismo, Guevara pra lá, Marighella pra cá, *etc.* e tal. Eu, indecisa. Protestei ao guru-mor que nas passeatas nos cuspiam piadinhas, ou cuspe mesmo e chovia garrafa, da massa que supostamente conscientizávamos. Veio a ordem que me submetesse ou sumisse. Sumi e mais uns três que concordavam comigo. Nos xingaram de blanquistas.

— O que é correto.

— Você acha?

— Claro que sim, Blanqui foi um delinquente senil politico. No Brasil, jovem, quebraria bares em companhia de uns amigos meus. Não vem ao caso. Deixa eu adiantar tua história. Um belo dia surgiu um ou vários jovens desconhecidos, nunca envolvidos antes em nada, que propuseram atos concretos contra o sistema. — Como é que você sabe?

— Palpite. Vai.

— Bem, esses caras novos, todos de nome de guerra, que nos impuseram, o meu “Júlia”, que tal? Esses afirmavam que não só os protestos, “desvio mistificador do Partidão”, como o foquismo, estavam… pera aí... “condenados à lixeira da História”.

— Usaram estas palavras, precisamente?

— É, por quê?

— Nada. Tou ouvindo.

— Esculacharam o Fidel. Diziam que aderira ao stalinismo para a América Latina, à tese do “socialismo num só país”, Cuba. Parte do acordo EUA-URSS, em 1962, mísseis em Cuba, lembra? Eu, não… que denunciara o Guevara à CIA, na Bolívia, via o Debray e a tal “Tania”, da KGB, amante do Che. Pra nós era meio “aventuras de Mem de Sá”, agora, garantiam que o Fidel, à la Stálin, preferia entregar dissidentes à repressão imperialista do que tolerar que competissem com ele pelo comando das esquerdas latino-americanas. Que o próprio foquismo não passava de despiste, missões suicidas, que o imperialismo destruía fácil, poupando Cuba… é incrível, não?

— Não. É crível da cabeça aos pés, descontando alguns exageros de ênfase. É uma análise muito sofisticada daqueles anos.

— Nos cabalaram que, em troca de os EUA não invadirem Cuba, o Fidel concordara em não estender a revolução latino-americana, o preço cobrado por Washington para não arrasar Cuba na tal crise de 1962. E que o Fidel assinara em público essa traição apoiando em 1968 a invasão soviética da Tchecoeslováquia…

— Concordo em gênero e número, o grau, não sei. E o que eles propunham?

— O que me convenceu e a meu namoradinho, o morto. O resto nos bestificara, amávamos o Fidel… se o povo cagou pra manifestos, passeatas, gritaria liberal, etc., iria pegar em armas num foco revolucionário, matar e morrer? Lógico que não.

A ideia é que a revolução, pela proximidade esmagadora dos EUA, perdera uma batalha na América Latina. “Inútil ficar preso aos slogans de ontem.” O único foco revolucionário produtivo, porque o único escorado em massa de milhões, está no Oriente Médio. Os palestinos. No Oriente Médio, a revolução internacional, a honesta,

a de Lênin e Trotsky, seria uma força irresistível. Havia alguns judeus no nosso grupo e se assustaram, de leve.

O moço magro, cheio de espinhas, óculos de vovó, que nos doutrinava, "João", não se abalou. Fez farta distribuição de tranquilizantes aos judeus. Israel não era o alvo, manjou? Os Estados árabes feudais usavam Israel, descarregavam os ressentimentos das massas árabes contra o feudalismo, desviando-o para os estrangeiros, os intrusos, os sionistas, se não as massas árabes revolucionariam o feudalismo. "João" parecia o Álvaro, nisso. Erudito paca. Falou no "gambito Henry V". Que é isso, nunca entendi direito.

— Henry V declarou guerra à França unindo a Inglaterra, em guerra civil permanente, contra o inimigo externo. Pedro II "vietnamizou" o Paraguai, silenciando em nome da unidade nacional as revoltas burguesas no Brasil, no Século XIX. A analogia com o Oriente Médio é perfeita. Há mil exemplos.

— Vocês é que sabem. A revolução palestina se alastraria por todo o Oriente Médio, dando um golpe de morte na caixa do imperialismo. Nossa função seria de apoio. Primeiro, aprenderíamos guerrilha adulta, na Líbia e Líbano. Treinados, voltaríamos ao Brasil e iniciaríamos ação diversionista, liquidando pilhas de figuras do sistema, executivos de multinacionais, *etc.* "Drenando e dispersando as forças e vigilância do imperialismo." Fomos e treinamos. Dinheiro é que não faltava. Os palestinos juraram a nossos meninos judeus que teriam todos os direitos numa Palestina secular, democrática e socialista. Tudo bem. Armamos um esquema de segurança nacional. Desconheço detalhes. Eu, "gatilho", quanto menos soubesse ou soubessem de mim, mais segura e maior segurança pro movimento. Protestei de ficar de cabra cega. "João": "Não se recusa convite a participar de uma força de elite."

— Palavras literais?

— Literais. Por quê?

— E daí?

— Daí, caímos. O resto te contei. Nunca mais vi ou ouvi falar dos outros, no que minha ignorância ajudou. Fora "João", instrutores, a "telefonista" e meu namoradinho, que não sabia do meu papel, me isolaram completamente. Na Europa, frequentei uns

grupos, lancei umas indiretas discretíssimas. Negativo. Lhufas. Neca.

— E o “João”?

— Sumiu. Não foi preso, que eu saiba.

— Devia ser o agente, ou o leva-e-traz do agente. Aposto que está morto e não foi a repressão que assassinou.

— Agente de que, de quem? O cara era um puro, ou o melhor ator do mundo.

— Acredito que fosse um puro. Um puro matou o Almirante Darlan, na Segunda Guerra, que se opunha à influência de Churchill na formação do novo governo francês. O General Sikorski, presidente polonês, morreu num desastre de avião, no Mediterrâneo, erro de algum mecânico puro. Heydrich, o único cérebro nazista que incomodava os serviços de inteligência ingleses, foi assassinado por dois patriotas tchecos, puros. A pureza é a arma mais letal.

— Agora, quem vai comprar maçã sou eu, fessô.

— Renata, você não se deu conta do que disse. A começar pelas frases literárias desse tal de “João”. Todas são clássicas de literatura de revolução e subversão. O plano de vocês tem uma *finesse* ideológica, estratégica e tática muito acima do cérebro de passarinho de PC do B, “MRs”, Lamarcas, APs e quejandos radicais caboclos. A análise do peso relativo da América Latina e Oriente Médio, por exemplo, é exata, excetuando as “relações públicas” entre palestinos e judeus. Os palestinos são a revolução mundial, associados às massas árabes, se não degenerarem em nacionalismo stalinistoide. Acho que degeneram, me parece inevitável, se a experiência conta; agora o enfoque do tal “João”, se alguém acredita em revolução permanente, é impecável. O que excluiu taticamente é que os palestinos pretendem cortar o saco dos judeus, se e quando reconquistarem a Palestina. Mas isso é detalhe. É tão boa a análise que a cabeça por trás é de duas uma: um revolucionário competente, ave inédita aqui, ou um manipulador de primeira.

E, de qualquer forma, se manipulador ou não, você e ele, se inocente, foram manipulados. É certo que se o Oriente Médio seguido do Golfo da Pérsia caem, o imperialismo vai à falência. O

imperialismo sabe disso, o que teu guru omitiu, e entre falência e a guerra, a opção é guerra. E aí entra o que não é detalhe. Interessa à URSS essa guerra, nuclear, por que seria nuclear? Duvido. Não interessa nem à URSS nem aos EUA. Mil vezes melhor j a tensão permanente, ganhos aqui e perdas ali, a manutenção dos sonhos sionistas de independência, das aspirações palestinas a um "lar", essa papagaiada toda que enche as seções internacionais da imprensa. O que custa às superpotências uma guerrilha local, de vez em quando? Vendem armas e faturam. Quando, porém, o Dr. Moshe Dayan ia tomar o Cairo, indefeso, em 1967, veio a ordem, ordem de Washington, "para". Se não parasse, mixaria o "auxílio". Na de 1973, os russos treinaram os egípcios para criarem um estrago em Israel. Na medida exata. Sadat lhes pediu armas ofensivas que garantissem a chance de vitória. Negadas. E se avançasse sobre Tel-Aviv o "alto lá" vinha em russo, tão brutal quanto a contenção de Dayan, em 1967. E Moscou e Washington, controlando o suprimento de armas, controlam os avanços e recuos de todas as facções. O resto é demagogia, ou sonho de bebês ideológicos.

— Você está parecendo o Álvaro. Não entendi nada.

— Minha querida, política de superpotência tem o mesmo j critério que armarinho. Custo, receita, prejuízo aceitável ou inaceitável. Vocês são prisioneiros de ideologias, tão reais quanto o que as freiras te ensinaram sobre moral e costumes na nossa sociedade.. O Departamento de Estado, enquanto fatura no "modelo concentrador de riqueza" no Brasil, cultiva e encoraja a oposição democrática. O custo é banal. É uma apólice de seguro, prêmios suaves. Se houver um revertere, o Departamento de Estado estará por dentro da situação, dispondo dos elementos adequados a tentar controlá-la, sem prejuízo dos interesses dos EUA. A URSS furou a maior greve de mineiros de carvão na Espanha de Franco, vendendo carvão a Franco. E te garanto que os líderes dos mineiros eram do PC. Ou, vamos ficar em casa. Guerrilheiros às pencas. Garotos idealistas e bobos, ou títeres de forças "alienígenas"? A maneira de verificar é "aderir" discretamente à guerrilha, até financiá-la, separando o joio "alienígena" do trigo dos ingênuos. Quais os riscos?, A guerrilha incentivou a repressão, que é, em

última análise, sindical, mantendo a pau a mão de obra barata que aumentou os lucros dos grandes capitalistas. A guerrilha não ameaça o Estado militar. Pelo contrário, mantém a “coesão” do oficialato na luta contra o “mal maior”, o comunismo, distraindo a atenção dos oficiais nacionalistas brucutus do saque das multinacionais. Um negócio do Zaire.

— Negócio do Zaire?

— Minha modesta contribuição à gíria coroa, já que “negócio da China” não cabe mais., Por que não dar corda à Terror Inc. 1 de vocês? Entre os “meninos e meninas dedicados”, não duvide um minuto, estava o agente da CIA, penetrando os campos palestinos e líbios. Outra vez, o custo é mínimo. O potencial de lucro, imenso. Que mal há em alimentar os “sansões” contra os pilares do sistema, desde que, na hora da derrubada, alguém “misteriosamente” traia?

Todo mundo sabe que industriais brasileiros financiaram a OBAN. É uma típica galegada nativa. A CIA ou KGB seriam mais sutis. Uma noite, num pôquer no Morumbi, um americano executivo de multinacional, caretão, sugere, de surpresa: “Ei, gang. Por que não jogar algum no outro lado?” Pasmo e incompreensão. O gringo, ridículo, explica humildemente que “a gente controla os fundos e informações e passa o roteiro deles, da garotada, à OBAN. Fica entre nós, OK?” Estalos gerais de Vieira. Os briosos soldados continuaram no seu “trabalho profícuo” prendendo os comunas no momento certo. O financiamento sugerido pelo americano ajudou até a identificar os mais secretos aparelhos. “Dinheiro é que não faltava”, você mesma me disse. O DOI-CODI tem as mãos cheias, mal chegam pras encomendas e, mais importante, os trabalhadores continuam no seu lugar, nada exigindo “nesta emergência nacional”.

^ Me diga: tirando a bobagem de trocar embaixador por terrorista, que economizou verbas do exército, expulsando presos-pensionistas do país, o que o terrorismo produziu, de remotamente positivo?

O gringo hipotético aquele, claro, é o homem da CIA. Sabe que os grupos econômicos nacionais não passam de delinquentes primários. E se irritou até com a eficiência do DOI-CODI em esmagar vocês. Preferia que o processo fosse mais lento, adiando sine die a abertura de araque de agora, que traz greves salariais e

outras chateações. A “pureza” dos oficiais estragou a operação da CIA. Essa abertura de araque, minha querida, foi planejada pelo Conselho de Segurança Nacional em 1973. Sei disso via Washington, trabalhava lá, e até via Maneco, marido de Maria, e governo. Saiu atrasadíssima, no Governo Geisel, por causa da “ofensiva terrorista” de 1973. Uma coincidência curiosa, não? Lembra do primeiro discurso do Médici? Nem do tema? Democracia. Por que a transição súbita, dessa promessa, ao reino de terror conhecido? Havia resistências e problemas do sistema, claro, agora o catalista da repressão no período foram os jovens bem-intencionados, crianças ideológicas, se metendo em coisa de gente grande e, pior, manipulados cinicamente. Não que esse tipo de abertura resolva… ih, enchi e te encho…

Terminamos a carne-seca desfiada com abóbora. Renata tem lágrimas ligeiras, o que eu não queria. Por que falo tanto, santo deus? Porque não há nada a fazer neste país.

Esqueci um troço. Preciso avisar ao chofer. Saio à rua e sou atropelado por um Mercedes 280, vagabundo, menos aqui, táxi na Europa. Se ainda fosse 450. Me esborracho todo. Mal enxergo a gente em volta, “ai que horror”, “cruz credo”, alguém parecido com Chico Anísio, cheio de balangandãs de Umbanda, põe uma vela, cheiro de resina. Noto Renata ajoelhada, ao meu lado. Chora, ou ri? Apago.

Até no velório está quente paca. Não acredito que o inferno bata o Rio em calor. O caixão é confortável, mas poderiam ter posto um ar condicionado. Veio todo mundo que conheço. Me puseram uma beca preta, Savile Row, daquele alfaiate que me contou do árabe que fez 700 ternos, de uma tacada. Ao menos abotoei o paletó de rigueur. Discordo da gravata, cinza. Sei que é discreta, agora não será um tanto careta? Deve ter sido ideia do Maneco, idiota, cercado de “amigos de negócios”. Comenta: “Foi, foi comuna, compramos barato, o Mandarim mandou na Lapa, e, afinal, é menos um comendo minha mulher. Do jeito que iam as coisas, acabariam formando fila na porta do nosso chateau.” Que calúnia. Maria parece sinceramente comovida e me pega na mão.

— Eu disse a você que não andasse com mulher de menos de 40 anos. É uma perdição. Se estava se sentindo sozinho por que

não procurou a mamãe aqui, você sabe que mora de pijaminha no meu coração.

Maria Tereza não gostou:

— Você não larga o osso nem depois de morto, hem, Maria, sua vagabunda incestuosa. Eu era amiga dele muito antes do teu tempo. Permiti que me deixasse porque não foi sincero comigo, se não teríamos um lindo apartamento, com porteiro e elevador e ar refrigerado para os dias de calor.

Nunca ouvi Maria Tereza falar assim. Tento acalmá-la e repelir as infâmias de Maneco. O diabo é que ninguém me ouve.

Entra o coronel do CODI, de agulha na mão, e me espeta o dedo. O desgraçado viu Charade, Audrey Hepburn e Cary Grant. Audrey Hepburn não compareceu.

Maria Tereza protesta contra o coronel: — Bruto, selvagem!!! Animal!

Maria: — Sai gorila, não ganha banana, não. We have no bananas, today.

Maneco emite um estribilho.

Coronel: — Fascista, minhas senhoras, com toda a razão. Só faço o que manda o meu coração.

Vejo colegas de imprensa. Me tesouram.

— Vocês não acreditam que o Hugo entrevistou aquela gente toda, né? Chupava de programas de TV, de revistas que não circulam no Brasil. E a arrogância, putz, o Hesse e ele disputavam pau a pau. Vão se ver no inferno e jogar uma queda de braço.

Outro: — Não nego que manipulasse palavras maneirosamente, uma estrela de segundo caderno, que é ficção pura.

— E bicha enrustida. Olha a boquinha dele. Teus lábios não negam.

Renata: — Quem é você que não sabe o que diz? Meu Deus do céu, que palpite infeliz.

Álvaro engrossa, segurando Denise, que chora, as mulhas são mais generosas.

— É isso aí, neguinha, te abalou aquele papo no restaurante, num é? O Hugo se vendeu à CIA e sabia se aproveitar de naturezas impressionáveis.

O Cruz, Zelina a tiracolo, reza e me dirige a palavra, me dando um banho de suor.

— Adeus, velho amigo. Rezarei por você todas as noites. A misericórdia de Deus é infinita. Vai em paz.

Zelina me abre a braguilha. O Cruz enrubesce, digo, escurece. Dá-lhe uma bofetada.

— Ordinária, o cinto te espera em casa, meretriz.

— Ih, papai, o Sr. é tão devagar. Queria só dar uma chupadinha de despedida. Não tira pedaço.

Um dos jornalistas que me esculhambaram não desiste.

— Seria uma perda de tempo, senhorita. O Hugo odiaria. Trata-se de um invertido. Nunca descobriu por que não o prenderam no Corpo de Fuzileiros Navais. Lá, ninguém resiste à tentação.

Renata avança sobre ele. O Juca se esforça para manter a compostura das facções divergentes, até que as alas se abrem e entra Sílvia Maria, trazendo um uniforme, todo passado, num cabide.

— Hugo, sei que é chato encomendar coisa de gente que viaja. Normalmente, não faço isso. Minha mãe me ensinou que é hábito de classe média, como controle da natalidade. TODAVIA, o Paulo e você eram tão amigos que não custa tentar, né? Encontrei essa fantasia do Paulo num fundo de armário do garage, ignorava, deve ser do tempo dele de solteiro, em que vocês festejavam o tríduo momesco, desculpe o Aurélio, é que almocei um boi, hoje, estou tão desacostumada que entalou todo. Em conclusão, você se importaria de transportá-la ao seu legítimo proprietário?

É um uniforme de major da KGB. Antônio da Silva, vulgo Sadat, proprietário do jornal que Hesse editava, invadiu o papo.

— É russo!!! Te esconjuro. DEUS COM JUROS!!!

O coronel acode: — Dr. Antônio da Silva, em que posso servi-lo, sinhozinho?

— Ah, coronel, grato pela pronta assistência das Forças Armadas. Lembro-me do senhor, sim, não poderia esquecer aquela memorável aula de moral e cívica que ministramos a meninas subversivas na Gávea, sob o patrocínio de sua briosa corporação. Exorcizamos muito melhor os demônios do que os inquisidores da Idade Média, hoje, depois do leninista João XXIII, monges a serviço

de Moscou, o que tenho demonstrado à exaustão em diversos editoriais. Veja, isto é um uniforme da polícia soviética. Pertencia a um empregado meu, falecido, graças a Deus, nefando traidor da minha confiança, apesar de eu lhe pagar 60 mil cruzeiros por baixo do pano, hoje seria o triplo com a correção monetária, dinheiro que ele sonegava ao imposto de renda, o criminoso, amigo íntimo deste vilão aqui. Paulo Hesse, o comunista, abusando da nossa boa-fé e generosidade, foi enterrado em solo consagrado. É tarde demais para exumar-lhe o corpo e expô-lo à execração pública. Virou pó de traque. Iremos à forra no seu escudeiro, Hugo Mann. Aonde anda o Adelita, é este, creio, o nome do seu crocodilo?

— Sim, é o nome carinhoso que demos ao bichinho, um dos mais destemidos defensores da civilização ocidental cristã. Um minuto, sinhozinho. O Adelita partilha uma cerveja com o pessoa! da Bloch, no botequim da esquina. O Adelita é muito coquete, embora sempre fiel ao cumprimento do dever. Manchete prepara uma reportagem colorida de 10 páginas sobre ele…

Sílvia Maria se despede:

— Estraguei tudo de novo, hem, Hugo? Dommage. Não foi por mal. Se você soubesse como amadureci. Saberia hoje à noite se não houvesse se metido com moças de família de imigrantes. Tchauzinho, agora. PORRA, saiu tão vulgar. Hugo, me chama de Aríete, Hugo, seria tão importante que alguém ME CHAMASSE DE ARLETE, HUGO, HUGO...”

— Hugo, ai, esse quindim está uma loucura. Tem certeza que não quer provar um pedacinho? Que que há? Você saiu do ar um tempão.

— Não. Vou tomar outro Amaretto. E depois preciso ir a um lugar.

Chamo o maître.

— É o bilhete azul, é? Vou ser devolvida à creche?

— Se quiser vir comigo, OK. Te apresento à minha mulher e filha.

No carro, não é necessário comandar o chofer. Renata procura a frase certa. Não há. É tão simples entender por que os sensíveis sofrem o cão em nome de religiões e ideologias. Essas fantasias garantem certezas. A liberdade é uma agonia permanente, depois

da euforia da conquista: a paz profunda que experimentei, num estribo de bonde, “faz favoire”, ao fim de longo debate comigo mesmo, ao me convencer logicamente da inexistência de Deus, a sensação do vale tudo infinito. Aí vem o vácuo, o inesperado, o contraditório, o confuso, o inexplicável e o inexprimível. Pouca gente aguenta. A grande arte, não importa o que diga explicitamente, é a liberdade enfrentada sem panos quentes. Não é à toa que os totalitários, de Platão a Stálin, propunham bani-la. Nada existe de mais subversivo.

— Hugo, sabe, você vai rir de mim, me achar idiota, mas eu, eu não tenho enxoval nem pruma petite liaison contigo. Minha cabeça está zunindo desde ontem à noite.

— Uai, uma guerrilheira e liberada acometida de pruridos pequeno-burgueses. E uma contradição séria. Ver correspondência Lênin-Inessa Armand. Há uma edição nova, em inglês, organizada por Tamara Deutscher…

— Para, para. Você não precisa ser cruel o tempo todo. Você não foi cruel comigo lá no teu apartamento, foi gentil, delicado, ou não notou? Era isso, é? Não me machucou por indiferença, a indiferença com que você põe o cartão de crédito na conta sem nem olhar?

— Você choraria ou riria no meu enterro? Não precisa responder. Me conta mais da tua vida. Eu não sou interessante. Um livro fechado. Na estante. Vem de vez em quando alguém como você, passa um espanador na lombada, mexe em memórias e desejos, mas nem posso sacudir as páginas, não há espaço, estou espremido, impresso. Você é diferente. Tem um bocado de papel em branco pela frente. Não deixe que escrevam torto. Encosta aqui o corpo, é uma maravilha de engenharia, tudo no lugar certo, nada sobrando ou faltando. Eu pôr a mão no teu pescoço é um pedido de desculpas, um pedido táctil, humilde c honesto, melhor que o tatibitati, em que mentimos sempre.

Ela treme, quem não tem enxoval pra essas efusões sou eu, me dão um nó geral. Sei que Renata está condenada, a menos que suma do nosso “mundo”. Por que sei, não sei, é uma percepção de pele, mais, intravenosa, vai à jugular... com o corpo dela, vivo todo, me transmitindo intensidade que drenei ou bloqueei, relaxo, fantasio

não deixá-la jamais longe de mim, me descubro capaz de render-me ainda à emoção, não é desejo sexual, é algo abaixo ou acima, é aquele sentimento que um dia tocou e marcou santos e revolucionários, de que estamos todos uns nos outros, sentimento que apelidamos de uma babel de nomes que não o definem e que negamos peremptoriamente exista, se nos vemos ameaçados pelo que nos é estranho, indiferente, ou hostil. Também nos sacrificamos e morremos pela sua lembrança, os melhores, ou os ingênuos supremos entre nós. Não eu…

— Essa ânsia de corrigir as injustiças do mundo veio de quê? Teu pai te negou uma Honda depois da primeira menstruação?

Ela ri e está bem de novo, me deixando muito mal. É sempre assim, não? Precisa ser sempre assim? Não é pergunta que um atrofiado emocional possa responder.

— O carcamano é um amor. Nunca me negou nada. Vovô trouxe algum de Palermo, em dólares, uma herancinha. Se associou a um primo, criaram uma fábrica de vassouras, utensílios, coisas assim, em Bauru. Ganharam dinheiro. Vovô não educou papai direito, o velho continuou espiritualmente proletário, já rico. Filho pega no batente cedo. Escola pra quê? Papai casou logo. Conquistou a moça mais bonita da cidade, professora, de boa família, em nome, “remediada”, Denise, mamãe, e minha irmã. Um escândalo na família dela e dele. A dela se sentindo declassée. A dele imaginando golpe do baú. Inveja e burrice, de parte a parte. O carcamano era, é um espanto. Minha mãe de boba não tinha nada. Eu, no colo dele, já mocinha, me passavam ideias na cabeça que quando confessei ao padre o pobre homem quase apagou, me obrigando a um ato de contrição que ainda me dói nos joelhos à lembrança…

Minha mãe ensinou o carcamano a pegar no garfo, a tomar banho todo dia, a se barbear, a escrever e falar português como gente. Se amam, se entendem, se protegem, se cuidam carinhosamente. Nunca brigaram, que eu saiba. Somos seis caras e duas mulheres, Denise e eu. Harmonia total. Parece história da carochinha. É a pura verdade. Meus irmãos me levavam a festas orgulhosos de escoltarem a favorita de papai, que me chama de principessa, antes e depois do DOI. A família é sagrada. Quando

caí, não ouvi uma palavra de recriminação. E olha que ele apoiou o golpe de 1964, fez parte de um “comitê de cidadãos de Bauru pela restauração da verdadeira democracia”; minha mãe era da CAMDE. Eu em cana, o carcamano já estava tão rico, expandiu os negócios, que morávamos em São Paulo, num casarão no Jardim Europa. Os dois, papai e mamãe, não saíam de dentro do II Exército, torrando os oficiais. Iam e vinham a Brasília, apelando a quem conhecessem. Papai gastou meio bi de advogados pra me limparem no Superior Tribunal Militar. Eu na Europa, enquanto o processo corria, ele teve um enfarte. Não me avisaram porque pegava o primeiro avião e, claro, a FAB me castigava no Rio.

— E você trocou tudo isso pela baderna? Acho que se eu tivesse tido uma infância agradável seria o que sou, em paz, em contemplação eterna do meu próprio umbigo. Conte ao psicanalista kleiniano que vamos ver, o Juca, Dr. Joseph Hansen… ou melhor, não entre no assunto guerrilha, fique no geral. Não é desconfiança, mas quanto menos gente souber do teu prontuário, mais longevidade.

— Minha boca é um túmulo, mestre. Aonde estamos indo, falando nisso? A gente sobe, sobe, e nada.

— Já descemos, calma.

O sanatório é ajardinado. O bom é que só se vê a cidade de longe. Cristo fica vizinho, incomunicável.

Bêbados amigos fazem curas aqui, antes de recaírem. Há os permanentes, os que se renderam incondicionalmente. Nós lhes renderíamos homenagem, pela sabedoria, se soubessem o que escolheram.

Na recepção me reconhecem habitué e subo com Renata. Juca nos recebe: — Oi, como é que é? Ei, você melhorou muito de companhia. Vamos entrando.

Apresento Renata.

— Como está a moça?

-— O de costume. Tua tia ainda está aí, de Ângela 2.

Entramos na suíte, quarto e sala, gelo, plantas verdes claras, minorando as janelas gradeadas, primitivos na parede que colorem a prisão-mausoléu. Beijo minha tia Ana e passo a mão na cabeça de Ângela 2, menina de sete anos, que não toma conhecimento da

minha existência, grudada numa TV a cores, que só ela usa, ou, talvez as enfermeiras, quando não comparecemos.

Ângela 1 senta na cama, os cabelos louros soltos na rôbe azul celeste que pedi a Maria que comprasse. Olha e não vê, ou não dá sinal. Me aproximo. Não toco. Deve pesar uns 50 quilos, um progresso dos 38 de tempos atrás.

Não há nada a fazer. As enfermeiras lhe dão comida na boca, levam-na ao banheiro, banham-na, vestem, despem, *etc.* Ela obedece em ausência completa. O Juca tenta tudo. Proibi apenas a experiência americana com os autistas. Eletrificar ligeiramente o quarto todo, menos o lugar onde fica o médico. O paciente pula de um ponto a outro só encontrando conforto nos braços do médico, o que "estabelece contato". Duvido que funcione, e a ideia de choques me parece obscena. O Juca, de início, reagiu violentamente ao veto, "intromissão de leigos". Acho que, no fim, o artista nele terminou aceitando a objeção a eletrocutar a menina de novo.

Importo, sob o comando dele, tudo que existe no mundo, dos EUA à URSS, de literatura médica sobre estados semelhantes. E o Juca é tenaz. Um dia, aguentou 12 horas encarando a Ângela 1. Ela chorou um pouco. Noutra maratona, afagou a cabeça da filha, de leve. Ângela 2 trata a mãe como boneca grande. Tia Ana, velha e religiosa, "adotou" as Ângelas. Tias solteironas e devotas são um dos tesouros incatalogados da civilização ocidental. Ângela 1 "espia" a espuma do mar. O som monótono não chega até nós. A televisão ali fala sozinha.

O Juca, na sala, faz sala a Renata.

— O Hugo deve ter muito respeito por você, Renata, vocês se conhecem há muito tempo? É a primeira vez que permite gente de fora aqui, desde o casamento… nem Maria, uma amiga nossa, que decorou esse lugar, compra as roupas da moça, supre o básico feminino, é admitida.

A Ângela 1 é filha do Oswaldo, Ângela 1, chamamos assim porque a filha também é Ângela. Ih, tá na cara, não? É que dormi tarde ontem e tive hoje um dia daqueles, estou queimando óleo 70. O Oswaldo era um velho militante trotskista, dono de um jornaleco. Depredaram ele no CENIMAR. A menina viu tudo e depois fizeram o serviço nela, capuz, estupro, bem isso não é mais novidade nessa

nossa “abertura”, né? Desculpe, Renata, o Hugo, claro, já te contou tudo isso…

— Não, por favor, Dr. Hansen, eu quero saber, preciso saber.

— Juca, todo mundo me chama de Juca. Espero o dia em que a Ângela 1 me chame de Juca. Nesse dia, acharei que minha profissão valeu… se não bastasse ver matarem o pai, sofrer o que sofreu, a moça ainda estava grávida. O médico militar que remenda os sobreviventes, sumidade na profissão, igual a seus superiores em política, não notou. Contra todos os prognósticos, Ângela 2 nasceu inteira. É completamente normal. O Hugo contesta, de brincadeira, porque ela não desprega da TV. O Hugo… a mãe saiu do CENIMAR catatônica, e ele assumiu. Me contratou, e insiste em pagar tudo. Não diga nada, por favor, mas ponho o dinheiro numa caderneta de poupança em nome de Ângela 2. É uma barra difícil, o Hugo. Nesse tempo, trabalhava em Washington. Ganhava bem, mas sem o dinheiro de hoje. Se virou. E o engraçado é que não conhecia a Ângela 1. O nome do pai da criança nunca se descobriu. E o próprio Oswaldo. Os dois não se falavam desde 1963, quando o Oswaldo fez campanha pela saída do Carvalho Pinto do Ministério da Fazenda, o Hugo defendendo a permanência. Xingou o Oswaldo de stalinista… entre nós é pior que xingar a mãe… Que que houve, tá passando mal?

— Não é nada, não se incomode. É que tomamos vinho no almoço, a gente sai do ar condicionado naquele calorão…

— Epa, não precisa explicar, Renata. Toma isso. Pode tomar, sem susto. Sou médico formado, de corpo também, além de enganar grã-finas desocupadas, como diz o Hugo.

— Tudo bem, Dr… Juca. Não se preocupe comigo. Sei o que é repressão e essa moça aí é muito mais forte que eu. Se matassem meu pai na minha frente, eu me mataria sem um segundo de hesitação… fique tranquilo… essa cara espantada… você não entregou nada. Pertenço à maçonaria. Continue, fazendo o favor. Se o Hugo me trouxe aqui, deve ter algum motivo, que me escapa. Quero descobrir.

— Bem, o resto é parte da tragicomédia da justiça neste país. A vara de família não podia permitir que moça menor, mãe solteira, fosse sustentada por um cavalheiro solteiro, de meia idade. Seria

contra os bons costumes, contra a moral. Assassinato e tortura são OK, a adoção de duas menores desamparadas, uma seriamente doente, por um homem, é imoralidade. E o Hugo tem no SNI uma ficha tamanho família. Daí resolveu se casar com a Ângela 1, adotando legalmente a criança. Não foi fácil, até que arranjamos um juiz "companheiro", minto, do PC, mas decente e solidário. O Hesse e eu fomos padrinhos e umas companheiras da Ângela 1. E aqui estamos nós em situação estável, como diz o Eduardo, Ministro da Economia. Que que há, agora?

— Juca, desculpe o vexame ainda pouco. E olha, não sou neófita nessas complicações, já disse. E convivo com a neura desde que saí de casa faz uns nove anos. Mas a gente precisa de um ponto de referência, né, duma base, em que possa se… fixar… entre vocês, o pouco que vi e ouvi só me confunde. É uma espécie de sociedade secreta, ninguém de fora entende as regras, se é que existem.

— Tenho diplomas de três países diferentes que me dizem qualificado a decifrar os enigmas da mente humana, putz, desculpe os palavrões. Às vezes, quando tiro a medida do meu esforço e do que resulta, me parece que foram redigidos pelo Millôr Fernandes, me gozando sutilmente. Mas OK, devo ser membro dessa sociedade secreta que você fala. Que é que te grilou?

— Devo ser uma pequeno-burguesa incurável, o Hugo já me catalogou. Mas entendi que essa D. Maria, mulher de um dos responsáveis, ou cúmplices, pelo estado dessa moça, é quem cuida do "básico" feminino dela, e que esse Hesse, que traiu as ideias que levaram a Ângela a vegetal, foi um dos padrinhos do casamento. É o que, hem, filantropia? Ato de contrição? É burrice minha?

— Você é uma enragée, Renata. Os sentimentos são nobres, mas não se pode viver assim, de touro em loja de porcelana. É também muito perigoso… e, pior, é uma simplificação. Você conhece Maria?

— Não, de nome, e parece que vou à casa dela… é melhor eu me calar, o Hugo me aconselhou ao silêncio e começo a entender por que…

— Bobagem, fale à vontade. Você está entre amigos. O Hugo, a quem considero um irmão, é um reprimido, por isso se tortura tanto

e aos outros. Tem uma couraça em volta… Voltando à Maria, há um dito judeu, “moço, o Sr. fala muito bem, mas está errado”. Maria esculhamba dia e noite o marido por ele ser governo. Não aceita, nunca aceitou. E não é profiteuse. Nasceu em berço de ouro. Você brigou com tua família politicamente? É uma família radical?

— Não, pelo contrário…

— Se amanhã essa joça caísse violentamente, duvido que Maria acompanhasse Maneco, o marido, ao exílio. Não esconde de ninguém o que pensa, inclusive dos colegas de Maneco, a quem encontra socialmente. Agora, nesse meio, nessa idade, opinião de mulher não é levada a sério. Ela diverte os donatários do poder, faz com que se sintam bem, “liberais”, ouvindo desaforos. Na época da guerrilha urbana, Maria e o Hugo brigaram, trocaram de mal. Estremeceram. O Hugo ridicularizava, teorizando, teorizando, Maria vibrou porque alguém teve atitude.

— Uma senhora festiva.

— Em festas no círculo dela você aprende mais sobre este país do que lendo jornais ou frequentando universidades.

— E o Hesse, padrinho? Não me diga que ele no fundo era contra. Esse estudei vida e hábitos. Um sádico ainda por cima.

— Não sabia que vocês se conheceram. Mas sobre o Hesse você deveria perguntar ao Hugo.

— Ele não responde.

— Pois é, o Hugo é um jacobino quando desmonta os inimigos. Aos amigos perdoa tudo. Com todas as grandes qualidades pessoais que tem, não consigo levá-lo a sério, politicamente. Durante a cerimônia, na hora que o juiz perguntou pró-forma à Ângela se aceitava o Hugo, o Hesse empurrou a cabeça dela para baixo. Nós outros queríamos matá-lo. Ele nos olhou cheio de arrependimento debochado. O Hugo não ligou um tico. No dia seguinte, o Hesse morreu naquele desastre…

— Ai, Juca, NÃO AGUENTO MAIS... desculpe. Não é nada contigo. É pessoal e intransferível. Você me arranja um táxi?

— Pera aí, te levo. Já encerrei aqui. Aonde quer ir?

— Onde haja ar puro, em que as pessoas pelo menos aparentem ser comuns, desligadas desse ambiente, desse tipo de… topo Corcovado, Pão de Açúcar, quanto mais careta, melhor.

Conheço mal o Rio. Desde ontem só vi bar chique, apartamento chique, sanatório chique, esses pontos de gente fina.

— O Hugo, o Hugo não te leva à Maria?

— Tá noutra. E, agora, nem que pedisse de joelhos.

— Ela é muito ciumenta dos amigos homens. Te unharia toda. Te levo eu.

— Ué, você não é amigo dela?

— Sou casado e tenho três filhos.

— Entendi. Onde é o ponto de ônibus mais próximo? Preciso andar um pouco.

— Entendeu?

— Desço a pé.

— Ha, ha, ha. Gosto de você, Renata, é uma maravilha. A vida é maravilhosa. Sou o reverso do pessimismo do Hugo. Um otimista incurável.

— Você é simpático e não me goza o tempo todo. Não sei se isso é bom ou mim. Não sei mais nada. Perdi o tino, como diz minha mãe.

— Vai ser uma experiência você conhecer a fauna da casa da Maria. Mas antes uma sauna, medicina preventiva. Preciso também. Estou trabalhando desde a madrugada. Te mostro a Barra, a Floresta da Tijuca, à vontade da freguesa. Não há taxímetro de espécie alguma. E não se preocupe em dizer bye ao Hugo. Ele descansa aqui. Acho que é o único lugar em que descansa.

— Vocês são velhos amigos?

— Velhos conhecidos. Amigos, com altos e baixos, de uns 20 anos para cá. Estudamos no mesmo colégio, mas ele e o Hesse enturmavam a dois, e ninguém tinha acesso. Só se lembravam de mim domingo, na missa, que os padres, por eu ser judeu, me deram permissão de matar. Não era nada disso. Fui criado ateu. Usei o fato do meu judaísmo de parte de mãe, como desculpa. Meu avô foi um dos primeiros comunistas do Brasil, meu pai, na cisão de 1928, um dos primeiros trotskistas. Nasci em berço subversivo. O Hesse e o Hugo me gozavam pelo motivo errado; não encontravam jeito de escapar da missa, vindo de famílias católicas. Fiquei sem graça de estragar o prazer deles. O Hugo não sabe até hoje.

— Você é um doce de coco, Juca.

— Vamos?

Pela floresta da Tijuca o ar ainda é de terra desocupada, depois da queda de Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon em face da horda de bárbaros e seus monumentos horrendos. Juca deixou que Renata guiasse o Puma.

— É se entregando à subida, às curvas, que você sente realmente a "levitaçâo". Acredito em movimento permanente. Nunca parei até hoje. Não espere de mim, Renata, comentários de intelectual neurótico. Não me entreguei à imaginação de catástrofe, o Hugo me acusa, me disse de quem é a frase, Henry James, parece, não li e não gostei. O Hugo me acusa. Rejeito. Fiz sempre o que quis, direito. É um segredo besta de tranquilidade, fazer as coisas direito.

— Se pararmos agora somos atacados pelos mosquitos.

— Minha família contou os tostões preu estudar no colégio do Hesse e do Hugo. O Hesse era podre de rico. O Hugo, não, mas se passou fome alguma vez foi exercício místico. Fui primeiro aluno no colégio, c.d.f. legítimo, primeiro na escola de medicina. Resolvi pintar e terminei na Bienal, paparicadíssimo pela crítica, vendendo às pampas. Aos 22 anos me sustentava pintando. Amei meu primeiro carro. Aí, crise. O que eu pintava eu sabia certo, no estúdio, até abrir a porta e ver gente na ma, ou ler o Hugo e o Hesse, antes do Hesse virar personagem de sábado de aleluia…

— Mas ele, o Hesse, marcou um bocado vocês, né? Não há papo em que não entre…

X — É, a traição de um companheiro dói mais. Ninguém liga pro que a direita diz, é tão desacreditada. Trotsky escreveu que a direita, por ter perdido a razão histórica de ser, no seu pânico e decadência, recorreria à barbárie. Palavras proféticas. É a nossa realidade de hoje, do Vietnã ao DOI-CODI, pura paranoia. O maléfico no Hesse é que usava nossa argumentação defendendo o indefensável. E era brilhante, pouca gente aguentava polemizar com ele.

— Mas o Hugo não defende, não caiu sob a influência dele. Se fosse amigo fanático do Hesse nem me dirigiria a palavra, sabendo o que sabe de mim. Não deu importância. Talvez não dê importância a nada…

O Hugo complica tudo. A melhor explicação é a mais simples. Lemos os mesmos livros, o Hugo, o Hesse e eu. Meu pai e meu avô já haviam me ensinado a definição de justiça, antes de teorias, que desconheciam, porque eram artesãos. Todo mundo sabe o que é justiça. Política se resume nesta palavra, justiça, como análise se resume na palavra culpa, culpa de injustiças. É quando nos enredamos em estratégias, táticas, meditação de complexidades, é que nos danamos todos, nos perdemos… É gostoso um tempo… dá a sensação que saímos da trivialidade, da chatice, da vulgaridade do particular, que subimos a montanha e ficamos acima do terra a terra. É uma negação fantasiosa, esquizoide, da nossa mortalidade. Senti na carne, na minha pintura. Dias e dias de total contemplação e trabalho, tentando resolver um problema de forma, um tormento delicioso. Um dia pifei, perdi a memória, esqueci duas semanas. Me analisaram seis anos. Entendi e assimilei a relevância do concreto, do real, do intratável, que é preciso, todos nós precisamos enfrentar… a vida cresce do acúmulo de pequenas coisas, você guiar bem desse jeito, por exemplo. Falo sério. “Apaguei” a teorização. Procuro dar a meus pacientes um senso de peso, da medida do que vivem. Os mínimos detalhes contam.

— *Small is beautiful*, li um livro sobre isso uma vez.

— Não, não é literatura, ou filosofia, é o acesso, assimilação do real. Você olha, experimenta, se concentra no que come? Quando arruma os cabelos? Ou se lê, lê o que lê, ou procura uma fantasia de fuga? Faço meus clientes caírem na reflexão em voz alta do rotineiro. É um ponto de partida para que deixem de ser humanoides, teleguiados de modas, propaganda, abstrações que lhes violam o senso de integridade individual. Olha a luz entrando na veneziana, ou aqui sobre as árvores. O negócio é não se entregar ao obsessivo, não se prender ao que Hugos prescrevem, às ideias fixas. Nossa sociedade é uma tirania administrada por intelectuais, que ditam aos outros a maneira de viver, eles, intelectuais, servindo, claro, ao sistema, consciente ou inconscientemente.1 Você precisa se descobrir a si própria, antes de qualquer coisa, é a condição sine qua non da saúde mental. Não existe síntese absoluta. A gente precisa ir devagar, reconhecendo nossas limitações, aceitando naturalmente a possibilidade de fracasso. A alternativa é a desilusão

romântica e niilista à la Hugo, que sabe de tudo menos dele mesmo. Isso te parece bobagem?

— Negativo. É uma surpresa agradável. O Hugo me disse que você perderia o rebolado se soubesse que tive uma infância feliz e terminei no desvio.

— Renata, minha infância foi felicíssima. Minha mãe, judia, era uma artista do trapézio. Nunca nos faltou nada. Meus pais suaram a camisa. A velha não contestava o velho. Mulher judia tradicional não faz assim. Mas de um jeito carinhoso e tenaz levou papai a "tirar folga" da revolução e nos prover o básico. Nos vestíamos decentemente. Comíamos as proteínas certas. Líamos mais que o currículo colegial e a literatura comuna do velho. E ela nos advertiu, ainda me lembro: "Seu pai é um idealista. Vocês devem a ele respeito e lealdade totais. Agora, filho meu vai ser alguém na vida. Depois de se formarem e constituírem família que possam sustentar, se quiserem seguir os passos do José (papai), não direi nada. Antes, quem manda aqui sou eu." O velho era alfaiate de carregação. Ela nos via médicos, ou dentistas. Quase. Meu irmão é advogado. Uma parada, a velha. Não me arrependo um minuto que tenha morrido sem se envergonhar de nós. O Hesse e o Hugo começaram a vida cuspindo freudianamente nas colheres de prata que os pais deles ofereciam, mas o psicanalista sou eu.

— Você não tem irmãs?

— Não, dois marmanjos. E lamento. Uma irmã me ensinaria em tempo a entender melhor as mulheres.

— Em tempo?

— Minha mulher é boa gente, ou foi, não quero ser crítico. Mas eu era uma criança emocional quando nos namoramos na PUC. Fiquei deslumbrado, Andreia, linda… rica… me achava bonito.

-— Ela não precisa de óculos…

— Você quer me encabular? Temos muito pouco em comum, essa é que é a verdade. Resolvi pintar na faculdade. Andreia achou besteira. Ganhei uma nota, sucesso, etc., ela não reconheceu o erro e, olhe, não tripudiei. O sogro queria pagar o doutorado em Londres e Nova York. Preferi concorrer a bolsas, nem necessitava, tinha dinheiro. Procurava é ser aceito nos melhores hospitais-escolas. Quase não casamos… as bolsas vieram, sobrando, ofertas. A cada

vitória, aumentava a guerra em casa. Em Londres e Nova York, Andreia se queixava da solidão, mulher de médico, *etc.* Produzimos filhos. Andreia se descobriu escrava das crianças. Importei empregadas. O pai dela novamente tentou pegar a nota. Não deixei. A renda da pintura continuava firme. De volta, descuidei da medicina, obcecado em pintar e política. Andreia odiava, odeia meus amigos, "comunistas, intelectuais pernósticos, ou escroques do tipo Maria e Maneco". Gostaria que nos restringíssemos à roda do sogro, paranaense, latifundiários, banqueiros, udenistas, católicos "velha guarda" fervorosos. Em 1964, nossa convivência lembrava o conflito CGT, eu, e CAMDE, não preciso dizer quem. A desgraçadinha chegou a desfilar… não critiquei… fui sempre criticado… depois, me concentrei em análise e psiquiatria. Andreia cismou que não passava de pretexto preu "ter" mulheres ricas e fáceis. A muito custo, assinamos um armistício que dura até hoje. Por causa dos filhos, como esses canalhas que mandam jovens morrer na guerra em nome de gerações futuras. Moramos na mesma casa e vamos ou estamos juntos nas ocasiões inevitáveis de família. É isso aí. Ofereci desquite e, agora, divórcio, a critério dela. Não tomei iniciativa. Responde que é contra os princípios religiosos, "o que um judeuzinho suburbano jamais entenderá"... a culpa é minha, em boa parte. Eu deveria ceder aqui e ali. Nesta sociedade medieval o único recurso de uma mulher insatisfeita é ser puta ou chata. Andreia é chata. Na tua geração as coisas melhoraram muito pras moças. Várias vezes estimulei Andreia a voltar à faculdade, a conseguir um mestrado, não bateu nos "enta" ainda. A resposta é que não é judia, "escrava de dinheiro e poder". É inútil… Pera lá, dei um traço de Rouault nos defeitos… ela é boa mãe e não mobiliza os meninos contra mim.

— Porque não acreditariam nela, convivendo contigo, Juca. Essas cricris profissionais são muito mais calculistas e espertas do que os homens imaginam. Entre a missa e o cabeleireiro, sobra muito tempo pra armarem esses esquemas contra vocês, esquemas de dominação. É isso que ela quer, Juca, te dominar. Desculpe a intimidade, não conheço D. Andreia, agora manjo esse tipo de mulher. Olha, ser filha de banqueiro e industrial é uma entrada cada vez menor fora de um círculo que não para de encolher. Mulher de

analista e pintor famoso abre muito mais portas, inclusive de banqueiros e industriais. Ela te usa, não te dá nada e te faz sentir culpado. Espero que você entenda melhor suas pacientes.

— Você é muito radical. Reconheço que não tenho a distância de Andreia que posso assumir com minhas clientes. Ainda assim, a mulher no Brasil…

— Negativo, Juca. Na… nossa classe? Tua mulher tem o que, 38, 39 anos? Faço 29 em setembro. Não é tanta diferença assim, ou é? Entrei na faculdade virgenzinha, boboca de colégio de freiras, *etc.* e tal. Em dois tempos, levando alguns choques, ninguém escapa, claro, me integrei no Século XX. Se quisesse ser cricri, chance e dinheiro, dote, não me faltavam. Me faltava é vocação. Ainda hoje, apesar do que passei, os mocinhos de família que desejam uma mulherzinha anfitriã, mãe, dona de casa, me receberiam de braços abertos. Deixei um falando sozinho em São Paulo, dias atrás. Porque é um chato. Prefiro ter sido o que fui, porque escolhi. Não choro as consequências. Não sou a supermulher, não… te confesso que não aguentaria um repeteco… não me pisam de novo, doutor… nunca mais, como dizem os parentes da tua mãe…

— Você está tremendo, Renata. Que que há?

— Nada. Voltando ao assunto, D. Andreia não é uma cricri honesta, podes crer, meu querido. A cricri honesta amarra a trouxa e segue o marido aos infernos, desde que ele, como dizia tua santa mãe, seja um bom provedor. O que você é. D. Andreia é preguiçosa, safada, tirânica. As feministas conseguiram jogar todos os defeitos das mulheres nos homens e, quanto mais intelectualizados e sensíveis os homens, mais culpados se sentem. Sou feminista antes de aprender o sentido da palavra. Não preciso discutir o assunto, choramingar. E repito: na nossa classe, quem pode, pode, quem não pode, resmunga. Tenho dito.

— Vamos parar um pouco ali naquele boteco. Tem uns refrescos fantásticos. Ou você prefere um drinque?

— Refresco e biscoitinhos, Dr. Hansen. Eu sou uma jeune filie de Bauru. Acho o gosto do álcool horrível.

— Você queima mais que álcool, Renata. Não é à toa que se meteu em política neste país. É preciso muito fogo.

— Tenho esse também, Juca.

— Não é isso, Renata, você tirou o dia pra me gozar. O Hugo é infeccioso, não sou bom em…

— Você é ótimo, Juca, a melhor coisa que me aconteceu nesta cidade maravilhosa, cheia de encantos mil. Depois do convívio com o Dr. Hugo Mann eu tinha medo de abrir a boca pra ele não me comer a língua.

— Você é saudável. É preciso uma baita saúde mental para sobreviver ao que você passou e continuar nesse embalo…

— Obrigada, Doutor. Às vezes me bate uma… não saberia explicar… dei uma pala no carro há pouco… Mas se por saúde você quer dizer que toco pra frente, acertou na mosca. Neurose, no meu entender, é luxo, covardia.

— Você me faz sentir um pai de santo de boutique.

— Qué isso? Estou falando de mim, a "saudável". Sei que análise ajuda gente como a Ângela, que é horrível vocês chamarem de "1", entre parênteses. Parece troço de vegetal… Olha, Juca, a diferença entre mim e ela é que eu sabia o que me esperava no DOI-CODI.

— Não exagere, minha querida, não se desvalorize. Ninguém na guerrilha sabia o que esperar do CODI, me lembro do espanto quando chegaram os primeiros informes. Nunca imaginamos que eles descessem a tal nível de bestialidade, o que talvez tenha sido ingenuidade nossa…

— Juca, sou de outra leva, tá? Não assaltei banco, raptei embaixador, essas fisgadinhas de agulha. Não vou entrar em detalhes. Podes crer, meu querido, que nos piores momentos, quando me fizeram de pinico, "zona" e saco de porrada, doeu paca, mas sem me surpreender. Se não, quem sabe, terias duas Ângelas adultas nas mãos. Você é o analista. Destrincha essa.

— Claro, claro, demônio conhecido… e, por favor, não me dê mesmo detalhes. Balança o meu Karma, como dizem os meninos do Hare-Khrisma.

— A mim, não… mais. Nem sonho… mais. Não penso no assunto… precisaram de mim, me convenceram que eu era necessária. Mergulhei de cabeça. A piscina estava vazia… Não pedi

explicações. Não peço… agora, acabou. Agora é minha vida. Juca, vou ser a melhor endocrinologista do mundo.

— Você é gente grande, Renata. Não se deixe contagiar pelo pessimismo cínico do Hugo. Fique sempre como você é hoje.

— Duvido que o Hugo a essa altura se lembre do meu nome… é pena. Minha impressão é que há ouro naquela montanha. É só escavar, escavar fundo, comendo muita poeira e levando muito escorregão. Eu toparia. Mas ele nem me deixou iniciar a escalada… falando nisso, de maravilha, quando você for visitar meu ambulatório gratuito em Bauru, te levo a tomar um refresco de maracujá que dá um banho nesse, não, palavra errada, banho é esse, é água e maracujá “aviação”.

— Convite aceito.

— Com ou sem Andreia?

— Pergunto a ela.

— Enfim, um homem honesto.

— ... Renata, me poupe, não tenho a cancha de humor do Hugo… por favor…

— Que que houve, meu bem? Tá parecendo deprimido mesmo. Dei alguma gafe? Foi sem querer, juro. Juca, você está com lágrimas nos olhos. Fala, pelo amor de Deus.

— Nada, nada, nada… é... é bobagem minha… eu… estava comparando você com a Ângela. É, é isso. Nada posso fazer pela menina e você não precisa de mim… me sinto mal, entende, jogado fora, inútil, torpe…

— Olha a neura do Hugo te contaminando. Ele, ao menos, se esconde em sarcasmo, ou sai do ar, tem uma maneira esquisita de desligar…

— Renata, escuta aqui, não vamos à casa da Maria, hoje, tá? Por favor?

— Mas por que, Juca, por que?

— Vai ser chatíssimo, gente do sistema, pseudoesquerdistas, exibicionistas às pencas. Jantamos juntos e continuo de guia de turismo…

— Faço o que você quiser, mas depois de ver D. Maria e seu círculo. Afinal, lá a gente conhece alguns donos deste país, certo? Até escrava rebelde tem direito a uma vistoria dos seus senhores e

já paguei minha rebeldia no pelourinho. Agora, se te grila me levar, não se incomode, o Hugo me garantiu que se o Álvaro carregar Denise, minha irmã, e a mim, que D. Maria nem nos notará no meio das celebridades e dos “O Sr. sabe com quem está falando?”

— A Denise sofreu com você... nas dificuldades?

— Não, tadinha, nunca saiu do jardim de infância das passeatas. Mas o que que há, hem, Juca? Você não é o mesmo cara que me deu o Puma pra guiar, que, falando nisso, precisa de uma regulada no pneu direito da frente. Conta aqui a tua amiga, não se acanhe, sei guardar uma confidência e não emprenho pelo ouvido.

— É exaustão, minha querida. Você não tem ideia, Renata, de como afeta os outros. As pessoas que conheço a maioria é ou vira mulambo. Já me habituei a esse tipo de companhia e levei um choque te conhecendo. Um choque bom, agora, perdi o hábito… e me descontrolei um pouco. Tudo bem. Vamos descer?

— É pra já. Pretendo caprichar na minha aparência. Não é toda noite que uma provinciana como eu tem a chance de conhecer nossa elite.

— Eu guio, desta vez.

— Machão.

— Eu, um pai de santo de boutique?

— Você é muito, muito mais que isso, Juca.

— Precisamos conversar mais… antes.

IX

— Hugo, oi, amor, quem é essa tal de Renata que o Juca resolveu trazer aqui hoje? Que que você diz dela?

— Tem uns 28 anos, é branca, vacinada, pele transparente, 1,70 m de altura, descendente de italianos, estudante de medicina…

— Ficha, amor, *ficha's department*. Tá parecendo romance brasileiro que descreve o dedinho do pé das pessoas. Quero saber o que ela apita, quando ninguém olha, *etc.* e tal.

— Conheci ontem, por acaso, porque você ocupou meu apartamento…

— Sorry, falamos disso quando você chegar, a sós, OK?

— É amiga do Álvaro.

— Logo vi, quiuspa, e esse bolha vem também, o Maneco adora ouvir intelectuais, pensa que pega cultura como resfriado.

— Que que há, Maria? A menina não morde, pega no garfo direito; e desde quando mudou o protocolo do Juca, de aparecer aí sempre acompanhado? Aliás, para mim é novidade. A Renata ia de Álvaro, que eu soubesse. E vai pros States numa semana. Nenhum perigo de anexação de território teu, no máximo uma baldeação…

— Amor, você tem sexo na cabeça. Já sei que essa Renata é doutora, que esteve "hospitalizada", que era da pesada.

— Não há mais nada a saber. É demais até.

o Juca, obviamente, deu uma de bebê desamparado e solidário e a idiota da Renata, contra meus conselhos, contou tudo a ele.

— Qual é o babado, *darling*, abre o jogo.

— Amor, hoje o Maneco fez questão de convidar um bocado de gente do sistema. Aturo cara de pau porque a mosca azul na cabeça do Maneco já é um pterodáctilo, e pago pra não me chatear.

O Juca, manjando meus problemas, o que aguento, decidiu escoltar uma guerrilheira. E se ela cismar de ir à forra?

— Maria, você enlouqueceu? jantei com a Renata. Jogou a toalha no ringue. Desistiu de ações e reações. Ficou igual à gente… se o Juca ouviu a moça falar, em vez de se fazer de vítima e comê-la, aposto que notou a candura, a inocência…

— Essas qualidades femininas só existem na cabeça de vocês homens, o que toda mulher vivaldina percebe e explora. Resumo da ópera, o Juca usou as mesmas palavras que você sobre essa pistoleira.

— A acusação é que sou débil mental, ou você aceita o diagnóstico dele, que é psicanalista?

— Primeira hipótese positiva, até prova em contrário, e a noite de hoje não é a ideal para testar a segunda.

— Maria, isso é troço de paranoide.

— É, paranoide, é? O Cabeça de Negro foi imaginação minha, né?

— A conexão me escapa, a menos que você esteja escondendo alguma coisa além do que já escondi por conta própria. E esse papo começa a me encher. Telefona ao Juca e barra a entrada dos dois. A casa é tua.

— Hugo, amor, telefono pra te pedir um conselho, você não me dá o menor apoio e me recebe a patadas…

Ela chora, no duro, sem que eu entenda lhufas; espero Sílvia Maria a qualquer momento, o que me exigirá uma performance elaborada e me vejo obrigado a matinê de improviso sem conhecer sequer o enredo da peça.

— Maria, meu anjo, calma, desculpe, estupidez minha; é natural que você esteja afobada com a invasão do crioulo aí, depois de se segurar aquela noite, e comece a ver fantasmas. Escuta aqui: a moça conversou muito comigo. Te garanto que não vai saltar de dentes no pescoço do Maneco e amigos. Sofreu o diabo, mas não quer vingança. Também não fechou pra balanço como a Ângela. É saudável. Só pensa em estudar medicina, em privatizar a vida. E não é deslumbre imbecil meu, tratei-a aos pontapés de saída, porque me foi imposta pelo Álvaro. Fique tranquila que, se for o caso, fiscalizo pessoalmente.

Ela chora mais. Não entendo nada, ou…

— Maria, Maria…

— Tou aqui, amor, não adianta, você não compreende… agora é tarde demais. Só te peço uma coisa.

— Que é? Quer que eu telefone ao Juca?

— Você jura que não me abandona, que… não me renega, aconteça o que acontecer?

— Maria, é preciso fazer perguntas entre nós? Você sabe a resposta, teve a resposta na noite do Cabeça. Pedi explicações? Maria…

— A gente se fala daqui a pouco, amor. Te conto tudo, te contaria de qualquer jeito algum dia. Eu não aguento, não aguento…

— Maria, espera aí...

Ela desligou o telefone. Minha cabeça engrena. Começa a montar entre os cascalhos acumulados e postos de lado um embrião com forma e consequência. Não, não é possível… a negativa mais estúpida da época, desta época. Me arranco ao apartamento de Maria, quase corro. Paro. Na entrada, Jesuína abre a porta a Sílvia Mana.

Beijos nas bochechas. Sento Sílvia Maria, combinando a poltrona com o vestido dela, dessas cores indefiníveis entre o vinho, vermelho e roxo, que só uma qualidade muito assimilada produz, vestígios de ornamento, uma corrente quase invisível no pescoço, um broche pequeno cuja forma é difícil de definir. Nossas “vedetes de revista” se sentiriam despidas, nossas “árvores de Natal” se imaginariam pensionistas do Exército da Salvação, porque desconhecem o truísmo (legitimamente) teatral que inexiste algo mais caro que um palco vazio.

Sirvo-lhe um dedo de uísque e “800” de água, recebendo piparotes de advertência verbal brincalhona, que, “brincalhão”, rebato. Me sirvo de meio copo, não bourbon, moço fino está aqui, para que sublinhar a presença de Hesse, nosso único *aide-mémoire* de encontro?

Ela não comenta visualmente meu excesso de álcool, que eu veja. É pele e osso, altivez e controle. Nenhuma postura, gesto, ou atitude, inseguros. Se Renata, Renata, diabo, por trás do meu Raio

X de Sílvia Maria, pensamentitos sobre Renata ansiosamente pedem passagem, que bloqueio; se Renata promete ser uma boa orquestra, Sílvia Maria já é regida por Solti ou Karajan. Os instrumentos se unem e se separam no tempo certo, fluentes e sem esforço aparente. A máscara harmoniosa que lhe enfiaram na cara em criança se tornou ela própria. Não saberia tirá-la se quisesse. Confiro o jamegão do autor-intérprete, os olhos, quando nos acomodamos. O "tudo bem" permanece firme neles também, na maneira delicada como absorvem minha decoração; adivinho a crítica, um rapaz (força de expressão) de classe média, de bom gosto, que leu livros demais, demais, aprendendo o que evitar, mas não o que é organicamente correto, o que se herda em gerações de transferência, crítica de resto que aceito, imune a escoriações no meu *amour propre*, porque é isso mesmo. Na velhice do décor do Cosme Velho, que detesto, há uma história; na minha vida, se tanto, uma contemplação semiplatônica da História. Allen Tate me chamaria de provinciano, filho da Revolução Industrial, e reconheceria em Sílvia Maria uma civilizada; divago e chega, se não alucino. Agradeço penhorado as palavras dela, da "graça" que é meu invivido living, não acompanhadas de repetição do pedido ao telefone de examinar a casa toda, pois, nas palavras imortais de Spiro T. Agnew, "quem já viu uma favela, viu todas".

Pouco se me dá, *really*. Me interessam as "pausas" nos olhos, lembrando a mão real que hesita em assinar os documentos de sempre. Sílvia Maria soterrou os impulsos que a trouxeram aqui. Nunca lhes reconheceu existência concreta. Agora existem, à la bruxas, que não existem. E devem murmurar incoerências, palavrões? Certamente "nada que faça sentido"; dos seus recessos; nada que um Maneco ou Maria (sai diabo…) notassem. O Juca (diabo?)? É a profissão dele. Admito uma cotação de "talvez". Maria Tereza, com certeza. Eu… eu FORA DAQUI, SUA VACA; ME ENCHI DE SER CARONA DA VIDA DOS OUTROS. NÃO ME DEIXAM ENTRAR, NÃO QUERO ENTRAR!!!

— Os meninos devem estar grandes.

— Ah, enormes. Maria Tereza no científico, fazendo planos para estudar psicologia na PUC, você pode conceber, Hugo? O Paulinho

no surf, as notas dele, bem, sempre passa de ano, se mata antes dos exames, herdou a inteligência do pai…

Se herdou a inteligência do pai, deve ter armado o mesmo esquema infalível de cola que Hesse, eu, alguns amigos, acionávamos. Um “pele” escrevia a prova de todo mundo, no assunto que dominasse, ignorando o resto do currículo. Uma divisão de trabalho a cada um de acordo com sua capacidade, para cada um de acordo com suas necessidades… há um terceiro rebento, censurado por Sílvia Maria, presumo porque ainda o domine completamente, é garoto demais e ela o manterá bebê, propriedade exclusiva, enquanto for possível.

Dou corda. Me informa da convalescença de Maria Amélia; “espantosa”; a doença produto de más companhias. A menina, aos 15 anos, conhecia mais sexo que o Kama Sutra, e poderia escrever, se soubesse escrever, o verbete completo de Britannica sobre “drogas”, aos 18. O CHICO, em caixa alta audível, para distingui-lo da plebe, bem casadíssimo com aristocrata francesa. Imagino. Bonito, bebê eterno, juquinha que entrou pelas saias de tudo quanto é mulher disponível, escondendo, sem sucesso, um desinteresse radical por qualquer espécie de trabalho. Sofria ciúmes mortais da relação Pai & Hesse (confundidos pela afeição que tinha a Hesse), o pai tratava Hesse como seu verdadeiro único filho homem. Hesse o traiu, obtendo do velho a planta autêntica, jamais publicada, do Establishment econômico do país, passando-o à KGB, o que o sogro morreu sem saber; morreu, não é exagero afirmar, empurrado pela tristeza da morte “prematura” de Hesse. O CHICO, sem pai ou Hesse que dirigissem masculinamente a família, apavorado que o escalassem, em tempo fugiu, bem, encontrando aristocrata, francesa e forrada, que não lhe resistiu ao charme aristocrata caboclo, inegável. É impossível não gostar do CHICO. Agora, seria possível a Sílvia Maria continuar a amá-lo se o enxergasse em todo o vazio e futilidade? Qual é a pergunta?

Sei que tenho em casa uma obra de arte, efêmera, certo, os vermes comerão, mas da potência de uma performance de Olivier, Brando, ou Fonda (Jane), nos seus dias de glória. Baseada em mentiras, falsidades, crimes, crueldade, pretensões de um mundo que abomino, de um mundo morto, que só existiu mesmo enquanto

teve força de se impor na força e impostura; e, no entretanto, acredite, Sílvia Maria é estilo, é autorrealizada esteticamente, e admiro esta mulher de quem não gosto. E os sucessores, essa burguesia de escroques, me enchem de horror maior, sem nenhuma graça redentora.

E agora? Aceitei levá-la à Maria, porque o apelo ao telefone me deu compaixão, para me livrar, ou adiar, um tête-à-tête sobre o incesto Maria-Pedrinho, e também por curiosidade mórbida de rever o que resta de uma passagem importante na minha vida. Mas, no momento, "algo" atravessa meu subconsciente, exigindo análise, e a presença dela me tolhe os movimentos, me impede a articulação do que vislumbro, o foco incerto…

— O Paulinho está obsedé pelo judô, caratê, essas coisas. Vi-o rachar madeira ao meio, baixando a mão, Hugo, um menino de 14 anos. É elegante. Diz que não é questão de força. É tão brutal, Hugo, qualquer forma de violência me horroriza…

É, o menino saiu ao pai. É elegante e brutal… e caratê não é questão de força, se aprende a técnica.

— Esmaga um rim, de um golpe.

— Ai, Hugo, que ideia. Vocês homens acho que se habituam desde crianças à violência. Nós, mulheres, pelo menos as mulheres da minha geração, fomos educadas de maneira diferente, e, com toda a franqueza, não vejo por que pedir desculpas. Eu detestava quando o Paulo ficava ouvindo na BBC relatos minuciosos de massacres nesses lugares selvagens na África e Ásia. Sei que precisava da informação como jornalista, ainda assim…

Os massacres no Brasil não eram muito irradiados pela BBC e, ainda menos, a morte em silêncio de milhões de subnutridos nas terras não cultivadas que servem de base à renda da minha ilustre visitante, que, naturalmente, não sabe disso, teria raiva de quem sabe, se soubesse. Deve pensar que o seu dinheiro brota das árvores, como mangas, carambolas, jabuticaba, etc., nas fazendas em que a família fazia weekends, frutas chutadas pelas crianças proprietárias, há demais, ninguém liga, e não há sequer porcos para aproveitar.

Bato em você e no Álvaro juntos no caratê.

Quem é que você pensa que financiou as passagens e hotéis de primeira classe para essa guerrilheira de boutique no Oriente Médio?

Puta merda, minha voz até o farmacêutico reconhece pelo telefone.

Victor um dia espancou facilmente um campeão de caratê na minha presença, pegando o cara de surpresa. O rapaz parecia que tinha sido abalroado por um tanque. Victor, rindo, nos dizia: 1 ‘Esses putos pensam que vou brigar pelas regras deles…”

O Cabeça de Negro poderia aprender malandragem de Victor, mas mesmo Victor esperaria um golpe de caratê de uma senhora bonita e elegante, entre 50 e 60 anos? Até a malandragem de Victor tinha limites; nem piscou de aviso quando o seu grande e velho amigo de adolescência, Hugo Mann, resolveu mostrar-lhe o “novo Rio”, confiando em mim, o que lhe custou a vida. E agora é Renata que vai conhecer o “novo Rio”? Servirei novamente de anjo da morte?

— Vamos, Sílvia Maria? Já são nove horas e a gente tem tempo de um papo com Maria e Maneco, sabe como é que é, o pessoal aqui só começa a chegar lá pelas 10:30…

— Um minutinho, só, Hugo… você se importa se eu não for? Maria não me espera. Afinal, disse a ela que não viria. Precisava falar contigo um pouco. E quer que te sirva um novo uísque? Para mim está bom, mas me dá o copo, sou uma anfitriã eficiente, ou esqueceu?

É areia na metralhadora do meu cérebro. Que qué isso? Entrego o copo, ela enche, põe gelo, me deposita na mão, senta do meu lado.

— Não sei como o Paulo e você aguentam essas talagadas sem se alterarem. Acho que se tomasse um desses dormiria 12 horas. Não é crítica, Hugo. Sem aprovar que vocês bebam tanto, gosto de te servir, lembra os velhos tempos.

Ela cheira bem. A família toda cheira bem. Macbeth, ou a mulher dele, exagerou sobre a fraqueza dos perfumes em encobrir outros odores na nossa alma. Já Macbeth matou na mosca a onipresença de espectros, o tempo presente, por exemplo, que Sílvia Maria usa entre mim e Hesse. E, agora, completando a

osmose, vai me abrir a braguilha? Sílvia Maria não é bonita, ou atraente. Os traços são bons, mas o artista nunca se soltou, nunca ousou o instintivo, nunca errou antes de acertar, o que é o sopro da vida e da beleza. Ela me pega a mão livre e segura com sinceridade rotariana. Minha outra mão gela tanto quanto o gelo no copo, ou assim me parece…

— O Paulo… o Hesse está morto, Sílvia Maria.

— Eu sei, meu querido. Posso te chamar de meu querido? Todo mundo se chama assim, hoje em dia, não é? Só que comigo é a sério. Tenho pensado muito. Não me falta tempo. Sempre que lembro o Paulo, todo santo dia, me lembro também de você. Não entendi a ligação de vocês, porque não queria entender. Você representava uma passagem da nossa vida, do Paulo e minha, que eu preferia esquecer. Egoísmo puro. O Paulo admitia dois amigos: meu pai e Hugo Mann. Eram os únicos de toda aquela roda com quem se sentia à vontade. Para os outros, representava a comédia da afabilidade. Nunca me enganou. Não havia segredos entre nós.

Meu pai e o Paulo eram minha vida, Hugo. Fiquei sozinha. Há os meninos, o resto da família, mas é diferente, você me entende, não? De vital, da memória do Paulo, adulto, marido, do amor de mulher por um homem, só existe você...

Quando nos conhecemos, gostei de você, naquele meio horrível de comunistas e de mulheres esquisitas. Não me esqueci de suas gentilezas, quando me sentia gaúche. Depois, fui grosseira, não? Porque me assustava que você pudesse levar o Paulo ao desvio de novo. E… ciúmes, Hugo… até meu pai me enchia de ciúmes, nas noites em que o Paulo e ele se trancavam, ou conversavam na minha vista, me ignorando. Que baixeza, Hugo, me envergonho tanto…

Não tanto quanto eu, o que jamais direi, porque significaria reconhecer nossa humanidade comum. Me envergonho de mim mesmo, pelo silêncio, em silêncio, me envergonho do meu amigo, do teu marido, que você não conheceu, que te cozinhou na “comédia da afabilidade”, que te usou, a teu pai, a Victor, a todo mundo, que se usou a si próprio até se destruir, a única atenuante; é atenuante? Que em nome de uma visão transcendente e arriscada,

se não implausível, te sacrificaria sem o menor escrúpulo e que não vale essa tua ridícula e comovente declaração de amor…

— Gostaria que você viesse ver meus filhos, Hugo, que nos visitasse de vez em quando, que conversássemos mais, quero saber da infância do Paulo, que só você conhece. Ou te chatearia? Não precisa ser gentil e concordar. Prefiro a sinceridade. Maria Tereza me conta que você vive sozinho no meio de muita gente, que não se dá a ninguém, que observa e não se envolve. Nisso, ao menos, ficamos parecidos, não acha?

Me vejo vestido de branco, ao lado de Sílvia Maria, idem, sacerdote e vestal celebrando o marido, pai, amigo, "trabalhador infatigável pelo Brasil", Paulo Hesse. Somos todos uns pobres diabos precisando de um pouco de atenção, mas mereço tão refinada indignidade? Melhor não responder. Nessas últimas 48 horas não duvido que o veredito dos meus interlocutores me condene à aisance ou arrogância. Nenhum percebeu minha humilhação constante, inarredável.

Ela me sobe o braço livre pelo pescoço e me beija levemente os lábios. Minha resistência é tão passiva que deixou de ser resistência.

— Agora, vamos à Maria? Se você quiser, Hugo, o que você quiser,..

Maria, a própria, abre a porta, e do sorriso deslumbrante baixa ao formal ao dar com Sílvia Maria, a diferença é imperceptível aos não iniciados, sei que não existe fração de segundo, mas se existisse foi o tempo que ela se adaptou à surpresa, convertendo-a na coisa "mais natural do mundo". Maneco, ao fundo, barracuda inflado, nucleariza a eletricidade aquisitiva que já tem nos olhos. Não é todo dia que entra naquela casa alguém cuja fortuna se baseou num crime cometido em séculos passados. Meu bom vizinho é um esnobe.

Maneco me cumprimenta virilmente, "então, como é que é, velho?", tapinhas nas costas, e beija a mão de Sílvia Maria, graciosamente concedida à obrigação de Maneco. Fâmulos movimentam o de sempre, guiados pela secretária do casal, vara de espantar peru sueca, escolada em disfarçar a altura em

subserviência eficiente. Somos os primeiros. Há uma sombra na varanda. Imagino que do Pedrinho. Dá-nos as costas. Está na dele.

Sentamo-nos todos, Maria pregada em Sílvia Maria, um duelo de “à vontade”. Não haverá vitoriosos. Maneco me bate a mão no joelho: — Então, como é que é?

— Tudo bem.

— Você está de uísque?

— Estou.

Instruções são dadas e prontamente atendidas. O gelo sacode no meu copo. Aperto demais. Recebo descrição do tamanho e bagunça do aeroporto de Dallas. De vez em quando, Sílvia Maria me espia, cúmplice divertida, me sinto cristaleira do Cosme Velho, incorporado ao patrimônio. Maria apenas acompanha a meio caminho o olhar dela. Puta comigo. Ficará mais, se eu me reaprumar, o que é duvidoso. O Pedrinho entra na sala. Ignora o pai, ganho sorriso e gesto, moles e amáveis, beija Sílvia Maria, que esconde em tarimba a surpresa. Se senta no chão, ao pé das mulheres. A mãe lhe passa a mão de leve na cabeça. Ele negaceia de brincadeira. Sílvia Maria sorri. A cena lhe é familiar.

O Rio é famoso pelo informalismo afetivo de sua vida social.

— Quéde o Juca, Maneco?

— Sei não, estoura daqui a pouco… olha, vamos à sala de música um minuto? Traz teu copo.

A sala de música é um cômodo a prova de som, privativo de Maneco, em que vemos quilos de Beethoven, Bach, Vivaldi, etc., cercando um estéreo de oito faixas, um sofá circular, poltroninhas, barzinho, geladeirinha, os últimos pintores consagrados pelo Jornal do Brasil e demais petrechos indispensáveis ao conforto que o dinheiro pode comprar. Há outros sons na casa, o “disco” do Pedrinho, o Betânia-Chico, de Maria, e um miscelâneo, ao gosto da freguesia. Maneco ouve música a toda e daí o isolamento, que serve também a papos quietos e, suspeita-se à beira da certeza, a sueca pratica no doutor patrão um ato que os padres da Idade Média, chocados ao ouvirem descrições gráficas no confessionário, resolveram apelidar *fellatio*, enfeando o som do demônio ao nível da imagem do Tentador. Do que não suspeito, tenho certeza, graças a Maria, que nisso é digna de confiança, é que o Beethoven e

parentes próximos são fachada. Maneco adora baião. E só o que ouve e, continua Maria, dança bêbado com a sueca, antes e depois da chupada.

Ele faz as desculpas que vai me mostrar uma nova gravação de Wagner, regida por Solti, que não tenho. Os olhos de Sílvia Maria brilham ternos, em memória do "nosso" Siegfried Hesse. Meu estômago reage webernianamente. "Voltamos num minuto".

Já reassumi a postura habitual e interrompo brutalmente agradecimentos pela minha atuação no episódio do Cabeça de Negro.

— Chega de papo furado, tá, doutor? Me conta a motivo do pânico de Maria porque essa moça Renata vem aqui, hoje. Prefiro que você explique. Maria… é Maria. O Juca mente o dia inteiro e levaria tempo furar aquela crosta de carinho universal. E o que não há, a experiência cá em cima me informa, é tempo. Essa moça é responsabilidade minha, entendido? Não vai lhe acontecer nada de desagradável, ouviu? Já foi torturada e abusada por vocês revolucionários aos limites do tolerável. Basta. Tomei as dores. E viro a mesa, se for necessário. Agora, manda lá.

— Meu querido, não tenho a menor ideia do que você está falando e nunca te vi nessa exaltação.

— Você ainda não viu nada. OK, Maneco, é impossível conversar diretamente sobre qualquer assunto com alguém neste país. Tem de ser tudo mastigado à la camelo. Não me esqueci do entusiasmo de Maria pelo terrorismo, guerrilha urbana. Nunca vi tua mulher tão baratinada. Brigamos, ela e eu, lembra? Sempre soube em que ia dar esse negócio, como seria manipulado, etc., e vossa senhoria idem. Até aquela noite em Nova York, quando me tornei parasita do sistema, pensava que o entusiasmo ficara restrito à revolução "permanente" no Antonio's. Ai, no Regency, você soltou que ela passara um ano no Oriente Médio, e o quanto te custou em erva, naturalmente, a "guerrilha de boutique". Me sentia tão mal por ter virado igual a todo mundo, e gostando, que não… analisei, no meu orgasmo de masoquismo. Mas registrei, Maneco, minha cabeça é uma arca de vovó, sabe, nada se perde…

— Meu querido, é o que há, o que houve. Maria é muito doida, não preciso entrar em detalhes pra quem é amigo do peito da

“senhora em questão”. É, circulou no Oriente Médio, conspirando, presumo, no Intercontinental, nalguma suíte, desconheço detalhes. Volta e meia me ligava de Paris, ou St. Moritz, ou Gstaad, dependendo da época. Nos encontrávamos, fazia misterinho, não insisti. E isto porque não acredito, nem acredito que você acredite, que ela entrou mesmo no terrorismo, assaltando bancos, sequestrando embaixadores, *etc.* Com aquele corpinho bem cuidado, o chique, e, que ninguém nos ouça, a idade, seria a maior bandeira da paróquia. E não pense que não me trouxe aborrecimentos. Me procuraram, Hugo, não foram simpáticos. Eu era governo, lembre-se. Em linguagem delicada, falei da tesão final da menopausa, ha,ha,ha. Te acalma, enche teu copo. Esse Dimple tá do rabo.

— Há outras maneiras de investir no terrorismo. Abrindo a carteira, por exemplo.

— Confesso: fiz uma contribuição em cruzeiros à Arábia Saudita.

— Humor cai mal na tua gravidez permanente, Maneco. É aborto certo. Quanto você “emprestou” à guerrilha cabocla?

-— Hugo, você é nosso melhor amigo, se não já teria te mandado a puta que o pariu.

— Maneco, Maria está em transe porque Renata vem a esta casa. Renata era guerrilheira. Por que Maria está em transe? Baixei a pergunta a teu nível intelectual de cartilha.

— Por que não pergunta a ela? Não, trouxe aí nossa duquesa a tiracolo e cortou qualquer possibilidade de um papo particular antes que a horda chegue. E vem em cima de mim? Eu sou de direita, esqueceu, peça da engrenagem do sistema. Essa guerrilha de merda nos impediu, nós que queríamos, no governo, aliviar a barra de repressão, tolheu a gente que enfrentava os animais da repressão, porque se a jaula entreabria, os meninos mandavam fogo. A abertura de agora, você sabe disso, teria acontecido há cinco anos se os porra-loucas dos garotos não se metessem em negócios de adultos.

— É, mas o que se faturou sob o pretexto de restabelecer a ordem no jardim de infância não foi normal, Dr. Maneco. Precisou vir aqui um gringo, Dr. Fishlow, para que ficasse claro ao mundo que o

trabalhador brasileiro, em 1972, ganhava menos, em termos reais, do que em 1943. Os bebês de metralhadora forneciam o circensis enquanto os empresários monopolizavam o panes. Eu, negociante revolucionário, contribuiria com “algum” ao divertimento das crianças. Um excelente investimento, Dr. Maneco; em nome da luta contra a “conspiração comunista internacional”.

— Tá, Hugo, tá certo. Maria era agente da Federação de Indústrias, estimulando a guerrilha, com meu dinheiro, para que nós empresários tivéssemos o pretexto de pagar salário de fome aos empregados. Se é o teu conceito da gente, não sei por que nos frequenta, e, quer saber de uma coisa? Vai pra puta que te pariu.

Ele arranca da sala.

— Maneco, o que a Maria te contou do Cabeça de Negro?

— Contar o que, seu? Não fui eu que estava fazendo a imprensa publicar aquela versão, livrando a cara dela. Maria atirou no negro, no que fez muito bem, porque ele ia estuprá-la e matá-la, ou será que praticou um ato contra o povo, salvando a própria vida?

— Maneco, senta aí e deixa de bancar o idiota. Indignação moral te cai tão mal quanto humor. Indignado, você parece estar rindo. Se metendo a engraçadinho, faz cara de choro. E o retorno, a vingança do reprimido, através dessa carapuça de mendacidade que você enfiou na vida. Vamos ao assunto: foi só isso que Maria te disse?

Ele treme na barriga, nos dois queixos. Empalidece o vermelho “normal” do rosto ao rosa, e volta ao cetim. O uísque respinga no tapete. Não é baião. A performance é tão ruim que talvez não seja performance. Mas senta.

— Maneco, o Cabeça tentou comer e matar Maria e ela se antecipou. E daí?

— Daí o quê? É o que me relataram três proprietários de jornais que ligaram a Dallas, depois de consentirem, em conluio com o impoluto Hugo Mann, em adulterar o modus do fuzilamento do crioulo. Nunca te perguntei nada porque esta é a primeira vez que nos encontramos, desde a minha volta. É o motivo da nossa presença aqui. Queria te agradecer em particular, o que não fica bem na presença de D. Sílvia Maria, a quem mal conheço e é cheia de nove horas. Em vez disso, sou tratado como patrono de

terroristas infanto-juvenis, explorador das massas, *etc.* Tu tá bebendo há quantas horas?

— Maneco, sossega o periquito. Se me mandar de novo a puta que pariu tua barriguinha vira mingau, depois não diga que não avisei, OK? Muito bem, agora, serena e objetivamente, comparemos notas, partindo do pressuposto, dúbio, de que você esteja falando a verdade, a verdade que conhece.

Primeiro, o Cabeça não morreu a bala. Acho desnecessário traduzir a um americanalhado o que é um "one-two". O que foi a causa mortis, como diria o Cruz. Só que não é o "one-two" de que você gosta, à la John Wayne, soco na barriga e outro na cara. O crioulo sifu em dois golpes de caratê, um lhe esmagou o rim, o segundo lhe quebrou o pescoço. O autor, ou autora, tentando disfarçar o modus, na tua palavra, meteu três tiros num cadáver, manjou, Maneco, num cadáver. Se não bastasse, os três tiros, a uma distância de 10 metros, de um 38 cano médio, formaram um triângulo perfeito no tórax do falecido. Uma operação de profissional. O Cruz, que se baba pela nossa Maria, assinou o laudo, porque passei uma conversa no delegado. O Cruz percebeu a falta de sangue perto da entrada das balas, a prova de que o Cabeça já "era", quando baleado. E os "danos" no rim e o pescoço. É médico, afinal. A sorte de Maria é que ele não entende o profissionalismo por trás de tudo. Convenci o idiota que Maria protegia o Pedrinho, teu filho, em Búzios, sabia, não? Bem, o resto o amor e um almoço que aturei no Aviz garantiram o silêncio do Cruz.

— Hugo, juro…

— Silêncio, estou falando. Moitei porque me convenci que o Cabeça de Negro atacara Maria para valer. As marcas no braço dela e a ficha do falecido confirmaram. Daí a "editar" o noticiário e manter o Cruz no escuro, tudo bem, são pecados veniais que minha amizade por Maria absolve. Quanto a detalhes, preferi não investigar. Sou um comodista. Já durmo mal sozinho sem mexer na consciência dos amigos.

— E você acha que fica assim?

— Que porra de merda quer dizer essa pergunta?

— Calma, meu velho, você hoje perdeu a tramontana, aquela serenidade lorde que todos admiramos…

— Ah, meu velho, obrigado pela dica. Agora lembro. Maria perguntou se o Cabeça era político. Não é, e nunca foi. Um dia será... mas isso é outra História, de “h” maiúsculo. Começo a entender a preocupação de Maria. Claro, claríssimo. O Juca me contou que ela ficara abaladíssima. Comigo, não. E concluí bestamente que o “abalo” não passava de charme de namorados, excitando o consolador do moço. Não, Maria estava mesmo abaladíssima, com o Juca, porque sabem que se o sintoma, o Cabeça, é falso, a causa possível, o envolvimento de vocês na guerrilha, justifica o pânico de Maria…

E, Maneco, o que o Juca sabe você também sabe, afinal isso é ou não um condomínio? E vai me confessar. Tudo. Senão te faço um serviço como no DOI-CODI, sem a versatilidade instrumental, mas já que teu negócio é baião, samba de uma nota só cobre as necessidades. Não é brincadeira, Maneco. Pergunta ao Juca. Ando à beira do PINEL. E esta sala é perfeita, a prova de som…

A porta abre de estouro.

— Hugo, Maneco, porra, que grossura. A Sílvia Maria aí à espera de vocês, o Pedrinho e eu fazendo sala, já esgotamos todas as anedotas família, putz, que caras, que que há? E porrinha a dólares?

— Você tem toda a razão, minha querida, não podemos causar má impressão à duquesa, hem, Hugo, velho? Afinal, é a viúva do teu melhor amigo. Depois continuamos nosso papo… Maria, o Hugo está empolgadíssimo. Explica a ele que esse clima de levar as coisas a sério apressa o câncer…

— Conta aqui pra mamãe o que que há, amor.

Conta aqui pra mamãe o que que há, amor. No Quo Vadis, em Nova York, tive uma pane, um entorpecimento geral, enquanto Maria e eu esperávamos Maneco.

— Ele conhece bem mesmo é Cambuquira, “donde nunca devera”. Hugo, não vamos ficar de jarro, né, amor, já são seis horas e o bolo fofo disse que chegava antes de nós, às 5,30, e eu estou com uma sede de jornalista, como dizia o Portinari…

Maria tagarelava macio. Trocamos de país e de língua e perdemos a naturalidade e a espontaneidade. O reencontro é um choque. Eu já perdera o equilíbrio, duramente conquistado, de perna

mecânica, ao aceitar o suborno do Brucutu. Claro, não era suborno, meu cérebro produzia farta distribuição de álibis da minha conduta. Barra limpa… e eu me sentia imundo, imundo, imundo. E o álcool e a implicância carinhosa de Maria me esborracharam de vez as defesas.

— Que que há, amor, tá com piriri? Você é sujeito, não? Aquela comida de ontem, Sul da Itália, é foda nos países baixos… Patsy não quer dizer otário também?

Alguém começou a chorar baixinho nas vizinhanças. Curioso, procurei: eu chorava. Maria me abraçou forte e beijou mesmo, de língua, não me largando. Essa pressão, a "volta ao Jardim Botânico", às raízes, e álcool, muito álcool, a justificativa ideal de nossas cafajestadas e fraquezas, me fizeram contar tudo, menino pecador, inconsolável, querendo ser perdoado. Me ruborizo mentalmente à lembrança, "a horrível ousadia de um momento de abandono". Ela, preservando naturalidade absoluta, rebateu um a um os argumentos da promotoria. Citou meu talento explorado pelos donos da imprensa, perseguições políticas, as responsabilidades que assumi sustentando as Ângelas, os desperdícios a que me submeti a vida toda, não tendo onde cair morto, os lucros infinitamente superiores do Brucutu e o Senador de… o Brucutu, a quem eu não pedira nada, etc., *etc.* É duca termos nossas ilusões e fantasias reconhecidas num tabelião amigo, de graça.

Quando Maneco chegou, às sete, molhado como um galo quase travesti, escorrendo todo, um temporal lá fora, rimos dele, eu alegremente, de alma lavada. Ele riu também. É de boa paz.

É de boa paz. Patsy quer dizer otário. Quando Alberto, o "gente moral" do Banco me contou o que fizeram do meu, "meu" dinheiro, me veio à cabeça que o atraso de Maneco não fora acidente, que Maria me pegara sozinho, antes, para saber a origem do "abono". Afinal, um homem público da importância de Maneco não pode ter sócios cujos fundos provenham de um estipêndio de Moscou, Havana, Pequim, qual era mesmo o espectro subversivo daquele ano? Já fundos de suborno, perfeito. É *cosa nostra*. Tudo bem.

Tudo bem até aquela noite.

— Mamãe aí já está superlotada.

— Que nada, amor, sessões permanentes. O espetáculo começa quando você chega.

Sílvia Maria me recebe de volta, um sorriso fértil, meio "nordestino" em fertilidade, é o máximo que ela consegue, mas é sincero. O Pedrinho e o Cruz cercam a dita cuja, o menino animadíssimo, mostrando qualquer coisa "plástica", produz, nas horas vagas, todas, e o Cruz sugere um paciente enfermeiro esperando que ela abra a boca, quando enfiará um nhoque. Maneco e um "alto" assessor presidencial trocam saudações. A máfia vem chegando. A mulher do assessor "baila" pela sala, calculando o preço da decoração. Brilha como um carro de bombeiros em noite de gala. Ri equina, sem que haja motivo aparente. É apenas satisfação com a vida. Equina…

— Amor, você acha que colaria o Pedrinho e Sílvia Maria terem um caso? Sou como a condessa Vronskaya, acredito que uma ligação curta com mulher mais velha e de boa família faz maravilhas pelo amadurecimento de um jovem.

— Essa experiência ele já tirou de letra.

— Não é a mesma coisa, amor.

— É, não é, amor.

— Te grilou aquilo? Por que? O Pedrinho está no direito dele de voltar de onde saiu, se gosta, se eu deixo e gosto. São Paulo dizia "para os puros, tudo é puro".

— Os alicerces deste prédio são firmes?

— O teu amigo Hesse, que você nunca atacou e chora até hoje, é o que eu chamaria uma pessoa imoral. Fui dar pra ele uma vez… olha, amor, tenho uma cancha antiga, de Leme, anos 40, te lembra? Expedientes longos, variedade infinita, tudo bem, a gente faz tudo que agrade depois de cumprir sentença em colégio de freiras. Agora, com o Hesse, em 10 minutos, saí correndo, ele rindo de mim como um demônio. Desci ladeira sem um sapato, meia meia, toda amarfanhada por dentro e por fora. Precisei pagar 100 pratas adiantadas, a um chofer de táxi, que não queria me levar, pensando que era uma louca foragida.

— É, mas ele fazia o trabalho sujo dele correndo todos os riscos. Não punha ninguém na frente.

— Esse papo é que o Juca chama de reação-formação, né? É, amor, sei o que é. Por que não vamos logo aos fatos?

— Tolstoy, São Paulo, Freud, só eu que ouço a bundinha aí por trás da máscara de boneca? Não precisa responder. Os fatos, OK. Quanto vocês deram à guerrilha, ao terrorismo?

— Eu, nada. O Maneco, deixa ver, umas 500 milhas. Agora, não vá bater nele, hem, coitadinho. Foi exigência minha. Tutu, ou separação definitiva, e mamãe aqui iria participar diretamente do bangue-bangue. A Líbia é bonita, amor; lá, no deserto, você se sente livre. Maneco não sabe disso, juro, amor. As vezes o calor era demais, nos encontrávamos em Paris, ou Gstaad, discutíamos turismo ideológico, no estilo Antonio's, a que ele está habituado, sem bronca. Nunca te disse, mas senti uma paixãozinha pelo Hesse até o dia da tourada.

— Estou esperando mais fatos.

— Que mais? O Maneco não me levava a sério, "Anita Garibaldi" e o caralho a quatro, rindo de mim. Até que percebeu que eu arrumava as malas recolhendo o que é meu aqui. Ele não vive sozinho e me quebraram antes de fazer o molde, ha, ha. Espirrou a grana. Claro, "impôs" condições, que não me envolvesse diretamente. Aceitei e cumpri. The End.

— De "fatos" só ouvi a confirmação do modus, como diz o corno do teu marido, que você matou o crioulo. Está faltando muito aí. E Renata?

— O que você faria no meu lugar? Se deixava morrer em nome da "falsa consciência" das massas? Eu não sou santa, como o Juca.

— É, há o Dr. Joseph Hansen, cujo papel nessa folia ainda não entendi. E logo ele vai trazer Renata, o que te botou em pavor. Posso saber por quê?

— Vamos ver quando ela chegar e nos falarmos. Você fica perto e analisa, conclui, passa julgamento. É a tua vida, né, amor? Cagar regra sobre nós, seres inferiores, que tentamos, dentro de nossas limitações, balançar esta senzala aqui…

— A inação, minha nega, é um mal menor comparado ao amadorismo trapalhão que aumenta o sofrimento que pretende minorar.

— Putz, Sílvia Maria, tem mais ladrão nesta sala que no morro do fundo. — O Pedrinho, in vino ventas, sorrindo galinha para Sílvia Maria, aponta dois ministros de Estado que chegaram e, logo em seguida, Matta e Cláudio, os “falidos” do Aviz, que provavelmente vieram lambendo o cu das autoridades. Sílvia Maria, safa em suprimir gafes, exceto as próprias, “naturais”, inconscientes, puxa o Pedrinho a um canto, falando sem parar, baixo e delicada, dispensando assim um avanço de Maria. O Cruz vem a nós, me cumprimenta afável de cabeça, beija Maria, de olhos fechados, tenso, e chuvisca, muito compenetrado.

— Maria, acho que o nosso Pedrinho… exagerou um pouco no álcool e, francamente, se você me permite uma opinião médica, não sei se é boa ideia ele ver tão cedo tanta gente depois do trauma que sofreu.

Deixo Maria perplexa tentando descobrir o “trauma” do Pedrinho e ando ao casal. Nenhum dos autuados “ouviu” a acusação, naturalmente, e Maneco solou alto sobre a voz do filho, movimentando a sueca e equipe, recebendo as mulheres dos convidados, fazendo-se útil e ameno, na esperança que sua rabeca abafe outros tiros no concerto.

— Que que há, Pedrinho? — Em geral nos sintonizamos, mas ele entrou naquela ruminação de bêbado em que só se autodigere e autoexpele.

— Hugo, acho que ele está de pilequinho, mas é um amor de pessoa e que talento, que imaginação. Você viu os *sketchs* dele, os projetos? É arquiteto, sabia?

— Que bom, não é? E que tal, Sílvia Maria? Não te entedia um pouco essa balbúrdia?

— Pelo contrário. O Pedrinho é um encanto, o Dr. Cruz, daquele jeito dele, também é simpático. Pena que não conheça a maioria das pessoas. Me tonteia um pouco. Me sinto como alguém que passou um tempo de cama e se levanta a primeira vez. Maneco e Maria foram gentilíssimos. Acho que Maria amadureceu muito, no bom sentido. Me dava a impressão, nas vezes que jantamos juntos, o Paulo, nós, e o casal, que fazia discretamente a coquete. Agora, não. Bem, o marido é um grande sucesso e o menino aqui é de levantar a moral de qualquer mãe. Essas coisas satisfazem as

mulheres não “liberadas”, Maria e eu, que acreditamos na vida em família.

A capacidade de dissimulação de Hesse era realmente assombrosa. Sorrio, idiota, sobre o copo. O Pedrinho me chama à varanda, onde tenta respirar de volta. Sílvia Maria é abordada pela mulher de um industrial, a quem não reconhece logo, mas a outra nunca diria, porque é tão bem recebida. Imagino que depois de algum tempo na toca, isolados, as pessoas nos pareçam o que gostaríamos que fossem. Sílvia Maria se diverte nessa bobice. Manjo. Às vezes, sentia o mesmo ao sair da cadeia. Algumas horas…

— Huguenote, você vai à casa da Elza logo mais?

— Não sei. Acho que não. Por quê?

— Sabe quem me pediu pra levar ele lá, qua, qua, qua, tu não acredita.

— O Cruz?

— Porra, ele te falou também?

— Não, mas faz sentido. Todo carola precisa pecar feio para se arrepender. Quebra a monotonia da carolice. A rotina corrompe qualquer fé.

— E você quer perder o espetáculo? O encontro desse porco e a primogênita do Norte? Tu não é crítico de cinema? É Fellini, Huguenote, Fellini.

— Não gosto de Fellini. E cuidado, Pedrinho, você é o reverso do Cruz, a suruba na Elza te enche tanto que humilhar o Cruz quebra a monotonia. Só que essa brincadeira, se custa ao Cruz atos intermináveis de contrição, pode sair mais caro pra Zelina.

— É, você tem razão. Tiro *the body out*. E a Sílvia Maria, Huguenote, por que tu não trouxe antes? Ela é gente. Comé que você aguenta o escroto do meu pai… Um dia mato, mato, mato, Hugo… é o charme da velha, né, o veneno, as menininhas todas na praia me perguntam sobre o charme e o veneno de Maria, parecem aquele crioulo dedo duro… a velha comprou meu diploma de arquiteto, Huguenote, não sou capaz de desenhar um caixote… engano na “abstração”, qua, qua… Elas, as meninas da praia, vá lá, são débeis de pai e mãe, ou esse Juca sabe-tudo, “titio”, o filho da puta pensa que não sei que come minha mãe e que o corno do meu

pai é manso. E vem de carinho em cima de mim, o puto, me disse: “Pedrinho, no dia que você se tornar um arquiteto realizado começará a compreender a vida. É do particular que se apreende o geral”. Não entendo pirocas e caguei. A velha ouve extasiada. É uma boba, Hugo, boba, nem você percebeu? Será possível? Não vê que o corno do Dr. Maneco manipula a mulher, que aceita o chifre porque despreza mamãe e todo mundo e usa o chifre contra ela, contra vocês, que confiam nela e gostam dela? O chifre é a gazua do filho da puta do Dr. Maneco. A pobrezinha é faturada firme pelo monstro, é empregada dele. Se fazendo de manso e submisso arranca tudo da vida de vocês, de quem não chegaria perto se não fosse o charme da velha. A mãe conta tudo a ele… Hugo, Huguenote… você me ajuda a matar esse escroto?

— Não, hoje, não.

— OK, então vamos dar uma trepadinha?

— Em quem?

— Nós dois. Eu deixo você me comer. Fique tranquilo, não estrago tua pose, qualquer prazer me diverte. Saí a meus pais, Hugo. Que que você esperava de mim? O negócio é tomar, tomar tudo que houver. Faço qualquer negócio. Agora, a Sílvia Maria é gente. Tu também, visita o chiqueiro mas não mora na porqueira. Oi, tô capotando. Tens aí?

Passo-lhe um envelope. Esqueço, literalmente, de tomar… faz uns dois anos… já foi fun. Carrego à noite por força do hábito, “para servir os amigos”, me disse um outro ex-cafungador, que escondia na bengala. A última bengala que vi…

Pedrinho segue ao banheiro e eu a Sílvia Maria, que conversa com Maria e Eduardo, o Ministro da Economia.

— Sentimos todos a falta do seu pai e do nosso Hesse, D. Sílvia Maria, das pessoas deles e do que nos enriqueceram intelectualmente. Não há um pensador hoje que articule como eles o que tentamos fazer esses anos todos. Colocamos o Brasil no mapa, em destaque. Certo, houve grandes sacrifícios, mas que país cresceu de graça? Lembro-me de um brilhante ensaio do Hesse comparando a Revolução Soviética à Brasileira. Stálin confessou a Churchill que mandara matar 10 milhões de camponeses para fazer

uma reforma agrária. Nós convertemos o Brasil num dos maiores exportadores de produtos agrícolas sem disparar um tiro.

Sílvia Maria está radiante; mas a família tem sempre a última palavra.

— A mim o Sr. não precisa convencer, ministro, fui revolucionária de primeira hora. Espero que nunca mais voltemos àqueles tempos que acordávamos procurando adivinhar o que nos faltaria por causa das greves. Agora, meu pai, sobre quem o Sr. disse palavras tão amáveis, se decepcionou muito, ficou amargurado mesmo, com a repressão política nesses últimos anos, achava desnecessária, uma contradição dos ideais revolucionários.

Maria sorri debochada, sorri debochada desde que a conheço. É hábito, máscara, defesa? “E uma boba, Hugo, nem você percebeu?”, me disse o filho que conhece a mãe em todos os sentidos da palavra.

— E não serei eu quem irá discordar do seu pai, D. Sílvia Maria. Ele teve a coragem de escrever em jornal naquele período difícil contra os abusos desses desclassificados no aparelho de segurança. Nos reforçou muito a mão, nós que, em silêncio, trabalhávamos com o mesmo objetivo, nas reuniões de ministério, protestando contra a violência. Está aí o Maneco que não me deixa mentir…

— Deixa, sim, sua Gorda, ele não faz outra coisa… — é o Pedrinho de volta do banheiro e se posta entre Maria e Sílvia Maria, abraçando as duas.

^ E extraordinária a capacidade de pessoas importantes não ouvirem o que não querem, o que deve ser uma das definições de importância.

— O Maneco chegou a ser ameaçado por certos tipos, D. Sílvia Maria. Acusaram-no de estar fazendo o jogo dos comunistas…

— Que é isso, Eduardo, você também ouviu injúrias desses degenerados. Bem, é inútil falarmos disso, hoje, com a abertura. Ninguém nos acreditaria e é sempre mais fácil criticar, de uma posição de fora, confortável, o que é complexo, resistente à simplificação…

— Felizmente, com a saída do General Frota…

— General fruta, mãe?

— ... as forças liberais no exército se impuseram e a abertura que Maneco, eu e outros propugnamos se tornou uma realidade…

— Todo mundo agora virou liberal, mãe…

— Não que os militares, na maioria, fossem contrários à liberalização, D. Sílvia Maria. A Sra. lerá, naturalmente, o contrário em qualquer jornal oposicionista…

— Que não existe…

— Porque nossa imprensa é irresponsável, novidadeira, "trendy", não é essa a palavra, Hugo, meu velho, como vai? Você estava muito bem acompanhado ontem à noite no "Concorde".

Somos um povo único.

— É moda, agora, D. Sílvia Maria, responsabilizar os militares por tudo que aconteceu contra as previsões feitas em 1964, feitas com a maior honestidade e um penoso e necessário realismo. Os chefes revolucionários unificaram este país, centralizaram o poder, modernizaram nossa sociedade. Hesse escreveu como ninguém sobre isso, a estupidez da descentralização que as lideranças civis forçaram ao Brasil, na Constituição de 1891, imitando a americana, quando, Hesse notou, Lincoln cortara a fórceps a descentralização americana na guerra civil de 1861…

Sílvia Maria rendeu-se completamente ao ministro cuja decoreba de Hesse é extraordinária. The evil that men do lives after them. O Matta e o Cláudio vieram também beber na fonte. O Matta põe a mão no meu ombro. Afinal, ouviu o ministro me saudar efusivo, quem sabe pega uma casquinha.

— O General Geisel, passadas as paixões do momento, terá um lugar na História igual ao de Bismarck, na Alemanha. Quem permitiu que os derrotistas se manifestassem, senão ele? E esses boquirrotos pseudoliberais ainda ousam acusá-lo de corrupto. Cospem no prato que comeram e para o qual nada produziram, fora de resmungos…

— Falando de corrupção, Gorda… — Maria enfim afasta Pedrinho. Álvaro e Denise chegam. E Renata e Juca?

Matta e Cláudio iniciam "resmungos" contra o estatismo, certos de que terão plateia paciente no ministro e Maneco, homens da iniciativa privada. É um pouco demais para minha beleza e levo Sílvia Maria a drinques; não quero estragar a festa dela.

— O menino é tão gozado, Hugo. Me lembra na irreverência a Maria Amélia.

— Você está se divertindo mesmo. Isso é bom.

— Eu diria ter seguido o conselho de Maria Tereza, ver gente, mas estava tão acabrunhada… a solidão… Maria e Maneco recebem bem. Admiro uma casa que funciona, o que você deve achar bobo.

— De jeito nenhum. — E sei que ela me escalou para suprir a solidão que mal consegue enunciar. Preciso fugir.

O Cruz pipoca entre nós com ar de casamenteiro bem-sucedido. “Ah, D. Sílvia Maria, e então”?

Há umas 30 pessoas. Conheço talvez a metade. Chegará às 70, imagino, contando transitórios e permanentes. É muito cedo pro pessoal artístico, diretores de cinema, Maneco financiou alguns filmes, os compositores contestatórios, os cantores… Aparecem sempre “tipo duas da manhã”. É open mesmo. Meu tédio me catuca e sinto uma imensa vontade de adiar o acertamento de contas com Maria, Maneco e Juca, e me faltam vários algarismos. Eu deveria pegar Renata, na entrada, e não deixá-la aqui. Disso sei. Mas como planto Sílvia Maria?

Marília e Mário se aproximam, há uma xifopagia no casal, do pensamento político aos filhos. Ela, olho. Anda “contra”, esbarrando em Mário. Parece ponta-esquerda de futebol avançando de perna direita. E trai aquela ansiedade de que gostemos dela, que me atrai, fraternalmente, pede nosso OK, apesar de entender o funcionamento da economia, doutora pela M.I.T., e nós, não. Mário não enxergo atrás dos prolegômenos, conta corrente, etc., do jargão. Duvido que exista algo atrás. Acompanham o Bandeira, coronel reformado, que me “adora”.

Não fiz nada. Um general esclarecido, no contexto, me levou a jantar no cassino de oficiais, depois de me eximir de crimes não cometidos. Coronéis às pampas em volta. O General me perguntou sobre a rebelião da juventude bem nascida no Brasil (1969), que atribuía à desintegração da família e às loucuras de João XXIII. Delicadamente, o cara podia mudar de ideia e me manter preso, discordei. Babacamente, reduzi Marcuse a nível de caserna. Expliquei o choque de jovens universitários, cheios de teorias

idealistas, em face de um mundo tecnologicamente multidimensional, fechado ao individualismo, “pense num general romano, na máquina do tempo, caindo num Estado-Maior moderno, diante de um painel de botões, o espanto que teria”. Sensação no cassino. E a revolta não cabia em nichos ideológicos. Na Tchecoeslováquia soviética, os estudantes ajudaram a levar Dubcek ao poder. O General gostou. Os coronéis, que, antes, bois de presépio, concordavam de cabeça com ele, consequentemente, começaram a gostar de minha alternativa, j Quem acredita que os coronéis são eminências-pardas do exército brasileiro nunca frequentou cadeias militares. Há um deus único dos oficiais, fanaticamente monoteístas: o general.

O deus me contou que um coronel brilhante, primeiro lugar em todos os cursos, generalato garantido, sofria um gelo sibérico dos colegas porque a filha aderira ao terrorismo. A carreira do infeliz perigava. O deus tentava protegê-lo dessa injustiça, e minha “contribuição” ajudaria a persuadir os oficiais mais intolerantes a não perseguirem o coronel. Não ajudou. O coronel perdeu a filha, banida, e a carreira. É o Bandeira, que soube do episódio e me “adora”. Converteu-se em liberal, crente que se a ditadura sumir, a filha voltará ao lar. É viúvo e órfão de paternidade e profissão. Um homem honrado à antiga, *avis rara* nesta selva.

— Hugo, nós, o Bandeira, Mário, eu, admiramos tua paciência aguentando o Maneco e o Eduardo descrevendo o sucesso extraordinário da revolução, sem a menor palavra de crítica à alienação do povo de qualquer benefício, essa dívida que come 40 por cento do PIB, só o serviço é 43 por cento das exportações…

O de costume.

— E, Hugo, não acredita nessa história que meus colegas, os desclassificados militares, são os responsáveis pela tortura. Foram os executantes.

— Meu caro Bandeira, eu, em princípio e por princípio, não acredito em nada. Se a gente acredita e é atraente a proposta, termina se metendo e, neste país, a dialética é capenga: para na antítese.

— Hugo, isso é jogo de palavras.

— Não é, Mário, ou se for, ao menos não machuca ninguém.

— Hugo, velho, tenho o maior respeito pela tua inteligência, mas me parece que o Mário…

— Bandeira, você é um cara honesto. Mário e Marília quando muito merecem o benefício da dúvida.

— *Thank you*.

— Não há de que, minha nega. Não me dei o benefício da dúvida. Sei o que sou. O Bandeira aqui acha que se houver democracia no Brasil recupera a filha, e a moça se expressa politicamente livre de vilificações. Calma, velho, considero tua posição perfeita, porque é baseada em dados concretos. No teu lugar, provavelmente faria a mesma coisa. Não é ironia. Do posto de observação de Marília e Mário é que vejo uma nebulosidade impenetrável e perigosa.

— Tudo bem, Hugo, democracia pura e simples e, pronto, os 61 por cento do povo a salário mínimo se sentirão satisfeitíssimos.

— Melhor, talvez, Mário, do que sob uma economia estatizada, balofa, regida por gente que nunca teve de enfrentar uma folha de pagamento, gente que quando precisa de dinheiro saca do Tesouro. Olha o Dr. Roberto Campos. Fez tudo quanto era besteira no governo, não pagou nada e mantém a fama de “sábio controvertido”. Na iniciativa privada, levou à falência o grupo Paulo Geyer.

— Hugo, isso é deboche, é? Você acha que penso igual ao Roberto Campos?

— Se ele é a cara, tu é a coroa, bicho. A matriz da moeda é a mesma. Pessoal, vamos mudar de assunto, tá? Gosto de vocês e me enchi desse tipo de conversa.

— Um minutinho, Hugo, você nos deve uma explicação. Sempre te defendo dos que te chamam de acomodado, agora…

— Minha nega, todos nós somos acomodados, tirando o Bandeira, cuja carreira foi destruída sacanamente, nós três somos beneficiários do sistema. Eu, antes de 1964, precisava todo mês de um papagaio do Banco Nacional para pagar as contas. Mário e Marília, sem a tecnocracia triunfante do Dr. Maneco, estariam ensinando nalguma faculdade interiorana, ou, no máximo, numa PUC e USP, em vez de ganhando o que em conjunto imagino sejam umas 200 milhas mensais. Não se encrespe, minha nega, não é pixe e me incluí. E não duvido que amanhã vocês aceitassem um

quarto do salário atual no Ministério do Planejamento se pudessem mexer no país.

— Exatamente, Hugo, Marília e eu esperamos apenas a oportunidade de dar o nosso melhor, fazendo qualquer sacrifício. Até lá, não vejo o que há de errado em ganharmos a vida…

— No Ministério do Planejamento vocês descobririam que é impossível mexer no país. A última mitologia da esquerda brasileira é que há um conflito entre as multinacionais, os grandes grupos do Dr. Maneco e do Dr. Eduardo e as estatais. Estas seriam a salvação da pátria. Bobagem. É tudo a mesma coisa, um ajuda e reforça o outro, brigam de fancaria pelo bolo, que é o sangue dos teus 75 por cento de marginalizados, Marília. As cartas, os preços e zona de controle, estão marcados. O que é de resto, estatal ou privado, neste país? A divisão dos lucros. As seguradoras têm quotas alotadas pelo governo. Os bancos aplicam o dinheiro dos depositantes em felipetas do Estado, que viraram a melhor especulação. O *open market*, ha, ha, e nem um níquel ao imposto de renda. O Estado administra a divisão dos espólios. É tudo "estatal" nesse sentido. A Petrobras nos dá lençóis-fantasia, que não cobrem Rio e São Paulo. Investe e especula como qualquer multinacional. Investe mais no óleo da Argélia que no daqui, se existir, e compra da OPEP. Fatura alto todo aumento da OPEP, na taxa que cobra do consumo de petróleo e derivados. Quem paga? Os teus 75 por cento, Marília. Se retirassem os subsídios, isenções e mamatas várias da Petrobras, voltaria a ser a empresinha de merda que é. Quanto às multinacionais estrangeiras, presumo que essa augusta companhia dispense detalhes. Na nossa alça de mira, o Eduardo bajula e é bajulado, um encontro de "poderosos chefões" da máfia; o cara é o vice-presidente daquela companhia de automóveis que se instalou em Minas, isenção fiscal, as trampolinagens cambiais de praxe, os empréstimos do BNDE, ou o que seja, na base do mero aval da matriz, juros "de Londres", etc., etc.…

— Hugo, isso seria resolvido se a alocação de recursos fosse destinada à criação de um mercado interno e não a um modelo concentrador de riquezas. O Mário tem um *paper* definitivo sobre o assunto, que debatemos e emendamos na nossa associação…

— Minha querida, o paper do Mário é papel. Ninguém na classe dirigente, da Petrobras à EXXON, às seguradoras, aos bancos, etc., quer que a situação se modifique. Tá tão bom. Claro, um resmunguinho aqui pela livre iniciativa, outro acolá contra as multinacionais e em favor das estatais, essas polêmicas epidérmicas, distraem e iludem os ingênuos. O organismo é um sólido tripé.

— Você caiu no desespero, Hugo, se o povo readquire as liberdades…

— Um minuto, Bandeira, meu velho. Vamos aos recursos do Mário. Que recursos? Do momento que alguém tentasse uma alocação racional de recursos, o esbregue do tripé seria monumental, e, lembrem-se, só não controla a imprensa nanica, logo a que acredita, tadinha, em estatismo. E de início de conversa, a componente estrangeira, que é o lubrificante do tripé, se prejudicada, cortaria o que nos empresta e suga de volta com juros, e catapum.

Palavra, a esquerda virou Groucho Marx. Brada de todos os púlpitos a nossa dependência, o que é correto, e é, se o Dr. Mário, doutor em economia de Harvard, me empresta uma palavra, sistêmica. Essa dependência, claro, não termina via eleições, livres, diretas e o caralho, que permanecem a fraude que Marx descreveu, este sim um *paper* definitivo, no 18 Brumário. E, muito menos, promulgando instruções e resoluções do Banco Central.

O marxismo de Groucho é que a esquerda, provando a "sistêmica", afirma cara de pau que se nacionalizássemos a economia, nos tornaríamos independentes. É hilariante. Com que roupa? Vestiríamos túnicas maoistas, pegaríamos em armas à la Vietnã? No Brasilzinho do amor, que maravilha, sou Flamengo e tenho uma nega chamada Tereza? Você vê este povo, Bandeira, comprando a parada que chineses e vietnamitas pagaram em sangue durante 30 anos? O povo, meu querido Bandeira? Mantém teu elitismo de oficial. É mais realista. Li na ISTO É que as mulheres operárias de São Paulo acham "legal" dois salários mínimos. Se lhes dessem 20, velho, lá se importariam com a procedência, se da Texaco ou da Vale do Rio Doce? Gastariam o dinheirinho nas

quinquilharias anunciadas em TV, reservando algum ao padreco da paróquia, pois atribuiriam o maná à generosidade divina.

— Você é um elitista arrogante, Hugo.

— Você é um elitista arrogante, stalinistoide, Mário. Eu sou desocupado realista. Um amigo meu em Washington, Philip, me mostrou o quadro da nossa dependência. Os dados apenas confirmaram o que eu supunha. O mundo real de poder, meus queridos, é pilhas diferente dessa chacrinha ideológica subdesenvolvida, em família. É típico. Ao menos essa lição jornalismo ensina. Quanto mais atrasado o país, menor a consciência do que depende do exterior, maior a ilusão de que o mundo começa e acaba no nosso quintal. No Oriente Médio, a zona que as superpotências trincharam em picadinhos, o que ouvi, dos intelectuais, em particular, foram profissões de "fazemos e acontecemos". Nós não escapamos desse destino, o isolamento cultural, a monotonia retrógrada que não se resolve lendo livros; é preciso viver, de perto, a coisa. Mário, você acredita sinceramente que os EUA, em perigo do Golfo da Pérsia à África, "perderiam" o Brasil assim, na conversa, e a América Latina, que é a reserva estratégica americana?

— Pois é, Hugo, cruzamos os braços e deixamos tudo como está. Legal.

— Você e o Mário descruzaram os braços, racionalizaram as empresas de Maneco, diminuíram o custo operacional, foram recompensados: vida mansa, um apartamento no Jardim Botânico, uma casa em Itaipava. De mim nem vale a pena falar. Injustiçado é o Bandeira que, na próxima abertura, terá o seu generalato merecido.

Maneco e Maria conversam a sós, preservando um sorriso fixo e vácuo à galeria e uma prontidão a qualquer convidado perdido. O papo deles é que eu gostaria de ouvir.

— O teu amigo Philip não sei de quantas se esqueceu que o império foi fragorosamente derrotado no Vietnã, que a URSS produz 98 por cento da indústria pesada americana, que os EUA perderam a tecnologia média e leve para os alemães e japoneses…

— A URSS, hem? Vamos trocar Vespasiano por Átila, é essa a opção, Mário? O capitalismo imperialista está em decadência

irreversível, doutor, é um fato. Agora, lembra Rosa Luxemburg? Ela escreveu que a queda do capitalismo traria socialismo ou a barbárie. Não vejo indício de socialismo.

— Deus salve a América.

— Não, Marília, Deus salve o MDB autêntico; no poder, estatizará padarias e tinturarias, faltando pão e lavagem das camisas Lacoste do Mário, completamente fora de moda, falando nisso; e o casal amigo irá ensinar numa universidade americana ou francesa, quando descobrirá promissores “experimentos socialistas” na Patagônia, ou qualquer lugar inacessível, porque, nos acessíveis, entre o que a elite imagina e o que acontece, não há palavras sequer de conexão.\Nenhum de vocês quer ver que a realidade da burocratização coletivista que passa por “socialismo” é o avesso exato, recíproco, da esclerose imperialista. É um processo em que elites se locupletam e tiranizam cada vez mais, não importa o rótulo ideológico. O desnível que te choca aqui, Marília, neguinha, é microcosmo do mundo inteiro. Cria hordas de miseráveis, em número incalculável. Um belo dia, desaguarão “do campo à cidade” até na nossa passiva “ordem e progresso” e será um deus nos acuda e não há deus dessa potência de acudimento. No momento, no Brasil, são guerrilhas artesanais, do tipo Cabeça de Negro… a essa altura, imaginei que mesmo economistas de universidade houvessem notado a planta do paiol. Os relatórios da ONU fornecem diagramas, etc.. Falta quem acenda o fósforo no paiol. O Brasil se aproxima da chama e o Eduardo acertou: nos inserimos na modernidade, aderimos ao suicídio cia nossa civilização.

— Pois eu vou me candidatar a deputado pelo MDB autêntico, Hugo.

— Tem o meu voto, Bandeira. Acho que faz muito bem, se te dá prazer.)Não sou contra eleições. Quanto mais bagunça e confusão, melhor. Minha última esperança é a incompetência e a safadeza do ser humano. Descobriram uns mísseis intercontinentais fajutos nos EUA. Duca. Se até os mercadores da morte, essenciais ao império, adotam a consciência profissional de camelôs, talvez, na hora que dispararem tudo contra a “negrada” saia fogos de artifício, estrelinhas. Bandeira, além do voto, contribuo tutu pra tua campanha. É importante que o país não caia nas mãos dos

“engenheiros de almas”, dos Campos e dos Mários. Eles apressam a catástrofe. O negócio é devagar e sempre.

— Hugo, nunca pensei ouvir você falar como o Hesse.

Marília está atarantada, ferida, com meu comportamento. Mário sorri byronicamente, superior, mas é roliço, arrumadinho demais, a pose não funciona. Byron requer veneno.

— Eu? O Hesse era igual a vocês. Se fingia de reacionário. Trabalhava pra KGB, major, o que não é pouca porcaria.

Os três riem alto. Adiro. Marília se conforta e me perdoa, amigos de novo. E é muito engraçado mesmo.

— Você é um gozador, meu querido. E é sempre bom te ouvir, alerta, espicaça a gente. É pena essa tua… retirada. O nosso jornalismo, pô, tiram a censura da imprensa e a imprensa apoia o sistema que impôs a censura.

— O Hesse, apesar de tudo, foi… gentil, comigo, Hugo. Me ajudou no problema da minha filha.

Hesse era gentil com todo mundo que pedia isso e aquilo, como engrossava contra agressores. Tinha pavor que os pedintes encarnassem nele se não lhes desse a mão. E esqueceu Bandeira assim que localizou a prisão da menina. Não digo. Histeria tem hora e gosto de Bandeira. E onde está Renata?

Álvaro e Denise se aproximam. Denise é apresentada. Mário e Álvaro entendem-se às maravilhas. Discordam apenas em certas abordagens.

— Quedê Renata, Denise?

— Vem tipo qualquer momento com esse Juca. Se atrasou porque pintaram na Barra. Ele mostrou a cidade a ela.

Et alter, sem dúvida.

— O menino de Maria tomou umas e outras, hem, Hugo? Com esses gorilas aí, vai acabar cometendo alguma inconveniência.

Na chegada, Pedrinho abotoara Álvaro.

— Ô Marchista, tu não é Marchista? Marcha, ô cara, tem um revólver pela aí em que mamãe faz tiro ao alvo na crioulada. Tu, Marchista, usa contra “eles”. E quem é essa gata, seu coroa brocha, meninojesus?

Álvaro, sorrindo sem gracíssimo, manteve-se “fino”, impecável. “Então, como é que é, ô Pedrinho”? Desconfiai de quem começa

frases com “então”. Então, nada.

— Ninguém nota ou ouve, Álvaro, nesta casa vale tudo, desde que não se passe recibo, que não se deixe vestígios, provas. Se eu fosse você entrava no clima. A sueca varapau ali fornece a ginástica que te põe em forma.

Puxo Marília ao lado e abraço. Quero que ela continue gostando de mim. É meiga. Sou todo por preservar espécies ameaçadas de extinção.

— Tá gordinha. Outro economista por vir?

— É, o Mário gosta de crianças. Eu também. E agora temos o numerário pras babás, confirmando o que você acha de nós.

— Eu te acho um amor. E as ideias de vocês, na intenção consciente, lembram os meus tempos de sacristia. O diabo é que um dia saí da igreja e fui à esquina.

— Hugo, é indecente que o Mário e eu trabalhemos pro Maneco, não é?

— Anjo, esquece. Gagaíce minha, sério. Todo desocupado tem mania de fuxicar a vida dos outros. Me envergonho depois. Já estou envergonhado porque te machuquei.

— Você não me machucou por nos criticar, meu amor. É o teu niilismo que me dói, me dói fundo, porque… te quero bem. A gente precisar acreditar para viver, certo?

Discordo, mas não contesto. A missão é de paz.

— Eu acho indecente servirmos ao Dr. Maneco. Engordamos um polvo, conspurcamos o que aprendemos. Se isso não é dar munição ao inimigo… o nosso pessoal me goza, o Mário à frente, me chamam de pequeno-burguesa, que “não se cede posição”, que se o Maneco nos usa, a recíproca é verdadeira, aprendemos como funciona o sistema, o que nos facilitará o trabalho quando a situação mudar.

Uma consciência tranquila esperando a utopia e, enquanto não vem, 160 milhas ao mês para o casal. Sei a quantia exata, pós-impostos, porque Maneco se gaba alto na frente de Maria de como paga “regiamente” os esquerdistas “dela”.

Nessa, sou mais o Mário. Afinal, o mundo real é o Dr. Maneco e similares, e não os textos de Marx, Mandei, Keynes, Hayek, ou quejandos. De que adiantaria vocês morarem num quarto-e-sala,

trocando fraldas, corrigindo provas de analfabetos incuráveis, em vez de ler a *New Left Review*? Mudaria alguma coisa? Este país é uma puta meritocracia social-darwinista. Subvertê-la de dentro é menos difícil que de fora.

— Tá, tá, mas num sei, quando vejo um Lula, o contato direto com a gente que realmente precisa de nós, aquelas operárias da ISTO É, me pergunto se a nossa não seria ir aos necessitados.

— E, o Lula parece fora do esquadro das oligarquias de direita e esquerda que dominam esta joça desde o "pai dos pobres", desde o positivismo de esquerda e direita, da "ordem e progresso", que dogmatizou a contrarrevolução na cabeça das nossas vanguardas. Agora, ele te ouviria? Não, te tiraria do ar, na hora. Conhece o seu lugar. Sem ironia. Sabe que a esquerda é tão elite cultural quanto a direita é elite econômica. Era o que eu estava tentando dizer ainda há pouco. A divisão hoje entre "Norte e Sul" não é só entre nações, existe em toda sociedade que ultrapassou a enxada, em um terço que seja. E é tão abismai que um membro da elite, dos *haves*, perdeu o acesso à malta, aos *have nots*. Quem vota no MDB, meu amorzinho? A minoria que participou, em graus variados, desta economia de privilegiados e que permanece aprisionada na linguagem e aspirações da oligarquia de esquerda. Os outros, analfabetos à parte e inclusive, foram reduzidos a tal selvageria que a linguagem deles de revolta é a do visitante da nossa anfitriã, o Sr. Cabeça de Negro. Aqui, a brincadeira positivista parece ter muitos anos de vida, porque "eles" não aprenderam a se organizar. Uma questão de tempo. Olha a África e o Oriente Médio, ou a Indochina. "Desconhecem" nossas ideias de consertar o mundo. Suspeitam tanto delas quanto os velhos revolucionários contra o colonialismo suspeitavam dos missionários que vinham vender Cristo. E viva o colonialismo antigo. Ao menos, preparava elites e quadros nativos, que o subverteram, os Nehrus e Nkrumahs. Vá falar a um guerrilheiro palestino do trabalhismo inglês, da social-democracia, ou de marxismo. Prefere o Corão. Porque é dele. Gringo nenhum pôs a mão.

— É, mas não se desenvolvem sem a nossa tecnologia. Se aceitam o nosso *know how*, podemos também civilizá-los politicamente.

— Aceitam? Querem arrancar, transferir é o eufemismo, nossa tecnologia, porque o que viram da dita cuja foi a miçanga que a multinacional trouxe, cobrando-lhes o sangue pelo privilégio de serem explorados. Certo, fazem o charme do aluno que dá maçã à professorinha e, depois, põe um rato morto na bolsa dela, quando estiver no quadro negro. Não se iluda, meu bem, não há mais ponte que dê para cobrir o abismo que nos separa.

— Para de corromper minha mulher, seu.

Mário interrompe daquele jeito brincalhão explosivo que é a mais expressiva forma de agressão covarde. Abraça quase esmagando Marília. Fico pensando se vai flexionar as banhas, no braço livre. Um garotão toddy.

— Ah, Mariozinho, estávamos num papo ótimo, você parece o Álvaro, entra de megafone.

— Vocês preferem ficar a sós?

— Não é isso, meu bem, o Hugo até que concorda contigo nessa história de trabalharmos pro Maneco.

— Fico muito grato pelo *nihil obstat* do Hugo, me matava se ele fosse contra. Agora, Marília, chegaram nossos professores americanos. Leram teu paper sobre a conscientização da operária brasileira. Querem publicar e discutir o “editing”, notas, *etc.*

— Tá, tá, vamos, vamos. Hugo, a gente almoça juntos um dia desses? Você me convida?

Renata aparece na porta com o Juca, íntimos. O mesmo preto, o mesmo capricho. Maria vai recebê-los. Maneco, não. Maneco para e recua. Puxa Álvaro na direção da sala de música, apressado. Procuro Sílvia Maria, que está entre o Eduardo e o Cruz. Pedrinho meio perdido em volta. Helô, mulher do Cláudio, me aborda.

-— Hugo, você e meu marido almoçaram ontem no Aviz?

— Almocei. Não juntos. Ele com o Matta.

— Só?

— Helô, não prestei atenção, mas se havia alguém mais estava embaixo da mesa. Qual é o babado?

— Vocês, homens, se protegem uns aos outros, não adianta negar.

— Helô, não tenho o que negar, não sei o que negar.

— Ora, Hugo, não vá me dizer que não sabe que o Cláudio come a mulher daquele coronel do SNI ali, aquele tipo imponente, apesar do peso dos chifres. Depois de tudo que fiz por esse sujeito.

— Minhas relações com o SNI são como as de Israel e a OLP.

— Ele pensa que vai limpar a barra no Banco Central usando essa mulher, tá lá, olha, aquela de cetim, cara e jeito de puta, Betty, nome de puta, pronuncia "Betí", à francesa. E o Cláudio leva o coronel a almoços no Country, a jantares de sociedade, deslumbra e planta o corno, apresentando-o a amigos, e vai ao encontro da Betty, num apartamento nosso, no Leme, que finge estar alugado a alguém. Trabalha os dois, um no papo, outra na cama. Pensa que vou aguentar calada.

Maria está sendo particularmente amável com Renata, as duas sentam e conversam num sofá, Maria fala, Renata ouve, e o Juca fica de pé, por trás de Renata.

— Não me deixa botar isso e aquilo, olha, fiquei nua, porque não podemos dar a impressão de riqueza; e cobre a Betty de joias, compra do mesmo moambeiro que me vendeu as minhas, que me conta tudo. Quando eu era boba, no governo do Castello Branco, um ministro me agarrou na saída do banheiro. Saí correndo e chorando. Contei ao Cláudio. Me disse que o ministro fizera de brincadeira, que tinha muito senso de humor, que eu deixasse de ser criança. Agora, não sirvo mais. Depois que a gente passa… chega aos 40, vocês ignoram a gente. A Betty vai de garotinha. A mim não engana. 35 anos, no mínimo, Hugo, mas dá gritinhos, pulinhos, vira os olhos e passa por meninota. Vocês homens são todos iguais. Uns bobocas.

— Você tem toda a razão, Helô.

— Se ele imagina que engulo essa humilhação, han, sei até o número da conta e tenho uma duplicata da chave da caixa do banco de Nova York, o Cláudio nem suspeita. Aprendi a me defender. Se insistir nessa ordinária, dou o serviço completo na vara de família.

— Você faz muito bem, Helô.

— Quando eu tinha 30 anos os homens todos davam em cima de mim, você também, lembra, Hugo? Sabe o que ele transava? Vinham os gringos aí de quem apanhava dinheiro e subíamos a Correias, lá pra casa, passando o fim de semana. O Cláudio era

sempre chamado de surpresa ao Rio, uma “crise no escritório”. Ficávamos o gringo e eu, sozinhos, dois dias. Custei a entender, alguns dos gringos também sem graça, outros nem gostavam de mulher. Me aconselhei com Maria e outras amigas, riram de mim, “queque tem, sua bocó? Forra teu pé de meia”. Agora, só porque cheguei ao 38 anos, esse desgraçado me despreza. Você acha que deixei de ser atraente, Hugo?

— Acho você uma graça, Helô.

— Você sempre foi um homem de bom gosto. Essa putinha do coronel… oi, coronel, como está o senhor? Neste minuto mesmo comentávamos aqui a elegância da Betty. O Sr. conhece o Hugo, não, o Hugo Mann?

— Boa noite. — O coronel me cumprimentou de dentes cerrados. Deve ser o peso da testa na boca.

— É, Helô, minha mulher sabe se vestir. É um gênio, não sei como consegue, o que pagam a nós militares, mesmo em cargo de confiança… Helô, o nosso Cláudio sugeriu que déssemos uma esticada para jantar fora. Resisto bravamente a esses apetitosos salgadinhos, mas estou de estômago vazio, e acordo cedo, nossa sina de militares é acompanhar os galos…

— O Cláudio, pera aí, ah, lá, pegou o Eduardo e o Matta, altos negócios, sabe como é que é, vamos, coronel, também tou varada de fome, vamos reclamar nossos direitos humanos.

— He, he, he, você é tão espirituosa, Helô.

— Tchau, Hugo.

Renata vem a mim sorridente, Maria e Juca fiscalizam de olho. Marília fala gesticulando e desconjuntada aos dois americanos, imensos, atentos, receptivos e de uma simplicidade absoluta. Ouvem, agora, do Departamento de Estado: “Os brasileiros são um povo orgulhoso”. O mais divertido é que acreditam.

— Posso me aproximar? A moça aquela saiu, tem outra? Ou há um intervalo reservado aos pobres?

— Pensei que você fosse par constante do Dr. Joseph Hansen.

— O Juca, muito amavelmente, se ofereceu a me escoltar. Disse que se eu viesse contigo a anfitriã me unharia toda, porque morre de ciúmes. Unhou tua amiguinha, a do telefone? Quem é? Preciso falar com você.

— Eu também. A viúva do Hesse é aquela ali que, no momento, acalma o herdeiro de Maria, aquele jovem exaltado. O que você achou da dona da casa?

— Ela é, como dizem nesses círculos, tua casa militar?

— Renata, não leve a mal, mas prefiro manter o monopólio de humor nas nossas relações. E não te fica bem, você espera muito da vida.

— Qué isso, meu bem, que humor? Do jeito que o Juca…

Se não é gozação, eu diria que o Juca é o tipo mais desprezível.de mentiroso. O que se limita a não dizer a verdade.

— É sutil demais pra mim.

— Faço votos que você não queira ter, como é que é, uma petite liaison, com o Dr. Joseph Hansen. Maria e Juca são amantes há tantos anos que já podem comemorar fodas de prata, ou coisa semelhante. O que não significa fidelidade absoluta, de parte a parte, seria uma perversão inconcebível “nesses círculos”. Agora, existem limites fora do pinico e prioridades.

— Por que ele não me disse?

— Você perguntou?

— Não, nem me passou pela cabeça, depois dessa história da unhação, que é, também, mentira?

— Não exatamente. O Dr. Hansen é um mestre no chiaroscuro. Se eu trouxesse uma desconhecida qualquer, Maria se encresparia. Me considera móveis e utensílios. Mas Maria quer que o Juca apareça acompanhado. Aparências. O Buñuel é cheio de rituais nesses círculos.

— Que não são para mim.

— Que não são para você, porque Maria é a voz que deu ordens a Renata ao telefone que executasse o Hesse.

— Quem te contou?

— Ninguém.

— Esquece, não importa. –

— Minha querida, nada me daria maior prazer que depositar minha acompanhante no carro dela e ir para casa, sozinho, ler, abençoadamente solo. Se permaneci aqui foi te esperando, porque achei que você precisasse de mim. E precisa.

— Não preciso. Ninguém precisa. Você é um monstro de egoísmo e autossuficiência, que se diverte com a desgraça dos outros,j Tua mulher ideal é a Ângela, um vegetal, um brinquedo, que te obedece e te absolve do teu parasitismo e insensitividade sem te incomodar. Prefiro cometer mil besteiras e pago o preço necessário a aceitar o tipo de proteção que você oferece.

— Isso é doutrinação do Dr. Joseph Hansen?

— Ele só fala bem de você, lamentando apenas o teu desperdício. Eu usaria outra palavra. O Juca é gente.

— Você e Maria compararam notas?

— Hugo, não entendo nem me interessa.

— Vai entender.

— Não, não.

— Não de mim, calma, madame, considero-me isento de qualquer responsabilidade, no meu parasitismo e insensibilidade. Lembro, apenas, de despedida, do que te avisei quando nos conhecemos. Que os outros, que te usaram, e, acrescento, de uma maneira ou de outra, os torturadores e os gurus, que essa gente tem muito a perder com a tua simples existência, pelo que você sabe, identificando a voz de Maria, por exemplo. Minha percepção ainda é imprecisa, em detalhes, agora o odor é inequívoco e a merda não vai desabar em cima de um autossuficiente. Os monstros são imortais.

— Hugo, /desculpe, engrossei sem razão. Você é um amor, do teu jeito bruto e agressivo. E se preocupa comigo. Não é necessário, honestamente. Foi um golpe baixo aquele negócio da Ângela. Me perdoa.

— Ela não sentiu nada. E você?

— Sou leal, Hugo. Não traio meus companheiros. Não abro nem sob tortura. Não abri.

— Você é uma criança boba, bye.

— Hugo, continuamos amigos?

— Nunca fomos.

— Te ofendi.

— Menina, estou em casa. la te convidar a dormir lá, não necessariamente comigo. Pela proteção que você despreza. O

convite continua de pé. Não interessa, claro, a quem fez novos amigos ou reencontrou velhos que tanto te ajudaram no passado.

— Hugo, seja bonzinho, minha cuca está no pé.

— Essa gíria e este papo morreram, Renata.

— Hugo, quem é aquele cara ali?

— É Maneco, o dono da casa. Levou o Álvaro a ouvir baião lá dentro. Devem ter dançado juntos.

Me sento entre Maria e Juca. O Pedrinho, perto, ouve, interrompendo, o Eduardo, que lhe fala baixo, no ouvido. O menino corta alto cada frase, rindo e ininteligível. O Eduardo ri também, não lhe falta senso de humor, entre os íntimos. Álvaro saltita na direção de Renata, onde a deixei, imóvel, puxando-a para a varanda, Denise vem a reboque.

— Maria, vou embora. Kiss, kiss. Tchau, curandeiro.

— Que que há, Hugo, meu velho, te pisaram os calos?

— Não, Juca, é que isso aqui fede. O emissário, como diz o Cruz, deve estar passando hoje por este apartamento, exatamente onde você está, pelo meu nariz.

— Moça excelente, essa Renata. Conversamos muito. De primeira ordem, realmente.

— Traduzindo, caiu na tua conversa, precedida das lamúrias habituais sobre o casamento falhado, que você estoicamente sustenta, se atribuindo toda a culpa etc., etc., e, depois de ganhar a confiança da menina, você a manipulou tanto que ela não confia em mim nem o bastante para revelar o conteúdo da desconversa. Manjo parte: que Maria dava ordens de “liquidação” ao grupo de Renata, à própria, “minha voz, puta merda, até o farmacêutico reconhece pelo telefone”, hem, amor? Maria se borrou à ideia de um encontro com Renata. Não o Dr. Joseph Hansen, o engenheiro de almas. Percebendo a inocência da moça, cabalou-a ao perdão, em nome da solidariedade dos fracos e oprimidos. Sucesso absoluto. Isso, claro, durante uma longa tarde na Barra e, em cima do sofrimento autobiográfico, toneladas de exibição de fragilidade individual, de desamparo e outros truques do repertório. Bem, chega. Uma pergunta: qual é teu papel nisso? É defender a mulha, Maria, ou aderiste, boneca, ao terrorismo?

— Hugo, você está inteiramente louco.

— Se é verdade, não vejo motivo para indignação. Mais um cliente em perspectiva, Dr. Hansen. Olha, quero que você, Maria e Renata se fodam nessa epidemia infantil do comunismo. Mas um aviso amigo; quem trouxe Renata a esta gorja aqui fui eu, me sinto responsável pela integridade física da menina. Já levei um amigo inocente à morte, apresentando-o a quem não devia. Não admito repeteco. A Renata, doutrinada pelas indiretas certeiras do Dr. Hansen, me chamou de monstro de egoísmo. Correto. Agora, é um egoísmo abrangente, totalitário, o que inclui horror a assumir^ L sentimentos de culpa pela burrice alheia.) Essa moça vai viajar a , Nova York, fazer endocrinologia, como entrou nesta casa, ilesa, intocada. O besteirol que tem na cabeça não me interessa. _A estupidez pode ser uma opção existencial, certo, Dr. Hansen? Tudo bem, ela me falou que não "abre" contra os companheiros que a traíram e entregaram ao DOI-CODI. O Dr. Hansen faz Talleyrand parecer um amador. Agora, se lhe tocarem num fio de cabelo, repito e encerro, a coisa muda de figura. Prefiro que o resto fique em reticência, sou um devoto imitador teu, Juca.

— Hugo, você é um filho da puta.

— Não sou, Dr. Hansen. Minha mãe morreu antes da era da permissividade.

— Quem é que você pensa que é, para me falar desse jeito, o Grande Inquisidor?

— E você é o Cristo de Sevilha? Só se for no carnaval. Juca, uma vez ouvi tua choradeira, de porre, pregueada das mea culpas hipócritas de costume, de que o Hesse e eu te esnobávamos no colégio. Não te reconhecíamos um igual em cuca, uma injustiça amargurante para o futuro e talentoso pintor e psicanalista. Engano, velho. Manjamos, de cara, que você era melhor que nós, um criador, uma imaginação que invejávamos. Juro. Agora, sentimos uma ambivalência, uma ambiguidade de caráter que achamos repulsiva. Não é "bom" ou "mau" caráter. É caráter, ponto. Adianto isso antes que a palavra traidor seja adicionada ao nome do Hesse. Ele traiu, OK, mas às escâncaras, desafiando todo mundo.

Isso é caráter. É dar e levar na cara como gente, Você nunca na vida correu o menor risco. Lembra aquelas badernas elaboradas nos Maiores? Ninguém te batia em ideias de sacanear os padres.

Na hora da execução, o Hesse, eu e outros não contávamos contigo. Nós enfrentávamos a “repressão”. O Juquinha, nem pensar, os padres te afagavam a cabeça, te imaginavam salvo no paraíso, enquanto reservavam ao Hesse e a mim caldeiras especiais no inferno.

Dr. Joseph Hansen, ESTA É SUA VIDA. Na nossa célula trotskista de merda, o Alberto atuava no sindicato dos bancários. O David, no de economistas. O Simão pegava a pau os stalinistas e a direita. Eu polemizava. Você, Juca, nos sugeria táticas brilhantes, nos criticava os erros, se solidarizava conosco no sucesso e fracasso. Obrigado, doutor, agora e a participação pessoal do insigne tático? Duvido que haja ficha de Joseph Hansen no SNI, CENIMAR, *etc.* Não, você casou com mulher rica, a quem tortura e de quem se faz de vítima, enriqueceu pintor e psicanalista e sempre se autoavacalhando junto aos íntimos, que adoram tua humildade, se não te conhecem…

— Hugo, vamos lá embaixo que vou te mostrar uma coisa.

— Eu, Juca, encarquilhado, gordo desse jeito, e você campeão de caratê. Faça-me o favor, ha, ha, ha…

— É, Juca, amor, Hugo, amor, ponto final, tá? A mamãe aqui não está gostando, não quero ver meus homens brigarem.

Estendo a mão esquerda para pegar o copo na mesinha em frente, e de direita, rápido, tapeio violentamente o saco do Juca. Ele sufoca um urro, se dobra e ajoelha no sofá, de costas à plateia, ao lado de Maria, gemendo baixinho. Não perde a dissimulação nem na dor, o Dr. Joseph Hansen.

Pego as mãos de Maria, frias, nas minhas. Ela, viciada no chamego, se oferece automaticamente. Continuo rindo.

— E assim, amor, que se trata campeões de caratê. Aprendi de um contemporâneo de delinquência juvenil. Nossa delinquência era honesta, não se disfarçava em rituais e regras.

— Juca, amor, tá doendo muito? Quer ir prum quarto?

— Não se preocupe, Maria, nenhum dano permanente, daqui a algumas horas o instrumento estará inteiramente recuperado, *à votre Service, madame*.

Sílvia Maria se aproximou, e o Juca recompõe-se no sofá, conseguindo o prodígio de vontade que é manter as mãos fora dos

bagos. Ele é melhor que nós… parece apenas um menino grande com dor de barriga. Rio muito. Sílvia Maria corresponde, pensando que é alegria de revê-la.

— Vamos indo, Sílvia Maria, ou você prefere ficar mais um pouco? O Juca aqui, você conhece, não, o Dr. Joseph Hansen, psiquiatra e psicanalista, foi nosso colega, do Hesse e meu, no colégio. Estávamos matando saudades.

— Ah, como vai? Acho que o Paulo me falou, sim, várias vezes. O Sr. pinta também, não é?"

A resposta correta seria pintaram com o meu pinto, mas entre as fortalezas do Juca não há humor, e, muito menos, humor negro. Ele responde as banalidades previsíveis, exibindo um sorriso encantador. Respira apenas mais fundo, resistindo à tentação de virar fole, o que ajuda, nas circunstâncias.

Maria restabelece normalidade nas comunicações, me olhando ansiosa, nos intervalos de relacionamento geral. Procuro Renata, Álvaro e Denise. Não os vejo. O Cruz, o ministro e Pedrinho também sumiram… vários tipos cheios de miçangas, roupas caras esmulambadas, ou somente esmulambadas, circulam como galos (um tanto "sonolentos"...) no terreiro. Imagino que sejam o "entertainment", os compositores e cantores, diretores de cinema, e, certo, reconheço dois e trocamos sinais de cordial desinteresse mútuo. Maneco e o coronel do SNI conversam num canto. Betty e Helô papagueiam, "íntimas", num outro sofá, sob a benevolente supervisão de Cláudio. Marília e Mário se servem de um bufê que a sueca energicamente comandou não sei de onde e um bocado de gente abocanha. Aceno a um editor e a um proprietário de jornais que tornaram possível esta festa de confraternização.

— Algumas amigas minhas são suas clientes, Dr. Hansen. Falam muito bem do Sr…

— Juca, por favor, Sílvia Maria, todo mundo me chama de Juca.

Medito se desta vez devo dar um pontapé no mesmo local.

— Mas é uma pena que o Sr., você, Juca, não pinte mais. Minha irmã, Maria Tereza, e eu, fomos vê-lo na Bienal, e temos dois quadros seus no Cosme Velho, em casa…

Maria me puxa delicadamente na direção do bufê, beijando um tocador de guitarra, um cineasta e "outros" que lhe dão aquele olhar

histriônico, “ainda é bem comível”, na nossa trajetória.

— Amor, não seja injusto com o Juca. Se alguém merece apanhar não é ele, sou eu. E não se preocupe pela moça, a Renata. Você é muito inteligente, tanto que me explicou que pessoas inteligentes dizem bobagem de maneira inteligente, certo? E continua sendo bobagem.

É verdade que me envolvi. Passava recados em código, nem eu sabia o significado, só o recipiente. Minto, quer dizer, soube do plano geral, a “ofensiva” contra os biguanos do sistema, mas nunca me deram detalhes> nomes. Se me contassem que o Hesse seria o primeiro, tirava o corpo fora. Não que ele não merecesse. Agora, você não me vê ordenando a morte de um cara do nosso grupo, vê?

Quando o pessoal caiu, todinho, fiquei no maior desespero. O Juca me consolou, se não….

... não confiei no segundo homem que pesa no meu coração, você, por causa das tuas relações com o Hesse, que ninguém entendeu ou entende. Que que a gente podia fazer pela Renata e o resto? Se solidarizar na tortura? Cometer suicídio? Não sabemos, o Juca e eu, até hoje, quem traiu.

— O Pedrinho é um homem, Maria, não “pesa no teu coração”? E onde está?

— Disse que ia dar uma volta de carro. É diferente, amor, ele é meu filho.

— Sabe aonde teu filho foi, Maria?

— Não.

— Levar o Cruz à casa da Elza, em que o Cruz encontrará a “primogênita”, Zelina, que imagina Filha de Maria, com perdão da palavra, no auge da putice. Já pensou no que vai entrar no ventilador? O Cruz, Maria, assinou um laudo falso em teu favor, para livrar tua barra, que pensa, mea culpa, é do Pedrinho, Assinou em cruz, sem trocadilho, porque te ama. Agora, recebe a paga.

— E você acha que eu tou sabendo, amor? Que coisa horrível. Telefono à Elza e mando esconder a Zelina. Vamos.

— É tarde demais. Do jeito que o Pedrinho guia chegou lá ou enfiou o carro num poste.

— Mas se você sabia por que não impediu? O menino te respeita.

— Tentei, Maria, ele prometeu se conter e traiu. O Pedrinho não respeita ninguém e nem tem por quê. Nós somos a escumalha da terra, como diz o Dr. Álvaro quando é sincero. E, falando nisso, o Álvaro sumiu com a Renata. Por que, hem?

— Hugo, sei tanto como você. O Álvaro está por fora dessa encrenca, nem morava aqui na época. Por que esse tormento em cima de mim, amor?

— Os jesuítas me disseram que a vida é tormento da carne e mentiras na alma. Eu deveria ter prestado mais atenção. Chega. Também sou culpado e caindo pelas tabelas, cheio dessa imundice, quero ir para casa.

— Mas você moita, né, meu benzinho?

Olho Maria, é o alumbramento de sempre. Não se alterou um minuto a paisagem enquanto discutíamos a tortura e morte horrendas de jovens ingênuos, porque Maria deu recadinhos ao telefone; não se abala com o sofrimento dilacerante de um velho reacionário idiota, mas capaz de sacrificar tudo por ela, inclusive reputação profissional; ou a amoralidade absoluta em que criou Pedrinho, convertendo-o num monstro, nem dando ciência disso ao menino; ou o que me levou a fazer no episódio do Cabeça de Negro, menos importante, certo, me prontifiquei; apesar disso é parcela de um todo ainda incompleto, contendo enigmas que intuo sinistros, Maneco e Juca. Maria continua esplêndida em berço esplêndido, protegida de todo o mal. Não tenho forças de despedaçar esse berço, perguntas se formam e se dissolvem antes de concluídas, minha amargura me arria, mentalmente. Amargura na cumplicidade, na conivência em que me enganei esses anos todos, ao imaginá-la, a cumplicidade-conivência, uma toca à parte da catástrofe em volta. Qual é? O ciclone acerta a bunda do avestruz.

— Vamos, agora, Hugo, se você quiser. O Dr. Hansen, o Juca, é fascinante. Maria, muito obrigada e boa noite.

— Obrigada a você, Sílvia Maria, dê um beijo na Maria Tereza, gosto muito dela, há tanto tempo não nos vemos.

Lembro-me que passamos Maneco, amabilíssimo, que nos conduziu à porta e aí há um hiato na minha cabeça…

X

... Meu rosto está molhado, os cabelos também, nas mãos que me acariciam os cabelos, muito escuro, tateio uma luz, “mais luz”, me cortam, “não, please”, ouço voz de mulher, vejo e some uma mulher na entrada, que entrada? A pior brincadeira minha comigo é que nunca sei quando estou de porre, mantenho uma clareza de visão sóbria, imagino que mantenho, os outros me contam, no dia seguinte, a loucura, de que não me lembro. E agora um corpo de mulher, epa, nu, e, epa, eu nu, também; o corpo passa sobre o meu e me tira a mão do abajur e a mão dela me percorre, “vocês são todos iguais, precisam de luz, no escuro é...”; terna a voz, não me é estranha, tender is the night…

Apagando, apagando, juro que não beberei mais a partir de amanhã, que mudo de vida, sigo o conselho do Juca, escrevo o primeiro livro sério sobre esta bosta. Juca… filho da… não me sentirei mal, o diabo é o fumo, não o álcool, me sacudo todo, “calma, meu amor”, a voz, estendo a mão, toco nela toda, esquiva, esquiva, não, trêmula, trêmula. Sonho, alucino?

Uma sirene de bombeiros atravessa meu hotel em Nova York. São espalhafatosos esses bombeiros. E o som de Nova York. O FOGO DESTA VEZ!!! A sirene insiste, insiste, é preciso fechar a janela ou não durmo. Salto da cama e acendo a luz. Estou no meu quarto, nu, sozinho. A campainha da porta toca wagnerianamente. Procuro outros quartos. Ninguém. Visto um short no banheiro. Pego um cigarro, acendo, o gosto é horrível, continuo fumando. Vou à porta. Abro. É o Pedrinho.

— Hugo, porra, você precisa me tirar dessa.

Tal mãe, tal filho. Ele invadiu a sala e pinga sangue no tapete, a cabeça ferida. Suspendo uma ponte levadiça sobre mim mesmo.

Reassumo, um frio de cão, eu só de short, sento o Pedrinho, dou-lhe uma toalha, substituindo o lenço que parece capa de toureiro, apanho uma camisa, me cubro. Ele me olha ansioso como um cachorrinho pidão, a quem se brande uma linguiça, mas não é tão simples, a fome é outra, de angústia. O pão nosso de cada dia.

Me sirvo de um uísque, já me habituei ao gosto do cigarro, que restabelece a intoxicação, que completo bebendo, voltando ao natural.

— Você levou o Cruz à casa da Elza, né? Posso imaginar.

— Quem te disse, alguém telefonou?

— Você me disse na tua casa, bem, não tem importância. Que bicho deu?

— Hugo, esse velho é píssico, tu não faz ideia da cagada. E vão me culpar de tudo.

— OK, Pedrinho, os fatos. Você arrasta um caretão como o Cruz à casa onde a filha, que ele pensa virgem, "exerce" a ninfomania, trepa por todos os furos, e espera que ele reaja de que jeito? Te quebrando a cabeça é o mínimo.

— Huguenote, a polícia é que me rachou a cabeça. O rebu que deu vou te contar. Saímos os três lá de casa, guiei o Eduardo, a Gorda, que é habitué, e o Cruz. O puto do coroa vem insistindo há meses que eu mostre a ele o serviço da Elza, porque lhe disseram que "não é uma casa de tolerância", que um homem "da responsabilidade e dos princípios dele, etc., etc., e tal". Avisei que o clima era da pesada, que ele não se sentiria bem, não podia dizer "olha, Cruz, tua filha mete toda noite no local, fazem fila prela chupar", né? Hoje, no meu baratino, teu pó é um pique, Huguenote, a Gorda de bumbum em chamas, o Cruz grudou e arrancamos. Me esqueci da Zelina, juro, "privação de sentidos". No carro, a Gorda começou a desmunhecar, eu rindo, o Cruz besta, a Gorda gritava: "Julinho, maravilha, te nomeio diretor do IBC em Nova York, montaremos nosso lar no Sutton Place, cozinho e lavo pra você, minha doçura…" Tu manja esse Julinho, um pinta alto, louro, anda com a irmã daquela moça ótima, a Sílvia Mari…

— Manjo.

— Pois é, todo mundo quer comer o Julinho, mulheres, homens, animais e vegetais, e come, se pagarem o pó, roupas e a

comida do pinta. É um fudido, do Rio Grande do Sul, serviu o exército como Catarina, arranjou um coronel da Aeronáutica, o cara deu carro e ap para ele, mas isso é história antiga… Huguenote, juro, tu não acredita, agora quando vi a bandeira da Gorda no carro, senti a barra, disse ao Cruz que deixava ele no Leblon num ponto de táxi. Não sou tão filho da puta assim.

O Pedrinho tem razão. Eu não acredito.

— Aí o Eduardo "reassumiu o ministério", troca de bicha pra homem tranquilão e come e leva tranquilão, tu sabe, né? "Que história é essa de nos privar da companhia do Dr. Cruz, uma das sumidades da medicina do Brasil…" que eu não admitia, cruel como todo jovem, que homens da responsabilidade dele e do Cruz, que carregam essa nação de mulatos subnutridos e boçais nas costas, civilizando a negrada, gozassem momentos de liberdade sensorial, que, em hipótese alguma, iria à Elza sem o Cruz e totócototótócototó-cototóco. "Nomeou" o Cruz ministro da Saúde na hora, praticamente. A cara do Cruz parecia lua cheia, me lembrou a Marlene, nossa empregada, quando vê o meganha dela; assanhado, babando, e suando de orgulho, e totócototóco, "meu caro Eduardo, não exageremos, não nego minha modesta contribuição no campo particular, nada que se compare… totócotóco". O Cruz subiu à Elza por esnobismo. Tens aí?

No que acredito, no esnobismo. Apanho um envelope pro Pedrinho, que se serve profissionalmente. A família se esmera no perfeccionismo, à sua maneira.

— O Julinho tava na piscina com a Elza e a Tereza, minha menina, quando a gente se encontra, e, porra, depois do Ali Babá aí em casa eu tinha de dar uma relaxada, Huguenote, e nos metemos num dos quartos do primeiro andar. Tudo bem, uns tempos, quando começou a gritaria, choros, urros, troço caindo, um esporro do caralho. A Tereza quis me prender pela boca, ha, ha. Levantou a cabeça: "Deixa pra lá benzinho, não é conosco, alguém pegou um pico torto ou um *angel dust* muito doido." E recomeçou o serviço. E o negócio pareceu acalmar uns minutos, até que tocaram socos na nossa porta. Elza. De rosto lanhado, uma fera, de dedo na minha cara.

“Pedrinho, quem é esse nordestino porra-louca, Pedrinho? O cara é a cara do Cordame de Notre Cunda, deixei entrar por tua causa e do Eduardo. Logo vi que a única que toparia é a Zelina, porque é do “não tem tu, vai tu mesmo”; levo o tipo prum quarto nos fundos, de “empregada”, e despachei a Zelina. Quando ela começou a gritar, não me grilou; a menina gosta de apanhar e se ele gosta de bater não vou empatar a foda dos outros. Aí o troço engrossou, o velho berrando “te mato cadela dos infernos”, Zelina gritava “socorro, socorro”, chamando meu nome. Fui, o puto me deu de cinto na cara, olha aqui a marca. Pedrinho, segura esse louco, é responsabilidade sua, te apura, vamos, sai fora daí, Tereza, e te veste. Esse negócio pode acabar mal.”

Hugo, me mandei feito uma bala. Em minutos, virei carroça. E se o Cruz achasse que o culpado fui eu? Sei lá se usa peixeira. Não sou de briga. Procurei o Julinho que é forte paca. Sabe a piscina das crianças da Elza? A Gorda e o Julinho se instalaram na borda. A Gorda de baby-doll, Hugo, calcinhas arriadas, e o Julinho tronchando o bicho. Huguenote, a Gorda cantava “Tico-Tico no Fubá”, “o tico-tico lá, o tico-tico cá, o tico-tico está comendo todo meu fubá, Al, Al”, *etc.* e tal. O Julinho me piscou o olho, rindo, o sacaneta, eu gesticulando prele vir, como um doido, o cara, rindo mais, gesticulou apontando onde se enfiara. E a Gorda: “O tico-tico está comendo tooodo o meu fubá...”

A berraria já era de agulha arranhada a toda, em oito faixas. A tal de Zelina tem um pulmão de ópera. Você manja a casa. Não se enxerga nada na piscina ou nas salas principais, a não ser em dia de grupinho. O velho e a velha foram uma noite e não viram picas. A Elsa é craque nos arranjos. A iluminação, fora da “área das visitas”, é de cegueta. O Cruz melou tudo. Na correria, esbarrando nos móveis, acendeu as luzes, a casa parecia o Maracanã em noite de jogo, e no meio do xingamento à “meretriz”, deve ter visto a função inteira. Berrava “Babilônia, Babilônia” e chamando duas mulhas que não conheço “Sodorra e Gomona”. Você manja elas? E “tarados”, “polícia”. Quando apareci na piscina, a Zelina, nua, segurando uma toalha, subia e descia as entradas do morro no fundo da casa, e o Cruz, Hugo, de ceroulas, corria atrás dela, de cinto na mão. A cara dele pegou um *spot*. Suava como cachoeira. Carros começam a

descer. Havia uns dois banqueiros que conheço aí de casa e uns velhos mixês industriais paulistas da Elza, que manjo de vista e “oba”. Se arrancaram.

Agarrei o Cruz em frente da piscina. As luzes tinham acendido nas casas vizinhas. Ficam longe, mas naquele som não sei como não te acordaram aqui. A Elza do meu lado.

“O Sr. se controle, por favor, se a menina fez alguma brincadeira de mau gosto, é uma criança, afinal, a Zelina lhe pedirá desculpas. Não é uma qualquer. É de boa família. Filha de um eminente catedrático de medicina, o Dr. Cruz, ou é Cuz Cuz, Pedrinho?”

O Cruz se largou de mim, Hugo: “Méssalina, despudorada, exploradora do lenocínio, eu te prendo désgraçada.” E tascou outra cintada na Elza, que sumiu a galope.

Tentei segurar os braços dele, Hugo; gritava: “Calígula, pensa que não sei que você matou o Cabeça de Negro, tua hora chegará, Calígula.” Que porra é essa, Hugo? Ih, minha cabeça continua pingando.

— Não é nada. É superficial. Depois faço um curativo.

— A moçada veio chegando devagarinho à piscina, vestidíssima, de copo na mão, rindo discretamente e assistindo ao show, eu apanhando daquele louco. Tou todo doído. Num sabia o que fazer e empurrei o Cruz na piscina, afundou como um tijolo, a plateia aí às gargalhadas, a Zelina no outro canto, miando baixinho, enrolada na toalha. O Cruz não sabe nadar, Hugo, ele não nasceu no Rio São Francisco? Se espanava nágua, gemendo, “socorro, socorro”. A Zelina veio correndo e perguntou: “Papai, o Sr. está bem?”

Puta que o pariu, vá ser burra assim na… o velho morrendo afogado, a putinha seminua da filha dele em frente de todo mundo vestido, e ela faz essa pergunta. O Cruz não perdoou: “Fora da minha vista, marafona, vagabunda”, *etc.* Ninguém se mexia, riam em volta, um garden party. A Tereza me pegou pelo braço: “Pedrinho, te arrumei uma ótima, puríssima, preparadinha ali na cômoda daquela saleta, anda depressa antes que alguém tome, o pessoal aqui não brinca em serviço. Ih, o coroa é o maior pique. A Elza devia contratar ele prum show diário, esse lugar não tá com

nada!!” Cacei uma boia, Hugo, só tinha uma dessas descansadeiras de borracha, joguei pro velho, que não parou de me xingar: “Calígula, você pega 30 anos de cadeia.” Alguém perto perguntou: “Quem é esse tal de Calígula?” “É por isso que não vou de ácido, peguei um baixo astral desses uma vez.” “Ah, sem essa, Celinha, já te vi de Angel Dust chupando gargalo de Coca-Cola pensando que era o meu.”

Hugo, cafunguei, teu pó é bem melhor, e tentei falar contigo, um tempão. Ocupado ou fora do gancho, pra te pedir conselho. Neca. Na volta, o Cruz, deitado na borracha da Elza. Era um Bambi. Chorava que nem um bebê desmamado, o cabelo cobrindo o rosto. Entraram uns caras enfarpelados, “tiras”, manjei, quis correr, um me deu sopapo de anel na cabeça, me abrindo, é isso aí. Outro, cabeludo, todo de seda, anel de doutor e o caralho a quatro, repreendeu.

— Qué isso, Jair? Isto aqui não é o morro. É uma casa de família.

O cara comandava o espetáculo. Algum vizinho chamou a polícia, ou alguém dali mesmo, de sacanagem.

O Cruz viu o tipo: “Dr. Agamenon, o Sr. me conhece, sou o Dr. Cruz, estivemos juntos outra noite, me ajude, por favor.”

O “tira”, é delegado, puxou o Cruz fora da piscina, meio sem jeito. As ceroulas do Cruz, na água, Hugo, ficaram transparentes, aparecendo a manjuba, os pentelhos; e o ridículo da figura, uma galinha choca encharcada.

Mas não parou: “Dr. Agamenon, prenda essa gente toda. Não se deixe enganar pelas aparências. São todos pervertidos sexuais, toxicômanos, delinquentes. Esta casa é um centro de exploração de lenocínio, do lenocínio de menores, também, o que é mais grave. O Sr. mande os seus homens darem uma batida em regra que encontrarão tudo, talvez ainda pilhem alguns invertidos em flagrante delito. O Sr. e o Brasil, Dr. Agamenon, se estarrecerão com o meu testemunho. Ah, a cafetina é uma certa Elza. Aí vem ela. Ponha-lhe logo as algemas.”

“D. Elza, como vai a senhora?” O delegado conhecia a Elza, Hugo, beijou a mão dela, houve risadinhas nervosas da moçada. A Elza não é boba. Deve passar algum ao tal de Agamenon.

“Estou bem, obrigada, Dr. Agamenon, considerando o vexame a que fomos submetidos, meus convidados e eu, por esse senhor aí, o Dr. Cruz, a quem não conheço e jamais receberia voluntariamente esse desclassificado. Um… amigo trouxe o indivíduo. Bebeu como um porco, veja a aparência dele, e, de repente, armou um escândalo que deve ter alarmado a vizinhança. Serei obrigada a visitar casa por casa, me penitenciando, o que farei de bom grado, em defesa do meu bom nome. O Sr. converse com os convidados, Dr. Agamenon. São jovens, sim. Gosto de gente moça, alegra a vida, e lhes pergunte se as acusações desse animal têm algum fundamento. O Sr. certamente não desconhece os pais dos convidados. Estão entre os nomes mais ilustres dos meios militares, políticos, financeiros e profissionais do país. Agora, se o Sr. dá crédito às acusações do Dr. Cuzcuz, que processarei por calúnia, difamação, baderna e estragos materiais na minha residência e pessoa; olhe, Dr. Agamenon, o tresloucado me lanhou o rosto de cinto; repito, se o Sr. leva tal delinquente a sério, dou-lhe autorização para, qual é a palavra, batida, que linguagem horrível, meu Deus. Enfim, o que se pode esperar de gente de tão baixa extração?

O Cruz: “Prostituta sem vergonha.”

Agamenon: “Um minuto, Dr. Cruz. D. Elza, por favor, sou um servo da lei. Tenho o maior respeito pela senhora e seus convidados, a quem, me desculpem, desejo a todos uma boa noite… não endosso em absoluto as acusações do Dr. Cruz, que, porém, respeito também e conheço, é um eminente cientista. Agora, minha posição é difícil, eu diria mesmo espinhosa. Na minha modéstia natural, dando o devido desconto, diria mesmo que as circunstâncias exigem que eu aja como Salomão…”

Rebuliço na moçada, Hugo. O fornecedor de pó da Elza é um turco chamado Salomão. “Salaminho”, pros fregueses íntimos.

“... quando há uma queixa, compete à autoridade examinar os argumentos de todas as partes…”

“Quem se queixa? Que baderna é essa”?

Era a Gorda, Hugo, já toda encoletada e imponente, sem Julinho à vista, acho que a Elza escondeu todos os “cadáveres”. Não há neste país quem não conheça a cara do Eduardo, na TV e

jornais todo dia. O delegado parecia que ia cagar nas calças, encarou o Cruz de mau olhado, gaguejava firme: “Ministro, mas é uma honra, Vossa Excelência não pede, manda…”

“Quem é o Sr.? E que significa esse aparato policial na casa da minha boa amiga, D. Elza? Exijo explicações imediatamente.” Você conhece a Gorda quando vira homem, Hugo. É a autoridade.

“Dr. Agamenon dos Prazeres, delegado de polícia, a seu inteiro dispor, excelência. Recebemos queixa de barulho desusado aqui, de uns vizinhos de D. Elza, é minha jurisdição, e, naturalmente viemos investigar. Não que me ocorresse imputar a D. Elza qualquer contravenção.

“Ha, ha, ha, ha, ha, ha, ha, é uma cafetina e tarada, Agamenon.” O Cruz de novo, Hugo. E aí é que o Eduardo notou o Cruz.

“Meu caro Cruz… mas o que foi que te aconteceu”?

“Longe de mim, HELIOGABALUS!!! Este é o pior de todos, Agamenon. Um invertido. Vi-o vestido de mulher, em trajes menores, sendo sodomizado por um mancebo. E é tão pervertido que ao se submeter a essa abominação cantava *Na Baixa do Sapateiro*, maculando a memória do nosso inesquecível Ary Barroso (acho que o Cruz é ruim de ouvido, Hugo, ou olhou a segunda trepada. Na primeira a Gorda cantava *Tico-Tico no Fubá*). Prenda esse indivíduo, Agamenon. É cúmplice dessa marafona, Elza, todos os presentes são delinquentes da máfia, devotados a destruir a família brasileira, corrompendo menores. E pensar que nossos bravos militares revolucionários entregaram o comando dos negócios da nação a esse maricas, URANISTA!!! Ponha essa gente no xilindró Agame non, não se impressione com títulos. Conheço pessoalmente o Presidente, irei a ele, narrar a verdade. Dou-lhe minha palavra. Você passará ao panteão dos heróis revolucionários. E aproveite a ensancha, meu caro Agamenon, e recolha o menino ali, é o verdadeiro assassino daquele meliante, o Cabeça de Negro…”

Huguenote, a Elza deu uma de digna, saindo da piscina: “Me recuso a continuar tolerando infâmias na minha casa. Eduardo, por favor, explique os fatos a esse policial que parece incapaz de

reconhecer um caso de alcoolismo e loucura em último grau nem quando lhe esfregam na cara. ”

O Eduardo não disse uma palavra. Sorriu, frio, pro Cruz e puxou o delegado a um canto. Conversaram minutos, o tira concordando com tudo, de cabeça, parecia cuco suíço. O Cruz correu atrás da Elza, agarrando ela na entrada da sala: “Onde escondeu minha filha, ordinária”?

Os policiais, a uma ordem do Agamenon, abotoaram o Cruz, ele, coitado, se debatendo, uma fera, precisou cinco tiras pra fechar o bicho, que urrava e gritava: “Deus punirá esta Sodorra e Gomona. Pedrinho: Diz a tua mãe que vou contar tudo, Calígula.”

— Sodoma e Gomorra, Pedrinho. E se existe punição, é a própria Sodoma e Gomorra.

— Como não conheço nenhuma das duas pode ficar com elas, Huguenote, ha, ha, ha. Porra, de que que tou rindo? Os “tiras” enfiaram o Cruz num carro e o delegado se arrastou em retirada, andando pra trás na presença do Eduardo feito se a Gorda fosse rei. O Eduardo deu aquele byebye de dois dedos, sorrindo lorde, senhor da situação…

— Aonde puseram o Cruz, Pedrinho?

— No PINEL, a Gorda me disse, ou melhor, contou ao Julinho, que me disse que o Eduardo daria um jeito nele, no Cruz. A “reunião” continuou, a Tereza queria que eu ficasse, mas não gostei das referências a mim e a minha velha e, porra, quem é Calígula?

— Um menino um pouco mais traquinas que você. Não se preocupe. Eu dou um jeito no Cruz. Relaxa, cafunga de novo, tenho de telefonar, depois conserto teu coco e voltamos a tua casa, a reunião lá também continua…

O som do telefone do estúdio é de fora do gancho. No quarto, o telefone aberto em dois. Não me lembro… bem, afasto imagens que não focalizo mesmo e disco.

— Juca, é Hugo. É, puta que pariu pra você também. Escuta aqui: O Cruz está hospedado no PINEL. Tira o cara de lá, OK?... é uma história longa e complicada… quando ele te contar não há problema de meter um dos teus improvisos mistificadores; use, se possível, referências à História de Roma, o cara parecia o Mommsen na casa da Elza… é, ou isso, Édipo e Ismênia se

encontraram ao natural… mole de resolver, certo, Dr. Hansen? O sério é que na loucura o Cruz ameaçou o Pedrinho de revelar à polícia a história do Cabeça de Negro… exato… não, mas manjou que o Cabeça não morreu a bala… é, são três da matina, Dr. Hansen, o Sr. é um abnegado, Dr. Hansen, vá à merda, é a sua, Dr. Hansen, PT, saudações.

Levo o Pedrinho ao banheiro, desinfeto e ajeito a cabeça dele. Se olha no espelho. É bonito como the children of the damned. Está fudido, coitadinho.

— Nada te choca, né, Huguenote?

— Essas transas na casa da Elza? Me choca mais andar daqui à Nossa Senhora da Paz olhando as pessoas na ma.

— Pow, pow, conheceu, papudo? Kamerad. Quéde as legendas?

— O Eduardo, de colete, no ministério, assinando papéis, uns minutos, aparecendo na Globo e bajulado nos jornais, ajuda a torturar e matar milhões de pessoas, para manter teu pai, tua mãe, você e eu no estadão a que estamos habituados. Se ele depois fornece o marquês de rabicó a um cafifa que debocha dele, bate nele, se se humilha desse jeito, é por compensação psicológica. Se conheço esse mecanismo, porque haveria de me chocar? Se quer detalhes, meu nego, pergunte ao “titio” Juca. É a especialidade dele.

— É melhor mudar de assunto, fiquei na mesma. Te acho do rabo, Hugo. Sem sacanagem. E a única pessoa decente que frequenta nossa casa.

— Pedrinho, por que você me chama de Huguenote? Não é reclamação. É curiosidade.

— Ué, os huguenotes não mataram um tal de São Bartolomeu? Tu tem cara de quem mata até santo. Achei que te caía bem.

— Diante dos meus olhos 14 anos de ditadura militar me contemplam. Pedrinho, te manda deste país uns anos, nos Esteites, ou Inglaterra. França, não, há brasileiro demais. Ou arranja uma mulherzinha do tipo Marília, ainda existe, que é capaz de gostar de alguém. Sílvia Maria me disse que você tem talento. Por que nunca me mostrou teus desenhos?

— Vergonha, medo, sei lá, ha, ha, ha…

— Qual é a piada?

— Se tu soubesse o número de pessoas que gostaria de te dar uma porrada, ou de te esculhambar em público, por causa dessa tua arrogância. Mas e a paúra da resposta, da língua de cascavel, esse peso todo, essas mãos. Porra. Não é o meu caso, você sempre me tratou bem. Agora, se não me acredita, pergunta à velha. Um dos que te odeiam é esse Mário, e a Marília dele, que tu me ofereceu, tá doidinha pra dar é pra você. Nunca notou, né? A velha diz, "o Hugo tem vista cansada, só enxerga de longe, de perto é cegueta".

A velha é viva.

— Horas atrás você me disse que ela, Maria, era boba.

— Não começa a complicar o papo que te beijo na boca e você fica todo envergonhado. Não sou intelectual, Huguenote, mas manjo a tua técnica. Alguém fala um troço, tu começa a decompor frase por frase, palavra por palavra, e tudo que o outro disse vira besteira. OK, a velha é viva e boba, ao mesmo tempo. É viva contigo porque te adora, e mulher quando gosta da gente entende a gente melhor que a gente. Isso tem picas a ver com ela ser dominada pelo corno. É boba, do corno. Você cagou regra aí que a Gorda, depois de fazer e acontecer, precisa virar Iracema da Lapa, pra balançar o coreto. Aliás, no intervalo tu me explica essa merda de o Cruz cismar que fui eu que abotoei o paletó do amizade, o tal de Cabeça. Esse não é o meu pico, Huguenote. Bom; lá em casa Maria domina, trepa fiado, o corno se dobra, lustra os chifres, certo? Errado. É aparência. O corno engole, a velha vomita. Não é nem feito o casamento do Walther, uma sociedade "ilimitada", ha, ha. O corno goza gozando os outros acharem que ele é capacho. Isso pros "titios" verem. O puto ri de vocês, em particular. Em particular, a velha é que cai de joelhos, confessa os pecados, pede absolvição. Discutem até se ela deve ou não comer João ou Antônio. Flagrei. Maria num dá um latido sem o corno afrouxar a coleira, que não solta, podes crer. Pô, tu tá rindo de mim.

— Não, pelo contrário. É muito inteligente essa tua análise de Maria e Maneco. "Podes crer". Palavra. Estou rindo de pena do Aurélio Buarque de Hollanda.

— Pô, tu tem pena de dicionário, de livro? Huguenote, qual é o teu barato? Tu está escondendo aí um pó melhor ainda que esse…

— Bobagem. Esquece. Leva o envelope. É o que há, na casa. Um presente. Mas sabe, Pedrinho, me sinto bem paca, depois de capotar algumas horas. Sonhei um troço tortíssimo, que não conjumina com o meu bem estar.

— A Renata veio aqui, aquela gata?

— Não, por quê?

— Quando desci com a Gorda e o Cruz.., puta que o pariu… ela, a Renata, passou correndo. E chorando. A velha disse que era tua namoradinha, a Renata. Pensei que vocês tivessem trocado de bem, depois de um pau lá em casa, e tudo bem.

— Havia alguém com ela?

— Não, solita e embalada.

— Vamos pra tua casa.

O telefone.

— Hugo, Renata. Que que houve, Hugo? Eu preciso te falar, ligo e dá ocupado, faz horas. Você pôs fora do gancho?

— Renata, por que o choro, o que aconteceu? Por que você não veio para cá? Deixei a porta encostada.

Que alguém fechou quando o Pedrinho buzinava a campainha…

— Hugo, eu fui, eu fui, fui até seu quarto, pensei que você estivesse dormindo…

— Capotei algumas horas, por que não me acordou? Era sono de pileque.

— Hugo, para de me gozar. Vou cometer uma loucura.

— OK, um minuto, calma. Não me lembro bem das coisas, mamado e aporrinhadíssimo com aquelas “revelações” na Maria. Me explica direitinho.

— Tá, tá bom, Hugo. Entrei sem sapatos no teu quarto pra não te acordar de surpresa… tinha uma mulher na cama contigo.

— ... que mulher? Que história é essa?

— Não sei, né, Hugo, não acendi a luz, não exigi carteira de identidade. Saí correndo.

— Eu… bem, não adianta… De qualquer forma esse não é o motivo do choro, é? Ou da tua vinda aqui. O que que há?

Ela abre uma choradeira.

— Fala, Renata, ou me dá teu endereço, que te apanho, você passa a noite comigo, arrumo um quarto, e nada te acontece. Garanto.

— Hugo, pensei que eu pudesse ouvir um conselho… um consolo… Mas sou mais uma comidinha, né? Na noite seguinte, você troca de menu e esquece o que comeu ontem.

É o pior papo possível com mulher e, pressinto na carne, perigosamente irrelevante.

— Renata, o que mais Maria e Juca te confessaram? Já sei dos recadinhos, agora me sacaram que você ia aguentar as pontas. É verdade?

— Maria te confessou também que o maridinho dela, o Dr. Manoel, brilhou no Morumbi? Era ela que estava na tua cama, Hugo…

— Bobagem. Continua em casa, recebendo gente. Que negócio é esse de Morumbi?

— Tem certeza de que se lembra de mim, Dr. Hugo Mann? Eu aí na tua casa, onde você deve estar no telefone, te contei que a redentora me carregou a uma comemoração da “nossa melhor sociedade” no Morumbi, que, que fizeram uma “missa negra” no meu corpo, da Regina e Verinha, duas companheiras, enquanto os guardas do DOI-CODI mantinham a ordem das escravas. O principal celebrante foi o Dr. Maneco, Hugo, um machão e tanto, se serviu de nós três, não uma, várias vezes. Quanto mais apanhávamos, mais se excitava o Dr. Maneco e “vinha que tinha”, que jeito, né? Os outros não exigiam muito, uns velhos meio brochas. Não o Dr. Maneco. Não é à toa que Maria continua casada com ele.

— Renata… não há possibilidade de engano?

Uma pergunta estúpida, em que disfarço minha estupidez maior.

— Não me esqueço das pessoas que me usam e abusam sexualmente, Dr. Hugo Mann.

— Vou te buscar. Onde…

— Pra quê? Outra trepadinha? Ou o Dr. Maneco pediu porque sente saudades minhas?

Não seja imbecil, menina. Renata, desculpe, agora você acha que eu suspeitava que fosse, dessa canalhice, acha?

— Como posso saber, Hugo? Eu te conhecia de leitura em que você desrespeita tudo e todo mundo. Em pessoa, é a mesma coisa. Manerou na hora de me levar para a cama, mas isso faz parte do jogo, né, se o cara não dispõe dos recursos do DOI-CODI. Me apresentou ao Juca, simpaticíssimo, cheio de charme, como deve ser o Dr. Maneco no "regaço do lar". Fui arrastada à Ângela. Uma lição do que me aguarda, se insisto em botar a boca no mundo? Aí o Juca me assumiu. Não é uma técnica essa, morder e soprar? O Juca se confessou em lágrimas, na cama, sim, visitei o apartamento dele, Hugo, outro que me passa na cara. Parecia tão carente, se queixava da mulher arredia, omitindo, naturalmente, o caso dele com D. Maria. Me comoveu. Tanta sinceridade e culpa. Confessou aos prantos que armara a "grande ofensiva nacional" contra os pilares do sistema, de uma tacada só, a manobra diversionista que tontearia o imperialismo. Que se sentia castrado, intelectual alienado, envergonhadíssimo da pintura abstrata, desumanizante, da psicanálise que é quase sempre ouvir frescura de grã-fina desocupada. Que precisava agir pelo povo, se sacrificar, correr riscos. Alguém traíra. Não Maria. "Gente nossa", D. Maria, colaborara, apesar do marido reacionário. Acreditei em tudo, me solidarizei. Aí vi o Dr. Maneco. Dei no pé. Naquela casa metade dos convidados é governo e quem me garante que não houvesse repeteco da "missa negra"?) Nunca mais. Nunca mais me pegam, Hugo. Onde você entra nisso, Hugo? Gostaria de ter uma resposta. Espera, não tua. Você e o Juca falam tão bem que eu acreditaria de novo. Palavras me escolheram, me manusearam, me empacotaram e despacharam. Nunca mais. Tchau, Hugo. É uma pena. Queria tanto crer que você é gente. Me pareceu naquela tarde… era uma ilusão, né?

— Renata, Renata… — bateu o telefone. Apertou os parafusos da máquina que eu já montara na cabeça, meio desengonçada, porque meu sentimento por Maria me impediu de ir adiante, encaixando o Juca e o Maneco nesse esquema sinistro que vislumbrei, pior, o horror, o horror é que em palavras expliquei o funcionamento do esquema a Renata, fazendo-a, vítima, chorar,

naquele almoço. Elogiei a formulação ideológica do autor, bloqueando na cabeça a dedução óbvia que deveria ser do calibre altíssimo do trotskista (“lemos Marx e o Velho juntos, Hugo”) Dr. Joseph Hansen. “Brilhei” no abstrato, perdendo a chance de enfrentar o concreto diante do meu nariz. Enfrento os carrascos como um tomista enfrentando os demônios. Palavras, palavras, palavras. Corro na hora datação. Uma mulher no meu quarto, na minha cama. Sílvia Maria. Outra encrenca de que vou correr…

— Ô, Hugo, tu vem? — O Calígula júnior me convoca.

A cena é uma creche da contracultura, vista por Huysman. Uma massa de juventude pelos chãos, numa varanda grande, “jardim de inverno”. Conheço todos e nenhum. “Dabaiá, dabaiá, dabaiá, dabaiá, dabaiádabaiádabaiaá...” é o que emitem, acompanhando o Betinho, o cantor e compositor do momento. Ligado de guitarra numa tomada, o Betinho, entre um “daba” e um “iá”, protesta contra algum amor perdido ou os sofrimentos do povo. Oferece esperança ao povo, mas garante o retorno de sua “tutuquinha”, ou amada no gênero.tudo a mesma coisa. Não é nada. A contestação é de boca, le mot juste, e o amor é mera ligação anatômica, qualquer sacanagem é rotineira e tranquilamente “legal”. Pondo o band-aid na cabeça do Pedrinho, comparei gerações. A minha foi também de crianças bobas em arruaça permanente, “contestando” a moral da burguesia, moral que ruía sozinha em face da gente, agora, existia oficialmente, agonizava apenas, o que nos dramatizava a vida. A burguesia, porém, é hegeliana. Entendeu que toda partícula é parcela inextricável de um todo. Reconhecendo sua derrota “moral”, resolveu integrá-la no todo, capitalizando-a. Subdividiu e faturou a “contracultura” em mil “merchandises”. Investe nos que a atacam, dinheiro não tem cor ideológica. O Betinho, mumunhando “justiça social”, grava na maior multinacional, cuja própria existência é um empecilho à justiça, vendendo milhões de discos. A burguesia só se ressente um pouco do consumo popular de drogas, pois livre iniciativa legítima, não sujeita, ainda não sujeita, ao controle oligopolístico do capitalismo. O resto? Não há dinheiro em virgindade. Anticoncepcionais são uma mina de ouro. O capitalismo continua a única força dinâmica revolucionária no mundo. Os

competidores, por enquanto, não saíram do trabalho negativo. Destroem, se tanto. Não constroem.

Marília, surprise, não vejo o Mário, sai do bolo de jeans e penduricalhos, atravessa a névoa fedebunda de maconha, as pernas, centípedes; já dava para ver o inconformismo dela no bolo, o vestido "espartano", no contexto, nunca a vi sequer de calças compridas, os olhos azuis, o olhar sadio; e vem a mim, o andar torto que converteu em graça, descanso nela, que me sorri, olhar aceso, me pega a mão, sinto-me pai e irmão coruja.

— Que bom que você voltou. Tá melhor?

— Bato mesa nessa pergunta. Aonde anda o Mário?

— Te disse. Levou os americanos à Mangueira. Não quis ir, enchi, ele me pega na volta, demora paca, mas você conhece esses gringos, devem estar "estalando" as bundinhas flácidas na batucada, na alegria "espontânea" do Terceiro Mundo, se sentindo confraternizados.

Maria e Pedrinho se abraçam, de pé. Maria participou do "dabaiá", mas sentada numa banqueta. Quem foi rainha… preferiria ficar com Marília, particularmente se ela calasse a boca e me deixasse fantasiar sobre nossas relações. Nada feito. Marília é que me larga.

— Volto já, tá? Esse é o último do Betinho, ouvi no rádio, mas não saiu ainda nem compacto e quero ver se pego a letra.

Eu te faria, no escuro, minha querida, uma análise da letra, sem nenhuma autocrítica, em que se plantando aqui nunca deu.

— Hugo, que cena horrível essa do Cruz. Você acha que o Juca aguenta as pontas lá no PINEL? O Cruz enlouqueceu, encarnando no Pedrinho dessa maneira?

— Bem, o Pedrinho levou o Cruz a comer a própria filha, sem aviso prévio. Nem todos os pais estão habituados a isso; além disso, ainda não foi anunciado em TV como sendo a coisa a fazer. Talvez com a expansão dos meios de comunicação no último plano de desenvolvimento do governo…

— Foi você, amor, que depositou a Zelina na Elza. Sem tua ajuda ela não encontraria o caminho sozinha.

É verdade. Eu havia esquecido…

— Meu filhinho não fez nada, Hugo. O Cruz é um bobo alegre que não sabe nem o que se passa na casa dele. Qualquer pessoa medianamente observadora manja em segundos que a Zelina é ninfo.

— Mãe, achei essa amiga do Hugo, a… Sílvia Maria, uma moça ótima, por que você não me educou igual a ela?

— Porque sua mãe é uma vagabunda, babysinho; agora vai dormir, que amanhã tem uma palestra importante, o professor disse pra você aparecer, ao menos, lembra? Vai que passo na tua cama e te dou um beijo, não faço como a mãe do Proust, compareço, te manda, neguinho.

Ela encaixa o corpo do filho no dela. O Pedrinho, rindo, me pisca o olho.

— Huguenote, esse Pruste é parente do tal de Calígula?

— Somos todos irmãos, Pedrinho.

Ele vai.

— Você acredita que o Cruz teria coragem de falar à imprensa?

— Pergunta ao Juca. O psicanalista é ele. E você confia muito mais nele do que em mim, certo?

— Amor, te feri por não contar o negócio aquele… mas se ponha no meu lugar. Tua opinião sobre guerrilha quase destruiu nosso relacionamento. Eu me decidi a agir, nem que fosse a soco em ponta de faca. Talvez tenha sido bobice, pronto, admito a bobice, está satisfeito? Agora, na ocasião, eu pensava diferente e queria ao mesmo tempo te preservar. Preferi fugir de novos e desagradáveis bate-bocas entre nós. O Juca me apoiou…

— Maria, a Renata acaba de falar comigo. O Juca não te “apoiou”. O Juca é o arquiteto desse massacre de garotos, brincando de revolução, massacre de que você participou. E ainda abusa da menina, a Renata, uma das raras sobreviventes.

— Pera aí, abusa como? Hoje, enquanto você debatia quem comer, se a Sílvia Maria ou a Marília, conversamos Renata e eu, naquele sofá ali. Não escondi nada. Que dava os telefonemas, que extraí uma bilha e meia do Maneco, apesar de ser um reacionário, para financiar a operação, e que o Juca, nós dois, faríamos o que ela exigisse. Que nos entregaríamos ao exército, assumindo a responsabilidade de tudo. Ou pagamos às famílias dos que

dançaram uma nota alta; claro, não ressuscita ninguém, não precisa interromper. Ou as duas coisas, pagamos a pena e pagamos o dinheiro. A Renata compreendeu nossa posição, já tinha passado ao Juca uma lista das famílias dos mortos. E concordou que o negócio era moitar. Alguém nos traiu, nenhum dos três é culpado. Amanhã mesmo, pego um dinheiro do Maneco e…

— O Maneco paga a indenização pela morte da gente que pretendia destruí-lo, né? Nem Jesus Cristo foi tão generoso com os que o crucificaram. E o Maneco já topou? Aliás, antes, a mim, você disse que ele tinha soltado 500 milhas. Agora, subiu a 1,5 bilha…

— Hugo, a operação era nacional. Não te menti no importante. Ameacei a sério sair de casa, e o Maneco abriu a carteira, o que não é mole, não preciso te dizer. Que diferença faz se foram 500 milhas, 1 bilha e meia? Não vejo por que precisasse dar todos os detalhes te envolvendo no que você era contra…

— Operação nacional, hem? Claro, o Dr. Maneco é homem de supermercado e não de armarinho. Deduzo disso que o massacre do grupo da Renata foi um entre muitos. E você telefonando, daqui, ou do quarto, à noite, o Maneco do lado, acompanhando a aplicação do capital?

— Amor, não se faça de idiota. Você sabe, de cara, que o Maneco e eu dormimos em quartos separados. E não telefonava da minha casa, sou menos burra do que te pareço, eu usei o apartamento, a garçonnière do Juca.

— De que o Maneco manja endereço, telefone e utilização. Deve, não, aposto que gravou e filmou o “show”.

— Meu querido, não é só o Cruz que precisa de PINEL. O Maneco não liga a mínima e não interfere na minha vida particular, nem eu na dele, mantidas as aparências. E gravaria o quê? Te contei que nem a mamãe aqui sabia o conteúdo do recado. Uns caras bolaram um código. Eles e o executante de cada grupo de ação armada eram os únicos informados da chave. Os outros conheciam apenas o plano geral. A Renata te explicou a mecânica. Ela sobreviveu porque os próprios colegas desconheciam que fosse a executante. Foi um troço bem organizado paca. O Juca estudou a fundo com os palestinos.

— Cujo sucesso é brilhante. São sempre apanhados. É verdade que antes causam estrago. Vocês nem isso.

— Alguém nos traiu. É simplíssimo.

— E o traidor, contra toda a lógica de serviços de segurança, entregou a arraia miúda, poupando os líderes, o genial Dr. Hansen, esse Dr. Habash de Madureira, e sua amásia, D. Maria. Amor, teu filho me disse que você é boba. Não acreditei na hora. E ele se enganou. Você já mente tão naturalmente que não se dá conta, ou boba é apelido. Débil é a palavra.

— Ficaria grata se terminados os desaforos, vossa genialidade descesse do Valhalla e me desse o número de sílabas da charada, se não for muito incômodo.

— Um minuto. Teu marido te contou que ele e outros membros da "nossa melhor sociedade" participaram de uma "missa negra na nossa Renata e companheiras, numa casa do Morumbi, os "objetos sexuais" sendo servidos acorrentados e sob chicote?

— Não, e se for verdade, é horrível, horrível, mas Maneco não monopoliza o sadismo sexual. Posso perfeitamente visualizar teu pranteado amigo Paulo Hesse numa filhadaputice dessas. Experimentei um esboço. E lembra de uma moça, Adriana, mulher de um mineiro aí, jornalista? Caiu numa semicatatonia depois da morte do Hesse. O Juca trata dela. Parte do problema é o que o Hesse fez nela, sem necessitar das Forças Armadas…

Dou-lhe uma bofetada.

— O Hesse morreu, Maria, e me chamo Hugo Mann. Depois dessa desconversa que vocês passaram na Renata, piroquetes do mundo, uni-vos, etc., que ela engoliu isca, anzol e caniço, a moça deu de cara com o Maneco, reconhecendo o comandante da bacanal do Morumbi. Saiu correndo, chorando, o Pedrinho é testemunha, viu a Renata lá embaixo. E perplexa. Tentou me ligar, mas capotei e o telefone caiu do gancho… Quando falamos, estava desnorteada pelo contraste da desconversa tua e do Juca e a presença do Maneco, levei as sobras, porque sou supostamente amigo do trio maravilhoso, e nem mais em mim confia, bateu o telefone, quando me ofereci para protegê-la…

Maria ri. Isso mesmo, ri. O Betinho balbucia: "A esperança já nasce morta, a gente desentorta, dabaiá, dabaiádabaiádabaiá..."

— Hugo, meu benzinho, você é uma gracinha. Eu minto, né? Conheço outra pessoa.que mente também. Você não capotou picas. Você comeu a…

— Não me interessa ou interessa a ninguém o que fiz. Agora, não foi estupro. Acredito no que a Renata diz do Maneco, e não é possível que você ou o Juca não enxerguem a verdade.

— Hugo, amor, respeita a tua própria inteligência. O Maneco e o Hesse estupravam e maltratavam mulher. Feio, né? Agora, que tal um cara que passa a conversa na mulher de um amigo, moça indefesa, ingênua, inexperiente, só porque mamou um pouco e lhe bateu uma tesãozinha de fim de festa? É bonito? Não é brutal. Agora, é decente? E se essa mulher leva a sério o papo, se gosta do, ha, ha, sedutor, se se entrega a ele de corpo e alma, crente que finalmente encontrou um homem que dá a ela aquilo que nunca teve do marido? Pense no sofrimento dela ao descobrir na manhã seguinte que o cara mal se lembra do episódio, que aquela insistência ardorosa, estilo “biblioteca de Alexandria”, não passou de fogo de palha, e que, no dia seguinte, você quer carne fresca e não restos?

Meu marido é um bronco. Se apropria de “objetos”, essa sueca idiota aí, profissionais do Barman. mulheres de empregados tentando subir na holding. Sexo, pra ele, é um subproduto do poder. Não seria capaz de namorar uma mulher porque, tadinho, matou toda a afetividade que tinha nessa obsessão de dinheiro e poder. Uma noite, no Morumbi, é convidado a participar duma suruba a vara com prisioneiras políticas. Por que recusar? Essas meninas, se pudessem, me punham viúva; os “Manecos” odeiam os terroristas, gostariam de exterminá-los todos, e vice-versa. Meu marido, malhando a Renata, pena a coincidência, que tenha sido a Renata, estava na dele, politicamente. Não é a minha, politicamente. Agora, discutindo moralidade no teu nível, a única diferença que vejo no comportamento de vocês dois, em essência, é que você é mais hipócrita que o Maneco.

Dou-lhe outra bofetada.

— Meu benzinho, vamos dar uma cafungada naquela saleta ali, sobra do envelope que você passou ao Pedrinho, endoidando mesmo o menino, que já não regula direito, o que fez meu filhinho

pôr o Cruz em cima da Zelina. Uma cafungada te acalma, te recupera. Ele me deu o envelope. Deixa eu limpar as lágrimas nos teus olhos. Pronto, viraste Wotan de novo.

Vou.

Maria reparte com uma pazinha Tiffany's, 15 dólares e 8 por cento de taxas no balcão das pechinchas, e cheiramos numa piteira Cartier, serrada ao meio, esqueci o preço, mas tem, não há bocas livres.

— Tá ótima, Hugo, amor.

— Está.

— Maria, o Maneco investiu a bilha e meia e negociou com o governo. Entregaria uma rede terrorista, desde que te poupassem e ao Juca, pra não te deixar sozinha, sem homem. Talvez nem tenha precisado mencionar o Juca, porque ele é brilhante e covarde, arma encrencas de corpo ausente. Duvido que estivesse sequer no apartamento durante os telefonemas.

O governo topou. Por que não? O governo precisa de Maneco e o Maneco do governo, e haveria um arrastão de garotos, justificando a repressão. E o Maneco precisa de você, do teu charme, da tua qualidade de hostess, que ajudam a mil transas dele, indiretamente… até a Sílvia Maria elogiou a maneira como o casal, em suma, Maria, recebe… sei o que isso pesa, a "mulher ideal", em negócios.

O Maneco é tão forte que pôde dar uma de Goering com o Milch da Luftwaffe. O cara era indispensável ao Goering, um tático excepcional de operações. Acusaram Milch de judeu, exibiram documentos. O Goering cortou o papo: "Aqui, eu decido quem é judeu."

O DOI-CODI gravou os recados. Dispensava entender o código. Seguia os executantes, identificando os outros membros dos aparelhos, até estourá-los. Na tortura, houve o "acidente" da Renata. Os caras confessavam a estratégia, o assassinato em massa, se entregavam mutuamente, mas sonegando a moça, porque realmente desconheciam o papel dela.

Isso foi no início de 1974, não? Limparam a área da fina flor do terrorismo e dispondo de provas reais, da existência do tal plano, impediram a abertura que facções poderosas do sistema queriam

desde 1973. Maneco e companheiros fizeram um excelente negócio. Ele te salvou, todos continuaram faturando na verdadeira repressão, a salarial, e se livraram dos terroristas mais perigosos, sem falar das “amenidades” no Morumbi. Comeram grosso, em todos os sentidos. E o Pedrinho está certo: Maneco te manipula.

— Benzinho, me desculpe, mas desde quando o sistema te avisa de abertura, fechadura, etc.?

— Teu próprio marido me disse, Maria, o que não recomenda, claro. Agora, ouvi também em Washington. O Departamento de Estado estava ciente que desde 1973 o Conselho de Segurança Nacional em Brasília votara pela abertura, quer dizer, essa choldra do momento. A “ofensiva terrorista” adiou a implementação. Aqui pouca gente sabia, ou acreditava. A prisão do Marco Antônio e de mil “cúmplices”, aquele estardalhaço, concentrou a atenção da nossa brilhante imprensa e opinião pública, enquanto o sistema nos porões, liquidava, em silêncio, os grupos de ação do Juca, ou, melhor, do Maneco. A bilha e meia dele rendeu mais que no “open”.

— Você quer confrontar o Maneco e ver que bicho dá? Ele está no quarto olhando cassetes de futebol na TV e lendo as seções esportivas de todos os jornais. Não dorme. A sueca põe ele na cama, cumpre sua função, e se retira, deixando o Maneco sonhar acordado. Sabe qual é o sonho além da volta ao ministério? Ser presidente do Fluminense e depois da CBD. Passa todo o tempo livre do dia na concentração do Fluminense, entre os jogadores. É uma criança grande.

— Stálin se divertia ouvindo um cachorro imitar uma soprano, em disco. Esse é o setor do Juca, não o meu. Não, nunca mais quero encontrar o Maneco, o Juca, ou você. Vou-me embora deste país, de vez. Antes, gostaria de encaminhar essa menina, Renata. Ela tem potencial. Quem sobrevive a nós não é pouca porcaria. Diga ao Maneco que topo um armistício geral, em troca da vida da Renata. A moça não caguetará ninguém. Nem eu. Vontade não me falta. E inibições. Você corre nas minhas veias, Maria. O próprio Juca, afinal, é velho companheiro de sonhos sinceros. E um filho da puta, o único imperdoável, porque dispõe do equipamento intelectual que, se utilizado decentemente, talvez impedisse essa hecatombe. O teu caso o Erasmo Carlos descreveu: “sua estupidez

não lhe deixa ver”... O Maneco, bem, a quem eu o denunciaria? Aos sócios e cúmplices dele? O Maneco pede, “implora”, um Cabeça de Negro, Maria, que faça o serviço nele. Negócio fechado? Armistício em todas as frentes, termos entendidos e aceitos?

— Meu benzinho, não leve as coisas tão a sério. E corta essa de me riscar do teu caderninho. Não vivo sem você.

¦SE—É o que saquei pro Álvaro, outra noite. A situação no Brasil é desesperada, mas não é séria. Esqueci de acrescentar o motivo: os sérios morrem, e os desesperados faturam o desespero papagaiando “alienação” nos salões, eu entre eles. Os subdesenvolvidos não têm memória, consistência de propósito, não acumulam História e proteínas que perdurem. Precisamos de um desastre aéreo, custando a vida de vários amigos nossos, para nos livrarmos do Dr. Felinto Müller, que torturou e matou mais gente que qualquer oficial do DOI-CODI. Desse currículo emergiu senador, presidente do Senado, patriarca da República, apóstolo da moderação, cadeira cativa da nossa melhor sociedade, cidadão insigne acima de qualquer suspeita.

Cansei, amor, me desintegro moralmente tanto quanto o Hesse, que tinha razões que vocês desconhecem. Imaginava possível uma “aposentadoria” e velhice em conforto, entregue a meus frugais prazeres, um bom livro, um bom drinque, boa companhia, decadentes não envolvidos diretamente nesta Dachau de arame farpado invisível, “sem preconceitos de cor, raça ou credo”, nas vítimas que abriga. Você era o meu ideal de mulher, de avestruz companheira, nós dois órfãos bem protegidos da tempestade, que é inevitável. Bobagem. O não envolvimento é tão ilusório como o envolvimento, em que já me despedaçara, em que partira o meu coração. E continuo, em essência, o menino de colégio de padres, acreditando contra toda a razão em pecado e graça, em arrependimento e remorsos. Descartei apenas a crença de que a absolvição e a graça de Deus são acessíveis a nós. Não^acredito em Deus, mas ele “acredita” em mim o bastante para fazer da minha vida um tormento permanente.

— Vem cá, amor, me abraça, vamos pro meu quarto. Detona esse resto aí e depois a gente vê o que faz um com o outro.

Também preciso de consolo.

— Não, Maria, é The End, mesmo. Dispenso o consolo, quero distância. Interrompe a leitura do Maneco e avisa que fica tudo por isso mesmo, se ele não tocar na Renata. Dou minha palavra. E guarda o envelope, meu presente de despedida.

Nos agarramos e nos beijamos na boca, ela me arranca o que é possível arrancar. É demais. Empurro Maria e jogo o envelope em cima dela.

Dizemos juntos: “Dama das Camélias”.

Rimos juntos.

Na sala, Marília me intercepta. Os americanos e Mário voltaram. Mário me olha feio.

— Hugo, você ficou um tempão lá dentro.

— Fiquei um tempão lá dentro, Marília.

Ela tem um olhar magoado que não entendo.

— Nosso almoço amanhã está de pé?

Respondo qualquer coisa, presumo que agradável; me concentro na entrada do Juca, e Marília volta contente ao marido e convidados.

— Barra limpa, Hugo, deu um trabalhão, mas o diretor do PINEL é meu companheiro de turma e soltou o bicho sob minha responsabilidade. Botei no sanatório da Ângela, sem direito a visita e telefone. Que maldade essa do Pedrinho, Hugo, o menino endoidou? O Cruz querendo fazer e acontecer, eu explicando que ninfomania é doença, e não sacanagem. Finalmente, preferiu “abafar o escândalo” e, claro, me escalou pra curar a Zelina. O negócio agora é convencer a Maneco a segurar o Eduardo, se não… Hugo, eu ignorava que o Eduardo é gilete, ou é alucinação do Cruz?

— Maria está na primeira saleta à direita, Juca. Inté.

— Porra, obrigado pelo apoio. Você me tira da cama às três da manhã...

— Juca, espero que você não seja “gilete”, porque não quero uma despedida agradável. Juca, vai tomar no seu cu.

XI

Acordo às 11, “neutro”, sempre acordo assim, de cabeça, de físico, a boca está seca, os intestinos fermentam, e enquanto não atender a essas intimações de mortalidade, o que me preocupou ontem à noite, todas as noites de todos os ontens, não aflora. É no quarto cigarro e terceiro café, banhado, barbeado, aliviado, que me dá a aflição de telefonar a Sílvia Maria. Se pudesse adiava eternamente, me conforto na decisão que tomei de emigrar, balança o conforto, caio eu, pego o telefone, com o medo da rejeição que não me abandona nem quando rejeito… é fácil pegá-la em casa a essa hora, missa frequentada, confissão sofrida?

Repito meu nome três vezes ao mordomo, sou passado a uma empregada, outras vozes ao fundo, me irrito, o que reanima, espero “horas”, o que deprime.

— Hugo, que bom você ter telefonado. Ia ligar para te agradecer a noite agradável, as gentilezas. Já falei com Maria, mas esperava uma hora que não te perturbasse. Hugo, você precisa dormir mais e mais cedo, ei, lá vou eu… desculpe, é que fiquei um pouco preocupada com seu abatimento. O Paulo e você são iguaizinhos, bebem, bebem e insistem que não se cansaram, evitando a hora de dormir. Não é crítica, Hugo, na família os únicos abstêmios são minha mãe e eu. O CHICO é a mesma coisa. E o estoque de brandy que encomendo o Paulo e meu pai consomem tão rápido quanto chega.

Alguém precisa ensinar tempos de verbo a essa mulher, e o rumo do papo, monólogo, me parece de leme errado, Não é possível tanta aisance, ou, o que sei eu…

— Sílvia Maria, o prazer foi meu. Agora, aquele… negócio, no final, ficou meio torto… talvez você prefira…

— Como, torto, meu querido?... você não me trazer em casa? Por favor, Hugo, combinamos que chegaríamos juntos e sairíamos cada um para o seu canto. Você foi um gentleman, chamando o chofer, mas eu estava de carro. E não seria prático o coitado do seu Geraldo fazer duas ou três viagens, me levando, recolhendo meu carro, depois, não é? E gosto de guiar à noite, sozinha, sem muito tráfego. E, francamente, a reunião foi ótima, mas não fumo, e naquele ar condicionado, tanta gente, não existe exaustor que resolva o problema. É um dos motivos por que detesto apartamento, não importa o tamanho. Aqui, abrimos as janelas e escoa tudo. E o ar fresco, na volta, me fez bem. Dormi profundamente. Se não fosse pelas crianças, acho que continuava na cama, indo à missa de meio-dia. Não pense mais nisso, please.

— Bem, você disse, eu preciso dormir mais e mais cedo. Nunca aprendi a sair dessas reuniões na hora certa, na conta.

— Não, até que ontem, não, uma hora da manhã é perfeito. Espero que não tenha sido por minha causa, hem, Hugo, assim perco a naturalidade quando sairmos novamente. Sou “careta”, como diz minha filha, acredito que a mulher deve acompanhar o homem.

— Não, não, não, você acertou, eu caía pelas tabelas e nem me dei conta que uma vez na vida fui dormir na hora…

— Ótimo. Agora precisamos marcar uma noite para você vir aqui ver meus filhos. Falei com eles, hoje de manhã. A Tereza Maria se lembra, os outros, bem, você sabe como é criança. Só enxerga o que tem em frente do nariz.

Eu nem isso.

— Que tal convidarmos a Maria Tereza também? Assim, a danadinha visita os sobrinhos. Só fala com eles ao telefone. Acabam esquecendo o rosto dela. Deixo a data a teu critério, consulta o calendário e me telefona de volta. Pode ser no mesmo dia, desde que você me avise antes das três da tarde. A cozinheira precisa de um pouco de tempo…

Prometo, assumo todos os compromissos, me despeço com a excessiva ênfase nacional e desligamos sociavelmente. Chamo o chofer.

— Geraldo, a que horas ontem eu te pedi para levar D. Sílvia Maria em casa?

— Aquela senhora do Cosme Velho, a que estava de carro?

— É.

— Sei não, Dr. Hugo. Eu tava vendo o filme da Globo no quarto da Jesuína. Acho que foi por volta das uma da noite.

— E o que aconteceu depois?

— Aconteceu o que, Dr. Hugo?

— Você saiu com ela?

— Não, Dr. Hugo, o Sr. não lembra? Ela agradeceu muito, me agradeceu também, é uma senhora muito alinhada, Dr. Hugo, e aí o Sr. conduziu D. Sílvia Maria ao elevador.

— Desci também?

— Não senhor. A senhora insistiu que o Sr. ficasse… e descansasse… o Sr. voltou logo que o carro desceu.

— Que carro?

— O elevador, Dr. Hugo.

— Ah. E aí?

— Uai, aí o Sr. me dispensou, deu boa noite e foi pro seu quarto. Houve alguma coisa… um acidente… com D. Sílvia Maria, Dr. Hugo?

— Não, Geraldo, nenhum acidente… felizmente. Obrigado.

— De nada, Dr. Hugo. O Sr. vai precisar de mim agora?

— Vou. Não. Não sei. Em todo o caso pede a Jesuína para te dar almoço.

— Está OK, Dr. Hugo.

— Dr. Hugo, telefone. D. Denise.

— Que que há, Denise, tudo certinho?

— Não, Hugo. Tu sabe da Natinha?

— Hoje, não. Ela me telefonou ontem à noite, de madrugada, depois que saiu da casa aí do lado, mas não disse de onde. Imaginei que estivesse com você e o Álvaro.

— Pois é, o Álvaro também não sabia dela… ontem. Meus tios, onde vocês nos apanharam aquela noite, são velhos e caretas, ela não dormiu lá... Pensei que tinha dormido contigo… não disse à titia, que tá preocupada… a Natinha nunca faz essas coisas sem aviso, Hugo, pra não criar caso com os velhos. Tou assustada, Hugo.

— Mas vocês três não se mandaram juntos da reunião na Maria?

— íamos juntos, na rua, e, de repente, a Natinha pediu que fôssemos na frente, que nos encontraria no ap do Álvaro. Não apareceu.

— Putz, e não passou pela tua cabeça, ou do Álvaro, que a Renata não podia ter sumido no ar?

— O Álvaro ligou a D. Maria, a Natinha num foi lá. Telefonou a você, o telefone dava ocupado o tempo todo. O Álvaro riu e falou que tu não gosta de ser interrompido nessas horas…

— OK, OK. A que horas você largou o Álvaro?

— ... mais tarde.

— Denise, me lixo pra tua vida sexual e do Álvaro. A Renata e eu conversamos às três da manhã, entendeu? Imagino que tentasse te localizar no Álvaro, antes ou depois. É essa a única razão da pergunta.

— Só se chamou a partir das 4, quando fui pro ap dos velhos.

— Ela tem outros amigos, ou conhecidos na cidade?

— Não… pera aí. A Verinha, as duas…

— Manjo. Qual é o telefone da Verinha?

— Num sei, mas a Natinha deve ter.

— Ótimo, Denise, agora se soubéssemos aonde anda a "Natinha" não precisaríamos telefonar a Verinha, certo?

— Não, eu digo aqui no caderninho de notas da Natinha. guenta as pontas, um minuto.

— ... guento.

— ... Tá, é 287…

— E melhor você ligar, eu levaria uma hora explicando os motivos. Me chama de volta assim que tiver resposta. Qualquer resposta, ouviu?

— Ocá, tchau, Hugo.

— Hugo, Denise. Tudo bem?

(*I should have been a pair of ragged claws scuttling across the floors of silent seas.*) — Denise, falou com a Verinha?

— Tudo joia, Hugo. Ficaram juntas até às cinco da manhã, a Natinha chamou o Álvaro e seguiu pro apartamento dele. Ligo já.

— Não, apanho a Renata de carro, entrego aí e vocês conversam em pessoa. Um beijo, Denise.

— Pra você também, Hugo.

A rua do Álvaro é estreita e cheia, passagem de um pedestre por metro, mas hoje está demais. Bolos de gente formam semicírculos entortados e oscilantes. Um grupo de rapazes de máquinas fotográficas e carros de jornal. Não espero que Geraldo encontre estacionamento. Salto do carro e corro ao prédio. Um policial me barra a entrada.

— O Sr. mora aqui, Dr.?

Puxo uma carteira velha, expiradíssima do Departamento de Estado, credencial de jornalista, ilegível, incompreensível.

— SNI. E vê se afasta essa gente toda daí. Parece um circo.

O policial bate continência depois de quebrar a cabeça na credencial. Desce os degraus da entrada com a maior grossura, à la personagem de Gogol, começa a empurrar pessoas: “Vamos lá, pessoal. Isso aqui não é circo, não. Minha senhora, o seu leite vai coalhar se a senhora não puser na geladeira. Todo mundo se manda, ei vocês aí, fora do prédio…”

Toco á campainha. Nada. Ponho o dedo e deixo. Nenhuma resposta. Soco a porta com força. “Álvaro, Álvaro.”

Uma voz chorosa, de histeria deprimida, se faz ouvir.

— Vão embora, fazendo o favor? Nada tenho a declarar, o delegado me proibiu de receber a imprensa antes de meu depoimento na delegacia. Vão embora, fazendo o favor.

— Álvaro, é Hugo, abre essa porta.

Nenhum movimento. Soco de novo. A porta abre.

Álvaro está de jeans, sem camisa e sapatos, os braços arriados. Me dá as costas e anda ao “jardim de inverno”.

— Álvaro, me conta tudo se não te arrebento todo. É o primeiro e último aviso.

— Você não ouviu o rádio, a televisão? É o que há...

— Álvaro, me olhas em primeiro lugar, e fala antes que eu te arranque a língua.

Ele se vira, suado, cinza escorrido, os olhos saltam, nunca dirá nada que se compare ao que sugere.

— Que que você quer de mim, Hugo? A Renata… saltou dali… se esborrachou na rua… ficou uma posta… vi tudo, minha mãe, minha mãe… — Urra e cai de joelhos, .sem me encarar.

— Por que ela saltou, Álvaro? Ou foi empurrada?

Puxo-o pelo cinto, pelas costas e jogo-o na espreguiçadeira em que o “Seu Dagoberto” se satisfaz. Ele geme.

— A Renata veio aqui para que, Álvaro?

— Porque me telefonou de madrugada, pedindo um canto onde ficar sem que ninguém soubesse. Não explicou. Proibiu perguntas. Juro que é verdade, Hugo. Pode me encher de porrada. Não vai mudar porra nenhuma.

— Eu decido a hora da porrada. A que horas chegou?

— Num sei, Hugo, por favor, pelas cinco ou seis da manhã. Deprimidíssima. Evitando papo. Ia pra São Paulo hoje e hoje mesmo pros Esteites. É só.

— Aí, sem mais nem menos, mudou de ideia, saindo pela janela do oitavo andar. OK, Álvaro, como dizem, você pediu.

Dou-lhe um pontapé no saco. Ele se dobra e cai no chão aos berros e pranto.

— Te avisei, Álvaro, não brigo de mocinho, não. E vem pior.

— Seu filho da puta, tudo que eu disse é verdade.

— Sem dúvida, Álvaro. Afinal, ambos escrevemos e editamos, não é? Os macetes de sempre. Me interessa o que você omitiu do texto, não o que deixou. Bota pra fora, logo, vai sair de qualquer maneira. Me enjoa te bater e te dói. Aguento a náusea.

— Você tem a alma de um torturador, Hugo.

— Sou um cidadão das classes privilegiadas brasileiras, inserido no contexto do meu país. Bem, o primeiro pontapé foi no saco. A segunda porrada é no rim. Vai te dar saudades do pontapé no saco.

— Hugo, estávamos aí, fiz um cafezinho, tentei animá-la… a campainha tocou, eram três caras da repressão, maiores que você, de arma na mão, que eu podia fazer? Cobrir o corpo dela com o meu?

— Não, isso você fez na boboca da irmãzinha dela. Continue, por favor.

— Deram ordem de prisão. Debochados, avançando na direção da Renata, tentei passar a conversa neles, um me tacou o revólver na cabeça, olha, olha a marca aqui, não fui tão escroto assim, olha, olha, saiu sangue, te mostro a toalha… a Renata começou a rir, Hugo… ficaram umas onças…' "tá rindo de que sua comunista, filha da puta? Tu vai ver o que é engraçado lá no quartel…" ela, então, deu meia volta volver, tranquilamente, subiu no parapeito da janela e… mergulhou, Hugo… como se estivesse mergulhando numa piscina, um mergulho, um mergulho, um mergulho gracioso, Hugo, gracioso, gracioso…

Me sento e não digo nada.

Álvaro vem de joelhos a mim, me segura no meu cinto, me mete a mão na camisa. Fede.

— Me ameaçaram de morte, Hugo. Tinham toda minha ficha, Hugo, e garantiram que me fariam sumir "sem vestígio" se eu revelasse a alguém que tinham estado aqui. E argumentaram que não puseram a mão nela, o que é verdade. Hugo, deram ordem de prisão, xingaram, mas não agarraram a Renata. Me ordenaram que telefonasse à polícia e relatasse o suicídio, e foi suicídio, Hugo, foi suicídio… Hugo… suicídio…

— Álvaro, quando a Renata tomava o cafezinho, você telefonou ao Maneco dizendo que ela estava no teu apartamento.

— Hugo? Você enlouqueceu…

Dou-lhe um soco na virilha. Ele será obrigado a uma pausa.

— Álvaro, quando a Renata chegou ontem à casa da Maria, o Maneco te arrastou àquela merda de sala de música. Vi. Te disse que a Maria se envolvera na guerrilha, linha auxiliar, garanto que usou estas palavras, o que tinha resultado em tragédia para muita gente, inclusive Renata. Que ele, governo e "liberal", sempre fora contra a tortura e o terrorismo. No caso, pela participação de Maria, se sentia responsável… gostaria de ajudar a moça. Aposto que elogiou o teu "realismo marxista" em não se meter nesse tipo de aventura suicida. Pediu que você, discretamente, arranjasse um encontro entre Renata e ele. Em nome de Maria e dele próprio, se considerava devedor de Renata. Prometeu o quê? Destruir a ficha da Renata? Arranjar apresentações nos Esteites? Dinheiro? Ou insinuou que duros do sistema não toleravam a sobrevivência da

Renata e, antes que a “abertura” se consumasse, tentariam um ato de violência contra ela? Tudo junto, provavelmente, o Dr. Maneco é versátil e sofisticado apesar das aparências de barracuda, aparências corretas. Te botou algum buscapé no rabo. Vocês combinaram armar a “grande reconciliação” do sistema “regenerado” e a terrorista “passível de recuperação”...

— Se o Maneco te contou tudo, por que está me machucando, seu sádico filho da puta?

— Não me contou nada. Não vejo o Dr. Maneco desde ontem à noite. Ele não me verá mais.

— E que mal eu fiz? A Renata deprimida daquele jeito, quis animá-la, chamei o Maneco, ele prometeu, Hugo, resolver a vida da moça. Era uma boa intriga. O Maneco aí pedindo desculpas, morto de sono, adiou o encontro prum almoço hoje, sugerindo que não contasse a Renata, que mantivesse ela aqui na minha companhia, que nos apanhava às 11:30…

— Por que o segredinho, Álvaro? Algumas horas mais e a vida de Renata seria um paraíso, graças aos bons ofícios do Dr. Maneco. Ficaria na maior expectativa e a expectativa, Dr. Álvaro, é quase sempre melhor que a realidade, a gente fantasia, sabe como é que é... — Dou-lhe uma bolacha de contra mão.

— Hugo, AI, AI, AI… já vem judiar de mim de novo. — Se atira de bruços na espreguiçadeira e chora como criança esfomeada.

— O Maneco te ordenou que moitasse, não é, Álvaro? Alegando que a Renata “é” muito desconfiada e “equivocadamente” acharia que ele preparava uma armadilha da repressão, certo, bicho, SEU D ACOBERTO?

Álvaro para completamente a histeria e senta erecto na espreguiçadeira, mas as dores o atacam de novo. O efeito dessas porradas dura horas.

— Você sabe também, né? Vai ver é do domínio público e eu pensando que…

— Que só o Maneco soubesse? Álvaro, além de canalha você é estúpido ao quadrado. E viveu 13 anos na URSS, puta. Os nomes de todos os teus marinheiros estão na KGB e SNI, seu crápula. E que importância tem, no nosso meio? Metade dos “incelências” dão,

pede ao filho do teu benfeitor, o Pedrinho, que ele te redige uma coluna sexual completa. É chique.

— Eu devo ao Maneco, Hugo, não é só isso, você não entende. Foi ele que acertou os troços preu voltar, com a minha ficha desembarcava direto no DOI-CODI. Nos encontramos em Moscou e conversamos. Não aguentava mais viver fora do Brasil, Hugo, me dispunha a tudo. Ainda assim, me orgulho de ter recusado…

— Recusado o que, Álvaro?

— O escroto queria, em troca do meu salvo-conduto, que eu alcaguetasse o nosso pessoal de esquerda. Mandei-o à puta que o pariu.

— Ué, e não desbundou no DOI-CODI?

—- Corri o risco… Ai, Ai…

Bati, de mão aberta, no rim. Uma nova pausa de recuperação.

— Transmiti ao Partido a proposta, Hugo. Esperava apoio à minha atitude. Silêncio total. Me mandaram aguardar um chamado. Um dia me apanharam e levaram à sede da KGB, eu me cagando de medo. Nunca entrara lá. Um cara atrás da escrivaninha, oficial, não entendo de patente. Luz ruim. Me leu a ficha completa do Maneco. Tudinho. Ele vale 20 bilhas, Hugo. “Gosta muito de dinheiro”, o oficial falou, a primeira vez que me dirigiu a palavra. Hugo, às vezes me pergunto se não sonhei essa história toda… ordenaram que topasse entregar ao Maneco a esquerda inteira, os dissidentes, trotskistas, guerrilheiros, *etc.* Você não acredita, né?

— Pelo contrário. Mandaram que você só poupasse o clube, o Partido. Certo?

— Batatolina. E, antes de tudo, em troca, pediam ao Maneco um encontro com um cara deles. Passei o recado. O Maneco pegou o papo.

— E daí?

— Levei e trouxe, Hugo. É só, juro, Hugo, não me bate mais, pelo amor de…

— Não se preocupe. O resto adivinho. Em seguida, você tornou à pátria amada e passa ao Maneco listas de desviacionistas do Partido.

Álvaro cai melodramaticamente de joelhos, abre os braços e fecha os olhos.

— Hugo, me cospe, me chuta, me espanca de cinto, mas nunca entreguei ninguém. Depois que o Maneco esteve com o cara soviético, me limpou a barra no Brasil, sem voltar ao assunto de alcaguetagem. Nunca me pediu nada.

— A última frase vale uma bofetada, ... agora, começo a entender… sei que o restante é verdade…

— Como, você é vidente?

— Não interessa. Só ontem o Maneco exigiu um serviço, né, seu escroto? Que você promovesse o encontro com a Renata. E levanta dessa posição ridícula. Teu "martírio" está chegando ao fim.

— Sou canalha, fraco e covarde, Hugo, mas juro pela minha mãe que acreditei que ele pretendesse ressarcir a Renata dos…

— Depois da indecência que te propôs em Moscou? Você não é tão burro assim, Álvaro.

— Hugo, ele ameaçou plantar na imprensa que sou… barca da Cantareira.

Não aguento mais. Dou-lhe um murro na cara, prova de que perdi mesmo o equilíbrio, porque murro na cara machuca os dedos.

— Seu filho da puta, por causa de um preconceito provinciano .desses, que se saiba que você dá o rabo, morreu uma mulher inocente, corajosa e honesta, que caiu na conversa de pseudorrevolucionários, do teu tipo e outros. O Maneco, "Seu Dagoberto", foi um dos torturadores da Renata, em bacanais da repressão, do DOI-CODI, para "gente fina", no Morumbi e em outros lugares. Agora, que é permitido se escrever um décimo sobre essa imundice, ao ver a Renata ontem na casa dele, na paúra de ser denunciado à imprensa, recorreu à máfia dele e te usou de isca, porque a moça, claro, acreditava no teu marxismo, na tua sinceridade revolucionária.

— Juro que não sabia, Hugo. Juro. Hugo, por que você não me mata? Mereço.

— Você não vale uma bala. Agora, se a partir de hoje você me dirigir a palavra, se me olhar na rua, faço a tua vontade. E o pior é que vai te dar um baita orgasmo, "escrobunda".

— Hugo, chamo os jornais. Revelo a trama inteira. Nós puniremos o Maneco.

— Nós? Tira o meu nome da tua boca, vagabundo.

Marlene, que deu entrada ao Cabeça de Negro, me abre a porta.

— O Dr. Maneco está onde?

— Na sala de música. O Sr. quer que avise, Dr. Hugo?

— Não, não é necessário, ele me aguarda (que jeito estranho de falar, pareço literatura brasileira). Deixa pra lá, minha nega.

Prego-lhe a mão na bunda. Marlene ri, nervosa, saltitante, conivente.

— Quequé isso, Dr. Hugo, Dr. Hugo. Dr. HUUgo, he, he, he, eu hem?

Jogo-a de lado. Igual a essa como 300 por dia, de sobremesa. Avanço. Espera, não, isso é Pessach: a Travessia, do Cony. Nada de plágios. Vago. Epa, epa, Editora Abril. "Realidade" no tempo da gente boa. É melhor andar. Ando. Me aproximo da sala de música. Tudo fechado. Imagino Maneco. O puto faturou na KGB também, substituiu Hesse a dinheiro, Hesse que perdeu a vida por amor à causa. Prisão de ventre é o caminho da Revolução. Martinho Lutero que o diga. Não dou nada.

Maneco, de fones na orelha, ouvindo aos berros: "Eu vou mostrar pra vocês como se dança o baião e quem quiser aprender favor prestar atenção… morena chega pra cá bem junto ao meu coração…" Maneco vai morrer, entre outros motivos, no meu caderninho, porque ouve muito mal.

Saco o meu Magnum .373. Fura 3 paredes. Uma só é cabaço ipanemenho, se ainda existe. Conheço a arquitetura da sala. Visualizo o "bolo fofo" no recliner cafajeste em que se estica, o cinto aberto, a pança em gravidez perene. Miro. A arma explode. Abre um gigantesco olho mágico português. Olho. Acertei na cara dele, que desapareceu, se subiu, ninguém sabe, ninguém viu. O resto do animal estrebucha. Está morto. Aquilo é reflexo, o resto do mau caráter que se esvai.

Marlene entra assustada.

— Dr. Hugo, o que foi isso, meu Deus da misericórdia, cruz credo.

— Obras do metrô.

— Ah, bom. Ih, vai enguiçar os telefone.

Escondi o Magnum à altura do meu membro e sacudo-o. E um aríete. Ela ri entre lágrimas de susto.

— Dr. Hugo, por que o Sr. não me disse antes que eu lhe interessava?

— Sou muito tímido. Sempre te amei.

— Idolatrado.

— Salve, salve.

— Minha Nossa Senhora, Dr. Hugo, isso aí machuca uma moça como eu. Sou muito estreitinha.

— Precisa fazer obras de expansão. Estamos no Brasil Grande. Não há mais tempo ou lugar para naniquices. Vem, Odalisca, pro meu harém, vem, vem, vem. Faço o que você quiser, pelas barbas de Maomé, não olho mais pra outra mulher.

— À noite, idolatrado.

— Salve, salve.

— D. Maria vai ficar zucrinada com o rombo na parede. Ela e o Pedrinho foram almoçar no Cauntri. O Dr. Maneco está dormindo? Eu, hem, a casa cai e ele nem te liga.

Ele nem te liga.

Me digo que o prazer que senti batendo no Álvaro foi transferência, que ele merece piedade, que o homem não pode viver sem compaixão, os "Manecos" da vida é que não têm direito à vida. Meus dedos doem do Álvaro.

Leio nosso poema.

Surely the Second Coming is at hand, Cristo reaparecerá na terra? Mas se vemos claro que não há perdão, que estamos condenados…

The Second Coming! *Hardly are those words out/ When a vast image out of Spiritus Mundi/ troubles my sight*… viste primeiro, meu velho, o que será este Segundo Advento do Messias, a "vasta imagem do Espírito do Mundo" te perturbou mesmo a vista, porque enxergaste claro diante do teu nariz. Hitler e Stálin eram apenas os precursores. Te deixo falar: *somewhere in the sands of the desert*, é será em algum lugar nas areias do deserto, também, não só lá...! *A shape with a lion body and the head of a man/ A glaze blank and pitiless as the sun*… uma forma com o corpo de um leão e a cabeça de um homem, o olhar vácuo e impiedoso como o sol… dramatizas,

simplificas, imortalmente, porque ninguém escreveu assim, igual, ou melhor, em língua alguma, mesmo nas que não conheço, porque é impossível escrever igual ou melhor… mas a realidade é pior, porque menos nítida, tua beleza verbal contradiz numa ironia impremeditada o horror… o horror…

Is moving its slow tighs, while all about it/ Reels shadows of the indignant desert birds… eu sou um desses pássaros do deserto, uma sombra, tua palavra é sempre certa, mas sei inútil me indignar com "esse movimento dessas nádegas lentas". É, não há lentidão no movimento, as nádegas é que são lentas, o movimento nem os poetas podem legislar…

The darkness drops again… as trevas caíram. O "de novo" é perfeito no teu verso, mas não em nossas vidas, tua "treva" aqui debocha de nós em sol eterno…; *but now I know/ That twenty, centuries of stonysleep/ Where vexed to nightmare by a rocking cradle*… também percebo que 20 séculos de um sono pétreo foram humilhados, te traduzo "*vexed*" pelo vulgar na moda, por um berço que balança… nem sempre o berço dessa criança, inventamos tanta coisa que nos parecia melhor, razão, ciência, uma fraternidade não determinada pela nossa prostração sentimental em face da manjedoura. .. mas tens razão, nenhum de nós despertou do pesadelo da História, te concedo a força da imagem do berço…

And what rough beast, its hour come round at last/ Slouches toward Bethlehem to be bom?

E que besta fera, sua hora de chegar marcada afinal, rasteja a Belém para nascer? Nós esperamos por ela há tanto tempo, outros profetas descobriram que a fera nos convenceu à submissão, que já mora conosco, nos corre o sangue, brincamos loucos de ansiedade que apareça de corpo inteiro, enlouquecemos à espreita, qual, nos envia lufadas do seu bafo, nos pinga o suor, nos goza aparecendo em forma humana, nos olha das ruas, das favelas, mocambos: troca de cores, amarelo, marrom, preto e até branco. Às vezes, poeta, põe a pata, um mindim no conforto que é o recesso do nosso lar. Outro dia visitou uma bela amiga minha aqui do lado. Pisamos fácil, uma barata no nosso universo imenso, e no primeiro drinque apagamos a memória que as baratas existem há 300 milhões de anos e estão sempre conosco…

— Hugo, amor, que tragédia.

— Hugo, meu querido, que tragédia.

— Maria, amor, Juca, meu querido, que tragédia?

Falam simultaneamente.

— Não sabe? O suicídio da Renata e o assassinato do Maneco.

— Da Renata, o Álvaro, gentilmente me informou. Prostradíssimo, o coitado. Moça cheia de vida e de esperanças. Uma depressiva clássica, imagino seja o diagnóstico do Dr. Hansen às autoridades, altos e baixos intensos, intensíssimos e, num baixo, afundou. É o que o Dr. Hansen percebeu, e é o que explicará à polícia. Quanto ao Maneco, desconheço notícia de detalhes.

— Hugo, amor, despejaram o revólver, nosso revólver, todo, nele, está mutilado, horrível, amor. Não tinha ninguém em casa. Levei o Pedrinho ao Country, se tornou sócio, hoje: almoçamos; caiu muito a cozinha; a sueca, a Marlene, todo mundo fora, que horror, Hugo.

— É a vingança do Cabeça de Negro.

— ... você acha, amor, no duro?

— Perfeitamente, pela Panair… digo, Maria, você não leu sobre o Cabeça nos jornais? Há três seriados diferentes, e a TV Globo pretende produzir uma novela; o cara pertencia a uma “gang” de bandidos polimorfos perversos, todo crime era “caixinha, obrigado”. É nisso que dá não tirar esse morro daí. O Cláudio, outro dia, no Aviz, me disse que não é possível andar sozinho à noite na Prudente de Moraes. Ele devia bater carteiras lá, mas agora a competição é fogo. O Cruz ouviu. Falando nisso, tudo bem com o Cruz, Juca? Precisamos pensar também um pouco nos vivos, naqueles de que somos devedores.

— Tudo bem. Consegui convencê-lo a receber a Zelina de volta, ela apareceu no sanatório, foi legal com as Ângelas 1 e 2, a menina tem potencial. E analiso cinco dias por semana. Maria ensinou o que a Zelina devia dizer ao pai; o encontro dos dois, nas circunstâncias, correu direito.

— Maria, amor, você fez a Zelina ajoelhar diante do pai? Um risco, a posição, nela, invoca movimentos incontroláveis. Imagino que o Juca ficasse de sentinela, impedindo a menor tentativa de

investida… e o Cruz, magnânimo, perdoou os pecados, como Deus, delegando ao Dr. Hansen a tarefa de administrar o ato de contrição.

— Você preferia que ela confessasse ao pai que é puta porque gosta, amor? Afinal, a gente tenta resolver uma situação difícil que nos concerne a todos.

— Nos concerne a todos? Maria, tua mendacidade decaiu muito de estilo.

— Hugo, todos nós passamos um mau pedaço, tá? Vê se você se contém um pouco, neca de ironias, por um tempo que seja, OK? Em respeito aos mortos e feridos… passei uma esponja naquelas nossas discussões bobas de ontem. E pedir muito reciprocidade? Trégua?

— Eu lia Yeats quando vocês chegaram. Tu leu Yeats, Juca?

— Não vejo o que… li *The Tower* e Easter 1916 e… não me lembro.

— Gostou de Easter 1916, né? "Uma terrível beleza nasce", hem boneco? Você acha que aqueles piroquetes mortos notaram a beleza?

— E um grande poema revolucionário, sim, senhor…

— Olha aqui, minha gente, não quero ser chata, mas vocês não podem discutir poesia outra hora?

— Você nunca é chata, amor, só intrínseca, abrangente e inapelavelmente corrupta, é o molde da forma e o espelho da moda da nossa era, da nossa classe social. Esse é o teu charme imortal, que atrai garotos do tipo Betinho ao Eduardo, a Gorda, quando lhe dá comichão de ficar por cima. 10 milhas em 1960 era dinheiro, amor.

— Hugo, amor, a desgraça da Renata te endoidou, você se sente indiretamente responsável. Não é, amor. Você fez tudo que era possível. O Maneco ontem me jurou que não tocaria num cabelo da menina. Dormia, o pobrezinho, quando o Álvaro ligou dando a notícia da tragédia. Peguei no telefone ao mesmo tempo que ele.

— Hugo, juro que Maria e eu ignorávamos esse… essa sevícia no Morumbi. Uma monstruosidade. Você não acha que eu fosse compactuar…

— Claro que não, Dr. Hansen. Um troço menor. É à tua especialidade o troço menor, mas o positivo. O psicanalista honesto

e eficiente que expulsa clientes que se viciam nele. O pintor dos pintores, os melhores críticos diziam, nenhuma falha técnica. O Hesse e eu, que alucinávamos como todos os generalistas, ríamos de você, porque ríamos de todos os especialistas, do encolhimento que representam no potencial do indivíduo. Mas te invejávamos porque teu piso era em terra firme, e nós zanzávamos. Até que um dia houve o "retorno do reprimido", certo, Juca? Resolveste pensar grande, pelo mundo inteiro. E saiu aquele esquema doido. Esquema certinho, no cérebro pequenino do autor. A síntese nós todos conhecemos… e que história é essa de "todos nós passamos um mau pedaço", hem,Juca? Me conta. Os clientes te abandonaram? Caiu o faturamento? Você arranjou uma nova paciente e controla o pai através dela, suprimindo detalhes incômodos sobre a morte do Cabeça de Negro. Que risco você correu na operação da Renata? Nem o pedacinho dos telefones, Juca, Maria é que discava pelo sábio guru da revolução. E o cérebro pequenino continuou perfeitinho. Se Maneco te envolvesse, Maria sifu, também, o que não estava nos planos de Maneco, das mil e uma utilidades que Maria representava para ele. Maneco, o "monstro", entendo melhor. Jogava alto. Não te entregou porque você é fichinha, inofensivo, manipulável, via Maria. Maneco fez um pé de meia-calça estimulando vocês a atirarem centenas de meninos perigosos ao suicídio do terrorismo, e quem sabe o Dr. Hansen não seria aproveitável numa outra e futura tacada? Ameaça ao casamento dele? Nenhuma. Se você não tem coragem de deixar uma mulher com quem não dorme há 20 anos, também não toma a mulher de ninguém. Nessa história só um dado me espanta: que você entre no PINEL e tire o Cruz e que não te agarrem lá em perpetuidade. Darias um Napoleão duca, inédito, modesto e atencioso, cheio de amor.

— É, cascavel, cometi erros, me meti onde não devia, como amador, mas não tenho de prestar contas a você, um parasita, que se omite de tudo, que aceitou o traidor Hesse, a Renata passou a te desprezar quando soube da cafajestada do Hesse no casamento da Ângela… você que era o único entre nós que podia desmontá-lo, desmoralizá-lo por escrito. O que foi que te inibiu? A solidariedade entre os "homens renascentistas", ou pura e simples covardia, a

coleira da curriola, cheia das pulgas que os dois trocavam? Se o Maneco nos manipulou, a mim e Maria, nós não sabíamos. Minha consciência está limpa. Pesada, sim! Maria e eu teremos de viver o resto de nossas vidas com essa memória trágica, somos responsáveis.

— E o que o Nixon diz de Watergate. Que ele é o responsável. Agora, escreve livros, dá entrevistas de TV, fatura milhões de dólares, enquanto os executantes servem sentença. O Nixon também terá de viver com a memória "trágica" o resto da vida. Bem, ao menos foi deposto. Você, Juca, foi coroado. Ganhou viúva rica, 20 bilhas novas, segundo informações recentes e continua de público uma figura impoluta, um caráter sem jaça…

— É, eu deveria ter aceitado o status quo, Hugo, como você, isso é que é o certo.

— Vai virar discussão política? Tivemos os mesmos mestres.

— Há uma revolução mundial, permanente, confusa, complexa, com avanços e recuos, e que, apesar disso, Trotsky reconheceria o seu rumo objetivamente anti-imperialista.

— Juca, o Trotsky, em 1905, não mandou a mulher ou amante darem telefonemas aos insurrectos. Assumiu a revolução e, preso, no tribunal, se declarou comunista e prometeu derrubar o sistema que os juízes representavam. E quanto a revoluções prematuras e seu fracasso inevitável, Engels, que você leu, encerrou o papo analisando a carreira de um certo Thomaz Müntzer…

— Sei, sei. Em que você acredita, Hugo?

— Acredito… um minuto. O Álvaro, por acaso, deu alguma entrevista coletiva à imprensa?

— O quê? O Álvaro está no chão, tadinho, até caindo pela casa, amor, fomos lá, todo machucado, apanhou dos jornalistas, disse, porque se recusou a dar entrevistas. Telefonei ao Eduardo e ele conseguiu papéis pro Álvaro sair do país hoje, via São Paulo, já se foi, ele e aquela menina, Danila, irmã da Renata, viajam juntos, adiantei passagens e um dinheirinho pras despesas, ela é legal, a Danila, consola muito o Álvaro.

— E o Eduardo deve estar gratíssimo ao Juca por ter silenciado o Cruz, certo? Tudo bem, voltando ao assunto, Juca, acredito que

vocês vieram aqui para eu manipular a imprensa na morte do Maneco e manter o suicídio da Renata fora desta órbita.

— Bem, ninguém quer escândalo, evidentemente. Você quer ver o nome de Maria virar peteca desses pasquins? Acabaria o teu entrando.

— Juca, esse é o mesmo argumento que usei sobre o Cruz para convencer o idiota a assinar o laudo falso da morte do Cabeça de Negro. É curioso. Nossas conversas terminam onde começaram, no Cabeça de Negro.

— Claro, amor, você mesmo disse que o Maneco, tadinho, foi assassinado por um capanga do Cabeça de Negro.

— Capanga, não, amor, companheiro. O Cabeça de Negro era um revolucionário sem teoria, esta, segundo Lênin, organiza, disciplina e orienta a práxis à realidade concreta, certo, mestre Juca?

— Mas, amor, você me garantiu que o Cabeça não era político. Ih, Juca, vai ver que…

— Um dos pistoleiros incógnitos, à la Renata? Não, minha querida. Eu te disse a verdade: o Cabeça não passava de um capitalista no estágio artesanal. Negro aqui vai levar muito tempo ainda rastejando a bunda para nascer em Belém. Até lá, estaremos todos mortos…

— Ah, Juca, não te falei que podíamos depender do Hugo? Que nunca me abandonaria? É um gozador, esteve se divertindo a nossa custa esse tempo todo.

— Maria tem razão, Juca, sempre tem razão. Retiro tudo que disse contra você, ou melhor, assumo de corpo e alma as injúrias que te fiz.

— Qué isso, meu velho, você me encabula.

— Vamos, Maria, Juca, é preciso ligar aos donos de jornais. O Dr. Agamenon chegou também, presumo…

— Tá, amor, já disse ao Adamastor que você representa a família. Despachei o Pedrinho pra Teresópolis com um amigo dele, um tal de Julinho, uma gracinha o rapaz…

Marlene abre a porta. Trocamos “boas tardes”, solenemente. A sueca responde perguntas, de boca aberta, descansando os

músculos, enfim. O Dr. Agamenon salta e me cumprimenta entre o efusivo e o triste.

— Dr. Hugo, é um imenso prazer revê-lo. Me sinto um pouco responsável, Dr. Hugo, eu deveria ter posto guarda no prédio, ao menos alguns dias, depois do episódio do Cabeça de Negro. D. Maria, compreensivelmente, sofreu novo abalo. Ainda bem, ela me disse, que o Sr. chamou o Dr. José Hansen, um eminente psicólogo, de apoio. O Sr. pensa em tudo, Dr. Hugo. O Brasil precisa de mais homens como o Sr.

— Não se acabrunhe, Dr. Agamenon. Garanto que a imprensa reconhecerá, como eu, veterano jornalista, que não existe nesta cidade policial mais compenetrado dos seus deveres que o Sr. Posso ver o corpo?

— Dr. Hugo, o Sr. exagera, não sei o que dizer… pois não; Adalberto, conduza o Dr. Hugo Mann à cena do crime. Não é um espetáculo muito, ê, estético, Dr. Hugo. O perpetrador despejou seis balas, o revólver todo de D. Maria no Dr. Maneco, o coitado. Estive com ele, hoje pela manhã, em relação a um outro incidente, cavalheiro finíssimo…

Maneco parece jogado de qualquer jeito no chão. O sangue salpicou ou escorreu por toda parte. Da cintura à cabeça, Maneco é uma enorme chaga. E desta vez não há simetria na entrada das balas. Onde couberam, entraram. Os cassetes de Beethoven, Bach, *etc.* rolaram no soalho', revelando os de baião atrás, legiões. Os fones sobre uma mesinha. Bem, não podemos sempre depender da FAB e de linhas aéreas comerciais para fazerem justiça contra os carrascos deste país. A perícia perícia. Encontrará impressões digitais de todo mundo, de Maneco, Maria, Juca, Marlene, sueca, minhas e outras. O patologista da polícia piorou da acne, continua fungando e com cara de ladrão. Hoje, que não tem o que fazer, lhe dão trabalho. É uma das minhas últimas imagens do Brasil.

Enrolo papel novo na máquina. Quero deixar uma "carta-testamento" a minha filha adotiva Ângela, que já é minha herdeira material, antes de sair de vez do país. Instruirei ao advogado que entregue quando ela completar 18 anos, ou se for precoce, como eu, aos 14, quando em *peg-topped trousers*, não, não, é ridículo. Quem se interessaria pelas minhas opiniões em 15 anos, ou,

pensando bem, hoje? E não sinto nada pela criança, não é nada meu, não apela ao Narciso.

"Querida Ângela: não sinto nada. Quebrou em mim, não percebi quando, a maquininha que faz as pessoas sentirem. Não me lembro sequer de com quem durmo às vezes (corto). Essa maquininha não evita a morte mas cria a vida. Transforma alegria e tristeza num acontecimento único para a gente, que parece só acontecer conosco. E ilusão, agora levanta a moral até uma certa idade. Se a maquininha para, você dá corda e começa tudo de novo. Comigo, não. Fiquei tanto tempo contemplando a maquininha que ela, zangada, parou de funcionar de vez. Não tem conserto. Cuida bem da tua maquininha, não é grande coisa, a de ninguém é. É só o que há na vida. É a vida. Do teu pai ("pai"),

Hugo Mann."

Exatamente o que uma moça espera do pai ao entrar na idade que chamamos pitorescamente "da razão". Tiro o papel, amasso, jogo na cesta do lixo, erro.

O telefone.

— Hugo? Marília.

— Oi, Marília, que que há?

— Que que há? São quase 4 horas da tarde.

— E, tenho relógio.

— Ha, ha, ha, você esqueceu, né, meu bem?

— Esqueci, Marília, o que foi que esqueci?

— Hugo, nós marcamos almoço aqui, neste lugar horroroso, cheio de badejo na vitrine, de olho arregalado, o bicho lembra aquela moça penetra, como é o nome dela? Não tem importância. Você escolheu o restaurante, porque disse que ninguém conhecido pintava, o que já achei sórdido. Te espero desde 1 hora.

— Marília, me desculpe, por que você não telefonou? Aconteceram tantas coisas…

— Porque se telefonasse e você viesse correndo, não mudava nada. Você teria esquecido do mesmo jeito.

— Meu amor, eu…

— Não estou zangada, Hugo. Aproveitei o tempo para pensar nos intervalos que quatro machões e um sapatão me rondaram a mesa. Tomei dois Bloody Marys aguados, servidos na maior má vontade pelo garçom, que me tratou como se eu estivesse cherchando mixê. Aí resolvi almoçar. Levou “horas” até trazer o menu. Eu, com medo, firme, fazendo cara de superior. A primeira ideia que me passou pela cabeça não foi feminista, confesso envergonhada. Foi que me tratariam de duquesa se o Mário me acompanhasse.

— Este país não é nem os EUA semisselvagem do Pound, Marília, é selvagem, ponto.

— É, mas não pensei em você, pensei no Mário, que é parte da minha vida, e eu da dele. O Mário que chifrei ontem na tua casa e ia chifrar de novo quantas vezes você quisesse. Não é horrível? Não, não diz nada, please. Sempre tive paixãozinha, paixão por você, Callas, se lembra? À la Woody Allen em “Annie Hall”, “pulei” o período de latência… E o Hesse e você foram minhas primeiras letras políticas. Depois, mais velha, o teu desencanto, tua amargura me cortavam o coração, sentia uma vontade de te passar vontade de viver… o Mário é bom, nossa vida é boa, Hugo. Somos companheiros. Trabalhamos e estudamos juntos, nos criticamos construtivamente, curtimos nossos filhos, passamos noites conversando como velhos amigos, acreditamos em tudo que é alvo do teu deboche… ontem, quando te segui, a porta do apartamento estava aberta, era para continuar nossa conversa, que o Mário interrompeu daquela maneira criançola dele, é ciumentíssimo e nunca permiti que te atacasse perto de mim. Te procurei pela casa. Te descobri num banheiro, luz apagada, vomitando, “vomitando a alma”, teu comentário debochado, em meio a espasmos que te doíam visivelmente. Você tropeçou, ajudei a levantar, te carregando, apoiada no meu ombro, à cama. Sentamos, você encostou a cabeça no meu seio e deu de falar. Hugo, você tem outra voz, que não é esse pigarro rouco e atormentado que assusta as pessoas já no som. É uma voz doce, terna, triste, o som é diferente, macio, límpido…

E você tem outro rosto, o “monstro” cheio de traços repuxados de sarcasmo, de olhos de cobra, relaxam, se transformam num rosto de menino imaculado pela vida, olhar carinhoso e, sempre, triste, muito, muito triste. Você me disse que não era nada, que não tinha nada, que não expressava nada, “escumalha da terra”, uma das tuas frases de autodefinição. Nenhum sentimentalismo, ou pena de si próprio. Simples, direto, como se lendo um relatório, cansado e casualmente. É me acariciou de leve, o rosto, devagarzinho, a mão é levinha, desse tamanho de açougueiro, parece impossível, é a verdade, a mão desceu pelo meu corpo inteiro… Hugo, ali mesmo, sentados, de roupa, senti o que nunca pensei existir na vida com tanta intensidade, eu já não enxergava, só teus dedos me mantinham viva, num embalo que não terminava, que se renovava a cada pressão, delicada, uma delícia… Tiramos a roupa e você entrou em mim, esse corpão todo e não pesava, recebi um menino… e eu chorei de alegria, todo movimento teu me evocava uma resposta absoluta… perdi a conta… E você, nada, dando e eu não conseguindo corresponder, desculpe, meu amor, só conheci um homem antes de você, o Mário, tão inexperiente quanto eu, casamos os dois virgens, não fale a ninguém dele, por favor… não é que não seja bom entre mim e o Mário, é, mas é parte do que a gente já divide, da nossa vida saudável, normal, não tenho vergonha de não ser neurótica.

Você deve estar habituado a mulheres que sabem tudo, só o cerco de ontem, Sílvia Maria, Maria, Renata, dá pra se ter uma ideia. Te falhei, sabia na hora, não te deixando nem acender a luz, talvez isso que faltasse, mas fico encabulada… preciso de tempo, preciso aprender, jurava na hora…

Quando você deitou ao meu lado, depois, continuou o mesmo, nos prometemos permanecer juntos. Que maravilha, aceitei sem discutir ou pensar no Mário, que maravilha ocupar o teu nada, devolver um pouco do amor que pela primeira vez descobri, você descobriu em mim… Não dormi naquela madrugada, eram seis da manhã quando chegamos em casa, vieram as pontadas de culpa, o Mário, inocente da traição, dormindo quieto e indefeso a meu lado, mas meu propósito, firme. Hoje no almoço, combinamos, você me diria o que dizer a ele…

Não dá, né, meu amor… ninguém pode viver assim naquele… êxtase… nem você é capaz de ser sempre o que foi ontem. Tua voz voltou ao “normal”, posso ver as linhas na tua boca, os olhos… e acho que você nem se lembra mais direito, né? O pileque, aquelas conversas com Maria, Juca, Maneco, o círculo mágico… ninguém de fora penetra, sabemos que somos excluídos, sim, Hugo., isso te grilou ontem e te abriu a fortaleza, peguei você de guarda baixa, não é? Não me queixo. Não sei de que maneira agradecer. Não me considero comida de fim de festa, não importa o olhar malicioso de Maria. Ninguém seria capaz de fingir o que você me deu ontem. Não poderia mesmo deixar o Mário. Mataria o coitadinho e me mataria de culpa, depois do que passamos juntos, compartilhamos… o socialismo começa em casa, na igualdade de homem e mulher. O Mário me reconhece. Você? Sou boba e simples, igual a meu marido, meu marido, nascemos um para o outro. Minha glória é que ontem te ressuscitei algumas horas… e que te devo sem poder pagar… a sensação… Hugo, meu amor…

Desligou. Não posso me preocupar com essas coisas. Sou um homem casado, comprometido, e, à maneira de “velhos casais”, minha mulher e eu cada dia estamos mais parecidos… Marília não é meu “povo”, graças a Deus… é o futuro menos negro que a asa da graúna possível nesta terra escorchada. Nela, uma “ESP” de decência enxerga além dos antolhos ideológicos… é capaz de despi-los e olhar fundo… quem sabe existe o que meu grupo não viu ou conspurcou imperdoavelmente? Que sei eu? E a danada boliu em mim. Quem será o moço que a recebeu ontem? Cafungo forte e engulo talagada de álcool. Digo alto um pouco de Yeats. O som é rouco e louco. Me olho no espelho. É risível. Em tempo, as drogas me amansam e me entrego conscientemente ao vácuo total.

Em todo caso, fiz minha boa ação hoje. Talvez eu encomende um logotipo em Londres… que tal?... de vez em quando… alerta…

Nova York, 26 de fevereiro de 1979

FIM

Table of Contents

Rosto
Orelhas
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI